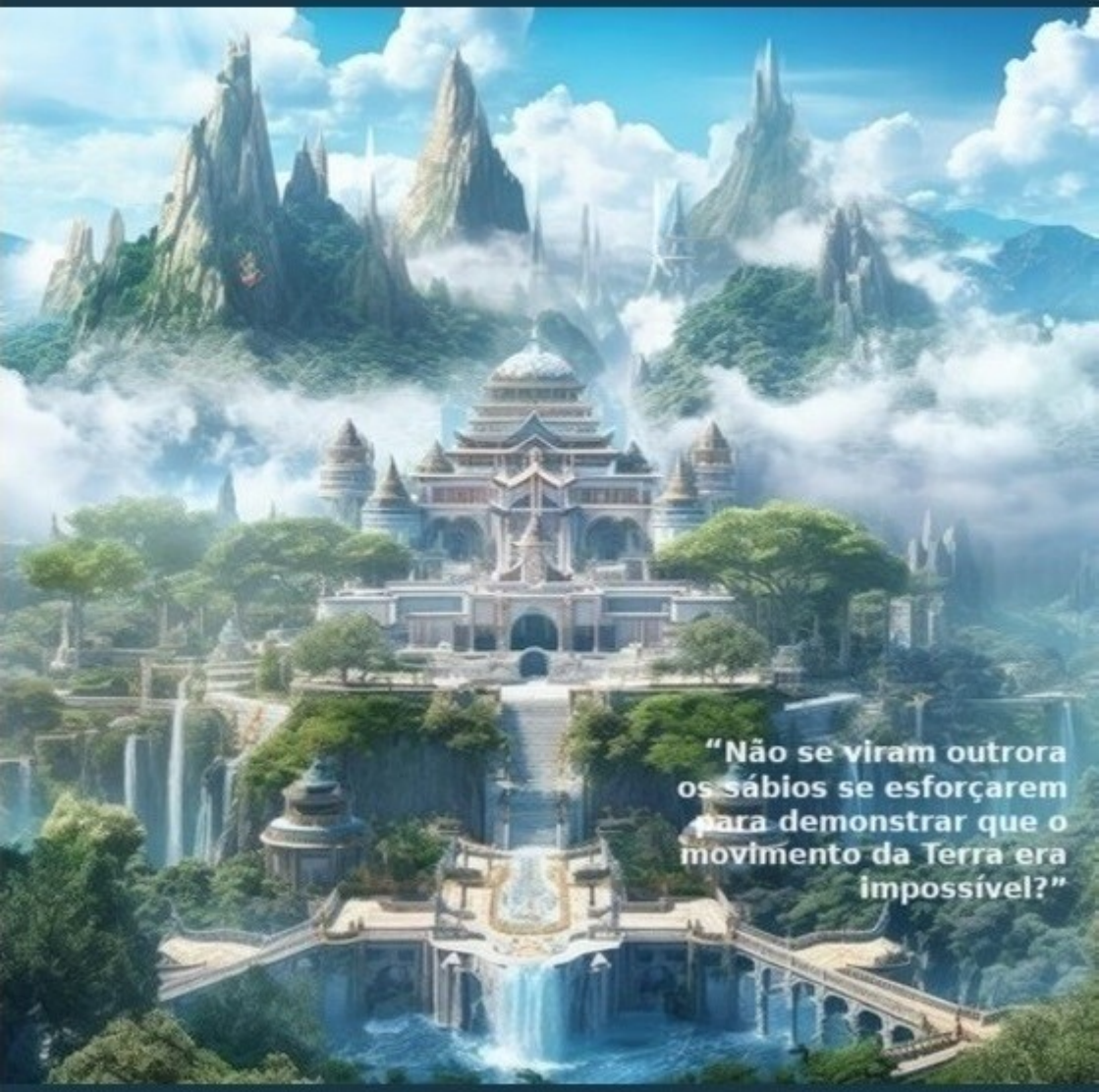
Colônias Espirituais X Dogmatismo de Espíritas



Paulo Neto

Colônias Espirituais
X
Dogmatismo de Espíritas

(Versão 30)

"Ainda não conhecemos senão as fronteiras do mundo invisível; o futuro, sem dúvida, nos reserva o conhecimento de novas leis, que nos permitirão compreender o que para nós ainda é mistério." (ALLAN KARDEC)

"As experiências dos séculos mostram quão tenazes são as ideias preconcebidas contra as quais só uma coisa é realmente eficaz: a obra do tempo!" (ERNESTO BOZZANO)

Paulo Neto

Copyright 2023 by

Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)

Belo Horizonte, MG.

Capa:

https://img.freepik.com/fotos-premium/paraiso-no-ceu-religiao-biblia-deus-jesus-cristo-vida-apos-a-morte-e-anjos_771426-12968.jpg?w=740

Revisão:

Artur Felipe Ferreira

Hugo Alvarenga Novaes

Júlio César Moreira da Silva

Diagramação:

Paulo Neto

site: https://paulosnetos.net

e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, maio/2023.

Agradecimentos

Não podemos deixar de agradecer aos amigos

Artur Felipe Ferreira,

Hugo Alvarenga Novaes,

Paulo Cesar Pfaltzgraff Ferreira e

Ricardo dos Santos Malta

pelo incentivo e sugestões ao presente ebook.

Sumário

Prefácio.....5
Introdução.....8
Análise de trechos da Codificação Espírita.....19
Oportunas orientações do Codificador.....46
Quando nos tornamos divulgadores de inverdades.....93
Destaques do movimento espírita opinam.....96
Considerações sobre o mundo dos Espíritos.....155
A vida espiritual é uma ocupação contínua.....253
A roupa do zuavo fruto de criação fluídica.....270
Para sermos coerentes, as experiências de videntes deveriam ser levadas em conta.....277
Como explicar a existência de hospitais, casas e objetos diversos nas cidades espirituais?.....290
Na transcomunicação instrumental surgiram alguns detalhes da vida no além-túmulo.....297
A utilização de aparelhos especiais pelos Espíritos nas reuniões de cura.....315
Conclusão.....327
Referências bibliográficas.....348
Dados biográficos do autor.....359

Prefácio

Ao adentrar nas páginas deste ebook instigante, somos conduzidos pela mente meticulosa e inquisitiva de Paulo Neto, um pesquisador espírita incansável.

Longe de impor suas próprias opiniões, sua busca é pura e desprovida de qualquer torção para encaixar ideias que não condizem com a realidade revelada.

Em um cenário em que muitos se perdem na teia do dogmatismo, forçando interpretações e moldando as palavras a seu bel-prazer, Paulo Neto destaca-se como uma voz sincera e comprometida em extrair a clareza e autenticidade das revelações. Sua abordagem é fundamentada na honestidade intelectual, jamais ultrapassando os limites daquilo que foi revelado pelos mestres iluminados que permeiam a codificação espírita.

A temática das colônias espirituais, tão

enigmática e fascinante, é explorada com maestria e perspicácia ao longo das páginas deste ebook. Paulo Neto nos presenteia com uma análise cabal e incontestável. A verdade sobre as colônias espirituais salta aos olhos do pesquisador sincero, aquele que mergulha nas profundezas do conhecimento com sede de sabedoria.

Cada citação, seja ela de Allan Kardec ou de outros renomados pesquisadores, comprova o trabalho meticuloso do autor, que se dedicou com esmero a essa pesquisa. O leitor é convidado a embarcar nessa jornada de descobertas, onde as palavras revelam uma verdade que transcende os limites do material e nos guia rumo às esferas espirituais.

Nas páginas que se seguem, encontraremos uma narrativa envolvente, embasada em fatos e sustentada por uma análise profunda.

Seremos conduzidos por uma mente inquisitiva, que não se contenta com respostas superficiais, mas busca desvendar os mistérios do plano espiritual com humildade e respeito.

Ao final desta leitura, tenho a convicção de que seremos agraciados com novas perspectivas, desafiando nossos conceitos preestabelecidos e nos incentivando a expandir nossos horizontes espirituais. Que este ebook seja uma fonte de inspiração e reflexão para todos aqueles que buscam a verdade com sinceridade e abertura de coração.

Que as palavras de Paulo Neto nos conduzam à compreensão mais profunda das colônias espirituais, revelando-nos um mundo vasto e cheio de luz, que aguarda por nossa evolução e despertar espiritual.

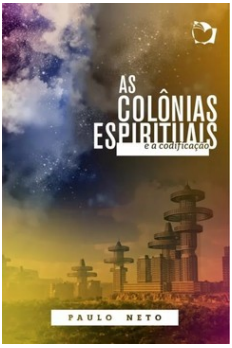
Que esta obra seja um farol de sabedoria, iluminando o caminho daqueles que anseiam pela verdade e pela liberdade de pensamento.

Adentremos, pois, nessa jornada de descobertas e transformações, guiados pela pluma habilidosa de Paulo Neto.

Ricardo dos Santos Malta
Lauro de Freitas (BA)

Introdução

Vimos recentemente no *YouTube* o vídeo "*Existem as colônias espirituais?*" ([1]) cuja preocupação dos expositores foi a de demonstrar a **inexistência** das colônias espirituais, que nos desculpem se nossa percepção estiver equivocada.



Em outubro/2004, partimos para uma profunda pesquisa sobre o tema, que resultou na publicação do livro ***As Colônias Espirituais e a Codificação*** ([2]), ocorrida em agosto/2015, foi esse o motivo que nos moveu a assisti-lo.



Cerca de nove meses depois foi a vez de publicarmos o ebook ***Criações Fluídicas: Um Breve Ensaio*** ([3]), no qual colocamos bases para ver que as colônias espirituais não são uma espécie de imagem, mas algo bem mais

“sólido” do que isso.



E mais recentemente, em novembro/2024, para ser mais preciso, divulgamos o ebook ***A Existência no Plano Espiritual de Construções e Objetos Semelhantes aos Terrestres*** ([4]), no qual novamente tratamos dessa temática.

A nossa impressão inicial, embora possamos estar enganados, deixamos registrada essa ressalva, é que os apresentadores, cheios de ironias e deboches aos que não comungam com suas opiniões a respeito do tema, expunham as suas ideias tendo como principal alvo o combate ao livro *Nosso Lar*, ditado pelo Espírito André Luiz, através da psicografia do renomado médium Chico Xavier (1910-2002).

Em se contrapondo à existência delas, enfaticamente afirmaram que em *O Livro dos Espíritos*, publicado por Allan Kardec (1804-1869), nada tem a respeito de colônias espirituais, e como

seu teor é produto de orientação dos Espíritos superiores, deveríamos aceitar essas e não abrir espaço para nada do que contém em *Nosso Lar.*

Desculpe-nos pela comparação, mas sinceramente esse tipo de atitude mais nos parece coisa própria de pessoas fanatizadas pela liderança da corrente religiosa que abraçam, que agem bem ao estilo ortodoxo: "*tá na Bíblia eu aceito; não tá, nada feito*".

Não poderemos, sob pena de não seguirmos as orientações do Codificador, desprezar as várias mensagens de Espíritos, conforme as que listamos em *As Colônias Espirituais e a Codificação*, que, a nosso ver, no conjunto passam pelo Controle Universal.

Para exemplificar, trazemos a opinião do Espírito Vianna de Carvalho, que ainda não citamos. Na obra ***Reflexões Espíritas***, temos a sua mensagem intitulada "A vida causal", que transcrevemos:

Causam estranheza, muitas vezes, as afirmativas sobre a vida espiritual,

dentro da óptica de realidades antes somente atribuídas à movimentação terrestre.

Quando **os Espíritos nos reportamos a cidades e colônias, vegetação e clima, veículos e estudos, escola e campus universitários no mais além**, são inúmeras **as pessoas que creditam os informes à imaginação exaltada dos médiuns ou à mediocridade cultural dos desencarnados**. Preferem a negativa, mantendo uma atitude mental céptica, quando não zombeteira...

Aceitam a realidade física na condição de única e legítima, sem **se darem conta de como deve ser a vida além das vibrações orgânicas do campo material**.

Antes, admitiam o céu e o inferno como lugares estanques, dimensionados e localizados conforme as tradições teológicas. Liberando-se da crença ancestral e ortodoxa, refugiaram-se em infundada suspeita que mais facilmente nega o que desconhece, em mecanismo inconsciente de fuga irracional.

Não obstante, multiplicam-se os campos vibratórios na Terra e em sua volta, onde **a vida** estua dentro de condições próprias, das quais, a **conhecida no mundo é sua cópia imperfeita**. Certamente que, na mesma proporção, **nas faixas inferiores as construções são pálidas, primitivas**

amostragens do que hoje frui a sociedade tecnológica.

Tomando-se a vida espiritual como sendo a primeira, portanto, a causal, a terrena é inevitável decorrência materializada por aqueles que procedem do país de origem trazendo reminiscências e evocando as paisagens de onde vieram.

Em toda parte a mente é o fator propiciatório para qualquer realização. Antes da ação, vibra a ideia que programa e plasma.

O campo mental delineia e constrói tudo quanto mais tarde se corporifica no mundo das formas.

Da mesma maneira, **fora do corpo, o espírito age condensando a energia, que assume expressão material**, sem dúvida mais tênue do que aquela que fere os sentidos sensoriais.

Considere-se, ao mesmo tempo, que o moderno conceito sobre a matéria molda-a ao capricho dos átomos, por sua vez, partículas de energia condensada, independentes e circunscritas aos campos vibratórios e de força nos quais se movimentam.

Face a essa condição da matéria, a energia é o elemento causal no qual se manifesta a vida e se modelam todas as expressões que se aglutinam na área das

formas.

A morte, em liberando o ser espiritual dos limites do corpo físico, devolve-lhe a capacidade de movimentação na zona das ondas com as quais sintoniza, graças às conquistas intelecto-morais que o sutilizam, ou sobrecarregam de vibrações propiciatórias para a sua vinculação.

Existem, portanto, cidades e conglomerados humanos que variam como as conquistas morais e espirituais dos homens desencarnados – nas múltiplas esferas que circundam a Terra ou que lhe são próximas.

A vida que prossegue, impõe programas e disciplinas de educação, objetivando o futuro do ser espiritual, que tornará à reencarnação, promovendo-se, reparando males, proporcionando o progresso do seu próximo e da própria mãe-Terra, em seu processo de evolução.

De acordo com as conquistas ou atentados realizados, o espírito permanece vinculado à dinâmica a que se acostumou, ascendendo em experiências superiores, ou estagiando em redutos de dor reparadora e de sofrimento liberativo.

São incontáveis as estâncias de luz e paz, nas quais o trabalho individual e comunitário se desenvolve, e onde se inspiram os habitantes do mundo, recambiados em parcial desdobramento,

> pelo sono, para aprendizados; de onde partem os missionários do amor e do conhecimento conduzindo os recursos para favorecer a vida terrena; em cujos educandários e oficinas de estudos são ministrados cursos, e realizadas experiências de combate ao erro, à dor e às calamidades que um dia se materializarão na Terra, em forma de bênçãos para os homens que se demoram na retaguarda...
>
> **Igualmente, são inumeráveis os recintos de refazimento pela aflição e de despertamento para a responsabilidade**, sob o guante de inomináveis processos reeducativos.
>
> Afirmando com extraordinária sabedoria essa realidade, elucidou Jesus que " na casa do Pai há muitas moradas", aludindo à presença da vida em muitos pontos do Sistema Solar e fora dele, como também a esses núcleos de vida espiritual, nos quais estagiam os apóstolos do bem, profetas e santos que ali vão periódica e frequentemente, qual o acontecimento narrado pelo apóstolo Paulo, quando foi "arrebatado até ao terceiro céu". ([5])

Explicamos, por oportuno, que a expressão "colônias espirituais", dentro da nossa perspectiva deve ser vista como construções fluídicas no mundo espiritual. Não estamos, de modo algum,

referendando as minuciosas descrições feitas por André Luiz nas suas obras que tratam da vida de além-túmulo.

Defendemos o conjunto, não as inúmeras particularidades constantes da obra é dentro dessa visão que nos alinhamos a José Herculano Pires (1914-1979), que no capítulo "32 – Mensagens espíritas no exterior confirmas as recebidas no Brasil", de ***O Infinito e o Finito*** (1983), esclarece-nos que:

> […] **a existência de cidades espirituais no além-túmulo, de habitações, vegetais e animais, não é, como supõem, uma invenção dos espíritas**. O Velho Testamento e o Novo Testamento, por exemplo, estão cheios de descrições dessa ordem. Basta lembrar-se o que diz Isaías (33:17,20) sobre "a terra de longe" e a "Sião da solenidade", e o Apocalipse de João sobre a Jerusalém celeste.
>
> **No tocante às revelações mediúnicas, as descrições de André Luiz não constituem novidade, a não ser quanto ao que trazem de pessoal, da maneira de ver do autor. Já em *O Céu e o Inferno*, Kardec apresenta descrições semelhantes. Na *Revue Spirite*, o codificador publicou**

numerosos relatos de além-túmulo no mesmo sentido. Sir Oliver Lodge apresenta quadros semelhantes em *Raymond*, Denis Bradley em *Rumo às Estrelas*, e assim por diante. Agora, a Editora *O Pensamento*, desta capital, acaba de lançar a tradução de *Life in the World Unseen*, de Anthony Borgia, com a versão do título para *A Vida nos Mundos Invisíveis*. O trabalho de tradução foi confiado a J. Escobar Faria, que realizou primoroso trabalho.

Temos nesse livro curioso uma nova versão da vida no além, com pormenores que confirmam plenamente as descrições de André Luiz. O autor espiritual é o ex-reverendo Robert Hugh Benson, filho de um ex-arcebispo de Cantuária, que à maneira de André Luiz, relata sua passagem para o lado de lá e descreve esse lado. A segunda parte do livro oferece-nos uma espécie de geografia dos planos espirituais mais próximos da face da Terra. Benson, que na vida terrena escrevera a propósito de assuntos espirituais, dando interpretação capciosa a algumas de suas experiências psíquicas, procura corrigir nesse livro os seus erros dogmáticos de então. Os religiosos em geral, e **os espíritas em particular, encontrarão em *A Vida nos Mundos Invisíveis* muito material para comparação com as descrições dos textos sagrados e das comunicações mediúnicas obtidas em nosso país. Esse**

> **confronto, para os espíritas, atende a um dos requisitos do método doutrinário, para aceitação das informações espirituais: o do consenso universal, estabelecido pelo codificador**. ([6]) (Informamos que nas transcrições e no texto normal todos os grifos em negrito são nossos. Quando ocorrer de não ser, avisaremos)

Temos aí, portanto, a “maior autoridade dos princípios espíritas” aceitando a ideia das colônias espirituais, questionava somente quanto aos pormenores que destacou ser da alçada do autor espiritual.

Entendemos que a colônia espiritual *Nosso Lar* não é um prêmio para os Espíritos que tiveram bom comportamento quando encarnados. Da mesma forma, o Umbral não é castigo para os que tiveram mau comportamento. É fácil perceber que essa é a visão equivocada dos adeptos que se valem da resposta à questão 1012 de *O Livro dos Espíritos*.

Nem Nosso Lar nem o Umbral constituem posições ou situações eternas, mas temporárias. A primeira foi criada para servir de base ao trabalho

socorrista que os Espíritos benevolentes dedicam aos Espíritos equivocados quanto às leis divinas que devem reger nossa vida e nossa relação com o próximo.

Portanto, nem todo recém-desencarnado passa por algum deles. Há Espíritos que, por seu grau de adiantamento, merecem encarnar em um mundo mais elevado que a Terra, cujos habitantes são moralmente superiores aos terráqueos.

Análise de trechos da Codificação Espírita

No artigo “Algumas refutações”, publicado na ***Revista Espírita 1863***, mês de junho, Allan Kardec, reclamou que:

> **O Espiritismo é acusado, por alguns, de estar fundado sobre o mais grosseiro materialismo**, porque admite o perispírito, que tem propriedades materiais. [...]. ([7])

Entendemos que coisa bem semelhante vem acontecendo com os que aceitam construções no mundo espiritual, que são acusados de materializá-lo.

Vejamos a seguinte questão do tópico “Espírito e matéria”, do capítulo “II – Elementos gerais do Universo” de ***O Livro dos Espíritos***:

> 27. H*averia, assim, dois elementos gerais do Universo: a matéria e o espírito?*

> “Sim, e acima de tudo Deus, o Criador, o Pai de todas as coisas. Esses três elementos constituem o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Mas ao elemento material é preciso juntar o fluido universal, que desempenha o papel de intermediário entre o espírito e a matéria propriamente dita, muito grosseira para que o espírito possa exercer alguma ação sobre ela. Embora, sob certo ponto de vista, se possa classificar o fluido universal como elemento material, ele se distingue deste por propriedades especiais. Se fosse realmente matéria, não haveria razão para que o espírito também não o fosse. Está colocado entre o espírito e a matéria; **é fluido**, como a matéria é matéria, **e suscetível, pelas suas inúmeras combinações com esta e sob a ação do espírito, de produzir a infinita variedade das coisas de que não conheceis senão uma ínfima parte**. Esse fluido universal, ou primitivo, ou elementar, sendo o agente de que o espírito se utiliza, é o princípio sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado de divisão e jamais adquiriria as propriedades que a gravidade lhe dá.” ([8]) (itálico do original)

O ponto central da resposta é que o fluido universal pode sofrer “*inúmeras combinações pela ação do Espírito*”. Exercendo essa ação, o Espírito é

capaz de “*produzir a infinita variedade das coisas de que não conheceis senão uma ínfima parte*”. Fica evidente, portanto, que não podemos limitar a atuação dos Espíritos sobre o fluido universal, pois, através dele, possuem o poder de criar realidades além da nossa imaginação.

Em outro momento, Allan Kardec assevera: “*O pensamento e a vontade representam em nós um poder de ação que alcança muito além dos limites de nossa esfera corporal*” ([9]).

Para corroborar, podemos trazer a opinião de Léon Denis (1846-1927), que em ***Depois da Morte*** afirma:

> O espírito, sendo ele próprio fluídico, **age sobre os fluidos do espaço**. Sua vontade poderosa combina-os, dispõe-nos à sua maneira, **empresta-lhes cores e as formas que respondem ao seu objetivo**. **Através desses fluidos executam-se obras que desafiam qualquer comparação e qualquer análise**. ([10])

Bem objetivo: “*executam-se obras que desafiam qualquer comparação e qualquer análise*”.

É perceptível que alguns confrades querem impor restrições, mas isso decorre da falta de compreensão de certas particularidades. Em vez de admitir a própria ignorância, preferem negar o que não entendem, como se a negação fosse uma forma de proteção contra o desconhecido.

Na resposta à questão 36 de ***O Livro dos Espíritos*** encontraremos algo interessante que vale a pena mencionar:

> 36. *O vácuo absoluto existe em alguma parte no Espaço universal?*
>
> "Não, nada é vácuo. **O que te parece vazio está ocupado por uma matéria que escapa aos teus sentidos** e aos teus instrumentos." ([11]) (itálico do original)

Resumindo: temos que o Espaço universal é ocupado por matéria, certamente, etérea por escapar aos nossos sentidos, que pensamos ser o fluido cósmico universal. A pergunta é: "*Por que razão não poderia haver no Espaço construções variadas, cuja produção teria como base a matéria própria de tal realidade?*"

Na ***Revista Espírita 1869***, mês de abril, o Codificador fazendo um resumo dos princípios da Doutrina Espírita, afirmou que:

> **As transformações fluídicas produzem imagens e objetos tão reais para os Espíritos**, que são eles mesmos fluídicos, **quanto o são as imagens e os objetos terrestres para os homens, que são materiais**. Tudo é relativo em cada um desses mundos. (Ver a *Gênese segundo o Espiritismo*, capítulo dos fluídos e das criações fluídicas.) ([12])

Não podemos deixar de ressaltar que a afirmação "*tudo é relativo em cada um desses mundos*" leva-nos, por consequência, admitir que no mundo espiritual há objetos criados pelos Espíritos, pois o teor dessa frase só faz sentido dentro dessa premissa.

Se somarmos estes dois itens seguintes à informação de que os objetos criados pelos Espíritos têm como fonte a matéria própria do mundo espiritual, mais clara fica essa questão:

a) que **o Espaço** universal, "*que te parece*

vazio, ***está ocupado por uma matéria que escapa aos teus sentidos*** *e aos teus instrumentos.*" ([13]);

b) "*embora fluídico,* ***o perispírito não deixa de ser uma espécie de matéria***," ([14]) ou *"Ainda que invisível para nós no estado normal, o perispírito é matéria etérea."* ([15])

Então, perguntamos: *Qual a razão de se estranhar construções fluídicas no mundo espiritual, produzidas com a matéria que lhe é própria?*

Ademais, na ***Revista Espírita 1864***, mês de novembro, Allan Kardec faz importante consideração a respeito da "*matéria própria do mundo espiritual*", senão vejamos:

> **Tudo deve estar em harmonia, no mundo espiritual, como no mundo material;** aos homens corpóreos, são necessários objetos materiais; **aos Espíritos, cujo corpo é fluídico, são necessários objetos fluídicos**, os objetos materiais não lhes serviriam, não mais do que os objetos fluídicos não serviriam aos homens corpóreos. […]. ([16])

A tendência de querer ver tudo pela ótica materialista faz com que algumas pessoas, que se dizem espiritualistas, considerem a matéria do mundo espiritual de idêntica consistência à do mundo físico. Eis o grande problema, do qual não têm consciência. Assim, utilizam uma base equivocada para apoiar e justificar a crença de não haver construções fluídicas no mundo espiritual.

A diferenciação entre a matéria espiritual e a física é reforçada por Allan Kardec. Ele deixa claro que, por terem um corpo fluídico, os Espíritos que vivem na dimensão espiritual utilizam objetos fluídicos, certamente, construídos pela matéria própria desse plano. Se não houvesse construções no mundo espiritual, não haveria motivo para a existência de matéria nesse plano.

Atendendo à sugestão do Codificador, recorremos em ***A Gênese***, capítulo “XIV – Os fluídos”, para ver itens destes dois tópicos:

> 1º) Elementos fluídicos
>
> 3. No estado de eterização, **o fluido cósmico** não é uniforme; sem deixar de ser

etéreo, **sofre modificações** tão variadas em gênero e mais numerosas talvez do que no estado de matéria tangível. Essas modificações constituem fluidos distintos que, embora procedam do mesmo princípio, são dotados de propriedades especiais e dão origem aos fenômenos peculiares do mundo invisível.

Dentro da relatividade de tudo, **esses fluidos têm para os Espíritos, que também são fluídicos, uma aparência tão material quanto a dos objetos tangíveis para os encarnados e são, para eles, o que são para nós as substâncias do mundo terrestre**. Eles os elaboram e combinam para produzirem determinados efeitos, como fazem os homens com os seus materiais, ainda que por processos diferentes. ([17])

2º) Ação dos Espíritos sobre os fluidos. Criações fluídicas. Fotografia do pensamento

14. **Os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais**, não os manipulando como os homens manipulam os gases, mas **empregando o pensamento e a vontade**. Para os Espíritos, o pensamento e a vontade são o que é a mão para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem àqueles fluidos tal ou qual direção, os aglomeram, combinam ou dispersam, **organizando com eles conjuntos que apresentam uma aparência, uma forma**, uma

coloração determinadas; mudam-lhes as propriedades, como um químico muda a dos gases ou de outros corpos, combinando-os segundo certas leis. **É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual.**

Algumas vezes, essas transformações resultam de uma intenção; de outras, são produto de um pensamento inconsciente. **Basta que o Espírito pense uma coisa para que esta se produza**, como basta que module uma ária para que esta repercuta na atmosfera.

É assim, por exemplo, que **um Espírito se torna visível** a um encarnado que possua vista psíquica, **sob as aparências que tinha quando vivo na época em que o segundo o conheceu,** embora ele haja tido, depois dessa época, muitas encarnações. Apresenta-se com o vestuário, os sinais exteriores – enfermidades, cicatrizes, membros amputados etc. – que tinha então. Um decapitado se apresentará sem a cabeça, o que não significa de modo algum que haja conservado essa aparência. Certamente, como Espírito, ele não é coxo, nem maneta, nem zarolho, nem decapitado; o que ocorre é que, **retrocedendo o seu *pensamento* à época em que tinha tais efeitos, seu perispírito lhes toma instantaneamente as aparências**, que deixam de existir logo que o mesmo pensamento cessa de agir naquele sentido. Se, pois, de uma vez ele foi negro, e branco

> de outra, apresentar-se-á como branco ou negro, conforme a encarnação a que se refira a sua evocação e à que se transporte o seu pensamento.
>
> **Por um efeito análogo, o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos que ele estava habituado a usar.** Um avarento manuseará ouro; um militar trará suas armas e seu uniforme; um fumante, o seu cachimbo; um lavrador, o seu arado e seus bois; uma mulher velha, a sua roca. **Para o Espírito, que também é fluídico, esses objetos fluídicos são tão reais como eram antes, no estado material**, para o homem vivo; mas em virtude de serem criações do pensamento, a existência deles é tão fugaz quanto o próprio pensamento que os gerou. ([18]) (itálico do original)

Então, temos que, pelo pensamento e vontade, os Espíritos podem atuar sobre os fluidos espirituais, que julgamos se tratar do fluido cósmico universal, produzindo o que for de seu interesse. Inclusive, podem criar objetos que estavam habituados a usar quando vivos.

Nesse caso, se a produção é realizada no mundo físico ela será "*tão fugaz quanto o*

pensamento que a gerou". Por outro lado, se a produção for no mundo espiritual ela não estará sujeita a esse mesmo estado provisório, porquanto deverá valer o "*Tudo deve estar em harmonia, no mundo espiritual, como no mundo material*" ([19]).

E, finalizando, vamos trazer um trecho do artigo "Sensações dos Espíritos", publicado na ***Revista Espírita 1858***, mês de dezembro, que *in totum* foi levado à 2ª edição de *O Livro dos Espíritos* como o item 257:

> **Interrogamos a milhares de Espíritos, que pertencem a todas as camadas sociais e a todas as posições**; estudamo-los em todos os períodos de sua vida espiritual, desde o momento em que deixaram o corpo; seguimo-los passo a passo nessa vida de além-túmulo, a fim de observar as mudanças neles operadas, nas ideias, e nas sensações. [...]. ([20])

O Codificador declara que "*interrogamos milhares de Espíritos*", julgamos necessário analisar essa afirmação, pois parece-nos ter ouvido alguns confrades dizendo que, na elaboração das obras da

Codificação, ele se valeu da opinião de 3.000 Espíritos.

Considerando que Allan Kardec iniciou as reuniões por volta de abril/1856 e a fala acima foi registrada em dez/1858, então, nesse período, descontados os meses de novembro e dezembro, gastos para escrever, revisar e publicar o artigo, teríamos 134 reuniões ([21]) levando-se em conta que as sessões na Sociedade Espírita de Paris ocorriam uma vez por semana, às sextas-feiras às 20h ([22]).

Ora, tomando como “milhares” apenas 2.000 Espíritos (se está no plural, não pode ser menos), teríamos 14 Espíritos se manifestando por reunião. Supondo que cada um se comunicava por uns 15 minutos, chegaríamos ao total de 210 minutos, ou seja, a reunião duraria três horas e meia, logo, seria encerrada às 23:30h.

Se elevarmos a quantidade para 3.000 Espíritos, o número de manifestantes pularia para 22, com o tempo de reunião de cinco horas e meia, portanto finalizaria às 1:30h da madrugada. Então, s.m.j., entendemos que o mais provável é que o

“*milhares de Espíritos*” seja apenas uma expressão simbólica.

Entretanto, há algumas considerações feitas pelo Codificador que não podemos deixar de mencionar, pois possibilitam que a questão da origem e da quantidade das instruções dos Espíritos fique mais clara. No artigo “Exame das comunicações mediúnicas que nos são enviadas”, publicado na ***Revista Espírita 1863***, mês de maio, lemos:

> Muitas das **comunicações nos foram enviadas por diferentes grupos,** quer nos pedindo conselho e julgamento de suas tendências, quer da parte de alguns, na esperança de as verem publicadas na *Revista*. Todas nos foram entregues com a faculdade de delas dispor como melhor entendêssemos para o bem da causa. **Fizemos o seu exame e classificação** e esperamos que ninguém haja de se surpreender ante a impossibilidade de inseri-las todas, considerando-se que, além da já publicada, **há mais de três mil e seiscentas que, sozinhas, teriam absorvido cinco anos completos da *Revista***, sem contar um certo número de manuscritos mais ou menos volumosos, dos

quais falaremos adiante. A apreciação crítica deste exame nos fornecerá matéria para algumas reflexões, que cada um poderá tirar seu proveito.

Em grande número encontramo-las notoriamente más, no fundo e na forma, evidente produto de Espíritos ignorantes, obsessores ou mistificadores e que juram pelos nomes mais ou menos pomposos com que se revestem. **Publicá-las teria sido dar armas à crítica**. Circunstância digna de nota é que **a quase totalidade das comunicações dessa categoria emana de indivíduos isolados, e não de grupos**. Só a fascinação os poderia levar a tomá-las a sério e impedir que vissem o lado ridículo. Como se sabe, o isolamento favorece a fascinação, ao passo que **as reuniões encontram controle na pluralidade das opiniões**.

Todavia, reconhecemos com prazer que as comunicações dessa natureza formam, na massa, uma pequena minoria. **A maioria das outras encerra bons pensamentos e excelentes conselhos**, sem significar que todas devam ser publicadas, e isto pelos motivos que vamos expor.

Os Espíritos bons ensinam mais ou menos a mesma coisa em toda parte, porque em toda parte há os mesmos vícios a reformar e as mesmas virtudes a pregar. Eis um dos caracteres distintivos do Espiritismo; muitas vezes a diferença

está apenas na correção e elegância do estilo. Para apreciar as comunicações, tendo em conta a publicidade, não se deve considerá-las de seu ponto de vista, mas no do público. Compreendemos a satisfação que se experimenta ao obter algo de bom, sobretudo quando se começa, mas além do fato de que certas pessoas podem ter ilusão sobre o mérito intrínseco, não se pensa que em cem outros lugares se obtêm coisas semelhantes, e o que é de poderoso interesse individual pode ser banalidade para a massa.

Além disso, é preciso considerar que, **de algum tempo para cá as comunicações adquiriram, em todos os aspectos, proporções e qualidades que deixam muito para trás as que eram obtidas há alguns anos**. Aquilo que então era admirado parece pálido e mesquinho junto ao que se obtém hoje. Na maioria dos centros realmente sérios, **o ensino dos Espíritos cresceu com a compreensão do Espiritismo**. Desde que por toda parte são recebidas instruções mais ou menos idênticas, **sua publicação poderá interessar apenas sob a condição de apresentar qualidades adicionais, como forma ou como alcance instrutivo**. Seria, pois, ilusão crer que toda mensagem deve encontrar leitores numerosos e entusiastas. Outrora, a menor conversa espírita era uma novidade que atraía a atenção; hoje, que os

> espíritas e os médiuns não se contam mais, o que era uma raridade é um fato quase banal e habitual, e que foi distanciado pela vastidão e pelo alcance das comunicações atuais, assim como os deveres do escolar o são pelo trabalho do adulto.

Temos à vista a coleção de um jornal publicado no princípio das manifestações sob o título de *A Mesa Falante*, característico da época. Diz-se que o jornal tinha de 1.500 a 1.800 assinantes, cifra enorme para a época. **Continha uma porção de pequenas conversas familiares e fatos mediúnicos** que, então, atraíam profundamente a curiosidade. **Aí procuramos em vão alguma coisa para reproduzir em nossa *Revista***; tudo quanto tivéssemos colhido seria hoje pueril e sem interesse. Se o jornal não tivesse desaparecido, por circunstâncias que não vêm ao caso, só poderia ter vivido com a condição de acompanhar o progresso da ciência e, se reaparecesse agora nas mesmas condições, não teria cinquenta assinantes. **Os espíritas** são imensamente mais numerosos do que então, é verdade; mas **são mais esclarecidos e querem um ensinamento mais substancial**.

> […].
>
> Não falamos assim para desencorajar as publicações; longe disso. Mas para mostrar a necessidade de uma escolha rigorosa, condição sine qua non do sucesso. Aprofundando os seus ensinamentos, os

Espíritos nos tornaram mais difíceis e mesmo exigentes. **As publicações locais podem ter imensa utilidade, sob duplo aspecto**: espalhar nas massas o ensino dado na intimidade e **mostrar a concordância que existe nesse ensino sobre diversos pontos**. Aplaudiremos isto sempre e os encorajaremos toda vez que forem feitas em boas condições.

Antes de mais, convém dela afastar tudo quanto, sendo de interesse privado, só interessa àquele que lhe concerne; depois, tudo quanto é vulgar no estilo e nas ideias, ou pueril pelo assunto. Uma coisa pode ser excelente em si mesma, muito boa para servir de instrução pessoal, mas o que deve ser entregue ao público exige condições especiais. **Infelizmente o homem é propenso a imaginar que tudo o que lhe agrada deve agradar aos outros**. O mais hábil pode enganar-se; o importante é enganar-se o menos possível. Há Espíritos que se comprazem em fomentar essa ilusão em certos médiuns; por isso nunca seria demais recomendar a estes últimos que não confiassem em seu próprio julgamento. É nisto que **os grupos são úteis: pela multiplicidade de opiniões que eles permitem colher**. Aquele que, neste caso, recusasse a opinião da maioria, julgando-se mais iluminado que todos, provaria sobejamente a má influência sob a qual se acha.

Aplicando esses princípios de ecletismo às comunicações que nos são enviadas, **diremos que em 3.600 há mais de 3.000 que são de moralidade irreprochável, e excelentes como fundo; mas que desse número nem 300 merecem publicidade e apenas 100 têm mérito fora do comum**. Como essas comunicações vieram de muitos pontos diferentes, inferimos que a proporção deve ser mais ou menos geral. Por aí pode julgar-se da necessidade de não publicar inconsideradamente tudo quanto vem dos Espíritos, se quisermos atingir o objetivo a que nos propomos, tanto do ponto de vista material quanto do efeito moral e da opinião que os indiferentes possam fazer do Espiritismo.

Resta-nos dizer algumas palavras sobre manuscritos ou trabalhos de fôlego que nos remeteram, entre os quais não encontramos, **em trinta, mais que cinco ou seis de real valor**. No mundo invisível, como na Terra, não faltam escritores, mas os bons são raros. Tal Espírito é apto a ditar uma boa comunicação isolada, a dar excelente conselho particular, **mas incapaz de produzir um trabalho de conjunto completo, passível de suportar um exame**, sejam quais forem suas pretensões e o nome com que se disfarce como garantia. Quanto mais alto o nome, maior o cuidado. Ora, é mais fácil tomar um nome que justificá-lo; eis por que, **ao lado de**

alguns bons pensamentos, encontram-se, muitas vezes, ideias excêntricas e traços inequívocos da mais profunda ignorância. É nessas modalidades de trabalhos mediúnicos que temos notado mais sinais de obsessão, dos quais um dos mais frequentes é a injunção por parte do Espírito de os mandar imprimir; e alguns pensam erradamente que tal recomendação é suficiente para encontrar um editor atencioso que se encarregue da tarefa.

É principalmente em semelhante caso que um exame escrupuloso é necessário, se não nos quisermos expor a fazer discípulos à nossa custa. É, ainda, o melhor meio de afastar os Espíritos presunçosos e pseudossábios, que se retiram inevitavelmente quando não encontram instrumentos dóceis a quem façam aceitar suas palavras como artigos de fé. A intromissão desses Espíritos nas comunicações é, fato conhecido, o maior escolho do Espiritismo. **Toda precaução é pouca para evitar as publicações lamentáveis**. Em tais casos, mais vale pecar por excesso de prudência, no interesse da causa.

Em suma, publicando comunicações dignas de interesse, faz-se uma coisa útil. Publicando as que são fracas, insignificantes ou más, faz-se mais mal do que bem. Uma consideração não menos importante é a da oportunidade. **Algumas há cuja**

> **publicação seria intempestiva** e, por isso mesmo, prejudicial. Cada coisa deve vir a seu tempo. Várias das que nos são dirigidas estão neste caso e, **conquanto muito boas, devem ser adiadas**. Quanto às outras, acharão seu lugar conforme as circunstâncias e o seu objetivo. ([23]) (itálico do original)

Reporta-nos Allan Kardec que, à época, montavam em mais de 3.600 comunicações mediúnicas que recebera, esclarecendo que um bom número delas são "*notoriamente más, no fundo e na forma*", quase todas "*emanadas de indivíduos isolados, e não de grupos*". O restante delas, que era "*a maioria, encerrava bons pensamentos e excelentes conselhos*". Essas informações nos proporcionam mensurar o imenso trabalho do Codificador em ler, examinar e selecionar tudo quanto recebia.

Analisando o trecho "*Os Espíritos bons ensinam mais ou menos a mesma coisa em toda parte, porque em toda parte há* ***os mesmos vícios a reformar e as mesmas virtudes a pregar***", somado ao segmento "*diremos que em 3.600 há*

mais de 3.000 que são de ***moralidade irreprochável****, e excelentes como fundo*”, entendemos que, ao se levar em conta o que negritamos, as comunicações mediúnicas teriam mais a ver com “*bons pensamentos e excelentes conselhos*” do que exclusivamente revelações ou informações que dariam origem a algum novo ponto doutrinário.

Ao dizer que teria procurado “*alguma coisa para reproduzir na* Revista” na coleção “*de pequenas conversas familiares e fatos mediúnicos*” publicadas em um certo jornal, o Codificador demonstra que o teor das mensagens, ainda que provenientes fora do círculo em que trabalhava ou até do meio espírita, deve ser analisado para delas se extrair o que for útil do ponto de vista doutrinário.

Se isso que estamos concluindo estiver correto, é inevitável perguntar: *Por qual motivo não se deve também dar valor aos pesquisadores dos fenômenos psíquicos?* Podemos citar, como exemplo, estes dois consagrados autores espíritas clássicos: Léon Denis e Ernesto Bozzano (1862-1943).

Identificamos algo nessa transcrição que, infelizmente, vemos acontecer no movimento espírita tupiniquim: “*Infelizmente o homem é propenso a imaginar que tudo o que lhe agrada deve agradar aos outros*”. Companheiros da lide espírita querem que todos nós pensemos exatamente como eles; alguns chegam a demonstrar profunda irritação quando acontece de não comungarmos com suas as ideias.

Ao deixar claro que “*algumas [comunicações] há cuja publicação seria intempestiva e, por isso mesmo, prejudicial*”, Allan Kardec evidencia que certas revelações ou informações têm o momento próprio para serem divulgadas. Diante disso, poderíamos até supor que ele teria várias coisas do ponto de vista doutrinário aguardando a época certa para as publicar. Mas, que fique claro, é apenas uma suposição.

Na ***Revista Espírita 1864***, mês de março, no artigo “Da perfeição dos seres criados”, vamos encontrar mais uma fala de Allan Kardec sobre as comunicações recebidas:

Em geral, **não se poderia trazer muita prudência em fato de teorias novas** sobre as quais pode-se iludir; também quantas delas se viram, desde a origem do Espiritismo, que, prematuramente entregues à publicidade, não tiveram senão uma existência efêmera! Assim o será com todas aquelas que não tiverem senão um caráter individual e não tiverem sofrido o controle da concordância. Em nossa posição, **recebendo as comunicações de perto de mil centros Espíritas sérios, disseminados sobre os diversos pontos do globo**, somos capazes de ver os princípios sobre os quais essa concordância se estabelece; foi essa observação que nos guiou até este dia, e será igualmente a que nos guiará nos novos campos que o Espiritismo está chamado a explorar. *É assim que, há algum tempo, notamos nas comunicações vindas de diversos lados, tanto da França quanto do exterior, uma tendência a entrar numa via nova*, pelas revelações de uma natureza toda especial. **Essas revelações, frequentemente feitas com palavras veladas, passaram desapercebidas para muitos daqueles que as obtiveram**; muitos outros acreditaram só eles tê-las; tomadas isoladamente, seriam para nós sem valor, mas **a sua coincidência lhes dá uma alta seriedade**, da qual será capaz de julgar mais tarde, quando chegar o momento de entregá-las à luz da publicidade.

> Sem essa concordância, quem poderia estar seguro de ter a verdade? **A razão, a lógica, o julgamento, sem dúvida, são os primeiros meios de controle** dos quais é preciso fazer uso; em muitos casos isto basta; mas quando se trata de um princípio importante, da emissão de uma ideia nova, seria preciso presunção em se crer infalível na apreciação das coisas; é aliás um dos caracteres distintivos da revelação nova, de ser feita sobre todos os pontos ao mesmo tempo; assim ocorreu em diversas partes da Doutrina. A experiência aí está para provar que todas as teorias arriscadas pelos Espíritos sistemáticos e pseudossábios sempre foram isoladas e localizadas; nenhuma se tornou geral e nem pôde suportar **o controle da concordância**; várias mesmo caíram sob o ridículo, prova evidente de que elas não estavam na verdade. Esse **controle universal** é uma garantia para a unidade futura da Doutrina. ([24]) (itálico do original)

É importante esclarecer que o trecho assinalado em amarelo também foi publicado no tópico “Controle da Doutrina Espírita” do item II – Autoridade da Doutrina Espírita, da Introdução de *O Evangelho Segundo Espiritismo* ([25]).

De acordo com o que vemos nas transcrições

logo acima, concluímos que, na elaboração da Codificação Espírita, Allan Kardec se utilizou de duas fontes:

1ª) perguntas dirigidas aos Espíritos, conforme explicitamente diz em *O Livro dos Espíritos*, e

2ª) análise das comunicações mediúnicas recebidas dos grupos e de algumas pessoas.

Para corroborar, vale a pena transcrevemos a nota inserida por Allan Kardec logo após as assinaturas em “Prolegômenos”:

> Os princípios contidos neste livro r**esultam das respostas dadas pelos Espíritos às questões diretas que lhes foram propostas em diversas ocasiões**, por meio de grande número de médiuns, **bem como das instruções que deram espontaneamente, a nós ou a outras pessoas, sobre as matérias que encerra**. O material foi organizado de maneira a apresentar um conjunto regular e metódico, e não foi entregue à publicidade senão depois de ter sido revisto cuidadosamente, várias vezes seguidas, e corrigido pelos próprios Espíritos. Esta segunda edição também mereceu, da parte deles, novo e meticuloso exame.

> **O que vem entre aspas, em seguida às perguntas, é a resposta textual dada pelos Espíritos**. O que está assinalado em letras menores, ou designado de modo especial para esse fim, compreende as notas e explicações aditadas pelo autor, e que também sofreram o controle dos Espíritos. ([26])

Em princípio pensamos que havia uma contradição ao relacionar a quantidade de 3.600 com 1.000, entretanto, percebemos que a primeira se refere às comunicações mediúnicas e a segunda diz respeito a origem delas.

Percebemos que Allan Kardec não descartava as comunicações mediúnicas, sempre as analisava para ver se nelas continha algo que pudesse se tornar um princípio doutrinário através da concordância.

Como já dissemos, vários pesquisadores e estudiosos espíritas também analisaram inúmeras comunicações mediúnicas publicando obras com o resultado e conclusões que delas tiraram.

Portanto, a nosso sentir, eles seguiram

fielmente o caminho traçado pelo Mestre de Lyon. Assim, entendemos que demonstra total desconhecimento doutrinário aqueles que as tratam como fontes sem nenhum valor. Aliás, na ***Revista Espírita 1860***, o próprio Allan Kardec nos recomendou:

> [...] **para bem conhecer uma coisa, é necessário tudo ver, tudo aprofundar, comparar todas as opiniões, ouvir o pró e o contra**, escutar todas as objeções, e finalmente aceitar o que a mais severa lógica pode admitir; é o que nos recomendam, sem cessar, os Espíritos que nos dirigem, [...]. ([27])

Nesse momento, lembramo-nos de Herculano Pires que, em certa oportunidade e com muita propriedade, afirmou: "*Ninguém é professor de Espiritismo. Todos somos aprendizes, todos. E, geralmente, maus aprendizes que, quando pretendem ensinar, deturpam a doutrina.*" ([28])

Oportunas orientações do Codificador

Em nossa percepção, entre os inúmeros confrades opositores à existência das colônias espirituais, alguns, sem se darem conta, até de forma ferrenha, diga-se de passagem, cometem três erros crassos:

1º) Supor que tudo quanto existe nas obras da Codificação Espírita é revelação de Espíritos superiores;

2º) Defender a ideia de que nada mais pode ser revelado, como se os Espíritos superiores já tivessem passado tudo quanto deveríamos saber;

3º) Pensar, ainda que inconscientemente, que, para todos os espíritas, as colônias espirituais corresponderiam ao tradicional “céu” da teologia cristã.

Vamos comentar algo a respeito de cada um desses itens.

É oportuno perguntamos: *Qual a verdadeira origem de tudo aquilo que Allan Kardec escreveu nas obras da codificação?* Podemos dizer que são três as fontes que, seguramente, se pode perceber:

1ª) Revelação dos Espíritos superiores;

2ª) Exame e análise das informações de Espíritos inferiores; e

3ª) Das conclusões do Codificador diante de fatos que examinou ou, até mesmo, foi testemunha.

A nosso ver, tudo isso se pode depreender deste trecho de uma explicação do Codificador constante do capítulo "I – Caráter da Revelação Espírita", item 13 de ***A Gênese***:

> [...] enfim, porque a Doutrina não foi *ditada completa, nem imposta à crença cega* porque é deduzida, pelo **trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos lhe põem sob os olhos e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara, a fim de tirar ele próprio as consequências e aplicações**. [...]. ([29]) (itálico do original)

Aos que buscam sustentação nas revelações dos Espíritos superiores para dizer que tudo que nela consta está correto, uma vez que eles não erram, ou seja, são infalíveis, sentimos muito em informar que lhes falta aprofundamento doutrinário. Como assim? Comprovaremos que algumas importantes mudanças ocorreram no desenrolar da revelação espírita, fato que a maioria dos adeptos da Doutrina Espírita não tem o menor conhecimento, incluindo nesse meio esses contraditores da existência de colônias espirituais.

Mas antes, é oportuno trazer este trecho inicial da mensagem de Channing, constante do artigo “O saber dos Espíritos”, publicado na ***Revista Espírita 1860***, mês de agosto:

> No estudo do Espiritismo **há um erro muito grave** que se propaga cada dia mais e que se torna quase o móvel que faz os outros virem a nós: **é o de nos julgarem infalíveis em nossas respostas**. Pensam que tudo devemos saber, tudo ver, tudo prever. Erro! Grande erro! […]. ([30])

O Espírito Channing está completamente certo, e é uma coisa até fácil de se comprovar.

Vamos apresentar apenas três situações, das sete importantes mudanças que identificamos entre a 1ª e a 2ª edição de *O Livro dos Espíritos* ([31]), que tratamos no artigo "***Mudanças de posição após publicação da 1ª edição de O Livro dos Espíritos***", disponível em nosso site: https://paulosnetos.net ([32]):

1ª) Alteração da informação quanto ao momento de ligação do Espírito ao corpo. Na 1ª edição de *O Livro dos Espíritos* foi dito que era no instante do nascimento, tal e qual o dogma "inquestionável" das igrejas cristãs, e que, antes de nascer, a criança vivia como as plantas ([33]).



Porém, quando da 2ª edição, esse momento passou a ser o da concepção ([34]). O que se poderá questionar é: *Se todas as respostas às questões propostas por*

Allan Kardec foram dadas por Espíritos superiores, como explicar essa drástica mudança?

2ª) Sobre a condição do perispírito não ser parte integrante do Espírito, podendo “privar-se” dele ([35]) é o que consta na 1ª edição, entretanto, na 2ª, passa a ser “parte integrante” ([36]).

Da mesma forma que no item anterior, não encontramos nenhum motivo para explicar essa mudança das informações procedentes dos Espíritos superiores.

3ª) Na 1ª edição, a resposta em relação à possibilidade de a alma humana ter passado pelo reino animal é, objetivamente, negativa ([37]); mas, quando da 2ª edição, o estágio evolutivo nesse reino foi admitido ([38]).

Numa das falas de Allan Kardec vimos que o que não muda são “*as bases e os pontos fundamentais*”, portanto, quanto aos detalhes, esses, sim, podem estar sujeitos a novos complementos ou de novas explicações de acordo com a nossa evolução e capacidade de entendimento.

Vale a pena trazermos estas duas transcrições

do nosso ebook “***O Espiritismo ainda não tem ponto final***” ([39]), que recomendamos a leitura, tiradas da ***Revista Espírita 1865***:

> 1ª) Maio, mensagem de Georges “Estudo sobre a mediunidade”:
>
> [...] **O progresso da ciência espírita, que se enriquece cada dia, de novas observações**, nos mostra a quantas causas diferentes e influências delicadas, que não se supunha, estão submetidas as relações inteligentes com o mundo espiritual. **Os Espíritos não podiam ensinar tudo ao mesmo tempo;** mas, como hábeis professores, **à medida que as ideias se desenvolvem, entram em maiores detalhes, e revelam os princípios que, dados prematuramente, não teriam sido compreendidos, e teriam feito confusão em nosso pensamento**. ([40])
>
> 2ª) Agosto, artigo “O que o Espiritismo ensina”:
>
> [...] O Espírito humano poderia absorver sem cessar ideias novas? A própria Terra não tem necessidade de tempo de repouso antes de reproduzir? **Que se diria de um professor que ensinasse todos os dias novas regras aos seus alunos, sem lhes dar o tempo de se aplicar sobre aquelas que aprenderam, de se**

> **identificar com elas e de aplicá-las?** Deus seria, pois, menos previdente e menos hábil do que um professor? Em todas as ideias novas devem se encaixar nas ideias adquiridas; se estas não estão suficientemente elaboradas e consolidadas no cérebro; se o espírito não as assimilou, as que se quer nele implantar não tomam raiz; semeia-se no vazio. ([41])

Eis aí a comprovação do que afirmamos sobre as novas revelações seres dadas de acordo com nossa capacidade de entendimento.

Podemos afirmar, por exemplo, que a reencarnação é um princípio que não mudará, porém, quanto aos detalhes, pelos quais ela se processa, é bem outra história que à época de Allan Kardec não foram revelados.

É quanto a isso que devemos entender, para que não ultrapassemos o Codificador, colocando um ponto final onde ele não pôs ao não admitirmos nenhuma nova revelação.

Em razão de vermos posições extremadas tipo "*tá em Kardec eu aceito, não tá, nada feito*", é preciso retomar a dois pontos explicados por Allan

Kardec, que se completam, embora já os mencionamos por "milhares" de vezes visando chamar a atenção sobre essas importantes falas do Codificador:

1ª) ***Revista Espírita 1866***, mês julho:

> [...] ***O Livro dos Espíritos*** **não é um tratado completo do Espiritismo**; não faz senão colocar-lhe **as bases e os pontos fundamentais**, que devem se desenvolver sucessivamente pelo estudo e pela observação. [...]. ([42])

Se *O Livro dos Espíritos* não é um tratado completo de Espiritismo, como dito pelo Codificador, outras coisas lhe podem ser acrescentadas "*pelo estudo e pela observação*", conforme deixou claro.

Portanto, essa obra, e de igual modo nenhuma outra publicada por ele, não deve ser tomada à conta de uma espécie de Bíblia dos espíritas, que nos faz ser tão fanáticos quanto os bibliólatras.

2ª) ***Revista Espírita 1864***, mês de abril:

> **Os Espíritos superiores** procedem, em

> suas revelações, com uma extrema sabedoria; **não abordam as grandes questões da Doutrina senão gradualmente, à medida que a inteligência está apta a compreender as verdades de ordem mais elevada**, e que as circunstâncias são propícias para a emissão de uma ideia nova. **É por isso que, desde o começo, não disseram tudo, e ainda não disseram tudo hoje**, não cedendo jamais à impaciência das pessoas muito apressadas, que querem colher os frutos antes de sua maturidade. […]. ([43])

Essa graduação das "revelações", princípio básico do Espiritismo, põe, totalmente, por terra a crença de muitos confrades de que tudo está nas obras publicadas por Allan Kardec, e que, portanto, nada mais lhe cabe acrescentar.

Por outro lado, parece-nos que muitos adeptos do Espiritismo não conhecem esse seu esclarecimento publicado na ***Revista Espírita 1867*:**

> […] **estamos longe de conhecer todas as leis que regem o mundo invisível**, todas as forças que este mundo encerra, todas as aplicações das leis que

> conhecemos. **O Espiritismo não disse ainda a sua última palavra, muito longe disto**, não mais sobre as coisas físicas do que sobre as coisas espirituais. Muitas das descobertas serão o fruto de observações ulteriores. **O Espiritismo não fez, de alguma sorte, até o presente, senão colocar os primeiros degraus de uma ciência cuja importância é desconhecida**. Com a ajuda do que já descobriu, **ele abre àqueles que virão depois de nós o caminho das investigações numa ordem especial de ideias**. Não procede senão por observações e deduções. [...]. ([44])

Allan Kardec esclarece, de forma a não deixar nenhuma margem à dúvida, que seu trabalho apenas "*abre àqueles que virão depois de nós o caminho das investigações*".

Bem ciente de que sua missão era a de assentar os alicerces fundamentais do Espiritismo, não sendo a de construir todo o edifício, como poderia pensar algumas pessoas.

Voltando à questão da reencarnação. Na época da Codificação, os Espíritos que se manifestaram na América do Norte não falaram sobre as vidas

sucessivas. Isso foi objeto do artigo “A reencarnação na América”, publicado na ***Revista Espírita 1862***, mês de fevereiro, do qual destacamos o seguinte trecho do parágrafo inicial:

> **Admira-se, frequentemente, que a doutrina da reencarnação não haja sido ensinada na América**, e os incrédulos não deixaram de nisso se apoiar para acusar os Espíritos de contradição. Não repetiremos aqui as explicações que demos, e que publicamos, sobre esse assunto, nos limitaremos a lembrar que **nisso os Espíritos mostraram a sua prudência habitual**; quiseram que o Espiritismo nascesse num país de liberdade absoluta quanto à emissão das opiniões; o ponto essencial era a adoção do princípio, e para isso **não quiseram estar embaraçados em nada; não ocorria o mesmo em todas as suas consequências, e sobretudo da reencarnação, que se chocaria contra os preconceitos da escravidão e da cor**. A ideia de que o negro poderia tornar-se um branco; que um branco poderia ter sido negro; que um senhor pudera ser escravo; pareceu de tal modo monstruosa que bastou para fazer rejeitar o todo; **os Espíritos, pois, preferiram sacrificar, momentaneamente, o acessório ao**

> **principal**, e sempre dissemos que, mais tarde, a unidade se faria sobre este ponto como sobre todos os outros. Foi, com efeito, o que começou a ocorrer: várias pessoas do país nos disseram que essa doutrina encontra ali, agora, numerosos partidários; que certos Espíritos, depois de tê-la feito pressentir, vêm confirmá-la. [...]. ([45])

Concluímos que os Espíritos superiores têm sabedoria para esperarem o momento certo para lançar a "semente à terra", para que ela possa frutificar.

Algo que corrobora isso, vamos encontrar no artigo "O que o Espiritismo ensina", publicado na ***Revista Espírita 1865***, mês de agosto, no qual Allan Kardec deixa bem claro que:

> [...] O Espírito humano poderia absorver sem cessar ideias novas? A própria Terra não tem necessidade de tempo de repouso antes de reproduzir? **Que se diria de um professor que ensinasse todos os dias novas regras aos seus alunos, sem lhes dar o tempo de se aplicar sobre aquelas que aprenderam, de se identificar com elas e de aplicá-las?** Deus seria, pois, menos previdente e menos

> hábil do que um professor? **Em todas as ideias novas devem se encaixar nas ideias adquiridas**; se estas não estão suficientemente elaboradas e consolidadas no cérebro; **se o Espírito não as assimilou, as que se quer nele implantar não tomam raiz; semeia-se no vazio**. ([46])

É fundamental que se dose o ensinamento, ou seja, tem que ser “progressivo” para que possa ser utilmente assimilado, caso contrário “*semeia-se no vazio*”.

É uma verdadeira “pá de cal” no pensamento dos que acham que somente tem valor o que literalmente consta nas obras publicadas pelo Codificador.

Ademais, como não sabemos das consequências de relevações que julgamos não terem sido feitas, não é lógico exigir que certos pontos doutrinários deveriam ter sido esclarecidos quando da elaboração da Codificação.

Em ***O Livro dos Espíritos***, publicado pela Mundo Maior, o “Prefácio” é assinado por Hermínio C.

de Miranda (1910-2013), renomado escritor e pesquisador espírita, como todos nós sabemos. Não podemos deixar de registrar esse trecho de sua fala:

> [...] Se assim fosse, estaria em contradição consigo mesma, de vez que a evolução é de sua própria essência. **Sempre haverá, portanto, em torno dela, regiões pouco exploradas e até ignoradas à espera de estudo**. **É necessário, sim, preservar a pureza doutrinária, mas não sufocá-la em uma redoma que lhe retire o oxigênio do qual necessita para interagir com o que se passa à sua volta**. Ela é o nosso instrumento de trabalho, de aferição e de busca. [...]. ([47])

Do artigo "Constituição transitória do Espiritismo", item III – Dos cismas, publicado na ***Revista Espírita 1868,*** destacamos o teor do 12º parágrafo:

> **O programa da Doutrina não será, pois, invariável senão sobre os princípios passados ao estado de verdades constatadas**; **para os outros, ela não os admitirá, como sempre o fez, senão a título de hipóteses até a**

> **confirmação**. Se lhe for demonstrado que ela está no erro sobre um ponto, ela se modificará sobre esse ponto. ([48])

Infelizmente, o que estamos presenciando é espíritas sufocando o Espiritismo, pois agem como se fanáticos fossem. Bem nos disse o jornalista José Herculano Pires que "*Do ponto de vista espírita, um fanático espírita, é uma aberração, porque o Espiritismo é uma doutrina racional, que não comporta fanatismo.*" ([49])

Mais do que previdente, Allan Kardec também deu orientação quanto ao critério para aceitar novas revelações. Disse que elas deveriam passar pelo crivo do **Controle Universal do Ensino dos Espíritos**, sustentado nestes três pontos:

1º) ter lógica;

2º) ter como fonte a produção mediúnica de vários médiuns desconhecidos uns dos outros, e

3º) que eles residam em diferentes localidades mundo afora.

É curioso que a questão da lógica foi ressaltada, em vários momentos, ao longo do vídeo. Entretanto, ela foi apresentada como algo restrito ao conceito de cada um de nós faz dela. Logo, é puramente uma lógica toda pessoal.

No artigo “Profissão de fé espírita americana”, publicado na ***Revista Espírita 1869***, mês de abril, há o seguinte item (12) no qual Allan Kardec ressalta:

> **As comunicações dos Espíritos são opiniões pessoais** que não devem ser aceitas cegamente. O homem não deve, em nenhuma circunstância, fazer abnegação de seu julgamento e de seu livre-arbítrio. Seria da prova de ignorância e de leviandade aceitar como verdades absolutas tudo o que vem dos Espíritos; **eles dizem o que sabem; cabe a nós submeter seus ensinos ao controle da lógica e da razão**. ([50])

Portanto, fica evidenciado que o Codificador, judiciosamente, orientou para que as revelações dos Espíritos fossem submetidas ao controle da lógica e da razão. Porém, o que não se leva em conta é que,

para determinada situação, cada um de nós tem conceito diferente do que seja lógico ou não. Certamente, isso é fruto da diversidade de pensamentos e, em alguns casos, do nível de profundidade com que cada um de nós domina os assuntos.

Nós espíritas, por exemplo, achamos a ideia da reencarnação lógica, mas o mesmo não pensa a maioria dos evangélicos e parte significativa dos católicos. Um pouco mais à frente, no capítulo “Breve análise do tema”, voltaremos a esse tópico, momento que veremos como Allan Kardec pensava a respeito de como a lógica deveria ser aplicada.

Por sugestão do amigo Adv. Ricardo dos Santos Malta, há um detalhe importante a respeito do **CUEE** que é preciso ser esclarecido, vejamos os seguintes trechos de falas do Codificador na ***Revista Espírita***, pela ordem:

a) Revista Espírita 1861: “*sobre **diversos pontos** [do globo]*” ([51]).

b) Revista Espírita 1864: “*em **diversos pontos** [do globo]” **ao mesmo tempo***” ([52]).

c) *Revista Espírita 1865*: “*sobre* ***os diversos pontos*** *do globo*” ([53]).

d) *Revista Espírita 1867*: “*sobre* ***todos os pontos*** *do globo*” ([54]).

O problema que surge é quanto a expressão “*ao mesmo tempo*”, que se toma ao pé da letra. Ora, no mesmo artigo publicado na ***Revista Espírita 1864*** em que ela é usada, podemos também ler um pouco antes:

> Essa universalidade no ensinamento dos Espíritos faz a força do Espiritismo; aí está também a causa de sua propagação tão rápida. Ao passo que a palavra de um único homem, mesmo com o recurso da imprensa, levaria séculos para chegar ao ouvido de todos, eis que **milhares de vozes se fazem ouvir simultaneamente em todos os pontos da Terra** para proclamar os mesmos princípios e transmiti-los aos mais ignorantes, como aos mais sábios, a fim de que ninguém seja deserdado. […]. ([55])

Será que as milhares de vozes se fizeram ouvir simultaneamente, ou podemos entender como ocorrido em um período curto de tempo? Se aqui é

preciso levantar em conta o simbolismo, por que a expressão “*ao mesmo tempo*” deverá ser tomada literalmente?

Na ***Revista Espírita 1865***, mês de maio, foi publicado o artigo “Manifestação do espírito dos animais”, após relatado o caso, um Espírito se manifesta, sobre o teor da mensagem Allan Kardec, em nota, disse:

> Estas últimas reflexões do Espírito foram motivadas pela citação feita na sessão de pessoas que tinham pretendido ter recebido comunicações de diversos animais. Como explicação do fato precitado, sua teoria é racional e concorda, pelo fundo, com a que prevalece hoje **nas instruções dadas na maioria dos centros**. **Quando tivermos reunido todos os documentos suficientes, nós os resumiremos em um corpo de doutrina metódico, que será submetido ao controle universal**; até lá não são senão balizas colocadas sobre o caminho para clareá-lo. ([56])

Do artigo “As mulheres têm alma?”, publicado na ***Revista Espírita 1866***, mês de janeiro, destacamos:

> [...] Estava reservado ao Espiritismo resolver a questão, não mais pelo raciocínio mas pelos fatos, seja pelas revelações de além-túmulo, seja pelo estudo que ele é capaz de fazer diariamente sobre o estado das almas depois da morte. E, coisa capital, esses estudos não são o fato nem de um único homem, nem das revelações de um único Espírito, mas o **produto de inumeráveis observações idênticas feitas diariamente por milhares de indivíduos, em todos os países, e que receberam a sanção poderosa do controle universal**, sobre o qual se apoiam todas as doutrinas da ciência espírita. Ora, eis o que resulta dessas observações. ([57])

Na ***Revista Espírita 1866,*** mês de junho, foi publicado o artigo “Os Evangelhos explicados”, obra de autoria de Jean-Baptiste Roustaing (1805-1879), sobre a qual Allan Kardec comenta:

> O autor dessa nova obra acreditou dever seguir um outro caminho; em lugar de proceder por graduação, quis alcançar o objetivo de um golpe. Tratou, por certas questões que não julgamos oportuno abordar ainda, e das quais, consequentemente lhe deixamos a responsabilidade, assim como aos Espíritos

> que os comentaram. Consequente com o nosso princípio, que consiste em regular a nossa caminhada sobre o desenvolvimento da opinião, não daremos, até nova ordem, às suas teorias, nem aprovação, nem desaprovação, deixando ao tempo o cuidado de sancioná-las ou de contradizê-las. Convém, pois, considerar **essas explicações como opiniões pessoais aos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas, e que, em todos os casos, têm necessidade da sanção do controle universal,** e até mais ampla confirmação não poderiam ser consideradas como partes integrantes da Doutrina Espírita. ([58])

No artigo “Extrato dos manuscritos de um jovem médium bretão – Os alucinados, os inspirados, os fluídicos e os sonâmbulos (Segundo artigo)”, publicado na ***Revista Espírita 1869***, mês de julho, lemos:

> Nossos leitores se lembram, sem dúvida, ter lido no número da *Revista* de fevereiro de 1868, a primeira parte deste estudo interessante em mais de um ponto de vista. Publicamos hoje a sua continuação, deixando ao Espírito que a inspirou toda a

> responsabilidade de suas opiniões, e nos reservando analisá-las um pouco mais tarde.
>
> Entregamos esses documentos ao exame de todos os espíritas sérios, e **seremos reconhecidos àqueles que quiserem nos transmitir sua apreciação, ou as instruções das quais poderão ser objetos da parte dos Espíritos**. A *Revista Espírita* é, antes de tudo, um jornal de estudo, e, a este título, ela se apressa em recolher todos os elementos de natureza a esclarecer a marcha de nossos trabalhos, **deixando ao controle universal, apoiado sobre os conhecimentos adquiridos o cuidado de julgá-los em última instância**. ([59])

O que temos em comum nessas quatro últimas transcrições é o fato de o controle universal ser feito *a posteriori.* Assim, entendemos que, na verdade, as instruções dos Espíritos não tenham que ser enviadas "*ao mesmo tempo*", ou seja, "*simultaneamente*".

Acreditamos que isso seja extremamente fácil de comprovar, basta observar que as mensagens registradas nas obras da Codificação não contêm a

hora em que foram psicografadas, algumas nem mesmo consta o dia em que foram psicografadas.

Aliado a isso, não vimos Allan Kardec instruindo às comunidades espíritas para que nas mensagens recebidas, em seu meio, constassem o dia e hora da comunicação. Ora, sem esses dois dados, especialmente o da hora exata, não há como comprovar a simultaneidade.

Na ***Revista Espírita 1858***, mês de setembro, no artigo “Propagação do Espiritismo”, encontramos a seguinte frase de Allan Kardec, que, talvez, possa ser aplicada ao caso:

> **Nenhuma ideia nova, por mais certa e bela que seja, se implanta instantaneamente no espírito das massas**; e aquela que não encontrasse oposições seria um fenômeno insólito. ([60])

Assim, é fácil compreender que surgirão resistências, especialmente, da parte das pessoas que se comportam como os dogmáticos, às vezes sem se darem conta disso.

No artigo “O tambor de Bérésina”, publicado no mês de julho na ***Revista Espírita 1858***, após a questão 69, há uma nota do Codificador que vale a pena ser mencionada:

> **Esse Espírito, como se vê, é pouco avançado na hierarquia espírita**: ele mesmo reconhece sua inferioridade. Seus conhecimentos são limitados; mas há nele bom senso, sentimentos honoráveis e benevolência. Sua missão, como Espírito, é bastante ínfima, [...] **Suas respostas têm a simplicidade da ignorância; mas,** por não terem a elevação da linguagem filosófica dos Espíritos superiores, **não são menos instrutivas como estudo dos costumes espíritas,** se assim podemos nos exprimir. **É somente estudando todas as classes desse mundo que nos espera, que se pode chegar a conhecê-lo**, e, de algum modo, nele marcar antecipadamente o lugar que cada um de nós pode aí ocupar. Vendo a situação que se prepararam, por seus vícios e suas virtudes, os homens que foram nossos iguais nesse mundo, é um encorajamento para nos elevar, o mais possível, desde este: é o exemplo ao lado do preceito. **Não é demasiado repetir que para bem conhecer uma coisa, e dela se fazer uma ideia isenta de ilusões, é preciso**

> **vê-la sob todas as suas faces**, do mesmo modo que o botânico não pode conhecer o reino vegetal senão observando desde o modesto criptógamo escondido sob o musgo, até o carvalho que se eleva nos ares. ([61])

Portanto, temos a afirmação do próprio Codificador de que, na elaboração da Codificação Espírita, ele também contou com informações de Espíritos "*pouco avançados na escala espírita*".

Neste trecho "*É somente estudando todas as classes desse mundo que nos espera, que se pode chegar a conhecê-lo, e, de algum modo, nele marcar antecipadamente o lugar que cada um de nós pode aí ocupar*", há clara referência a lugar no mundo que nos espera, assim, como fica a questão de "*não há lugares circunscritos*" mil vezes utilizada para refutar a existência de construções no mundo dos Espíritos?

Transcrevemos o seguinte parágrafo do artigo "Balthazar ou o Espírito gastrônomo", publicado na ***Revista Espírita 1860,*** mês de novembro:

> **Certas pessoas creem que nada se pode aprender senão com o Espírito**

> **dos grandes homens: é um erro.** Sem dúvida, só os Espíritos de elite podem nos dar lições de alta filosofia teórica, mas o que não nos importa menos é o conhecimento do estado real do mundo invisível. **Pelo estudo de certos Espíritos, conhecemos de alguma sorte a natureza sobre o fato;** é vendo as feridas que se pode encontrar o meio de curá-las. Como nos daríamos conta das penas e dos sofrimentos da vida futura, se não víssemos Espíritos infelizes? Por eles compreendemos que se pode sofrer muito sem estar no fogo e nas torturas materiais do inferno, e esta convicção, que **o espetáculo da baixa população da vida espírita dá, não é uma das causas que menos contribuíram para reunir os partidários da doutrina.** ([62])

Aliás, certamente que não se conhece como vive a população de determinada localidade, ouvindo apenas os que se encontram no topo da pirâmide social/econômica.

Dois pontos importantes é preciso destacarmos:

1º) os Espíritos errantes não ficam vagando pelo espaço, “voando” de um lugar a outro, como

nos parece supor alguns confrades:

Do artigo “Onde está o céu?” ([63]), publicado na ***Revista Espírita 1865***, mês de março, transcrevemos:

> Se bem que os Espíritos estejam por toda a parte, **os mundos são os lares onde se reúnem de preferência, em razão da analogia que existe entre eles e aqueles que os habitam**. Ao redor dos mundos avançados são muitos os Espíritos superiores; **ao redor dos mundos atrasados pululam os Espíritos inferiores**. A Terra é ainda um destes últimos. **Cada globo tem, pois, de alguma sorte, a sua população própria em Espíritos encarnados e desencarnados**, que se alimenta, em maior parte, pela encarnação e desencarnação dos mesmos Espíritos. [...]. ([64])

Entendemos, que os Espíritos errantes, que não possuem evolução moral para poder reencarnar em outro planeta, ficam como que “imantados ao redor da Terra”, e, possivelmente, em faixa vibratória que lhe é compatível. Às vezes essa é designada de “esfera espiritual”.

2º) que “*semelhante atrai semelhante*” ([65]):

De ***O Livro dos Espíritos***, vamos destacar o seguinte trecho da resposta à questão 278, que será mais à frente transcrita na totalidade:

> “[...] Eles [os Espíritos errantes] se evitam ou se aproximam, segundo a analogia ou a antipatia de seus sentimentos, tal como acontece entre vós. ***É todo um mundo, do qual o vosso é pálido reflexo*****. Os da mesma categoria se reúnem por uma espécie de afinidade e** formam grupos ou famílias de Espíritos, **unidos pelos laços da simpatia e pelos fins a que visam**: os bons, pelo desejo de fazerem o bem; os maus, pelo desejo de fazerem o mal, pela vergonha de suas faltas **e pela necessidade de se acharem entre seres semelhantes a eles**.” ([66]) (itálico do original)

As colônias espirituais não seriam uma criação de Espíritos bons que visam ajudar os retardatários, utilizando-se, objetivamente, da matéria própria do mundo espiritual, ainda que seja invisível e impalpável para nós? Esses retardatários, agrupados por nível vibracional (em esferas), em obediência à

lei pela qual "*semelhante atrai semelhante*" ([67]), são o alvo dos Espíritos bons.

No capítulo "A história de Swedenborg" de ***História do Espiritismo*** (1926), destacamos a seguinte informação de Arthur Conan Doyle (1859-1930) a respeito desse médium:

> Verificou que **o outro mundo**, para onde vamos após a morte, **consiste de várias esferas**, representando outros tantos graus de luminosidade e de felicidade; **cada um de nós irá para aquela a que se adapta a nossa condição espiritual**. Somos julgados automaticamente, por uma lei espiritual das similitudes; o resultado é determinado pelo resultado global de nossa vida, de modo que a absolvição ou o arrependimento no leito de morte têm pouco proveito. **Nessas esferas verificou que o cenário e as condições deste mundo eram reproduzidas fielmente, do mesmo modo que a estrutura da sociedade.** Viu casas onde viviam famílias, templos onde praticavam o culto, auditórios onde se reuniam para fins sociais, palácios onde deviam morar os chefes. ([68])

Várias outras obras, como veremos, também

citam a existência de esferas espirituais ou vibracionais. Como a citação do nome de Emanuel Swedenborg (1688-1772) causa espécie a alguns confrades, mais à frente falaremos um pouco sobre ele.

Do capítulo “A Vida futura” de ***A Nova Revelação*** (1916), também de autoria de Arthur Conan Doyle, destacamos os seguintes trechos:

> **Em muitos países e em épocas diversas, numerosas mensagens** se têm recebido dos mortos, as quais contêm, **com referência a este mundo, grande cópia de informes cuja exatidão se verificou**. Assim sendo, parece-me razoável se considere também como verdade o que, de tais mensagens, escape à nossa verificação. **Demais, deparando-se-nos uma uniformidade realmente notável entre essas mensagens e não menor concordância nas particularidades que encerram e que de nenhum modo correspondem a qualquer ordem de ideias preexistentes, julgo que com muita firmeza se pode presumir da veracidade delas**. Custa-me a crer que sejam falsas vinte ou trinta comunicações, recebidas de várias origens e acerca das quais possuo notas por mim mesmo

tomadas, concordantes todas, nem vejo como possa supor que os espíritos falem verdade quando tratam do nosso mundo e mintam quando se referem ao em que se acham. ([69])

Postas de parte essas esferas de provações, **que antes deveriam talvez ser tidas como hospitais para almas fracas, do que como penitenciárias, as comunicações que nos vêm do outro mundo são acordes em declarar agradáveis as condições da vida no Além**. **Dizem elas que os que se assemelham se atraem reciprocamente**, que os que se amam ou têm interesses comuns se reúnem, que **a existência lá é cheia de atrações e ocupações** e que nenhum deles desejaria de modo algum voltar à Terra. Todas essas notícias são efetivamente de molde a nos proporcionarem grande alegria e repito que não dão motivo para uma fé ou uma esperança vagas, que, ao contrário, são amparadas por todas as leis da evidência, leis segundo as quais, sempre que muitas testemunhas, sem ligação alguma entre si, fazem depoimentos similares, justo é se considere como verdadeiro o que dizem. ([70])

Todos os espíritos que no-las fornecem concordam em que **a vida no invisível é de duração limitada**, que em seguida eles passam a outras fases, entre as quais

aparentemente há mais comunicação do que entre nós e o mundo espiritual. **Os que estão nos planos inferiores não podem ascender aos planos superiores**, mas os que nestes se acham podem baixar livremente ao meio daqueles.

Lá, a vida apresenta estreita analogia com a deste mundo, no que esta tem de superior. Entretanto, ao passo que esta é corporal, **aquela e eminentemente uma vida mental,** isenta, por conseguinte, das preocupações de alimentação, de dinheiro, de luxúria, de sofrimento, etc., etc., **votada sobretudo ao cultivo das artes, da música, de todos os conhecimentos intelectuais e espirituais e a todos os progressos**. Os seres vivem vestidos, como era de esperar, porquanto nenhuma razão há para que renunciem à decência sob as novas formas que tomam. **Estas novas formas são a reprodução fiel das humanas, mas aperfeiçoadas**, envelhecendo os jovens e remoçando os velhos, quanto seja necessário a que todos venham a ficar num meio-termo normal.

Vivem em comunidades, como fora de supor, desde que **entre os que se assemelham há atração**. [...]. ([71])

Tais são, grosseiramente traçadas, as linhas gerais da vida no Além, na sua mais simples expressão. Dizemos na sua mais

simples expressão porque nem tudo nela é simples. **Infinitos círculos inferiores se sucedem até às trevas, como infinitos outros se escalonam até à glória,** todos progressivos, todos obedecendo a uma destinação, **todos cheios de vida ativa, dos quais mal nos chegam pálidos vislumbres**. ([72])

Uma coisa é positiva: **há no Além inteligências elevadas, para as quais é de manejo corrente a química sintética, que não só elabora a substância como também modela as formas**. Temo-las visto operar nas sessões, de maneira perceptível aos nossos sentidos materiais, servindo-se dos mais vulgares médiuns. Se podem executar simulacros em uma sessão na Terra, que **não devemos esperar que façam quando trabalham com objetos etéreos, nesse éter que é o meio próprio deles!**

De um modo geral se pode dizer que têm a possibilidade de fazer alguma coisa de análogo a tudo quanto existe na Terra. De que jeito chegam a fazê-lo pode bem não passar de conjetura e especulação para os espíritos menos adiantados, como os fenômenos da ciência moderna o são para nós. Se um de nós fosse de súbito chamado por um habitante de qualquer mundo subumano para explicar com exatidão o que vem a ser a gravidade,

> ou o magnetismo, como se veria desamparado! ([73])
>
> **Muitos há que protestam porque o outro mundo, conforme de lá no-lo descrevem, é demasiado material para o gosto deles.** Não era assim que o desejavam. Seja! **Há neste mundo muitas coisas que parecem discordantes dos nossos desejos, mas que nem por isso deixam de existir**. Quando nos dispomos a examinar essa pecha de materialismo e tentamos erigir um sistema qualquer que satisfaça aos idealistas, vemos que a tarefa se apresenta dificílima. **Deveríamos talvez tornar-nos meras paveias de gasosa felicidade a flutuarem no ar. Parece que esta é a ideia de tais críticos**. ([74])

Percebe-se que as pesquisas realizadas por Arthur Conan Doyle levaram-no a uma convicção inabalável, bem diferente da atitude daqueles que nada pesquisaram, e, ainda assim, negam sistematicamente tudo.

Será que para manter a nossa maneira de pensar devemos negar o testemunho de pessoas dignas de confiança? No livro ***Entrevistas – Francisco Cândido Xavier/Emmanuel*** (1972),

destacamos da entrevista intitulada “Assuntos Humanos” que o médium Chico Xavier (1910-2002) concedeu ao repórter Saulo Gomes da TV Tupi, canal 4, de São Paulo, em 6 de maio de 1968, gravada na Comunhão Espírita Cristã, em Uberaba (MG), o seguinte trecho que relata esse episódio:

> 9 – A CIDADE “NOSSO LAR”
>
> P – O Espírito de André Luiz descreveu experiência de sua vida na condição de desencarnado, numa cidade espiritual em seu livro, exatamente este que aqui está, traduzido para o japonês (“Nosso Lar”). **Como médium o senhor pode atestar cidades como esta, fora do plano terrestre?**
>
> R – Eu não posso transferir a minha certeza àqueles que me ouvem, mas posso dizer que, em 1943, quando o espírito de André Luiz começou a escrever por nosso intermédio senti grande estranheza com o que ele ditava e escrevia.
>
> **Certa noite**, tomadas as providências necessárias, segundo a orientação de **Emmanuel, ele próprio e André Luiz me levaram a determinada parte, a determinado bairro da cidade de “Nosso Lar”**. Posso dizer que fui em desdobramento espiritual na chamada zona

> hospitalar da cidade. Foi para mim uma excursão espiritual inesquecível, como desfrutasse os favores de um espírito liberto.
>
> Mas, eu preciso explicar aos telespectadores que fui em função de serviço, naturalmente, assim como um animal – no tempo em que não tínhamos automóvel, locomotiva e avião – um animal que servia a professores para determinados tipos de viagem.
>
> **Vi muita coisa maravilhosa sem compreender tudo** ou entender muito pouco, porque fui em função de serviço, não por mérito. ([75])

Aqui temos um testemunho pessoal do médium Chico Xavier que diz ter visitado a colônia Nosso Lar, a negação de sua existência faz com que ele seja tomado como um mentiroso, falha de caráter que não tivemos notícia de ser característica de sua personalidade quando vivo entre nós.

Visando corroborar isso, também trazemos um trecho do vídeo postado no *Youtube* na página ***TV Nova Luz***, que trata do depoimento de Arnaldo Rocha (1922-2012), feito em entrevista a Yasmim Madeira no programa *Despertar Espírita*, em 04 de

abril de 2010, temos a certa altura do diálogo:

> Arnaldo: [...] Chegando em casa, a Luísa, a minha cunhada, ficou toda alegre, começou a conversar com Chico, ligou para outros dois Irmãos, o Antônio e o Orlando, e eles foram para lá e fizeram uma reunião. Assentei, fizeram a prece, olho para o Chico, ele era novo, devia ter o quê, em 44 ele devia tá com 34, é 34 anos, em 46 é... 36 anos. Rostinho lindo, bonitinho, eu olhei para ele... parece que tem uma máscara de mulher nessa cara e ela começou a falar. Gente, isso é Meimei, perdi as estribeiras e gritei. A Luíza, minha cunhada, fala: "Arnaldo fica quieto, perturba não."
>
> Aí Meimei começou a conversar, foi contando sobre a nossa vida, como ela foi recebida no plano espiritual, o carinho com que ela foi recebida e que "eu sou tratada aqui como uma princesa." Eu havia começado a ler, uns dois ou três dias antes, o ***Nosso Lar***. Eu perguntei: **Oi, Meimei, essa história de *Nosso Lar* é verdade? Ela falou: "Eu já fui lá passear duas vezes**, mas eu estou morando numa outra colônia" e **foi contando para nós...**
>
> Yasmim: *Nosso Lar*, uma colônia espiritual.
>
> Arnaldo: É. Então ela estava em uma outra colônia, não em Nosso Lar. Falou, que

> eu não me lembro como, o nome. A emoção era grande. [...]. ([76])

Portanto, temos aqui a afirmação do Espírito Meimei sobre a realidade da colônia Nosso Lar.

Em ***Materializações Luminosas: Leis Cósmicas em Ação***, Dante Labbate (1928-2006), que, a partir de 25/09/1949, participou das reuniões de materializações ocorridas no Grupo da Fraternidade Irmã Scheilla, em Belo Horizonte (MG), relata o seguinte episódio:

> A primeira entidade a se apresentar foi **José Grosso,** seguido por Maria Alice. Ambos se revezavam na sala por diversas vezes. José Grosso mantinha longa conversação, principalmente com Chico Xavier e seus companheiros. Contou-lhes diversas anedotas fraternas e **deu-lhes informações sobre a colônia Nosso Lar**. Revelou-nos, entre outras curiosidades, a existência de uma única porta de entrada, dotada de aparelho que acusa, para o interior da colônia, a disposição íntima dos espíritos que dela se aproximam. ([77])

Destaca-se que essas informações foram transmitidas pelo próprio José Grosso, porquanto foi como Espírito materializado que revelou detalhes sobre a colônia Nosso Lar.

No artigo ***"Colônias Espirituais: Análise Doutrinária"***, o autor Ricardo dos Santos Malta, explica o que são elas:

> Mas, afinal, o que é uma colônia espiritual? Seria uma região circunscrita semelhante ao céu teológico? É o que iremos analisar adiante.
>
> Ora, sabemos que não existem locais determinados e circunscritos no plano espiritual. Todavia, não há como negar que **os Espíritos se reúnem por simpatia,** isto é, que os desencarnados se agrupam na dimensão espiritual pela lei de afinidade. **Por óbvio, essa reunião poderá moldar um ambiente de harmonia ou de perturbação, de acordo com o psiquismo dos seus habitantes**.
>
> Pode-se afirmar com segurança que no "mundo dos Espíritos também há uma sociedade boa e uma sociedade má; dignem-se, os que daquele modo se pronunciam, de estudar o que se passa entre os Espíritos de escol e se convencerão de que a cidade celeste não contém apenas

a escória popular" (*O Livro dos Espíritos*. Introdução. Item X).

Uma Colônia espiritual nada mais é do que uma cidade fluídica, criada pelo próprio psiquismo dos Espíritos, que se reúnem em grupos, por afinidade, constituindo "um mundo do qual o vosso dá uma vaga ideia" (*LE*. Q. 278), ou, nas palavras do ilustre Léon Denis: "Espíritos similares se agrupam e constituem verdadeiras sociedades do invisível." ([78]) ([79])

Um ponto importante a acrescentar é que tais construções fluídicas são provisórias, portanto elas nada têm a ver com o "céu", cuja crença é incompatível com o saber espírita.

Tratam-se de algo temporário que deixará de existir assim que a evolução moral dos Espíritos venha posicioná-los em um grau evolutivo mais elevado, prescindindo, dessa forma, de serem orientados sobre a situação do mundo espiritual.

Por outro lado, não são todos os Espíritos que passam por uma colônia, mas somente aqueles que não possuem evolução espiritual para se vincular a uma esfera vibracional mais elevada.

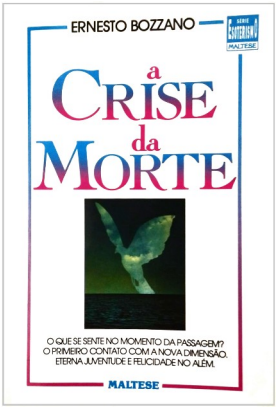
Na obra *Nosso Lar* vamos encontrar várias referências de que essa colônia é "*uma zona de transição*" ([80]).

No Capítulo VI – André Luiz, da obra ***Chico Xavier, o Homem e o Médium***, a certa altura, o biógrafo Mickaël Ponsardin esclarece a respeito da colônia Nosso Lar:

> [...] **Trata-se de colônia situada nas esferas espirituais vizinhas da Terra.** Com um milhão de habitantes, essa **verdadeira cidade do Além** foi fundada por colonos portugueses que desencarnaram no século XVI, no Brasil. ***Nosso lar* não é uma morada de espíritos bem-aventurados, mas zona de transição em que se acham espíritos que trabalham para a sua melhoria moral e para bem-estar do próximo**. Tais locais se fazem necessários, visto que o homem não se transforma miraculosamente em anjo quando se separa do corpo, mostrando-se, logo após a morte, tal qual era antes. [...]. ([81]) (itálico do original)

Mickaël Ponsardin, residente em Lyon, espírita desde a adolescência, é também autor de *Lyon et le Spiritisme*. O fato que julgamos muito curioso é que

temos um espírita francês, ou seja, alguém fora do movimento espírita brasileiro, que não julgou ser nada estranho a existência de colônias no mundo espiritual.



Veremos também essa ideia na obra *A Crise da Morte* (1930), autoria do notável pesquisador espírita italiano Ernesto Bozzano, professor de **filosofia da ciência** na Universidade de Turim ([82]), que, por julgarmos não ser o momento oportuno, optamos em citá-las mais à frente.

Mas, é preciso esclarecer, algo importante que descobrimos sobre ela. Nas edições publicadas pela FEB – Federação Espírita Brasileira, são citados apenas **dezessete casos**, embora na obra original ([83]), em italiano, são relatados **trinta casos**, mesma quantidade encontraremos nessa edição da Maltese. Sinceramente, não temos a menor ideia do motivo pelo qual a FEB excluiu treze casos.

Há uma particularidade na maneira de trabalhar de Allan Kardec que poucos estudiosos espíritas perceberam. Dos volumes da ***Revista Espírita***, destacamos estes cinco registros com suas falas:

> "[...] devemos nos render à evidência **dos fatos**. [...]." ([84])

> "[...] não adoto uma ideia senão se ela me parece racional, lógica e está de acordo com **os fatos** e as observações, se nada sério vem contradizê-la. [...]." ([85])

> [...] contra **os fatos**, é preciso, necessariamente, abaixar as armas. ([86])

> [...] Contra **os fatos** não há nem oposição nem negação que possam prevalecer. [...]. ([87])

> [...] **Os fatos** são argumentos sem réplicas, dos quais é preciso cedo ou tarde aceitar as consequências quando são constatados. **Foi este princípio que serviu de base à Doutrina Espírita, e é o que nos leva a dizer que é uma ciência de observação**. ([88])

É até óbvio por demais que, para elaboração dos princípios doutrinários, Allan Kardec sempre teve como base **os fatos**, inclusive diante deles alterou revelação dos Espíritos, que anteriormente lhe fora passada, algo que arriscamos em dizer que é desconhecido no movimento espírita brasileiro, pois, infelizmente, está mais voltado para estudos de superfície.

Em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns*, vamos perceber que a posição dos Espíritos superiores, com a qual Allan Kardec concorda, era a de que, na verdade, não havia possessão, ou seja, um desencarnado jamais tomaria posse do corpo físico do encarnado. ([89])

Dois fatos se apresentaram que levaram o Codificador a mudar seu pensamento e consequentemente o que os Espíritos lhe haviam revelado. São eles:

1º) Os possessos de Morzine; e

2º) O caso da Srta. Julie. O primeiro a partir do início do ano de 1862, o segundo, pelo final de 1863.

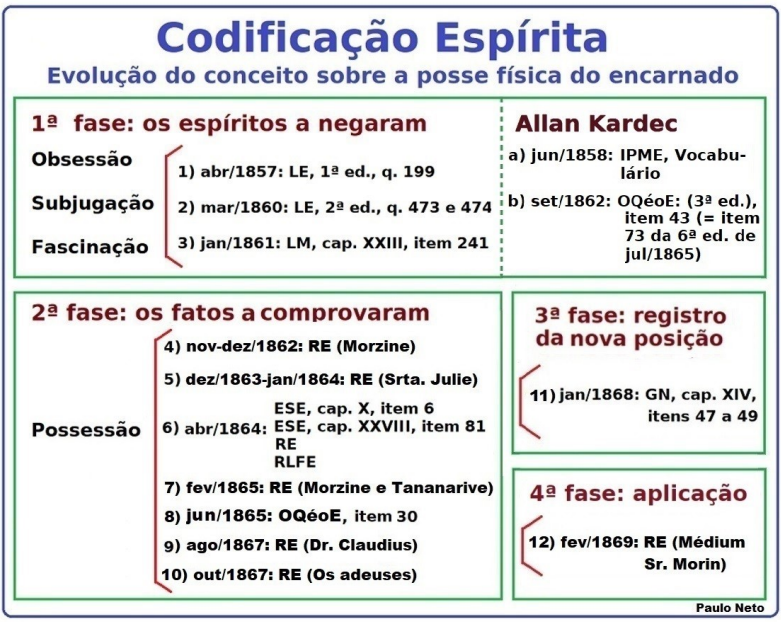
Portando, como está demonstrado, Allan Kardec sempre se prendia “aos fatos” e é o que nós os espíritas da atualidade também deveríamos fazer, mas, infelizmente, preferimos nos apoiar em opiniões de confrades, que, a olhos vistos, agem por dogmatismo.

Em nossa opinião, por ser professor de filosofia da ciência, esse foi o método de Ernesto Bozzano em relação ao que publicou em *A Crise da Morte*. Acreditamos que, quando citarmos vários casos registrados nela, qualquer um poderá ver que ele cumpriu isso à risca, ou seja, os fatos como base de sua pesquisa.

Em nosso artigo “***Mudanças de posição após publicação da 1ª edição de O Livro dos Espíritos***”, já mencionado, também foi citada essa questão da possessão.

Recomendamos aos nossos leitores a pesquisa que publicamos no ebook ***Possessão: Espíritos possuindo fisicamente os encarnados***, que está disponível gratuitamente em nosso site: https://paulosnetos.net ([90]).

Desse ebook, cujo teor tem como fonte as obras de Allan Kardec, bem como opiniões de alguns de autores espíritas clássicos e da atualidade, traremos para a presente pesquisa apenas o seguinte quadro no qual resumimos a evolução do conceito:



Resta-nos apresentar mais um ponto que foi mencionado em nosso livro ***As Colônias Espirituais e a Codificação*** que expõe a nossa total ignorância quanto a qualquer realidade criada pelas leis divinas

que regem o Universo. Trata-se de informações na *Revista Espírita* relacionada ao planeta Júpiter, a respeito de seus habitantes, dos animais e de algumas construções. Não podemos deixar de mencionar que Allan Kardec deixou claro que elas vieram de várias fontes ([91]).

Poderiam nos perguntar: "*Mas e daí?*" A resposta é bem simples: A ciência humana afirma que Júpiter é um planeta gasoso que não tem superfície ([92]), ora, com tal constituição "física", como poderemos explicar tudo quanto foi informado desse planeta – incluindo a casa de Mozart –, se não temos conhecimento científico para nos apoiar?

Vemos que isso é uma contradição dos negadores das construções no mundo espiritual, pois jamais os vimos questionar a respeito de tudo que nos foi passado sobre Júpiter. Informações que, segundo o Codificador, passaram pelo Controle Universal.

Quando nos tornamos divulgadores de inverdades

Julgamos haver pelo menos dois motivos que nos faz divulgadores de inverdades:

1º) Preconceito, que nos leva a não abrirmos mão de nossas ideias, ainda que equivocadas;

2º) Falta de aprofundamento doutrinário no tema que nos propomos a defender.

Vamos dar três exemplos que coisas que divulgamos como verdadeiras, por conta de um ou ambos motivos.

1º) Não raras vezes, afirmamos que Léon Denis, teria dito: "*A alma dorme na pedra, sonha no vegetal, agita-se no animal e acorda no homem*.", entretanto, ao buscarmos a fonte, veremos que o que ele disse foi: "*Na planta, a inteligência dormita; no animal, sonha; só no homem acorda.*" ([93]). Recomendamos nossa pesquisa "***A Alma Dorme no Mineral***", que poderá ser baixado em nosso site ([94]).

2º) Em várias oportunidades repetidos que Allan Kardec teria dito "*Nascer, crescer, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a lei*". Que o teor dela representa o pensamento do Codificador é ponto pacífico, entretanto, ele não é o autor dessa frase. No ebook "***Frase atribuída a Allan Kardec***" ([95]), nós registramos o resultado de nossa pesquisa sobre essa questão.

3º) Allan Kardec não era médium, não cansamos de afirmar isso. Se nessa frase acrescentássemos o vocábulo "ostensivo", ou seja, "Allan Kardec não era médium ostensivo", estaria correto. As dúvidas quanto a isso poderão ser sanadas em nosso ebook "***Allan Kardec, Sua Mediunidade e Fenômenos que Protagonizou***" ([96]).

A questão da possessão também poderia muito bem ser inserida como exemplo, pois no meio espírita é comum dizermos que não há posse física de um encarnado, citando como base *O Livro dos Espíritos* e *O Livros dos Médiuns*, sem levarmos em conta que os fatos fizeram Allan Kardec mudar de opinião, conforme registrado em *A Gênese*.

Há mais um ponto que gostaríamos de acrescentar. De ***O Livro dos Médiuns***, capítulo “II – O maravilhoso e o sobrenatural”, da Primeira Parte, vamos destacar o seguinte item:

> 12. Em lógica elementar, **para se discutir uma coisa é preciso conhecê-la**, porquanto a opinião de um crítico só tem valor quando ele fala com perfeito conhecimento de causa. Só então a sua opinião, ainda que errônea, poderá ser tomada em consideração. Mas que peso terá quando ele tratar de matéria que não conhece? **A verdadeira crítica deve dar provas, não só de erudição, mas também de profundo conhecimento do objeto tratado, de isenção no julgamento e de imparcialidade a toda prova**. **A não ser assim, qualquer músico de feira poderá arrogar-se o direito de julgar Rossini e um aprendiz de pintor o de censurar Rafael**. ([97])

Pois é, diante de orientação tão clara quanto essa, ainda nos aparecem os críticos que apenas falam de “achismo”, sem qualquer aprofundamento no tema que se põem a criticar.

Destaques do movimento espírita opinam

Vejamos, por oportuno, em ***O Mistério do Bem e do Mal*** (1989), especificamente no capítulo 26 – Descrições da vida espiritual nas zonas inferiores do espaço, o que o jornalista José Herculano Pires vem nos esclarecer:

> *Regiões em que os espíritos continuam apegados às formas da vida material – "Ação e Reação", de André Luiz, uma contribuição dos espíritos para as comemorações do centenário*.
>
> O primeiro centenário do Espiritismo teve, também as suas comemorações no outro lado da vida. Não foi apenas em nosso plano material, neste reverso da vida em que nos arrastamos, apegados à densidade da matéria grosseira, que o grande acontecimento despertou entusiasmos. Embora o advento do Espiritismo nos pareça um fato específico do nosso mundo, pois a doutrina veio para orientar os homens encarnados, a verdade é que esse fato se refere também aos planos espirituais. E o que é mais importante: esse fato tem tanta

significação para nós, quanto para os Espíritos.

Todos os que militam no movimento espírita sabem que os Espíritos participam ativamente dos trabalhos doutrinários. Nada mais natural, portanto, do que a sua intensiva participação nas comemorações do centenário. Uma prova concreta dessa participação acaba de ser dada pela publicação de mais um livro psicografado por Francisco Cândido Xavier, livro que traz no prefácio de Emmanuel, as seguintes frases: “Um século de trabalho, de renovação e de luz. Para contribuir nas homenagens ao memorável acontecimento, grafou, André Luiz, as páginas deste livro”.

Como se vê, **“Ação e Reação”, novo livro de André Luiz, que a Federação Espírita Brasileira acaba de publicar, é uma contribuição espiritual para as comemorações do centenário. E que excelente contribuição!** O título é suficiente para indicar o conteúdo. André Luiz faz uma ampla exposição do problema de ação e reação, através de exemplos colhidos diretamente nas zonas sombrias em que vivem os espíritos sofredores.

Os livros de André Luiz, que já constituem volumosa coleção, valem por um verdadeiro trabalho de ilustração dos princípios espíritas, por meio de relatos de episódios vividos nos planos espirituais. **Em *Nosso Lar,***

primeiro volume da série, temos a descrição pormenorizada de uma cidade espiritual, destinada à preparação das criaturas para a espiritualidade superior. **Em *Os Mensageiros*, a descrição dantesca das zonas de sofrimento, regiões purgatoriais ou infernais** – como queiram –, em que se arrastam as almas dos que não souberam compreender as oportunidades da encarnação terrena. Mensageiros são os Espíritos superiores, que descem às zonas sombrias ou à própria face da terra para trazerem socorro às criaturas entregues ao desespero, à angústia, ao remorso e a todas as formas de sofrimento espiritual.

> **Em "Ação e Reação" os fatos se passam, também, numa zona espiritual densamente carregada de influências materiais**. Em meio a uma região aparentemente abandonada, em que as "almas brutas e bravas", a que se refere Dante, rugem, choram, esbravejam e gemem, perdidas nas sombras e resgatadas pela ventania de suas próprias iniquidades, ergue-se um conjunto arquitetônico que oferece asilo, conforto e cura aos que se puseram em condições de ser socorridos, ou seja, aos Espíritos que começaram a se arrepender de seus erros.
>
> "O estabelecimento – diz André Luiz – situado nas regiões inferiores, era bem uma espécie de Mosteiro São Bernardo, em zona castigada por natureza hostil, com a diferença de que a neve, quase constante

em torno do célebre convento encravado nos desfiladeiros, entre a Suíça e a Itália, era ali substituída pela sombra espessa, que, naquela hora, se adensava ao redor da instituição, como se tocada por ventania incessante.”

Para os que não conhecem os princípios da Doutrina Espírita e não estão familiarizados com descrições das zonas espirituais mais próximas da crosta terrestre, tudo isso pode parecer ilusório, imaginário, pouco provável. **Mas os que sabem que os Espíritos não são mais do que homens desencarnados e que, como os homens terrenos, vivem a sua vida, executam os seus trabalhos e realizam as suas construções, compreendem bem as descrições de André Luiz**.

Há quem não admita a existência de coisas tão concretas no plano espiritual. André Luiz se refere, porém, às zonas inferiores, aquelas em que os Espíritos, ainda demasiado apegados às formas da vida material, não conseguiram “libertar-se em espírito”. **É edificante ver, em “Ação e Reação”, como os Espíritos Superiores trabalham nessas regiões, prestando sua assistência caridosa aos irmãos que se transviaram nas sendas egoístas da vida terrena**. ([98])

O que vemos aqui é que Herculano Pires, destacado estudioso da Doutrina dos Espíritos, sancionou as informações a respeito das colônias espirituais e do umbral, contidas nas obras da coleção André Luiz, por achá-las lógicas, deixando em aberto a questão dos detalhes particulares ditos pelo autor.

Em várias outras obras também encontraremos alguma coisa, conforme registramos no artigo ***Herculano Pires e as obras de André Luiz***, disponível em nosso site: https://paulosnetos.net ([99]).



Especificamente quanto ao tema umbral, sugerimos a todos os interessados a leitura do resultado de nossa pesquisa publicada no ebook ***Umbral: há base doutrinária para sustentá-lo?***([100]).

Outro estudioso e pesquisador que não podemos deixar de citar é o italiano Ernesto Bozzano, embora seja um ilustre desconhecido entre os espíritas. De ***A Crise da Morte*** (1930),

transcrevemos trechos de alguns casos e também de comentários do autor, para que você, caro leitor, possa mensurar a real importância de sua pesquisa. Na Introdução, Ernesto Bozzano explica o seu método de trabalho:

> Conforme já tive oportunidade de declarar repetidas vezes, **há alguns anos venho me dedicando à investigação das principais coletâneas de "revelações transcendentais", aplicando a estas os procedimentos científicos da análise comparada e da convergência das provas**, e obtendo assim resultados não apenas inesperados, como também muito importantes. **De fato, das investigações empreendidas surge a prova de que as abundantes informações conseguidas mediunicamente a respeito do ambiente e da existência espirituais concordam admiravelmente entre si, no que se refere às informações de ordem geral**. Estas são também as únicas que se exigem a fim de se concluir a favor da gênese extrínseca das revelações em questão, pois as aparentes divergências de ordem secundária que se encontram nas próprias revelações derivam claramente de causas múltiplas, perfeitamente perceptíveis e plenamente justificáveis. Acrescento a esse respeito que algumas categorias

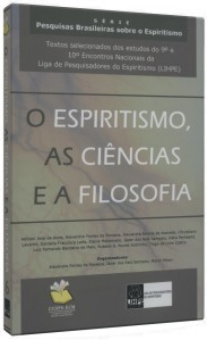
> dessas presumidas divergências contribuem de uma maneira bastante eficaz para fornecer uma clara visão sintética sobre as formas com que se manifesta a existência espiritual, uma vez que parecem determinadas pelas condições psíquicas específicas de cada personalidade de desencarnado que entra em comunicação. ([101])

Podemos resumir o seu método nesta sua frase "*aplicando a estas ['revelações transcendentais'] os procedimentos científicos da análise comparada e da convergência das provas*", que, a nosso ver, coloca a sua pesquisa bem ao nível da realizada pelo Codificador. Encerra a Introdução com o seguinte parágrafo:

> Passando para a exposição dos casos citarei, antes de mais nada, **alguns episódios extraídos de obras dos primeiros pesquisadores**, a fim de deixar bem claro que **desde os primórdios do movimento espiritualista já se conseguiam mensagens mediúnicas em que eram descritos o ambiente e a existência espirituais em termos idênticos aos que se conseguem hoje em dia, e isso apesar e a mentalidade**

> **dos médiuns da época ser dominada pelas concepções tradicionais a respeito do paraíso e do inferno e, consequentemente, de estar bem longe de alimentar expectativas de receber mensagens de desencarnados que afirmassem que o mundo espiritual era o mundo terreno espiritualizado**. ([102])

Argumento lógico e racional, a nosso ver sem possibilidade de ser refutado pelos que dogmaticamente são contrários às construções no mundo espiritual ainda não contaminados pelo fanatismo.



No capítulo “Geografia(s) do mundo espiritual”, constante da Parte 2: Ciências Humanas e Naturais da obra ***O Espiritismo, as Ciências e a Filosofia***, (2014), contendo textos selecionados dos estudos do 9º e do 10º Encontros Nacionais da Liga de Pesquisadores do Espiritismo (LIHPE), o autor Chrystiann Lavarini afirma que:

> A obra “*A Crise da Morte*”, elaborada em 1926 pelo eminente pesquisador espírita

> Ernesto Bozzano, é uma exceção frente às diversas psicografias não validadas por métodos de investigação. O que levou o autor a afirmar, já àquela época, que a única exceção era "*O Céu e o Inferno*", no qual se poderiam ler "três ou quatro episódios de dissertações, embora fossem de natureza muito vaga e geral, para poderem ser tomadas em consideração em uma obra de análise comparada" [sic].
>
> Por ser o resultado da **Análise Comparada dos relatos de dezessete Espíritos** em condições medianas, muitos deles obtidos no período do surgimento do Espiritismo, **esta obra assemelha-se, em termos metodológicos, ao modelo de pesquisa utilizado por Allan Kardec na elaboração da Doutrina dos Espíritos** ([103]). ([104])

Escolhemos estes **dezesseis casos** narrados por Ernesto Bozzano em ***A Crise da Morte*** (1930), que correspondem a 53,3% do total:

> **1) Caso III [Jim Nolan]:**
>
> P. – Conte para nós as suas primeiras impressões no mundo espiritual.
>
> R. – Eu estava para dizer que os meus bons amigos soldados não mais me

deixaram desde o momento em que desencarnei até quando fiz a **minha entrada no mundo espiritual**, no qual eu tinha avós, irmãos e irmãs, que, porém, não vieram ao meu encontro para me acolher quando morri. **Quando entrei em ambiente espiritual, parecia-me estar passeando em terreno sólido**, e vi uma velha vir ao meu encontro. Ela me dirigiu a palavra: 'Jim, então você veio até nós?' Olhei para ela atentamente, e exclamei: 'Oh! Vovó, é você?' 'Eu mesma, querido Jim. Venha comigo.' **E me conduziu para longe, à sua morada. Ali chegando, disse-me que eu tinha de descansar e dormir**. Deitei, e adormeci por longo tempo...

P. – **A morada de que fala tinha a aparência de uma casa?**

R. – **Mas claro... No mundo dos espíritos existe a força do pensamento, com a qual é possível criar todas as comodidades que se deseja**. ([105])

Comenta Ernesto Bozzano:

Esta última informação, que no caso em análise remonta a oitenta anos, não é apenas um dos detalhes fundamentais em que todos os espíritos são unânimes em afirmar, como também a chave com **que se explicam, se resolvem, se justificam**

todas as informações e as descrições, aparentemente absurdas, incríveis, ridículas, fornecidas pelos espíritos que se comunicam falando a respeito da sua estada espiritual. Em outros trabalhos que elaborei a esse respeito, já tive oportunidade de me deter longamente acerca desse tema de extrema importância; por isso, vou me limitar, desta vez, a falar sobre ele apenas o estritamente necessário.

Lembrarei que **essa grande verdade** que nos foi revelada pelos espíritos comunicantes **pode resolver um acúmulo enorme de perplexidades teóricas, determinadas pelas informações fornecidas por estes acerca do mundo espiritual, das formas que revestem os espíritos e das modalidades da sua existência (todas as informações revelam uma reprodução exata, embora espiritualizada, do plano terreno, da humanidade terrena, das formas de existência terrena)**. Essa grande verdade, capaz de resolver todos os enigmas teóricos em questão, e que se baseia na potência criadora do pensamento em ambiente espiritual, é confirmada de maneira impressionante, com base nos fatos, em ambiente terreno, e isso em consequência da circunstância de que **o pensamento e a vontade, mesmo na existência encarnada, mostram-se capazes de criar e dar formas concretas**

às coisas pensadas e desejadas, assim como nos é informado o que acontece em ambiente espiritual, ainda que na Terra o fenômeno realize-se exclusivamente no caso de sensitivos especiais. Refiro-me com isso aos fenômenos maravilhosos da "fotografia do pensamento" e da "ideoplastia", aos quais dediquei em 1926-1927 uma longa monografia, onde são demonstradas, com fatos, a sua realidade incontestável e a sua portentosa eficiência. [...]. ([106])

E, um pouco mais à frente, explica:

Observo ainda que a outra circunstância das entidades encarnadas que afirmam que **tais condições de vida espiritual são transitórias e dizem respeito apenas à Esfera mais próxima do mundo terreno, isto é, àquela destinada a receber os espíritos recém-chegados**, não vale apenas para justificar plenamente tais condições da existência, mas **demonstra principalmente a sua providencial razão de ser**. Em outras palavras: **considere-se que desolação e desorientamento sentiriam os espíritos, em sua grande maioria, caso assim que ocorresse a crise do transpasse se vissem bruscamente despojados da forma humana e se encontrassem em um plano espiritual radicalmente diferente do lugar onde se plasmou a sua**

individualidade, e ao qual estavam ligados por uma delicadíssima trama de sentimentos afetos, paixões, aspirações – **a ponto de esta trama não poder ser rompida de repente sem levá-los ao desespero**, e onde sobretudo se encontrava o ambiente familiar de cada um deles, constituído por uma soma fantástica de pequenas e grandes satisfações, temporais e espirituais, que concorriam cumulativamente para criar aquilo que se chama "alegria de viver". **Caso se reflita sobre tudo isso, será preciso reconhecer que parece racional e providencial que, entre a existência encarnada e a de "puros espíritos", venha a se interpor um ciclo de existência preparatória**, que serve para conciliar a natureza por demais terrena do espírito desencarnado com a natureza por demais transcendental da existência espiritual propriamente dita. **Para isso proveria maravilhosamente a potência criadora do pensamento**, que permitiria ao espírito, julgando-se ainda em forma humana, reencontrar-se desta mesma forma; e acreditando estar vestido, ver-se coberto de roupas que, apesar de *etéreas*, pareceriam materiais para o desencarnado, como as vestimentas terrenas. **No mundo espiritual ele reencontraria também um ambiente e uma casa correspondentes aos próprios hábitos da Terra – morada preparada para ele pelos familiares que**

> **o precederam na existência espiritual**. Como se viu, no caso exposto acima, a avó do desencarnado teria assumido a tarefa de guiar o neto até a morada destinada a acolhê-lo. A esse respeito deve-se observar que, quando o espírito comunicante conta ter visto *uma velha* vir ao seu encontro, deve-se entender que *a velha avó* havia readquirido *temporariamente* a antiga forma terrena para ser reconhecida. ([107]) (itálico do original)

É mais um renomado pesquisador que entendeu estar absolutamente dentro da lógica a existência de construções no mundo espiritual, que são destinadas ao socorro e amparo dos Espíritos recém-desencarnados. Ademais, Ernesto Bozzano deixa bem claro que essas situações são transitórias e não definitivas como poder-se-ia alguém supor.

> **2) Caso VI [Amicus]:**
>
> "Mas então onde se encontra o espírito recém-nascido? Muito bem: ele emergiu naquele estado de existência que as suas condições mentais, morais, espirituais tornavam o único possível para ele. **O plano que o acolhe é determinado pelo grau de espiritualidade em que se encontra**. **Através da morte ele alcança aquela**

morada espiritual que preparou para si mesmo e não pode ir para nenhum outro lugar. São as qualificações espirituais que fazem com que ele gravite com infalível precisão para aquelas condições de existência que são matematicamente correspondentes aos seus méritos e deméritos. **A grande 'lei de afinidade' governa o processo, que se mostra inexorável**. Depois da morte, o homem vai para o ambiente que ele preparou para si mesmo e não pode acontecer outra coisa. Ele encontra os próprios semelhantes, gravita rumo àquelas **regiões espirituais** onde ficará plenamente à vontade, como na própria casa. A sua futura morada já se encontra no âmbito da própria alma, e os seus companheiros espirituais são os seres semelhantes a ele. Em outras palavras: **o espírito desencarnado, graças à benéfica e justa 'lei de afinidade', por força da qual 'cada semelhante atrai o seu semelhante', gravita no único ambiente que pode adaptar-se às suas condições de evolução espiritual, de elevação moral, de cultura intelectual, da forma que ele mesmo determinou pela própria atividade terrena. Ele vai para onde deve ir...**" ([108])

"A esta altura, **é aconselhável eu mencionar a natureza da substância usada para as construções ou para as criações no plano espiritual, bem como**

os métodos empregados, e o modo pelo qual são utilizados. O nosso é o mundo do pensamento, e todas as coisas podem nele ser vistas. **Elas são a ele tangíveis, utilizáveis: são criações do pensamento**. O nosso corpo espiritual é uma criação substancial do pensamento, e a partir do nosso próprio corpo, sem detrimento nenhum para a nossa individualidade, nós exteriorizamos aquilo que se exige para exercitar a nossa atividade objetiva. **À nossa volta assumem forma as criações do nosso pensamento, as quais se fundem e se harmonizam com as criações do pensamento dos outros. Algumas dessas criações são exteriorizações inconscientes do pensamento espiritual, enquanto outras. ao contrário, nascem da força criadora do pensamento dirigida pela vontade, com objetivos determinados**. Nós somos seres constituídos de pensamento, existentes em **um mundo criado pelo pensamento, e tudo o que desejamos, bem como tudo o que operamos, o fazemos pelo dinamismo do pensamento**. Naturalmente para **quem está vivendo na esfera terrena** – tão radicalmente diferente da nossa – **compreender isso ou mesmo simplesmente acreditar nessas nossas revelações é uma tarefa árdua**. No entanto, garanto a você que os processos funcionais implícitos naquilo que lhe

descrevi são muito simples, muito naturais e estupendamente eficazes... Esses ensinamentos espirituais, que somente agora começam a ser ministrados aos viventes, resultam em uma das 'muitas coisas' a respeito das quais Jesus Cristo afirmou: que 'a Sua geração e os Seus tempos não estavam maduros para recebê-las'..." ([109])

Ernesto Bozzano ressalta várias coisas dessa mensagem:

A respeito da interessante mensagem relatada, e para confirmar a tese essencial e mais divulgada, é oportuno insistir de que **na própria mensagem se observam as habituais concordâncias a respeito de um bom número de *detalhes fundamentais* que dizem respeito às formas da existência espiritual**. São elas: a informação que diz respeito aos espíritos dos mortos que, salvo raras exceções, são acolhidos e confortados pelos familiares e amigos que os precederam na esfera espiritual; a informa espírito comunicante que conta ter passado pela prova da "visão panorâmica" com a projeção de todos os acontecimentos vida; a informação sobre os espíritos recém-chegados que dão conta da sua morte; **a informação acerca do pensamento em ambiente espiritual, que é força capaz de criar, organiza e plasticizar**; e, por

fim, a informação sobre a “lei de afinidade”, reguladora inexorável dos destinos humanos, sem que haja necessidade de um Juiz Supremo que condene ou absolva cada espírito desencarnado individualmente. ([110]) (itálico do original)

3) Caso VII [Hattie Jordan]:

“Querida Florence [irmã de Hattie],

(Avançamos para este trecho do 3º parágrafo):

[...] Entretanto, não demorei a me dar conta de que eu estava em condições de cansaço profundo; e eis que **vem a meu encontro a mamãe, com outros espíritos**, entre os quais um que me disse ser o meu espírito-guia. **Mamãe me conduziu a um lugar onde eu tinha de parar, descansar, dormir a fim de me revigorar pela absorção de energia espiritual**. [...]. ([111])

Em nossa Conclusão, apresentaremos algo importante dos comentários de Ernesto Bozzano sobre essa as cartas-mensagens de Hattie Jordan à irmã Florence.

4) Caso VIII [Mrs. E. B. Duffey]

“Então eu estava morta? Estranha sensação, na verdade, essa de saber que se

está morta e ao mesmo tempo sentir-se cheia de vida! Como o significado desta palavra é mal compreendido pelos vivos! Estar morto significa animar-se de uma vitalidade diferente e extraordinária, da qual a humanidade não pode fazer ideia. Com toda probabilidade a minha morte tinha ocorrido há 24 horas: eu havia caído no sono no mundo dos vivos e despertara em ambiente espiritual. Estranho dizer isso. Só naquele momento, pela primeira vez, lembrei-me que **estava em meio espiritual**. Até então os meus pensamentos e as minhas emoções haviam se mantidos vinculados ao mundo dos vivos. Mas onde estavam os espíritos de tantos entes queridos que antes de mim tinham ultrapassado a fronteira da morte? Esperava vê-los acorrer para me dar as boas-vindas no portal da morada celeste, para me servir de conselheiros e guias. O isolamento em que me encontrava não me causava preocupação, e muito menos me assustava, mas eu sentia um quê de desilusão e de desorientamento penoso. De qualquer forma, tal estado de ânimo durou um instante, pois, assim que formulei na mente esses pensamentos, vi dissolver-se e desaparecer o cômodo em que me encontrava e tudo o que nele estava contido, e **me vi, não sei como, no meio de uma espécie de enorme campo ondulado. A beleza da paisagem era indescritível. A da Terra é bela, e eu**

> **sempre senti intensamente a sua beleza, mas a celeste é muito mais... É maravilhosa...** Eu caminhava, mas de forma tão estranha! **Os meus pés não tocavam o solo**. Deslizavam sobre ele, assim como acontece nos sonhos... Mas onde estavam as pessoas de quem eu gostava? Onde estavam tantos amigos desencarnados que eu havia amado na Terra? Não tinha consciência de haver exteriorizado em viva voz tais pensamentos, mas foi como se alguém tivesse ouvido e se apressado em satisfazer a minha vontade: vi à minha frente dois jovens, cuja radiante beleza era superior a tudo o que a mente humana pode imaginar. [...]. Oh! Os meus filhos! Os meus filhos! Quão ansiosamente eu os desejara!... Quando vi à minha frente aqueles jovens radiantes, um instinto súbito e infalível advertiu-me de que aqueles eram os meus filhos, agora adultos. Não hesitei um instante em reconhecê-los. Estendi os meus braços para a frente, como tinha feito tantas vezes na Terra, e dessa vez realmente os apertei em meu regaço!" ([112])

Percepção de uma paisagem bem parecida com a da Terra.

> **5) Caso IX [irmão da médium Mrs. Hope Hunter]:**

> “Nem mesmo saberia lhe dizer se, enquanto estive ali, fui para algum outro lugar. Encontrava-me em estado de confusão mental, e tudo o que me rodeava parecia-me ao mesmo tempo muito claro e muito incerto. **Papai estava constantemente a meu lado**, confortando-me e dizendo-me que eu não demoraria em readquirir todo o meu equilíbrio mental. **Depois levou-me até a sua casa, onde agora vivemos juntos,** à espera da chegada de mamãe...
>
> “Dias atrás papai me disse: ‘você quer ir ver a sua avó!’ Ainda não a tinha encontrado no mundo espiritual, e **ela, ao que parece, estava em um lugar bastante longe do nosso**, Papai me falou: ‘formule intensamente, junto comigo, o desejo de se encontrar com ela!’ Fizemos isso simultaneamente e partimos como raios através do espaço. Em menos de um segundo estávamos ao lado da vovó. [...].” ([113])

O irmão da médium Mrs. Hope Hunter fala da habitação de seu pai, onde também foi morar, eis o detalhe desse caso. Além disso, disse ainda que teria ido visitar a avó que morava “*numa localidade muito afastada*”.

6) Caso X [um jovem soldado]:

O primeiro sentimento que se percebe, logo ao despertar com plena consciência sobre aquilo que somos e de onde nos encontramos – ou seja, que somos espíritos sobreviventes à morte do corpo e que nos encontramos em um outro plano de existência –, é o sentimento de **uma enorme curiosidade, combinada com um grande desejo de explorar o novo ambiente, e conhecer mais**. Antes de qualquer coisa, nos **damos conta de que à nossa volta existem "coisas"**, e esta é a primeira observação que nos deixa cheios de estupor; **sobretudo porque estas "coisas" surgem com a mesma natureza daquelas que nós conhecemos na Terra**, apesar de parecerem também diferentes, mas de uma maneira que não conseguimos compreender muito bem.

Elas são reais, muito reais: vemos muito bem isso, todavia **temos a intuição de que elas são apenas temporárias**, e que pertencem unicamente ao estado espiritual sucessivo ao despertar. Depois disso, **não demoramos a descobrir** e isso se mostra muito curioso e interessante **que podemos transformar certas coisas que percebemos à nossa volta simplesmente desejando que se transformem**. Todavia, podemos fazer isso unicamente em relação a objetos que não tenham importância. Assim, por exemplo, se eu percebo aos meus pés uma agulha de

pinheiro e começo a desejar que ela se transforme em uma agulha de aço, ei-la transmutada em uma agulha real de costura, que posso pegar e observar. De qualquer maneira, nós não podemos transformar os objetos volumosos, e muito menos o ambiente em que vivemos. E não podemos fazê-lo porque **a paisagem à nossa volta não é apenas o nosso 'cenário', mas é o 'cenário' de todos os espíritos**. Nós podemos apenas transformar qualquer pequena coisa, a partir do momento em que fazer isso não provoque aborrecimento ou prejuízo aos outros. Depois de repetidas experiências dessa natureza, **começa-se a compreender a verdade, ou seja, que o ambiente em que vivemos é na verdade constituído apenas de 'formas do pensamento' ou de 'projeções da memória' e que tudo isso está predisposto com o objetivo de tornar mais fácil para os espíritos recém-chegados o período de transição da vida terrena para a existência espiritual propriamente dita**.

"E aprendemos muito a respeito, procurando à nossa volta tudo o que podemos transformar com um ato de vontade, e tudo o que permanece inalterado apesar dos esforços do nosso querer." ([114])

Dos comentários de Ernesto Bozzano, destacamos este parágrafo:

> No caso em questão mostra-se por demais eficaz e instrutiva a descrição do espírito comunicante a respeito das maneiras pelas quais **os espíritos recém-chegados conseguem gradativamente descobrir que o ambiente em que se encontram é constituído por "formas de pensamento" e por "projeções do pensamento"**, e que tudo isso está predisposto tendo como objetivo tornar mais fácil para os espíritos recém-chegados o período de transição da existência terrena para a espiritual. ([115])

A condição da temporalidade das construções é algo que, naturalmente, surge na mensagem. E quanto à sua criação, temos:

> Assim eu me expressei nesse artigo e não me parece necessário acrescentar mais nada, exceto uma observação genérica a respeito da natureza das projeções do pensamento em ambiente espiritual, as quais, se do ponto de vista da evolução posterior do espírito deveriam ser consideradas efêmeras, sob o aspecto da existência espiritual nas Esferas em que são determinadas, as próprias projeções deveriam ser tidas como positivamente substanciais. **Vale dizer que em uma atmosfera espiritual cuja densidade**

específica fosse aquela etérea cósmica, e na qual o corpo de que estariam revestidos os espíritos fosse constituído por "éter vitalizado", até a paisagem geral seria uma projeção da vontade de entidades superiores no governo das Esferas espirituais em disco – assim **como as criações particulares resultariam da vontade dos espíritos – tais projeções deveriam ser consideradas reais, realíssimas, uma vez que teriam a mesma consistência e seriam constituídas pelo mesmo elemento imaterial de que se compõe o organismo espiritual dos seres que nele habitam**; assim como parecem consistentes aos seres vivos todas as coisas que os rodeiam, pois o ambiente em que vivem é formado pelos mesmos elementos físicos que constituem o organismo corpóreo de que são revestidos. ([116])

7) Caso XI [arcebispo Wilberforce]:

('Wilberforce', através de 'Rector') "Quando meu espírito teve consciência de estar em ambiente de vida eterna, eu me vi envolvido por radiosas criaturas angelicais, as quais vinham me anunciar o quão misericordiosa estava sendo a clemência de Deus para comigo. Fui arrancado à vida de uma forma rude e súbita com a consequência que eu não tinha me dado conta de estar no mundo espiritual até o

momento em que vi o meu pai vir a meu encontro; ele me explicou que embora eu estivesse mais vivo do que nunca, **encontrava-me naquela seção do mundo espiritual em que são hospedados os espíritos radiosos**. Então juntou-se a ele minha mãe; depois veio ao meu encontro o puríssimo espírito de Keble, rodeado por um grupo glorioso de outras almas filantrópicas, que por lei de afinidade se amontoavam em volta dele, um ser que na Terra tinha sido o príncipe do amor universal. **Foram eles que me conduziram até a morada dos 'guias',** pelos quais fiquei sabendo que a primeira tarefa que eu tinha de me preparar para cumprir era a de deixar de lado muitas das doutrinas que na Terra julgara de importância vital! Oh! Com que facilidade **os espíritos iluminados deixam de lado as opiniões terrenas**, ainda que tenaz e apaixonadamente professadas durante toda a vida!

"Foram os meus 'guias' que me exortaram a me manifestar a você. Eles receberam tal ordem do espírito elevadíssimo que preside às suas sessões ('Imperator'). Eu concordei com alegria, e agora estou mais feliz do que nunca por entrar mais uma vez em contato com o plano terreno, onde tantos queridos amigos meus ainda vivem, embora eu, infelizmente, jamais tenha tido oportunidade de entrar em

contato com eles, que nada sabem sobre essa grande verdade ou a hostilizam. Muito tempo há de passar antes que aprendam algo a respeito.

"A partir do momento em que abandonei o mundo dos vivos, dediquei-me intensamente a aprender aquilo que devia constituir a minha tarefa espiritual nesta existência de constante progresso, de elevação sublimada à qual estou destinado. A essa altura, com a ajuda dos meus 'guias', **eu já passei pela primeira Esfera espiritual em que moram aqueles que continuam vinculados pelo amor aos vivos, assim como todos aqueles que ainda. não estão preparados para se elevar espiritualmente além da primeira Esfera celeste.** Ali encontrei muitas almas que eu conheci em vida, e através delas tomei conhecimento de muitas noções que eu precisava urgentemente conhecer. Por algum tempo, a minha tarefa será análoga, ou seja, **terei de me esforçar por instruir os recém-chegados até eu amadurecer e poder alcançar, então, a Esfera espiritual que a mim está destinada**. Assim, manifestei-me a você com o objetivo de instruí-lo com esta mensagem de conforto e de consolo. Mantenha o espírito bem-disposto, meu amigo: o futuro que nos espera é radioso!

(Moses) "Quantas perguntas eu precisaria dirigir a você! **As Esferas espirituais são**

então semelhantes ao nosso mundo?”

“**São, sob todos os aspectos**. Entretanto, a diferença é bastante grande, uma vez que se determina uma mudança radical nas condições de existência. **A paisagem é absolutamente idêntica, mas sublimada. Nós também temos flores, campos e árvores, animais e pássaros; só que as condições ambientais não são mais físicas**, com a consequência que nós não temos necessidade de nos alimentar, e muito menos de matar para viver. **A matéria, da forma como vocês a pensam, não mais existe para nós; quanto aos meios de subsistência nós os assimilamos com o ar que respiramos.** Os nossos movimentos livres não são mais dificultados pela matéria, como acontece no mundo de vocês. Nós nos transportamos para toda parte com um ato de vontade. Como acontece com as crianças no plano terreno, comigo também ocorre aprender todos os dias novos conhecimentos preciosos, e com isso vou me adaptando cada vez melhor à existência é então real para você?”

“**O ambiente que os rodeia é então real para vocês?**”

“**Real, realíssimo, e mesmo soberbamente lindo.**” ([117])

A ideia da existência de várias esferas, que

acreditamos serem níveis vibracionais diferentes, fica evidente em "*naquela seção do mundo espiritual em que são hospedados os espíritos radiosos*" e "*já passei pela primeira Esfera espiritual em que moram aqueles que continuam vinculados pelo amor aos vivos*", com a particularidade de serem "*semelhantes ao nosso mundo, sob todos os aspectos*", com "*paisagem absolutamente idêntica, mas sublimada*".

8) Caso XII [capitão Hincliffe]:

> "O que fazemos? Quais são as nossas ocupações? Ei-las: nós nos exercitamos em benefício de todos da forma que mais se harmoniza com as nossas tendências ou vocações. Nesta **primeira Esfera espiritual** em que me encontro já **existem maravilhosos sistemas de educação, instituições e laboratórios científicos, espiritualmente entendidos**, que compreendem em si todas as condições pelas quais o homem adquire a prática do trabalho no mundo dos vivos. Posso imaginar que a esta altura algum amigo meu comerciante vai dizer: A minha experiência de trabalho é ser banqueiro, e no mundo espiritual, com certeza, não existe dinheiro. Não, certamente, porque o dinheiro é uma convenção inerente

> exclusivamente à existência terrena, enquanto aqui **as nossas aspirações materiais são satisfeitas com a potência do pensamento: basta pensar para criá-las...** Eu trabalho mentalmente, e em certo sentido fisicamente também, uma vez que **produzo etereamente as coisas que desejo**. Todos sentimos a necessidade suprema de agir, de nos ocupar, de trabalhar; e eu me abandono a orgias de trabalho, pois em ambiente espiritual nos sentimos verdadeiramente livres, sempre prontos para a ação e decididos a criar. **As minhas energias não são mais dificultadas ou reprimidas pelas penas corporais, pelas crises de cansaço ou por esgotamentos nervosos, o que não pode ser evitado no mundo dos vivos...** Quando se sai do mundo de vocês abandona-se o ambiente de Vida mais rudimentar pelo qual o espírito deve passar, quando pela primeira vez se torna consciente de si como individualidade pensante. Note, entretanto, que nós todos vivemos outras vezes como espíritos encarnados. Tenho certeza do que estou afirmando." ([118])

Aqui também é feita referência a primeira esfera espiritual, afirmando que nela "*existem maravilhosos sistemas de educação, instituições e laboratórios científicos, espiritualmente entendidos*".

Portanto, são construções no plano espiritual.

9) Caso XIV [uma conhecida personagem americana]:

"Logo que cheguei ao mundo espiritual, senti de imediato a sensação de estar em minha casa. Tinham vindo me receber parentes, amigos e conhecidos, e todos faziam questão de me cumprimentar por eu ter chegado afinal. **Era, portanto, natural que me transmitissem a impressão de que eu estava realmente em minha própria casa.** Para me adaptar ao novo ambiente, precisei de um período de tempo menor do que eu teria necessitado na Terra para me adaptar a uma mudança de casa...

"É muito fácil conseguir aqui as coisas que se deseja: basta pensar nelas e elas são criadas. Assim, é fácil compreender que ninguém pode desobedecer ao mandamento de Deus: 'Não desejar as coisas do próximo'. **Aqui nada se compra com dinheiro e nada pode existir que tenha valor para outros a não ser para aquele que a criou para a sua necessidade, para o seu uso pessoal**. E todos podem conseguir o que o vizinho possui, se assim o desejarem. Bem entendido que com isso **refiro-me exclusivamente aos objetos materiais de todos os tipos. Digo 'materiais' para ser claro, uma vez que tal expressão não se adapta às criações**

etéreas.” ([119])

Como fazer se sentir em casa sem apresentar um ambiente físico familiar? Ademais, se “*nada aqui se compra com dinheiro*” é que existem coisas nesse plano, justamente as que foram criadas por eles.

10) Caso XV [um jovem amigo da médium Margaret Vivian]:

(Espirito) “Farei o melhor que puder para contar a você as minhas próprias impressões a respeito, para que possa compará-las com aquelas de quem está me falando, e que eu fiquei conhecendo através da sua mentalização. As minhas impressões foram consideravelmente diferentes, pois eu fui morto quase instantaneamente.

“Num primeiro momento eu via a mim mesmo, ou melhor, sentia-me fora do corpo físico, mas sem corpo espiritual perceptível, que, porém, à medida que o processo de separação progredia, foi se condensando, assumindo uma forma visível e definida. **Uma espécie de cordão fluídico que saía da cabeça mantinha-me vinculado ao corpo físico, e eu fazia grandes esforços para me livrar dele**. Quando afinal o consegui, encontrei-me como que suspenso no ar sobre o campo de batalha, de onde via, ansioso, as fases dramáticas da

luta. Entretanto, **caí rapidamente em condições de inconsciência e, ao despertar, encontrei-me em uma espécie de corredor de hospital, onde enfermeiros me explicaram que eu tinha morrido em combate, e que estava no mundo espiritual**. Depois disso, permaneci por mais um longo tempo em estado de torpor, e me foi dito que aquilo era necessário para me libertar da força de atração que o ambiente terreno exercia sobre mim, atração que era consequência inevitável da morte violenta por mim sofrida. E, de fato, toda vez que eu despertava daquele estado de torpor, sentia me cada vez melhor harmonizado com o novo ambiente e a nova vida.

"Foi para mim **uma grande surpresa quando me dei conta de que eu podia me dirigir para onde quer que desejasse em breves instantes, e que bastava eu querer ir para um determinado lugar para ali chegar como que por encanto.** Tal maravilhosa capacidade de transporte espiritual torna os meios de locomoção de vocês comparáveis aos dos caracóis. Naturalmente as minhas primeiras visitas foram para a frente de batalha, pois estava ansioso por saber como os meus companheiros estavam se saindo. No começo não me foi fácil ver o que acontecia na Terra, pois da mesma forma que vocês não podem ver o nosso mundo,

assim é para nós impossível penetrar com o olhar a camada espessa e escura que envolve o mundo de vocês. Nesse meio tempo, **veio me assistir um espírito com bastante experiência, e então consegui sintonizar as vibrações do meu corpo etéreo com as do plano terreno**. Feito isso, foi-me possível assistir do alto ao drama assustador da guerra e em consequência disso fiquei tão desconcertado e desgostoso que durante longo tempo não mais retornei à Terra...

"De resto, eu não tinha na Terra vínculos afetivos, ou de qualquer outra natureza, fortes o suficiente para me induzirem a retornar, enquanto estava ansioso para aprender as primeiras noções a respeito da vida espiritual, uma vez que a isso me impelia **o fato de eu haver encontrado numerosos amigos** que tinham se oferecido para me dar as instruções necessárias.

"Eu tinha vivido totalmente absorto nos fatos da vida prática e **nada sabia sobre a existência espiritual. Se alguma vez pensei a respeito do mistério do além, isso acontecera de um ponto de vista puramente agnóstico:** ou seja, concluíra que ninguém tinha condições de falar do assunto com conhecimento de causa. Assim passou-se algum tempo antes que eu chegasse a me harmonizar com o novo ambiente, no qual me sentia desorientado e

perdido, apesar de contar com a companhia de amigos que, como eu, haviam sido atirados bruscamente no mundo espiritual por causa da guerra, e com os quais falava longamente sobre o novo estado em que nos encontrávamos, para surpresa de todos.

(Doutora Vivian) “Por que razão? Você, então, não contava com um guia espiritual?

(Espírito) “Sim, **todos têm um ‘guia’ que os ajuda a familiarizar-se com o ambiente espiritual**, mas nas condições em que eu estava era como pretender que um homem voasse. Para aprender, é preciso tempo e paciência. De qualquer forma, não demorei muito a me ajustar às novas condições de existência, que achava supremamente interessantes. **Eu possuía uma casa minha, que mamãe havia preparado para mim**. Não era grande, mas **tinha um jardim lindo à sua volta, e nele cresciam flores e frutos de uma natureza que eu desconhecia**. A esta altura eu já havia melhorado e deixei mais bonitos o jardim e a casa.

“**Compreende-se agora que todas as coisas existentes no plano espiritual são sólidas, solidíssimas para quem nelas habita**, levando-se em consideração que nós não somos constituídos pela mesma substância que tínhamos na Terra. Em contrapartida, o mundo de vocês surge a nossos olhos como o país das sombras

destituídas de consistência. ([120])

Um pouco mais à frente, conclui Ernesto Bozzano:

> Estando assim as coisas, vou me limitar a concluir transcrevendo a esse respeito a opinião do professor Hyslop, que observa com perspicácia como tal indiferença demonstra que, **para se assimilar e avaliar a importância desse ramo do conhecimento não basta ser-se inteligente e culto, ou mesmo muito culto: é preciso, antes de mais nada, que se seja maduro para assimilar e avaliar o seu conteúdo.** Há mentalidades cultas e incultas que se mostram literalmente despreparadas e refratárias sobre o assunto. Isso se verifica principalmente entre as pessoas cultas, e por causa de preconceitos enraizados, científicos ou religiosos que tornam as cabeças deles literalmente fechadas para acolher conclusões contrastantes com aquelas profundamente arraigadas em seus cérebros. ([121])

Destacamos "*Compreende-se agora que todas as coisas existentes no plano espiritual são sólidas, solidíssimas para quem nelas habita*" e aí arrematamos com Ernesto Bozzano "*não basta ser-se inteligente e culto, ou mesmo muito culto: é preciso,*

antes de mais nada, que se seja maduro para assimilar e avaliar o seu conteúdo.”

> **11) Caso XVI: Extraído de *From Four who are Dead* (De quatro que estão mortos) de Mrs. Dawson Scott, fala de George Dawson:**
>
> “P. **Vocês vivem em casas?**
>
> “R. **Nós não temos necessidade de nos proteger das intempéries, mas desejamos igualmente possuir um refúgio nosso, pessoal,** um refúgio para onde voltar quando sentirmos o desejo de um período de descanso.” ([122])

Muito boa a explicação de que apesar de não terem necessidade de se protegerem das intempéries, ainda assim desejam possuir um refúgio pessoal.

> **12) Caso XVII [Miss Felicia Scatcherd]:**
>
> “**Fui logo levada pelos espíritos que vieram me receber: eles me explicaram que tinham construído o seu pequeno mundo maravilhoso extraindo-o daquela névoa perolada que eu percebia condensando as suas ‘vibrações’, infinitamente sutis, com a potência do pensamento.** Eles

projetavam as formas do pensamento naquele meio, e elas se revestem de substância espiritual; **com isso chegam gradativamente a criar o seu próprio ambiente**. Eu, claro, ainda não estava em condições de projetar as formas do meu pensamento nesse mundo exclusivamente mental; assim, **os espíritos me levaram para a maravilhosa morada que eles tinham criado para mim**. Mais tarde aprenderei a construir eu mesma o meu pequeno mundo pessoal...

"**Quanto ao ambiente em geral somos sempre nós mesmos que concorremos coletivamente para criá-lo**, e cada um contribui com a sua pequena parcela. Naturalmente há uma divisão de tarefas, depois que todos chegaram a um acordo sobre o conjunto a ser criado. **Um grande número de espíritos não trabalha em tais criações, pois isso é uma tarefa reservada àqueles que manifestam disposições naturais** para esse tipo de encargo. **A paisagem que me rodeia surge completa em si mesma e maravilhosa; entretanto, nada mais é do que a nossa paisagem.** Explicam-me que de fato existem além dela outras bem diferentes, uma vez que há muitas almas pouco desenvolvidas que não podem apreciar nada que se afaste do ambiente terreno.

"Você não pode imaginar o quanto é

eletrizante o sentimento de criar dessa maneira. A intensidade passional com que todos mergulham nisso não pode ser transmitida em palavras...

"**Foi-me relatada a existência de outras Esferas muito superiores à nossa**, e às quais desejo e espero chegar um dia, por mais que este dia ainda esteja longe para mim. **Os espíritos eleitos que ali se encontram executam com o poder da vontade coisas que vocês julgarão impossíveis, mas isso não impede que sejam verdadeiras**. Destas Esferas se soltam as 'centelhas de Vida', sob forma – vamos dizer – de um 'fluxo vital' que chega ao mundo de vocês e é absorvido pelo reino vegetal. Para se chegar a tal poder é preciso alcançar uma extrema perfeição espiritual; entretanto todos podemos atingi-la. É o que me dizem..." ([123])

Ernesto Bozzano é categórico:

[...] **a potencialidade criadora do pensamento**, da forma que se revela na personalidade humana, **é resultado da natureza evolutiva** proeminente no plano espiritual, e aperfeiçoada além de toda capacidade de concepção humana. [...]. ([124])

13) Caso XIX [Mrs. Ada Vachel]

Na sessão de março de 1926, manifestou-se com Barret também uma Mrs. Ada Vachel,

grande amiga da relatora, a qual se encontrava em uma Esfera menos elevada do que a que acolhia Barret. Ela descreveu nos seguintes termos a própria entrada no mundo espiritual:

"Senti-me feliz e confortada moralmente por verificar que, quando deixei meu corpo, foi-me concedido progredir espiritualmente um passo de cada vez: não mais que isso; com a consequência que **as condições da paisagem espiritual em que me encontro se mostram extremamente parecidas com a paisagem terrena**, excluindo-se tudo aquilo que nesta última está contido de ruim, como também excluídas as enfermidades e as dores." ([125])

Portanto, o ambiente espiritual em que ele estava possuía uma paisagem extremamente parecida com a terrena.

14) Caso XXI [uma dedicada mãe]:

"Um dos grandes atrativos desse plano consiste no fato de que, por mais que haja aspectos de sua configuração geral que são imutáveis, ao mesmo tempo há nele uma espécie de configuração particular *sobreposta* – se assim é lícito exprimir-se – a qual, ao contrário, é extremamente mutável. **Isso ocorre porque todos nós**

possuímos faculdades criadoras que exercitamos perpetuamente sobre o ambiente imediato em que existimos; dessa maneira, cada mudança em nossa maneira de sentir e de pensar traz uma mudança correspondente no ambiente ao nosso redor. **Mesmo as nossas roupas são criações do nosso pensamento, formadas com elementos extraídos do ambiente em que existimos.** Eu ainda não compreendo exatamente o processo pelo qual se determina o milagre, mas o fato é que tais manifestações *exteriores* do nosso pensamento traduzem as disposições *inferiores* do nosso espírito. Disto resulta que, para os espíritos que existem há longo tempo nesse ambiente, as roupas constituem um símbolo infalível que lhes revela o intrínseco valor moral do espírito que se reveste com elas.

"Ainda que a natureza deste mundo pareça muito diferente da do mundo terreno, mesmo assim **os dois mundos se assemelham, com a diferença de que o mundo espiritual mostra-se muito mais refinado, etéreo; é só…"** ([126]) (itálico do original)

Destacamos este trecho dos comentários de Ernesto Bozzano:

[…] Deve-se por fim observar que ela informa que naquele mundo os espíritos conversam por transmissão de pensamento,

que **aquele ambiente é uma cópia espiritualizada do plano terreno e que o pensamento e a vontade espirituais são forças criadoras.** Sobre este último nem é oportuno atentar para **um *detalhe secundário* que está perfeitamente de acordo com o que afirmam os demais espíritos comunicantes: que a configuração da paisagem "astral" é constituída por uma série de criações do pensamento e da vontade de entidades espirituais muito elevadas, colocadas no governo das Esferas espirituais inferiores**. **Nesse caso as criações são imutáveis**. Já as outras, ao contrário, são transitórias e extremamente mutáveis, enquanto resultado da concretização do pensamento e da vontade de cada entidade desencarnada, ao projetar o ambiente desejado no momento. ([127]) (itálico do original)

15) Caso XXV [Rodolfo Valentino]:

"Tudo o que existe aqui parece constituído pelas diversas modalidades com as quais a força do pensamento se manifesta E **a substância criada pelo pensamento parece ser, na verdade, mais sólida e duradoura do que a pedra e os metais.** Talvez isso seja difícil de ser compreendido por vocês, e não parece conciliar-se com o conceito que alguns podem formar sobre as maneiras com que a

força do pensamento deveria se manifestar. Eu, por exemplo, **cheguei a imaginar que se tratava de criações formadas de matérias vaporosas e, ao contrário, são mais sólidas**, revestidas de tintas mais vivas, **do que tudo o que é sólido e colorido no ambiente terreno**... **As casas são construídas por espíritos que se especializaram em modelar, com a força do pensamento, essa matéria espiritual**. E eles as constroem sempre como os outros espíritos as desejam, uma vez que retiram do inconsciente destes últimos os modelos mentais dos seus desejos." ([128])

Trecho dos comentários de Ernesto Bozzano:

A respeito do trecho exposto, observo que do ponto de vista científico **não deveria causar nenhuma surpresa a observação do espírito comunicante a respeito da aparência sólida – tanto o mais do que a da pedra – das construções psíquicas em ambiente espiritual**, considerando-se que é sabido, como a ciência tem demonstrado, que a solidez da matéria é pura aparência. Disso resulta que o atributo "solidez" é tão-somente uma questão de "relação" entre *sujeito* e *objeto*; ou seja, isso significa que para nós – seres constituídos da mesma matéria do ambiente em que vivemos – esse

ambiente deve necessariamente parecer sólido, uma vez que existe uma perfeita relação entre *sujeito* e *objeto* Analogamente, para um espírito revestido de um "corpo etéreo" deverá parecer da mesma forma sólido o ambiente etéreo em que está, e isso pela idêntica razão da existência de uma perfeita relação entre *sujeito* e *objeto*. Em contrapartida, ao mesmo espírito deverão parecer sombras evanescentes as pessoas vivas e o ambiente terreno, e isso na ausência de relações entre as condições em que ele existe e opera, e as condições em que existem e operam os seres vivos; sem contar que ele terá a confirmação daquilo que presume quando lhe acontecer passar através de um muro como se este não existisse.

Ressalto ainda que a última observação contida no trecho aqui considerado, e no qual se afirma que **as "habitações são construídas por espíritos os quais se especializaram em modelar com a força do pensamento a substância espiritual", está em perfeito acordo com aquilo que uma outra personalidade mediúnica havia afirmado** no *Caso XVII*. Esta última, falando de tais construções psíquicas, observa: "Um grande número de espíritos não trabalha em tais criações, pois fazê-lo está reservado àqueles que manifestam disposição natural para essa tarefa especial." Em se tratando

de uma concordância relativa a um *detalhe secundário*, ela resulta teoricamente mais importante do que muitas outras relativas a *detalhes fundamentais*, visto que **a hipótese das "coincidências fortuitas" torna-se cada vez menos verossímil à medida que as concordâncias entre as descrições dos espíritos comunicantes se referem a detalhes cada vez mais minuciosos** ou de pouca importância. ([129]) (itálico do original)

Ernesto Bozzano não teve nenhuma dificuldade em aceitar as construções no mundo espiritual, para ele parecia ser algo óbvio.

16) Caso XXX [Celphra]:

"Enquanto a alma (a ser diferenciada de espírito) do recém-chegado está vinculada ao mundo dos vivos em uma graduação qualquer, **o espírito de recém-chegado não pode deixar de existir em uma condição quase terrena**, e isso pelo fato dele se encontrar em ambiente onde a realização do próprio ser se determina em virtude de conjunto de concepções a respeito de si mesmo. **Acontece, então, que ele ainda tem necessidade de saborear alegrias quase terrenas, de encontrar-se em meio a familiares e**

> **amigos, de procurar suas ocupações favoritas**, tudo isso com uma transformação para melhor, correspondente às condições espirituais em que se encontra. Repito: essa **é a causa pela qual nas Esferas espirituais próximas de mundo dos vivos os espíritos existem em condições análogas às terrenas**. E tudo isso vale para explicar a vocês a razão pela qual tantos espíritos pouco circunspectos se comunicam mediunicamente para revelar aos seres vivos sedentos de coisas maravilhosas a sua existência em meio espiritual semelhante ao terreno...” (pág. 97). ([130])

Das considerações de Ernesto Bozzano, um pouco antes de relatar esse caso, transcrevemos o seguinte trecho:

> [...] acredito que provavelmente essa questão deva ter surgido com insistência para muitos leitores, os quais, **a respeito da análise comparada aplicada às revelações transcendentais**, devem ter se perguntado: muito bem, agora **sabemos, com base nos fatos, que os espíritos dos desencarnados entram em uma primeira fase de existência espiritual que significa uma reprodução espiritualizada do ambiente e da**

> **existência terrena; fase transitória**, ainda que de longa duração, que teria a finalidade de predispor gradativamente os recém-chegados para a vida espiritual propriamente dita. **Tudo isso já aparece como uma soma importante de conhecimento adquiridos a esse respeito**; [...]. ([131])

Se Ernesto Bozzano afirma que os recém-desencarnados "*entram numa primeira fase de existência espiritual que constitui uma reprodução espiritualizada do meio e da existência terrestres*", então podemos dizer que ele não tinha nenhuma dificuldade de aceitar as construções do mundo espiritual, obviamente, calcado nos fatos que são apresentados em sua pesquisa.

Em "Conclusões", tópico que encerra seu livro, Ernesto Bozzano, apresentando suas considerações finais, as inicia dizendo:

> No vasto e importantíssimo ramo da metapsíquica em que se considera o tema das "revelações transcendentais", tudo ainda está por ser feito, do ponto de vista da investigação científica do imenso material. **As prevenções contra o assunto – tanto**

> **de opositores como de espiritualistas – originadas por um conhecimento superficial sobre o tema, extremamente amplo, impediam que se fizesse um trabalho proveitoso nesse sentido**, e a presente monografia é o primeiro ensaio analítico que demonstra o valor intrínseco, positivamente científico, deste ramo injustamente negligenciado da metapsíquica. ([132])

Eis aí realçado um bom alerta aos espíritas que insistentemente e sem terem feito pesquisa em nível das que aqui apresentamos, preferem negar as construções no mundo espiritual.

Ao longo das transcrições vimos mencionados os detalhes fundamentais, vejamos o que Ernesto Bozzano disse sobre eles na Conclusão:

> **Eis os *detalhes fundamentais* sobre os quais estão de acordo os espíritos comunicantes** (salvo as inevitáveis exceções, que confirmam a regra, e que intervêm às vezes modificando, abreviando, eliminando algumas das habituais experiências inerentes à crise da morte, ou então determinam a manifestação de outras experiências incomuns no período inicial da existência espiritual). Todos afirmam que:

1.°) Reencontraram-se em forma humana no mundo espiritual.

2.°) Ignoraram, durante algum tempo, ou mesmo por um longo tempo, que estavam mortos.

3.°) Passaram, durante a crise anterior à agonia, ou pouco depois, pela prova de rememoração sintética de todos os acontecimentos da sua existência (“visão panorâmica” ou “epílogo da morte”).

4.°) Foram acolhidos no mundo espiritual pelos espíritos dos seus familiares ou amigos.

5.°) Passaram quase todos por uma fase mais ou menos longa de sono restaurador.

6.°) Estiveram em um ambiente espiritual radiante e maravilhoso (no caso de desencarnados moralmente normais), e em um ambiente tenebroso e oprimente (no caso de desencarnados moralmente depravados).

7.°) **Consideraram o meio espiritual um novo mundo: objetivo, substancial, real, análogo ao ambiente terreno espiritualizado.**

8.°) **Aprenderam que isso se deve ao fato de que no mundo espiritual o pensamento é uma força criadora**, com a qual um espírito existente no “plano astral” pode reproduzir em torno de si o ambiente das suas recordações.

9.°) Demoraram para aprender que a transmissão do pensamento é a linguagem espiritual, por mais que os espíritos recém-chegados se iludam acreditando conversar com palavras.

10.°) Observaram que a faculdade da visão espiritual coloca-os em condições de perceber simultaneamente os objetos de todos os lados, assim como em seu interior e através deles.

11.°) Descobriram que os espíritos podem transportar-se instantaneamente de um lugar a outro mesmo muito distante devido a um ato de vontade; isso não impede que eles possam igualmente passear em ambiente espiritual, ou sobrevoar a curta distância do solo.

12.°) Aprenderam que os espíritos dos desencarnados gravitam fatal e automaticamente rumo à esfera espiritual que lhes compete, devido à "lei de afinidade".

São esses os doze detalhes fundamentais com relação aos quais todos os espíritos concordam. Observo a respeito que basta analisá-los um a um para considerá-los cumulativamente, a fim de se convencer de que eles fornecem aos seres vivos um quadro esquemático completo sobre os acontecimentos comuns a todos durante a crise da morte, e a respeito das impressões também comuns a todos com

> referência à primeira entrada em atmosfera espiritual; enquanto não existe nas narrações em questão um único elemento importante em que os espíritos comunicantes difiram entre si de maneira a ter de se considerar o próprio elemento como contraditório. É evidente que uma constatação desse tipo assume um valor teórico imenso em favor da origem genuinamente espírita das "revelações transcendentais" consideradas como grupo. ([133]) (itálico do original)

Observa-se que a maioria desses detalhes fundamentais listados por Ernesto Bozzano, aparecem nas obras da Codificação Espírita, o que, a nosso ver, corrobora as particularidades dos exemplos que citamos para fundamentar nosso argumento.

Mas a parte que designaremos de "cereja do bolo" dos comentários de Ernesto Bozzano entre os trinta casos inseridos em *A Crise da Morte* deixaremos para apresentá-la quando de nossa Conclusão.

Não podemos deixar de também citar a obra ***No Limiar do Etéreo ou Sobrevivência à Morte***

Cientificamente Explicada (1931), de autoria de J. Artur Findlay (1883-1964), porquanto nela há coisas que, indubitavelmente, somam às que vimos em Ernesto Bozzano:

> Teremos, portanto, peso, forma, individualidade e a mesma mente que temos agora; porém, **e o que concerne ao ambiente ou meio?** Quanto a esse, podemos aceitar o que nos dizem as comunicações vindas do mundo etéreo, como também podemos tirar algumas deduções lógicas, baseadas no nosso ambiente físico. Dissemos que **o mundo etéreo se assemelha a este, que se compõe de individualidades e outras coisas vivas**. Admitimos, tirando-a das nossas experiências físicas, a conclusão lógica de que todas as coisas vivas são animadas pela força de vida e, desde então, já não será despropositado concluir que **tal força, combinada com a mente, que tem o poder de atuar sobre a matéria física, produzindo o que experimentamos aqui no nosso mundo, também dispõe do mesmo poder para influenciar as outras formas viventes, no mundo do éter, semelhantes às que existem no mundo físico**. Não será, pois, igualmente, despropositado acreditar-se que o mundo etéreo contém árvores, animais e

> flores, e para todos os fins e efeitos que lhes são assinados neste nosso mundo, nem que, **quando realizamos a passagem chamada morte, nos vamos encontrar em um mundo muitíssimo semelhante ao em que hoje vivemos**, com a só diferença de lá não estarmos embaraçados pela matéria física e de serem, conseguintemente, mais ativos os nossos cérebros e mais céleres os nossos pensamentos e movimentos. ([134])

> [...] disseram-me [os Espíritos] que **o Universo todo é feito de matéria em vários graus de densidade e de atividade vibratória**; que ela enche por completo o espaço, em todo o qual há vida nos mais variados graus de desenvolvimento. [...] **Envolvendo a Terra,** interpenetrando-a, ligado a ela e com ela a mover-se, **há outro mundo, de substância etérea, em estado mais alto de vibração.** Conseguintemente, não o percebem os nossos sentidos. [...]. ([135])

Nesse outro estado de consciência, os seres se encontram em ambientes mais ou menos idênticos aos que aqui nos achamos. **Crescem árvores e desabrocham flores**, não sujeitas, porém, à morte, conforme a entendemos na Terra. Os vegetais não deperecem; desmaterializam-se e desaparecem das vistas. **Os ambientes do mundo etéreo são, em grande parte, condicionados pelos pensamentos dos seus**

habitantes, de forma que, por exemplo, suas casas e modo de viver são, em larga escala, obra deles. Isto, esclarecem-me, não quer dizer que o próximo plano da vida seja puramente efeito de projeções mentais, porquanto os que lá vivem experimentam sensações, quais as experimentamos. Podem perceber, tocar e cheirar as flores, apanhá-las e, por onde quer que andem, encontram amigos e com eles conversam. **Todos os que estão em um plano, disseram-me, podem ver e tocar as coisas que nesse plano existam.** Esta a resposta que invariavelmente recebi, sempre que tentei saber se o outro plano é objetivo ou subjetivo.

> **Há muitos planos; mas, em cada um deles, só os que ali se acham experimentam as mesmas sensações**. Verifiquei por mim próprio que os Espíritos que me falavam a ninguém mais podiam ver, embora se achassem todos na mesma sala. [...] **Não é um mundo de sonho o deles; é um mundo de objetiva realidade, vivamente real**. Todas as coisas, a música, a arte, os trabalhos construtivos se praticam num grau de elevação, que não nos é possível apreender.
>
> Reina grande atividade. **Cada um tem o seu labor a executar**. Servir aos outros e amar são os padrões éticos que lá prevalecem, num grau muito mais elevado do que aqui. É universal a linguagem, de sorte que todos se entendem uns aos outros. **Em geral, vivem juntos os de**

> **cada nacionalidade terrena e falam a língua de que aqui usaram**; há, porém, uma linguagem comum a todos. Insistiam muito os meus informantes num ponto: em que, entre eles, **é rígida a disciplina**, obedecendo todos aos que exercem autoridade. Cada um se acha submetido a Espíritos mais elevados, cujas determinações e instruções têm que ser atentamente obedecidas. **É um Estado bem ordenado e governado**.
>
> Não há noite como a concebemos e a luz que os banha não lhes promana do nosso Sol. Se quiserem repousar, podem atenuar a luz, sem que jamais se produza a escuridão, como a experimentamos. **Perguntados como se nutrem, disseram-me que comem e bebem exatamente como nós e têm do comer e do beber as mesmas sensações que nós**, se bem a comida e bebida sejam diferentes daquilo que por esses nomes designamos. Gozam de muito maior liberdade de movimentos, visto que se deslocam de um lugar para outro com uma rapidez que nos escapa à compreensão. ([136])

Provavelmente, dirigindo-se aos incrédulos, arrematou J. Artur Findlay: "*Unicamente os ignorantes afirmam que só é real o que sentimos, que nada existe fora dessa ordem de sensações*".

([137])

Em uma sessão realizada a 4 de dezembro de 1923, em diálogo com um Espírito, J. Artur Findlay, faz-lhe várias perguntas, das quais destacamos estas três por terem relação com o nosso tema:

> P. – Poderá dizer-me algo com relação ao vosso mundo?
>
> R. – Todos os que estão num mesmo plano podem, como já disse, ver e tocar as mesmas coisas. Se olhamos para um campo, é um campo o que todos vemos. Cada coisa é a mesma para os que se acham nas mesmas condições de desenvolvimento mental. **Não é um sonho. Tudo é real para nós outros**. Podemos sentar-nos juntos e gozar da companhia uns dos outros, precisamente como fazeis na Terra. **Temos livros e podemos lê-los**. Temos as mesmas sensações que vós. **Podemos dar longos passeios por uma região** e encontrar um amigo a quem não víamos desde muito tempo. **Das flores e dos campos aspiramos os aromas, como vós aí**. Apanhamos flores, como o fazeis. **Tudo é tangível, porém, num grau mais alto de beleza do que tudo na Terra**. Aqui, as flores e os campos não deperecem como aí. O vegetal para de crescer e desaparece. Desmaterializa-se. [...]. ([138])

> P. – Assemelha-se à nossa a vossa vegetação?
>
> R. – De certo modo, mas é muito mais linda.
>
> [...].
>
> P. – **Como são as vossas casas?**
>
> R. – **São quais as queremos**. As vossas aí **são primeiro concebidas em mente, depois do que se junta a matéria física para construí-las de acordo com o que imaginastes**. Aqui, temos o poder de moldar, a substância etérea, conforme pensamos. **Assim, também as nossas casas são produtos das nossas mentes**. Pensamos e construímos. **É uma questão de vibração do pensamento** e, enquanto, mantivermos essas vibrações, conservaremos o objeto que, durante todo esse tempo, é objetivo para os nossos sentidos. ([139])

Essas explicações em relação às casas são oportunas, pois, caso abandonemos ideias preconcebidas, com certeza, elas servirão para entendermos melhor como são as coisas no Mundo Espiritual.

No tópico “Mundos paralelos” do capítulo “I – Os mundos paralelos” de ***A Transcomunicação***

Através dos Tempos, o autor Hernani Guimarães Andrade (1913-2003), afirma:

> Chico Xavier psicografou uma **série de livros que contêm informações importantíssimas a respeito desses seres invisíveis para nós**. Essa série começa com a obra intitulada *Nosso Lar*, cujo autor espiritual é André Luiz. Por esses livros fica-se sabendo que o nosso mundo físico se situa entre mundos paralelos: alguns predominantemente maléficos e outros benéficos. Sofremos as influências desses mundos e parece que a vida na Terra tem algo de semelhança com um campo onde se trava milenar batalha entre o bem e o mal. Somos seres intermediários. A vida física deve ser um centro de aprendizado onde se forjam os futuros seres benéficos. (Xavier, 1943/44/45/46/47/49/54/55/57). ([140])

Se Hernani Andrade menciona expressamente *Nosso Lar* como a obra que inicia a coleção "A vida no mundo espiritual" ditada por André Luiz e afirma que, por meio deles, se obtêm "*informações importantíssimas a respeito desses seres invisíveis para nós*", sem fazer qualquer objeção à existência descrita nessa obra, podemos inferir que ele aceitava, ao menos em princípio, a realidade dessa

construção. Caso contrário, seria de se esperar que, na condição de pesquisador, fizesse alguma ressalva quanto à sua existência ou à natureza das informações prestadas.

Considerações sobre o mundo dos Espíritos

No *Apocalipse*, o último livro do Novo Testamento, o capítulo 21, que o encerra, na tradução da ***Bíblia de Jerusalém*** é dividido em dois trechos, cujos títulos são “A Jerusalém celeste”, (versículos 1 a 8) e “Jerusalém Messiânica”, versículos 9 a 27):

> 21 ***A Jerusalém celeste*** – 1 Vi então *um céu novo e uma nova terra* – pois o primeiro céu e a primeira terra se foram, e o mar já não existe. 2 **Vi também descer do céu, de junto de Deus, a Cidade santa, uma Jerusalém nova**, pronta como uma esposa que se enfeitou para seu marido. 3 Nisto ouvi uma voz forte que, do trono, dizia: “Eis a tenda de Deus com os homens. Ele habitará com eles; eles serão o seu povo, e ele, *Deus-com-eles*, será o seu Deus. [...] 8 Quanto aos covardes, porém, e aos infiéis, aos corruptos, aos assassinos, aos impudicos, aos mágicos, aos idólatras e a todos os mentirosos, a sua porção se encontra no lago ardente de fogo e enxofre,

que é a segunda morte”.

> **A Jerusalém messiânica** – 9 Depois, um dos sete Anjos das sete taças cheias com as sete últimas pragas veio até mim e disse-me: “Vem! Vou mostrar-te a Esposa, a mulher do Cordeiro!” 10 Ele então me arrebatou em espírito sobre um grande e alto monte, e **mostrou-me a Cidade santa, Jerusalém, que descia do céu**, de junto de Deus, 11 *com a glória de Deus*. Seu esplendor é como o de uma pedra preciosíssima, uma pedra de jaspe cristalino. 12 Ela está cercada por muralha grossa e alta, com doze portas. [...]. ([141]) (itálico e negrito do original, o destaque na cor vermelha é nosso)

Sim, não há dúvida alguma que o teor do Apocalipse é bem simbólico, seria até irracional negar isso. A novidade para muitos é que exegetas da atualidade não o tem como de autoria de João Evangelista ([142]).

Apesar disso, queremos trazer para reflexão a menção a “*Jerusalém Celeste*” como uma possível visão do mundo espiritual que o seu autor, seja ele quem for, teve.

No item X da Introdução de ***O Livro dos Espíritos*** há um parágrafo bem interessante, que foi

citado por Ricardo dos Santos Malta, que para maior destaque transcrevemos:

> Julgar a questão dos Espíritos por esses fatos **seria tão pouco lógico quanto julgar o caráter de um povo pelo que se diz e faz numa reunião de estouvados** ou de gente de má fama, da qual nem participam as pessoas circunspectas nem as sensatas. [...] **No mundo dos Espíritos também há uma sociedade boa e uma sociedade má**; dignem-se essas pessoas de estudar o que se passa entre os Espíritos de escol e **se convencerão de que a cidade celeste não contém apenas a escória popular**. Mas, perguntam elas, os Espíritos de escol vêm até nós? A isto responderemos: Não fiqueis no subúrbio; vede, observai e julgai; **os fatos aí estão para todos**. A menos que a elas se apliquem estas palavras de Jesus: *Têm olhos e não veem; têm ouvidos e não ouvem*. ([143]) (itálico do original)

A afirmação de que no mundo dos Espíritos há sociedade boa e também má que compõem a cidade celeste e que "*os fatos aí estão para todos*", poderiam nos dar suporte para a existência das colônias espirituais.

Claro, que nem todos adeptos do Espiritismo tendem a ver dessa forma, especialmente os que se tornaram intransigentes em suas opiniões, já que não as mudam de forma alguma.

Em ***O Livro dos Espíritos***, nos comentários de Allan Kardec ao teor da resposta à questão 266 (a e b) e na reposta à questão 558 (c), lemos:

> a) [...] **A vida humana é, assim, uma cópia da vida espiritual**; nela encontramos, em menor escala, todas as peripécias da outra. [...]. ([144])
>
> b) Todos os Espíritos dizem que, no estado errante, **pesquisam, estudam, observam**, a fim de fazerem a sua escolha. [...]. ([145])
>
> c) [...] **A vida espiritual é uma ocupação contínua**, mas que nada tem de penosa, como a vida na Terra, porque não existe a fadiga corpórea, nem as angústias das necessidades. ([146])

Se a vida humana é "*uma cópia da vida espiritual*", essa, por sua vez, "*é uma ocupação contínua*", então perguntamos: será que os Espíritos

“*pesquisam, estudam*” vagando sem rumo pelo espaço afora? Não seria mais provável que construíram ambientes próprios a essas atividades se utilizando da matéria etérea?

Vejamos as questões 278 e 279 de ***O Livro dos Espíritos***:

> 278. *Os Espíritos das diferentes ordens estão misturados uns com os outros?*
>
> “Sim e não; quer dizer: eles se veem, mas se distinguem uns dos outros. Eles se evitam ou se aproximam, segundo a analogia ou a antipatia de seus sentimentos, tal como acontece entre vós. ***É todo um mundo, do qual o vosso é pálido reflexo***. **Os da mesma categoria se reúnem por uma espécie de afinidade e formam grupos ou famílias de Espíritos, unidos pelos laços da simpatia e pelos fins a que visam**: os bons, pelo desejo de fazerem o bem; os maus, pelo desejo de fazerem o mal, pela vergonha de suas faltas e pela necessidade de se acharem entre seres semelhantes a eles.”
>
> Comentário de Allan Kardec: **Tal uma grande cidade** onde os homens de todas as classes e de todas as condições se veem e se encontram, sem se confundirem; onde

> as sociedades se formam pela analogia dos gostos; onde o vício e a virtude convivem lado a lado sem se falarem.
>
> 279. *Todos os Espíritos têm livre acesso a qualquer região?*
>
> "Os bons vão a toda parte e assim deve ser, para que possam exercer sua influência sobre os maus. Mas **as regiões habitadas pelos bons são interditadas aos Espíritos imperfeitos**, a fim de não as perturbarem com suas paixões inferiores." ([147]) (itálico do original)

Por oportuno, vamos destacar esta frase: "*É todo um mundo, do qual o vosso é pálido reflexo.*", mencionada na questão 278, pois é bem semelhante ao que foi dito por Mesmer na sua mensagem publicada na *Revista Espírita 1865*: "*O mundo dos Espíritos não é o reflexo do vosso; é o vosso que é uma grosseira e muito imperfeita imagem do reino de além-túmulo.*" ([148])

Achamos bem interessante o fato de que, na questão 278, Allan Kardec ter destacado justamente a frase que bem representa o pensamento de Mesmer. Não estaria aí o Codificador assinando

embaixo do que ele disse?

Por outro lado, ao se dizer que "*as regiões habitadas pelos bons são interditadas aos Espíritos imperfeitos*" (questão 279) não deixa de se referir a um local, ou seja, um lugar circunscrito. Sim, não há contradição alguma nessa afirmação dos Espíritos, já que a propalada resposta da questão 1012 tem relação apenas com a crença em "o céu e o inferno", a não ser por total incapacidade de interpretação, não se deve fugir desse contexto.

Quanto à fala de Mesmer, esse é o argumento que apresentam para a derrubar: "*Não podemos tomar literalmente a opinião de um Espírito, fato que não é possível dentro do Espiritismo*". Pois bem, vamos lá...

1º) É certo que Allan Kardec falou sobre a opinião isolada de um Espírito não deve ser levada à conta de ponto doutrinário, porém, perguntamos: Isso vale para todo e qualquer Espírito?

2º) Se vale para todos, então, temos sérios problemas, pois, em *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*, há opiniões individuais de alguns

Espíritos, como por exemplo, estes que assinaram o “Prolegômenos”:

Santo Agostinho

a) *O Livro dos Espíritos*: 1) q. 495, em conjunto com São Luís; 2) q. 919-a; 3) q. 1009 e 4) e Conclusão, item IX.

b) *O Livro dos Médiuns*: 1) Cap. XXXI, item I e 2) Cap. XXXI, item XVI

São Vicente de Paulo

a) *O Livro dos Espíritos*: 1) q. 888-a.

b) *O Livro dos Médiuns*. 1) Cap. XXXI, item XX e 2) Cap. XXXI, item XXVI.

São Luís

a) *O Livro dos Espíritos*: 1) q. 495, em conjunto com Santo Agostinho; 2) q. 1004; 3) q. 1006; 4) q. 1007, 5) q. 1008; 6) q. 1011 e 7) q. 1019.

b) *O Livro dos Médiuns*: 1) item 74, com 25 respostas; 2) item 94, com 8 perguntas; 3) item 128, com 18 respostas; 4) item 266, uma resposta; 5) item 279, com uma resposta; 6) Cap. XXXI, item VI;

7) Cap. XXXI, item XVII; 8) Cap. XXXI, item XVIII; 9) Cap. XXXI, item XIX e 10) Cap. XXXI, item XXIII.

Sócrates

a) *O Livro dos Médiuns*: 1) item 197, uma explicação e 2) item 198, uma explicação.

Platão

a) *O Livro dos Espíritos*: 1) q. 1009.

Acrescentamos o Espírito **Lamennais**, que pode muito bem ser um dos mencionados entre os "e outros", pois na *Revista Espírita* temos inúmeras mensagens com a sua assinatura. Nas obras que estamos verificando:

a) *O Livro dos Espíritos*: 1) q. 1009.

b) *O Livro dos Médiuns*: 1) item 51.

3º) E quanto as opiniões de Mesmer, devemos sumariamente desconsiderá-las? Acreditamos que antes dessa atitude drástica é preciso levar em conta o seu grau evolutivo.

Na ***Revista Espírita 1864,*** mês de dezembro, veremos que na sessão comemorativa na Sociedade

Espírita de Paris em 2 de novembro, Allan Kardec em locução que dirige aos Espíritos, a certa altura, disse:

> A esse testemunho de gratidão associamos todos **os Espíritos bons que, habitual ou eventualmente, vêm trazer-nos o tributo de suas luzes**: João Evangelista, Erasto, Lamennais, Georges, François-Nicolas Madeleine, Santo Agostinho, Sonnet, Baluze, Vianney – o cura d'Ars, Jean Raynaud, Delphine de Girardin, **Mesmer** e os que apenas tomam a qualificação de Espírito. ([149])

No dia 1º de novembro de 1866, ocorreu uma comunicação coletiva, fato registrado na *Revista Espírita 1867*, mês de março. O Espírito que se manifestou, através do médium M. Bertrand, disse: *"Agora, caros amigos,* ***todos os vossos Espíritos protetores*** *virão trazer-nos o seu pensamento."* ([150]).

A segunda mensagem da lista tem a assinatura de Mesmer, portanto ele está classificado como Espírito protetor. Assim, nessas duas transcrições, temos a revelação do grau evolutivo do Espírito Mesmer: um Espírito bom, que exercia a função de

protetor.

Além das mensagens nessa lista temos as outras oportunidades nas quais encontramos a assinatura de Mesmer:

1) *Revista Espírita 1864*, mês de janeiro, dada em 18/dez/1863, sobre médiuns curadores;

2) *Revista Espírita 1864*, mês de outubro, dada em 8/jul/1864, transmissão do pensamento;

3) *Revista Espírita 1865*, mês de maio, dada em 7/out/1864, sobre imigração de espíritos superiores na Terra;

4) ***Revista Espírita 1865***, mês de maio, dada em 14/out/1864, mensagem intitulada “Sobre as criações fluídicas”, da qual transcrevemos estes dois parágrafos:

> **O mundo dos invisíveis é como o vosso; em lugar de ser material e grosseiro, é fluídico, etéreo**, da natureza do perispírito, que é o verdadeiro corpo do Espírito, haurido nesses meios moleculares, como o vosso se forma de coisas mais palpáveis, tangíveis, materiais.

> ***O mundo dos Espíritos não é o reflexo do vosso; é o vosso que é uma grosseira e muito imperfeita imagem do reino de além-túmulo***. ([151]) (itálico do original)

Um ponto que não poderá ser desprezado é que Allan Kardec sempre que percebia algo duvidoso nas mensagens ou explicações dos Espíritos acrescentava uma nota destacando o que havia de divergência ou impropriedade. Nessa de Mesmer, nada fez o que, implicitamente, significa que ele concordou com o seu teor.

O amigo Luciano Grisolia Minozzo, Diretor Administrativo do CCDPE-ECM, sugeriu-nos ver com maior atenção o 3º parágrafo da resposta à questão 402 de ***O Livro dos Espíritos*** que trata da liberdade do Espírito encarnado durante o sono:

> **O sono liberta parcialmente a alma do corpo.** Quando dorme, o homem se acha momentaneamente no estado em que ficará de forma definitiva depois da morte. Os Espíritos que, ao desencarnarem, logo se desligam da matéria, tiveram sonhos inteligentes; **quando dormem, vão para**

> **junto dos seres que lhes são superiores: viajam, conversam e se instruem com eles; trabalham mesmo em obras que encontrarão prontas ao morrerem.** Isto vos deve ensinar, uma vez mais, que não deveis temer a morte, já que morreis todos os dias, segundo a expressão de um santo. ([152])

Será que os Espíritos superiores que conversam conosco e dos quais recebemos instruções ficam “planando” no que poderia ser uma espécie de “*atmosfera do mundo espiritual*”, ou dispõem de algum local construído para se reunir, de modo semelhante ao que fazemos no plano material? Por outro lado, que “*obras prontas*” seriam essas que encontraremos ao retornamos ao além-túmulo na condição de desencarnado?

A referência a Espíritos, que durante o sono, “trabalham mesmo em obras que encontrarão prontas ao morrerem” sugere a existência de realizações no mundo espiritual que possuem continuidade para além do período de desprendimento. Embora Allan Kardec não especifique a natureza dessas “obras”, a expressão

não parece se limitar a uma atividade puramente subjetiva do Espírito.

Destacamos o seguinte trecho de uma das respostas de São Luiz constantes do item 128, do capítulo “VIII – Laboratório do mundo invisível”, da Segunda Parte de ***O Livro dos Médiuns***:

> “[...] **Os Espíritos dispõem, sobre os elementos materiais disseminados por todos os pontos do espaço**, na vossa atmosfera, de um poder que estais longe de suspeitar. **Podem, pois, concentrar à vontade esses elementos e dar-lhes a forma aparente que corresponda à dos objetos materiais**.” ([153])

No tópico correspondente o tema tratado é sobre a formação espontânea de objetos tangíveis. Com o pensamento e a vontade os Espíritos podem criar objetos com a aparência daqueles que, como encarnado, costumava a usar. Sua ação sobre o fluido cósmico é a fonte com a qual conseguem criá-los.

Da mensagem “A verdadeira propriedade” inserida na “Instruções dos Espíritos” do capítulo

“XVI – Não se pode servir a Deus e a Mamon” de ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***, destacamos:

> **Ao viajante que chega a um albergue, lhe é oferecido bom alojamento, desde que o possa pagar.** A outro, de recursos mais modestos, toca um menos agradável. Quanto ao que nada tenha de seu, vai dormir sobre a palha. **Assim acontece com o homem, à sua chegada no mundo dos Espíritos: seu lugar ali está subordinado aos seus haveres**. Não será, todavia, com o seu ouro que ele o pagará. Ninguém lhe perguntará: Quanto tinhas na Terra? que posição ocupavas? eras príncipe ou operário?” Perguntar-lhe-ão: “Que trazes contigo?” Não se avaliarão os seus bens nem os seus títulos, mas a soma das virtudes que possua. Ora, sob esse aspecto, o operário pode ser mais rico do que o príncipe. Em vão alegará que antes de partir da Terra pagou a peso de ouro a sua entrada no outro mundo. Responder-lhe-ão: **Os lugares aqui não se compram**: conquistam-se por meio da prática do bem. Com a moeda terrestre pudeste comprar campos, casas, palácios; aqui, tudo se paga com as qualidades do coração. És rico dessas qualidades? Sê bem-vindo e **vai para um dos lugares da primeira categoria**, onde te esperam todas as venturas. És pobre

> delas? **Vai para um dos da última**, onde serás tratado de acordo com os teus haveres. – PASCAL. (GENEBRA, 1860.) ([154])

Ora, então temos que após o desencarne iremos para “um lugar” no mundo espiritual, que “*não se compra*”. Mas, como fica o “*não há lugares circunscritos*” apresentado por muitos? É bem certo, que por afinidade vibratória nos vincularemos uns aos outros, formando como que uma faixa ou esfera. E nela pelo pensamente “edificaremos” ambientes aos quais estávamos acostumados.

De ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***, no capítulo “XXIII – Estranha moral”, tópico “Deixar os mortos o cuidado de enterrar seus mortos”, transcrevemos o seguinte trecho do item 8:

> A vida espiritual é, realmente, a verdadeira vida, é a vida normal do Espírito; sua existência terrestre é transitória e passageira, espécie de morte, se comparada **ao esplendor e atividade da vida espiritual**. [...]. ([155])

Então, é fato que na vida espirital teremos

atividades que nem imaginamos. Que pena, sempre pensamos que, após a morte, ficaria no além-túmulo tão somente ouvindo “*anjos tocando harpa*”. Talvez entre os negadores de construções no mundo espiritual encontraremos os que se julgam tornar “almas penadas” a “voar” indefinidamente pelo espaço do mundo espiritual.

No capítulo “VI – Uranografia geral”, de ***A Gênese***, temos a seguinte nota de Allan Kardec, no 2º parágrafo do item 8, do tópico “As leis e as forças”:

> Tal é também a situação dos negadores do mundo dos Espíritos, quando, após se haverem despojado do envoltório carnal, **contemplam os horizontes desse mundo que se desdobram à sua vista**. Compreendem, então, como eram vazias as teorias com que pretendiam tudo explicar exclusivamente por meio da matéria. Entretanto, **esses horizontes ainda lhes ocultam mistérios que só sucessivamente lhes são desvendados**, à medida que se elevam pela depuração. Desde, porém, **os seus primeiros momentos no outro mundo, veem-se forçados a reconhecer a própria cegueira** e como se achavam longe da

verdade. ([156])

Vê-se que ainda falta muita coisa a ser revelada, o que, certamente, acontecerá à medida que desenvolvemos a nossa inteligência, para ter capacidade intelectual que nos permite alcançar conhecimentos de maior amplitude.

Interessante é que vamos encontrar essa ideia na ***Revista Espírita 1859***, mês de setembro, em outra nota do Codificador:

> Aquele que, antes de ir habitar um país, estuda-o nos livros, se identifica com os costumes de seus habitantes, sua configuração, seu aspecto, por meio de desenhos, de planos e de descrições, fica menos surpreso, sem dúvida, do que aquele que dele não tem nenhuma ideia; e, todavia, **a realidade mostra-lhe uma multidão de detalhes que ele não havia previsto e que o impressiona. Deve ocorrer o mesmo no mundo dos Espíritos, do qual não podemos compreender todas as maravilhas, porque há coisas que ultrapassam o nosso entendimento**. ([157])

Podemos corroborar ainda com esta resposta

do Espírito da Sra. Betrand, que, em vida no plano físico, fizera um estudo sério do Espiritismo, publicada na ***Revista Espírita 1861***, mês de março:

> 7. Assim, **o quadro que nos é dado da vida Espírita**, nada tem de exagerado, nada tem de ilusório! – R. **Ele é reduzido pelo vosso Espírito que não pode compreender as coisas divinas senão atenuadas e veladas**; agimos convosco como o fazeis com as crianças, às quais não mostrais senão uma parte das coisas dispostas para o seu entendimento. ([158])

Se os Espíritos "*agem conosco como fazemos com as crianças*", então, resta-nos esperar o tempo que nos tornaremos adultos para que eles nos passem coisas que ainda não podemos "suportar".

Do artigo "Espiritismo sem os Espíritos", publicado na ***Revista Espírita 1866***, mês de abril, destacamos o seguinte parágrafo:

> Consideremos, pois, **o mundo dos Espíritos como uma réplica do mundo corporal,** como uma fração da Humanidade, e digamos que não devemos desdenhar de ouvi-los, agora que estão

> desencarnados, pois não o teríamos feito quando encarnados; estão sempre em nosso meio, como outrora; apenas estão atrás da cortina, e não à frente: eis toda a diferença. ([159])

Essa condição de "*o mundo dos Espíritos [ser] como uma réplica do mundo corporal*" pode ser estendida a tudo ou estaria limitada somente aos seres errantes?

Certamente, que essa expressão não constitui prova direta da existência de cidades e casas no mundo espiritual, mas sugere uma continuidade da vida social humana após a morte, compatível com a existência de habitações, instituições e agrupamentos espirituais descritos em diversas obras e comunicações mediúnicas.

Na ***Revista Espírita 1866***, mês de agosto, o Codificador publicou o artigo "Das criações fantásticas da imaginação", do qual transcrevemos:

> No nosso mundo tudo é matéria tangível; **no mundo invisível tudo é, podendo-se assim se exprimir, *matéria intangível***; quer dizer, intangível para nós que não

> percebemos senão por órgãos materiais, mas tangível para os seres desse mundo que percebem pelos seus sentidos espirituais. **Tudo é fluídico nesse mundo, homens e coisas, e as coisas ali são tão reais, relativamente, quanto as coisas materiais o são para nós**. [...]. ([160])

O fato de se pretender compreender as construções do mundo espiritual tomando por base a matéria do mundo físico pode ser, para alguns, a dificuldade que encontram para assimilar essa realidade. No plano espiritual, porém, a matéria é intangível, e é dela que os Espíritos se utilizam para construir "*as coisas*" que desejam, que "*são tão reais*" para eles "*quanto as coisas materiais o são para nós*", embora não as vejamos, uma vez que têm por base a "*matéria intangível*".

Embora na *Revista Espírita* não apresente uma descrição sistemática de cidades espirituais, nela encontramos referências a habitações, palácios, templos, locais de reunião e outros ambientes do mundo invisível. Entre os exemplos mais expressivos se destaca a comunicação da Condessa Paula, que menciona sua habitação como um palácio fluídico,

além de outros relatos que evidenciam a vida social organizada entre os Espíritos.

Essa mensagem da Condessa Paula encontra-se registrada na obra ***O Céu e o Inferno***, Segunda parte – Exemplos, capítulo “II – Espíritos felizes”, da qual destacamos o seguinte trecho:

> “[...] **Que são os vossos palácios e salões dourados comparados a estas moradas aéreas**, vastas regiões do Espaço matizadas de cores **que ofuscariam o próprio arco-íris?** [...].” ([161])

Em ***A Vida no Outro Mundo*** (1932), Cairbar Schutel (1868-1938) encontraremos algo análogo:

> E a tudo isto precisamos acrescentar **as construções e criações fluídicas operadas com a força do pensamento e da vontade**, assuntos de que Allan Kardec tratou magistralmente no *Livro dos Espíritos*, no *Livro dos Médiuns* e o que outros reveladores têm feito mais circunstanciadamente ainda.
>
> Pode-se, finalmente, concluir, de tudo isso, que os seres viventes, após a morte do invólucro físico, permanecem no Além, em

> meios que lhes são peculiares, conservando, até ulterior evolução, a forma que tinham na Terra, nos ares, nas águas.
>
> **É assim que se pode entender o fato de ser o nosso mundo um reflexo do Mundo dos Espíritos**, que é revelado agora, **não mais como uma abstração, mas, sim, como uma realidade**; e parece-nos razoável sejam as plantas, as flores, nesse mundo, muito mais belas e perfumadas que as nossas, pois, em sua essência, não poderiam deixar de ser, bem assim os animais, muito mais inteligentes e bonitos que os terrenos. ([162])

É muito sintomático que Cairbar Schutel, considerado "*o grande apóstolo do Espiritismo*", fale de forma bem semelhante a Mesmer, ao dizer: "*É assim que se pode entender o fato de ser o nosso mundo um reflexo do Mundo dos Espíritos*."

Michael Newton, considerado o pioneiro na revelação de mistérios da vida pela regressão espiritual é o autor de ***Lembranças de Outras Vidas***, no qual lemos:

> Y-la entra num templo imenso de chão de pedra e depois numa grande biblioteca de

> muitos andares. Ela me informa que precisa avisar que está aqui antes de começar a reviver suas experiências significativas de vidas passadas. Quando acaba de fazer isso, ela explica: “**O que construímos na Terra é uma pálida imitação das lembranças que temos daqui**. [...].” ([163])

E para somar, citaremos novamente a obra ***A Crise da Morte***, na qual Ernesto Bozzano, explicou:

> [...] agora **sabemos, com base nos fatos, que os espíritos dos desencarnados entram em uma primeira fase de existência espiritual que significa uma reprodução espiritualizada do ambiente e da existência terrena; fase transitória, ainda que de longa duração**, que teria a **finalidade de predispor gradativamente os recém-chegados para a vida espiritual** propriamente dita.[...]. ([164])

Assim, temos fontes diversas que nos dão conta ser o nosso ambiente terreno bem uma “pálida cópia” do que existe no plano espiritual. No caso das construções tipo “pronto-socorro espiritual” a sua duração é temporária, nada de “pela eternidade

afora”, pois elas deixarão de existir por conta do progresso dos Espíritos vinculados ao mundo que se relacionam.

Nos argumentos contrários sempre aparece a utilização do termo “lógica”. Daí, ser de suma importância citarmos o que Codificador disse a respeito dela. Para isso, vamos consultar o tópico II – Autoridade da Doutrina Espírita da Introdução de ***O Evangelho Segundo Espiritismo***. Dividiremos o 7º parágrafo em duas partes, para facilitar os nossos comentários:

> **1ª Parte:**
>
> O primeiro controle é, incontestavelmente, o da razão, ao qual é preciso submeter, sem exceção, tudo o que venha dos Espíritos. **Toda teoria em notória contradição com o bom senso, com uma lógica rigorosa e com os dados positivos que se possui**, deve ser rejeitada, por mais respeitável que seja o nome que traga como assinatura. (continua) ([165])

Não podemos deixar de ressaltar o trecho “*com os dados positivos que se possui*”, que se

refere ao último dos três pontos em que Allan Kardec recomenda rejeitar toda teoria em notória contradição.

Muito bom isso, pois na pesquisa que empreendemos conseguimos levantar dados positivos de várias fontes confiáveis que apontam na direção da existência de construções no mundo espiritual, realizadas, por óbvio, da matéria própria desse plano.

Quase todos os médiuns citados são videntes ou tiveram visões específicas. Sobre a importância desse tipo de médium será tema que trataremos mais à frente em capítulo próprio.

> **2ª Parte:**
>
> (continuação) **Esse controle, porém, em muitos casos ficará incompleto, em razão da insuficiência de conhecimentos de certas pessoas e da tendência de muitos a tomar a própria opinião como juízes únicos da verdade.** Em semelhante caso, o que fazem os homens que não depositam absoluta confiança em si mesmos? Vão buscar **o parecer da maioria e tomar por guia a opinião desta**. Assim se deve proceder

> com relação ao ensino dos Espíritos, que nos fornecem, eles mesmos, os meios de consegui-lo. ([166])

Ora, ora, então temos que o julgamento sobre "*se tem ou não lógica*" cabe à maioria e não especificamente a certas pessoas "*em razão da insuficiência de conhecimentos e na tendência de tomar a própria opinião como juízes únicos da verdade*".

Vamos consultar a ***Revista Espírita 1859***, mês de junho, para ressaltar do artigo "Intervenção da Ciência no Espiritismo", por oportuna, a seguinte frase:

> Não há ninguém de bom senso que não faça justiça aos **sábios**, reconhecendo, entretanto, que **não são infalíveis** e, assim, que seu julgamento, não é a última instância. ([167])

É claro que aceitaremos contestação à opinião do jornalista Herculano Pires e a de Ernesto Bozzano, entretanto julgamos ser necessário que cada opositor comprove, sem deixar margem à dúvida, ter

sido tão profícuo quanto eles na publicação de obras de cunho doutrinário.

Após a mensagem intitulada “Os Espíritos incrédulos e materialistas”, registrada na ***Revista Espírita 1863***, mês de maio, encontraremos uma pergunta dirigida a Erasto com sua respectiva resposta:

> *Pergunta*. – Compreende-se a incredulidade em certos Espíritos, mas não se compreende o materialismo, uma vez que seu estado é um protesto contra o reino absoluto da matéria e o nada após a morte.
>
> *Resposta* (médium, Sr. d’Ambel). – Uma palavra somente: **todos os corpos sólidos ou fluídicos pertencem à substância material**; isto está bem demonstrado. Ora, aqueles que, durante sua vida, não admitiam senão um princípio na Natureza, a matéria, não percebem, frequentemente, ainda depois da sua morte senão esse princípio único, e absoluto. **Se refletísseis nos pensamentos que os dominaram toda a sua vida, os encontrareis certamente, ainda hoje, sob a inteira subjugação desses mesmos pensamentos**. Outrora se consideravam como corpos sólidos; hoje se consideram como corpos fluídicos, eis tudo. **Notai bem,**

eu vos peço, que se percebem sob uma forma nitidamente circunscrita, toda vaporosa que ela seja, e idêntica à que tinham sobre a Terra no estado sólido ou humano. De tal sorte que não veem, em seu novo estado, senão uma transformação de seu ser na qual não tinham pensado; mas ficam convencidos de que é uma progressão para o fim ao qual chegarão quando estiverem suficientemente libertos, para se apagarem no grande todo universal. Não há nada de tão renitente do que um sábio, e eles persistem em pensar que esse fim, por ser retardado, por isso não é menos inevitável.

Uma das condições de sua cegueira moral é de encerrá-los mais violentamente nos laços da materialidade e, consequentemente, de impedi-los de se afastarem das regiões terrestres ou similares à Terra; e do mesmo modo que a grande maioria dos encarnados, aprisionados na carne, não podem perceber as formas vaporosas dos Espíritos que o cercam, do mesmo modo a opacidade do envoltório dos materialistas lhes interdita contemplar as entidades espirituais que se movem tão belas e tão radiosas, nas altas esferas do império celeste. (a) ERASTO. ([168]) (Itálico do original)

Bem curiosa é a informação sobre a existência

no mundo espiritual de “*regiões terrestres ou similares à Terra*”, que abre portas para pensarmos em construções, obviamente com a matéria própria desse plano.

Vamos encontrar na ***Revista Espírita 1869***, mês de abril, o artigo com o título de “Profissão de fé espírita americana”, do qual ressaltamos os seguintes trechos da “Declaração de princípios”, que Allan Kardec reproduziu o jornal espírita *Salut* de Nova Orleans:

> O espiritualismo nos ensina [itens 1 a 19]:
>
> 3. **Que há um mundo, ou estado espiritual, com suas realidades substanciais, objetivas tão bem quanto subjetivas**.
>
> 8. **Que o mundo espiritual não está longe de nós, mas que está perto, que nos cerca, ou que está misturado ao nosso presente estado de existência**; e, consequentemente, que estamos constantemente sob a vigilância dos seres espirituais.
>
> 9. Que, uma vez que os indivíduos passam constantemente da vida terrestre à vida espiritual, em todos os graus de desenvolvimento intelectual e moral, **o**

estado espiritual compreende todos os graus de caracteres, do mais baixo ao mais elevado.

10. Que, uma vez que o céu e o inferno, ou a felicidade e a infelicidade, dependem antes dos sentimentos íntimos do que das circunstâncias exteriores, **há tantos graus para cada um quanto há de nuanças de caracteres, cada indivíduo gravitando em seu próprio lugar por uma lei natural de afinidade**. Podem ser divididos em **sete graus gerais ou esferas; mas estes devem compreender as variedades indefinidas, ou uma "infinidade de moradas" correspondendo aos caracteres diversos dos indivíduos**, cada ser gozando tanto de felicidade quanto seu caráter lhe permite dela ter.

11. Que **as comunicações do mundo dos Espíritos, que elas sejam recebidas por impressão mental, por inspiração**, ou de toda outra maneira, não são necessariamente, as verdades infalíveis, mas que, ao contrário, elas se ressentem, inevitavelmente, das imperfeições da inteligência da qual elas emanam e do caminho por onde elas vêm; e que, além disso, elas são suscetíveis de receber uma falsa interpretação daqueles a quem são dirigidas. ([169])

Vejamos agora os comentários do

Codificador:

Eis, pois, a base da crença dos espíritas americanos; se isso não é da totalidade, é ao menos a da maioria. **Essa crença não é mais o resultado de um sistema preconcebido nesse país do que o Espiritismo na Europa**; ninguém a imaginou; viu-se, observou-se e disto se tiraram conclusões. Nesse mundo não mais do que aqui, não se partiu da hipótese dos Espíritos para explicar os fenômenos; mas, dos fenômenos como efeito, chegou-se pela observação aos Espíritos como causa. [...].

Já se pôde notar as relações e **as diferenças que existem entre as duas escolas, e para aqueles que não se pagam com palavras,** mas que vão ao fundo das ideias, a diferença se reduz a muito pouca coisa. Essas duas escolas não tendo se copiado, essa coincidência é um fato muito notável. Assim, eis **dos dois lados do Atlântico, milhões de pessoas que observam um fenômeno, e que chegam ao mesmo resultado**. É verdade que o Sr. Chevillard não havia ainda passado por lá para opor o seu veto e dizer a esses milhões de indivíduos, entre os quais há os de bom nome que não passam por tolos: "Estais enganados; só eu possuo a chave desses estranhos fenômenos, e eu vou deles dar ao mundo a solução definitiva."

Para tornara comparação mais fácil,

vamos tomar a profissão de fé americana, artigo por artigo, e por em paralelo o que disse, sobre cada uma das proposições que ali são formuladas, a doutrina de *O Livro dos Espíritos*, publicada em 1857, e que além disso está desenvolvida nas outras obras fundamentais.

Disso se encontrará um resumo mais completo no capítulo II de *O que é o Espiritismo*? [itens 1 a 19]:

1. O homem possui uma alma ou Espírito, princípio inteligente, em que residem o pensamento, a vontade, o senso moral, e cujo corpo não é senão o envoltório material. O Espírito é o ser principal, preexistente e sobrevivente ao corpo, que não é senão um acessório temporário. **O Espírito**, seja durante a vida carnal, seja depois de tê-la deixado, **é revestido de um corpo fluídico ou perispírito, que reproduz a forma do corpo material**.

3. Os Espíritos, libertos do corpo carnal, **constituem o mundo invisível ou espiritual, que nos cerca e no meio do qual vivemos**.

As transformações fluídicas produzem imagens e objetos tão reais para os Espíritos, que são eles mesmos fluídicos, quanto o são as imagens e os objetos terrestres para os homens, que são materiais. Tudo é relativo em cada um desses mundos. (Ver *A Gênese segundo o*

Espiritismo, capítulo dos fluídos e das criações fluídicas.)

10. **O céu e o inferno, segundo a crença vulgar, são os lugares circunscritos de recompensas e de punições**. Segundo o Espiritismo, os Espíritos trazem em si mesmo os elementos de sua felicidade ou de seus sofrimentos, **são felizes ou infelizes por toda a parte onde se encontrem;** as palavras céu e inferno não são senão figuras que caracterizam um estado de felicidade ou de infelicidade.

Há, por assim dizer, **tantos graus entre os Espíritos quanto há de nuanças nas aptidões intelectuais e morais**; no entanto, considerando-se os caracteres mais marcantes, podem ser agrupados em nove classes ou categorias principais, podendo se subdividirem ao infinito, sem que essa classificação tenha nada de absoluta. (O Livro dos Espíritos, liv. II, cap. l, n° 100, escala espírita.)

À medida que os Espíritos avançam na perfeição, eles habitam mundos cada vez mais avançados fisicamente e moralmente. Sem dúvida, foi o que Jesus quis falar com estas palavras: “Há várias moradas na casa de meu pai.” (Ver *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. III.) ([170])

Allan Kardec demonstra que algumas coisas que o Espiritualismo norte-americano defende vai ao encontro das conclusões que os Espíritas europeus chegaram, ou seja, há verdadeira correspondência entre os princípios.

Não podemos deixar de fazer referência ao item 3, com o seguinte teor; "*Que há um mundo, ou estado espiritual, com suas realidades substanciais, objetivas tão bem quanto subjetivas.*" Observe, caro leitor, que no mundo espiritual há realidades "objetivas" e "subjetivas", as primeiras certamente são produto de criações fluídicas. É o que podemos concluir do comentário de Allan Kardec no item correspondente: *"As transformações fluídicas produzem imagens e objetos tão reais para os Espíritos, [...] quanto os são as imagens e os objetos terrestres para os homens*". Diante disso, perguntamos: Temos ou não base para sustentar as construções no mundo espiritual?

É certo que poderemos ser felizes ou infelizes por toda parte, inclusive na condição de encarnados. Allan Kardec explicou que "*as palavras céu e inferno não são senão figuras que caracterizam um estado*

de felicidade ou de infelicidade”, entretanto, tendo a atenção voltada para a nossa condição de desencarnados, evidente se torna que estaremos reunidos com os afins e aí formaremos um ambiente psíquico compatível ao nosso estado íntimo.

Em seus argumentos os expositores discordantes dessa ideia sempre apresentam algumas questões de ***O Livro dos Espíritos***, como contrárias às colônias espirituais. Dentre elas merece destaca a questão 1012, uma vez que a consideram como sendo “o tiro mortal” contra a ideia das colônias. Vejamos o seu teor:

> 1012. *Haverá no Universo lugares circunscritos **para as penas e gozos dos Espíritos**, segundo seu merecimento?*
>
> “Já respondemos a esta pergunta. **As penas e os gozos** são inerentes ao grau de perfeição do Espírito. Cada um tira de si mesmo o princípio de sua felicidade ou de sua desventura. E como eles estão por toda parte, **não existe nenhum lugar circunscrito ou fechado especialmente destinado a uns ou outros**. [...].”
>
> 1012-a. *De acordo com isso, **o inferno e o paraíso** não existem, tais como o homem*

os imagina?

"São simples alegorias: por toda parte há Espíritos felizes ou infelizes. Entretanto, conforme também já dissemos, **os Espíritos de uma mesma ordem se reúnem por simpatia**, mas, quando são perfeitos, podem reunir-se onde queiram."

A localização absoluta das regiões de penas e recompensas só existe na imaginação do homem. Provém da sua tendência a *materializar* e *circunscrever* as coisas, cuja essência infinita é incapaz de compreender. ([171]) (itálico do original)

Da transcrição anterior destacamos "*O céu e o inferno, segundo a crença vulgar, são os lugares circunscritos de recompensas e de punições*", precisamente o contexto da questão 1012. Aliás, em *O Céu e o Inferno*, Allan Kardec disse: "*O que ele [Espiritismo] destrói é o inferno localizado com suas fornalhas e penas irremissíveis*" ([172]).

Importa lembrarmos que o primeiro ponto que devemos considerar para a interpretação de qualquer texto é ter plena consciência do seu contexto, de modo a evitar alguma impropriedade ou equívoco de entendimento.

No caso em análise, ou seja, a questão 1012, se localiza no tópico “Paraíso, inferno, purgatório. Paraíso Perdido. Pecado Original” do capítulo “II – Das penas e gozos futuros” da Quarta Parte – Das esperanças e consolações. Portanto, é exatamente dentro desse limite que devemos entender o teor da resposta dos Espíritos para a interpretar segundo o efetivo pensamento do(s) autor(res).

A ideia contida na questão 1012 é quanto a lugares circunscritos para penas e gozos, portanto, trata-se de uma ligação objetiva com a crença no “inferno” e no “paraíso”, respectivamente, conforme a teologia vigente. Então, a resposta deve ser no sentido de que “*não existe nenhum lugar circunscrito ou fechado especialmente destinado a uma [**=inferno**] e outra coisa [**=paraíso**]*”, como geralmente se crê, pois tratam-se apenas de alegorias.

Transcrevemos do final do 2º § da resposta à questão 160 de ***O Que é o Espiritismo***, o seguinte:

> [...] em uma palavra, não há um defeito, uma imperfeição moral, um ato mau, que

> não tenha, no mundo espiritual, seu reverso e suas consequências naturais; e, para isso, **não há necessidade de um lugar determinado e circunscrito.** Onde quer que se ache o Espírito perverso, o inferno estará com ele. ([173])

Confirma-se, portanto, que "*lugares circunscritos*" se referem à crença comum em "céu" e "inferno", onde, respectivamente, gozaremos ou sofreremos as consequências dos nossos atos.

Aliás, na obra ditada por André Luiz é objetivamente dito: "'*Nosso Lar' não é estância de espíritos propriamente vitoriosos, se conferirmos ao termo sua razoável acepção.*" ([174]), daí não há como o comparar essa colônia espiritual ao paraíso, não é mesmo?

O que tem na resposta à questão 1012 contra a ideia das construções no mundo espiritual? Nada, absolutamente nada. Mas, ao que se vê por aí, tem. É muito fácil identificar que os negadores das colônias e também do umbral, os veem exatamente na condição de "paraíso" e "inferno", e daí, na cabeça deles, o teor da resposta à questão é

contrário.

Voltemos ao comentário de Allan Kardec na questão 1012-a de ***O Livro dos Espíritos***, onde deu a seguinte explicação: *"A localização absoluta dos lugares* ***de penas e de recompensas*** *só existe na imaginação do homem."* ([175]) O Codificador, certamente, não está se referindo a outra coisa senão à crença de "inferno" e "paraíso" como algo localizado, nada mais que isso. Os que "querem" enxergar outra coisa, simplesmente se desviram do caminho, pegando um atalho que não vai dar em lugar algum, uma vez que: 1º) "*Se as premissas não forem certas, a conclusão não o poderá ser.*" ([176]) e 2º) "*As ideias falsas, entregues à discussão, mostram seu lado fraco, e se apagam diante da força da lógica.*" ([177])

Nesse ponto, é oportuno trazer a explicação de Léon Denis, contida nos parágrafos iniciais do capítulo "XXXIII – A vida no espaço" da obra ***Depois da Morte***:

> **Segundo algumas doutrinas religiosas**, a Terra é o centro do Universo e

o céu arredonda-se como abóbada acima de nós. É na sua parte superior, dizem, que se assenta a **morada dos bem-aventurados**, e **o inferno**, habitação dos réprobos, prolonga suas sombrias galerias **nas entranhas do próprio globo**.

A Ciência moderna, de acordo com o ensino dos espíritos, mostrando-nos o Universo semeado de inumeráveis mundos habitados, **trouxe um golpe mortal a essas teorias**. **O céu está em toda parte; em toda parte o incomensurável, o insondável, o infinito**; em toda parte um formigamento de sóis e de esferas, dentre os quais nossa Terra é apenas ínfima unidade.

No meio dos Espaços, não há mais moradas circunscritas para as almas. Tanto mais livres são quanto mais puras, percorrem a imensidão e vão onde as levam suas afinidades e suas simpatias. **Os espíritos inferiores**, entorpecidos pela densidade de seus fluidos, **ficam como que pregados ao mundo onde viveram, circulando na sua atmosfera ou misturando-se aos humanos**.

As alegrias e as percepções do espírito não resultam do meio que ocupa, mas do seu estudo pessoal e dos progressos realizados. O espírito atrasado, com perispírito opaco e envolto em sombras, pode encontrar-se com a alma radiosa, cuja

forma sutil presta-se às sensações mais delicadas, às vibrações mais extensas. Cada um traz em si sua glória ou sua miséria.

A condição dos espíritos na vida de além-túmulo, sua elevação, sua felicidade, tudo **depende da sua faculdade de sentir e de perceber**, que é proporcional ao seu grau de adiantamento.

Aqui mesmo, na Terra, vemos os gozos intelectuais aumentarem com a cultura intelectual. As obras literárias e artísticas, as belezas da civilização, as mais altas concepções do gênio humano permanecem incompreensíveis para o homem selvagem e mesmo para muitos de nossos concidadãos. Assim, os espíritos de ordem inferior, como cegos no meio da Natureza ensolarada, ou surdos num concerto, ficam indiferentes e insensíveis diante das maravilhas do infinito.

Esses espíritos, envolvidos em fluidos espessos, submetem-se às leis da gravidade e são atraídos para a matéria. Sob a influência de seus apetites grosseiros, as moléculas de seus corpos fluídicos fecham-se às percepções exteriores e os tornam escravos das mesmas forças naturais que governam a Humanidade. Não se deveria insistir muito nesse fato que é **o fundamento da ordem e da justiça universais: as almas agrupam-se e se dispõem no espaço segundo o grau de pureza de seu invólucro**; o lugar que

> ocupam está em relação direta com sua constituição fluídica, que é sua própria obra, a resultante de seu passado e de todos os seus trabalhos. Ela é que determina sua situação; é nela que se encontra sua recompensa ou sua dor. Enquanto que a alma depurada percorre a vasta e radiosa amplidão, demora-se à vontade nos mundos e quase não vê limites para o seu progresso, o espírito impuro não pode afastar-se da vizinhança dos mundos materiais.
>
> **Entre esses estados extremos, numerosos graus intermediários permitem aos espíritos semelhantes agruparem-se e constituírem verdadeiras sociedades celestes**. A comunhão de pensamentos e de sentimentos, a identidade dos gostos, das visões, das aspirações aproximam e unem essas almas que formam grandes famílias. ([178])

Dentro desse contexto, a expressão "*não há mais moradas circunscritas para as almas*" relaciona-se diretamente com determinadas doutrinas religiosas.

Um ponto importante é que Léon Denis também afirmou que "*as almas agrupam-se e se dispõem no espaço segundo o grau de pureza de seu*

invólucro” e, mais adiante, que podem “*constituir verdadeiras sociedades celestes*”. Ora, isso nos leva a concluir que esse inevitável agrupamento, do qual resultam verdadeiras sociedades celestes, pressupõe a existência de regiões ou lugares no espaço onde tais sociedades se estabeleçam.

Ao esclarecer que “*as alegrias e as percepções do espírito não resultam do meio que ocupa, mas do seu estudo pessoal e dos progressos realizados*”, Léon Denis deixa claro que é o seu grau evolutivo do Espírito, fruto do seu progresso moral, que determinará o local que ocupará no espaço, juntamente com aqueles que lhe são semelhantes.

Do artigo “Duplo suicídio por amor e por dever”, publicado na ***Revista Espírita 1862***, mês de julho, destacamos o seguinte parágrafo:

> Certos católicos censuram **o Espiritismo** por não admitir o inferno; certamente não, ele **não admite a existência de um inferno localizado**, com suas chamas, suas forcas e suas torturas corpóreas renovadas do Tártaro dos pagãos; **mas a posição em que nos mostra os Espíritos infelizes não vale mais do que ele,** com esta

> diferença radical, no entanto, de que a natureza das penas nada tem de irracional, e que sua duração, em lugar de ser irremissível, está subordinada ao arrependimento, à expiação e à reparação, o que é, ao mesmo tempo, mais lógica e mais conforme com a doutrina da justiça e da bondade de Deus. ([179])

Eis aí, tão claro quanto possível, sobre o quê Allan Kardec estava se referindo. As colônias espirituais nada mais são que construções temporárias criadas pelos Espíritos como um "posto de socorro", que tem por objetivo a assistência e ajuda aos sofredores. Santo Agostinho esclarece-nos: "*É peculiar à nossa vida consolar o Espírito que pena e sofre.*" ([180]) E como já dissemos, um dia, quando a evolução da humanidade chegar a um determinado patamar, elas não serão mais necessárias.

No texto para uma possível segunda edição de ***As Colônias Espirituais e a Codificação***, inserimos algo importante em ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***, capítulo "III – Há muitas moradas na casa de meu Pai", no tópico "Diferentes estados da alma na erraticidade", que se relaciona à

questão de “lugares circunscritos”:

> 2. A casa do Pai é o Universo. **As diferentes moradas são os mundos que circulam no Espaço infinito** e oferecem, aos Espíritos que neles encarnam, estações apropriadas ao seu adiantamento.
>
> Independente da diversidade dos mundos, essas palavras também podem ser entendidas como se referindo ao estado feliz ou infeliz do Espírito na erraticidade. **Conforme se ache este mais ou menos depurado e desprendido dos laços materiais, o meio em que ele se encontre, o aspecto das coisas e as sensações que experimente variarão ao infinito**. Enquanto uns não podem afastar-se da esfera onde viveram, outros se elevam e percorrem o espaço e os mundos; enquanto alguns Espíritos culpados vagueiam nas trevas, os bem-aventurados gozam de resplendente claridade e do espetáculo sublime do infinito; finalmente, enquanto o mau, atormentado de remorsos e pesares, muitas vezes isolado, sem consolação, separado dos objetos de sua afeição, geme sob a opressão dos sofrimentos morais, o justo, em convívio com aqueles a quem ama, frui as delícias de uma felicidade indizível. **Essas, também, são outras tantas moradas, embora não circunscritas nem localizadas**. ([181])

Não deveria restar dúvida que ao dizer “*Essas, também, são outras tantas moradas, embora não circunscritas nem localizadas*”, Allan Kardec sanciona a existência de moradas no plano espiritual, embora “*não circunscritas nem localizadas*”, fato que os opositores ainda não se deram conta.

E quanto à questão 1017 de ***O Livro dos Espíritos***, cuja referência é a fala de alguns Espíritos sobre habitarem “*o quatro, o quinto céu*”, Allan Kardec também comenta:

> Dá-se a mesma coisa com outras **expressões análogas, tais como: cidade das flores, cidade dos eleitos, primeira, segunda ou terceira esfera etc.**, que são apenas alegorias usadas por alguns Espíritos, quer como figuras, quer, algumas vezes, por ignorância da realidade das coisas, e até das mais simples noções científicas.
>
> Segundo **a ideia restrita que outrora se fazia dos lugares das penas e das recompensas** e, sobretudo, conforme a opinião de que **a Terra era o centro do Universo, de que o céu formava uma abóbada e que havia uma região das estrelas**, **colocava-se o céu no alto e o inferno embaixo. Daí as expressões:**

> **subir ao céu, estar no mais alto dos céus, ser precipitado nos infernos.** Hoje, que a Ciência demonstrou que [...] Espaço é infinito, que não há nem alto nem baixo no Universo, teve-se que renunciar a situar o céu acima das nuvens e o inferno nos lugares inferiores. Quanto ao purgatório, nenhum lugar lhe foi designado. [...] Assim, podemos dizer que trazemos em nós mesmos o nosso inferno e o nosso paraíso. Nosso purgatório, nós o encontramos na encarnação, nas vidas corpóreas ou físicas. ([182])

As expressões "*cidade das flores*", "*cidade dos eleitos*", "*primeira, segunda ou terceira esfera, etc.*" são análogas ao quê? Dentro do contexto, que jamais se pode desprezar, ao "paraíso" que, segundo a crença comum, se localizava "*no mais alto dos céus*".

Tinha-se, como se vê, que a localização do "paraíso" era "no alto" e a do "inferno", era "embaixo", considerando-se a Terra como centro do Universo. Tomar isso como algo contrário às colônias e o umbral é ir muito além do conceito deles, para, sem a menor dúvida, cair num dogmatismo escancarado.

Confessamos que até hoje não vimos, em nenhuma obra ou artigo, algum autor – encarnado ou desencarnado – afirmando que as colônias seriam o paraíso e que o umbral seria o inferno.

Nessa perspectiva somente veem os que combatem os relatos constantes das obras ditadas por André Luiz, Espírito pelo qual muitos confrades parecem ter uma certa ojeriza, diga-se de passagem.

Claro que na produção de André Luiz há coisas que são frutos da criatividade dele, como muito bem pontuou o jornalista Herculano Pires. Entretanto, devemos ser previdentes para "*não jogarmos a água da bacia fora com a criança dentro*".

O "*já respondemos a esta pergunta*", certamente se refere à seguinte questão de ***O Livro dos Espíritos***:

> 87. *Os Espíritos ocupam uma região determinada e circunscrita no Espaço?*
>
> "Os Espíritos estão por toda parte. Povoam infinitamente os espaços infinitos. Há os que estão sem cessar ao vosso lado, observando-vos e atuando sobre vós, sem que o sabais, já os Espíritos são uma das

> forças da Natureza e os instrumentos de que Deus se serve para a execução de seus desígnios providenciais. Nem todos, porém, vão a toda parte, pois **há regiões interditas aos menos adiantados**." ([183]) (itálico do original)

É objetivamente informado de que "*há regiões interditas aos menos adiantados*" o que são elas, as regiões, senão algo "*determinado e circunscrito*"? O que não existe, voltamos a explicar, são o "paraíso" e o "inferno" localizados em alguma região.

Antigamente, colocavam o primeiro – o paraíso – para além do "céu azul," enquanto o segundo – o inferno –, tinham-no nas "entranhas da Terra".

É oportuno voltamos à resposta da questão 279 de ***O Livro dos Espíritos***, para esclarecer algo que deixamos para esse momento:

> 279. *Todos os Espíritos têm livre acesso a qualquer região?*
>
> "Os bons vão a toda parte e assim deve ser, para que possam exercer sua influência sobre os maus. **Mas as regiões habitadas pelos bons são interditadas aos Espíritos imperfeitos**, a fim de não as

perturbarem com suas paixões inferiores.” ([184]) (itálico do original)

As regiões habitadas pelos bons Espíritos, aqui mencionadas, certamente, estão situadas, ou seja, localizadas no mundo espiritual, não dizem respeito a planetas. Como já dissemos, ao se falar em “região” está se afirmando, de forma bem clara e objetiva, de algo circunscrito.

Em nossa pesquisa publicada no livro ***As Colônias Espirituais e a Codificação***, dissemos que os mundos transitórios ou intermediários, destinado a Espíritos errantes, dariam suporte, por similaridade, a existência de construções no mundo espiritual.

Aliás, é bom esclarecer que a renda dessa nossa obra é revertida para a divulgação do Espiritismo. O único interesse que nos move é ajudar as pessoas no entendimento de certos pontos doutrinários, é, pois aí que temos algum “lucro”, deixamos isso bem claro, para não gerar suposições e ilações infundadas ou até mesmo insinuações maldosas.

Destacaremos apenas este trecho de uma mensagem do Espírito São Luís, publicado na ***Revista Espírita 1862***, mês de julho:

> [...] **Os mundos intermediários são povoados de Espíritos esperando a prova da encarnação**, ou aí se preparando de novo, segundo seu grau de adiantamento. Os Espíritos, **nesses viveiros da vida eterna, estão agrupados *e* divididos em grandes tribos**, uns adiante, outros em atraso no progresso, e **cada um escolhe, entre os grupos humanos, aqueles que correspondem simpaticamente às suas faculdades adquiridas**, os quais progridem e não podem retrogradar. ([185])

Os mundos intermediários não "*regiões localizadas*" e neles, temporariamente, habitam Espíritos errantes que estão aguardando a oportunidade de uma nova encarnação.

Vejamos as seguintes questões de ***O Livro dos Espíritos***, relacionadas aos mundos transitórios:

> 234. *Existem, como já foi dito, mundos que servem de estações e de pontos de*

repouso aos Espíritos errantes?

"Sim, **há mundos particularmente destinados aos seres errantes, nos quais podem habitar temporariamente**, espécies de acampamentos ao ar livre, de lugares em que possam repousar de uma erraticidade demasiado longa, estado este sempre um tanto penoso. São, entre os outros mundos, posições intermédias, graduadas de acordo com a natureza dos Espíritos que podem alcançá-las e nos quais gozam de maior ou menor bem-estar."

236. *Pela sua natureza especial, os mundos transitórios se conservam perpetuamente destinados aos Espíritos errantes?*

"Não, **sua posição é apenas temporária**." ([186]) (itálico do original)

Temos aqui duas coisas importantes, que listamos:

1ª) se há mundos que servem temporariamente de habitação a Espíritos errantes, abre-se espaço para as construções. Além disso, esses mundos não deixam de ser lugares circunscritos;

2ª) é uma condição temporária. Correlacionando com as colônias, veremos uma semelhança, pois elas são exatamente habitações temporárias de Espíritos errantes.

Não podemos deixar de chamar a atenção para o fato de que a cidade espiritual “Nosso Lar”, segundo afirmado, várias vezes, na própria obra, é uma zona de transição ([187]), como vimos, tal e qual os mundos intermediários ou transitórios, cuja “*posição não é senão transitória*” ([188]).

Eis aí o outro problema de interpretação, tomam-nas como eternas. É bom deixar bem claro, para evitar entendimento equivocado, que tanto as colônias quanto o umbral não são o destino de todos os seres que desencarnam – muitos têm evolução suficiente para ir além deles.

Ademais, segundo o que conseguimos apreender, as colônias espirituais nada mais são que prontos-socorros aos Espíritos recém-desencarnados ([189]) ainda apegados às coisas ou situações terrenas e os que a maldade ainda domina os seus corações, geralmente vivendo nas trevas, na linguagem de

vários Espíritos, cujos diálogos ou mensagens estão registrados em obras da Codificação não é algo tipo “paraíso”, como parece crer alguns confrades. Portanto, não lhes podem aplicar o teor da resposta à questão 1012 de *O Livro dos Espíritos*.

Corroborando a atividade socorrista dos bons Espíritos, observa-se que, em *O Céu e o Inferno*, Allan Kardec disse “*Pelo que vemos,* ***os Espíritos inferiores são assistidos por Espíritos bons*** *com a missão de os guiar.*” ([190])

Elas, as colônias espirituais, existirão enquanto o nosso planeta for habitado por Espíritos inferiores, conforme dissemos milhares de vezes. A partir de um certo ponto de sua transição de mundo de provas e expiações para entrar na categoria de mundo de regeneração, possivelmente serão “desativadas”, e consequentemente o Umbral, por não serem mais necessárias.

Do artigo “Um Espírito que não se acredita morto”, publicado na ***Revista Espírita 1859***, mês de dezembro, transcrevemos o seguinte trecho:

Um dos nossos assinantes, do departamento de Loiret, ótimo médium escrevente, escreveu o que se segue sobre vários fatos de aparição que lhe foram pessoais.

"Não querendo deixar no esquecimento nenhum dos fatos que vêm em apoio da Doutrina Espírita, **venho comunicar-vos novos fenômenos, dos quais sou a testemunha e o médium,** e que, como o reconhecereis, concordo perfeitamente com tudo o que publicastes em vossa *Revista* sobre os diversos estados dos Espíritos depois de sua separação do corpo.

"Há cerca de seis meses, ocupava-me de comunicações Espíritas com várias pessoas, quando **me veio o pensamento de perguntar se, entre os assistentes, encontrava-se algum médium vidente**. O Espírito respondeu afirmativamente e, designando-me, acrescentou: **Tu já o és, mas num grau fraco, e somente durante teu sono**; mais tarde teu temperamento se modificará de tal forma, que te tornarás um excelente médium vidente, mas pouco a pouco, e primeiro somente durante o sono.

"No curso deste ano, tivemos a dor de perder três de nossos parentes. Um deles, que **era meu tio,** apareceu-me, algum tempo depois de sua morte, **durante meu sono**; teve comigo uma longa conversa, e

> **conduziu-me ao lugar que habita, e que me disse ser o último degrau conduzindo à morada da felicidade eterna**. Tive a intenção de dar-vos a explicação do que admirei nessa **morada incomparável**, mas tendo consultado meu Espírito familiar a esse respeito, respondeu-me: A alegria e a felicidade que experimentastes poderiam influenciar o relato que farias das maravilhosas belezas que admiraste, e tua imaginação poderia criar coisas que não existem. Espera que teu Espírito esteja mais calmo. Detive-me, pois, para obedecer ao meu guia, e não me ocuparei senão de duas outras visões que são mais positivas. Reportar-vos-ei somente as últimas palavras de meu tio. Quando admirava aquilo que me era permitido ver, ele me disse: Vais agora retornar à Terra. Eu lhe supliquei conceder-me ainda alguns instantes. – Não, disse, são cinco horas, e deves retomar o curso de tua existência. No mesmo instante despertei, e cinco horas soaram no meu relógio. ([191])

Eis aí, mais um caso que corrobora a existência de moradas no mundo espiritual, mas alguns confrades recusam-se a crer nessa realidade, que inúmeras fontes confiáveis apontam, preferindo continuar com suas crenças apoiadas em bases

totalmente equivocadas, mas que, infelizmente, não se dão conta disso.

Da ***Revista Espírita 1861***, mês de maio, do tópico “Ensinamentos e dissertações espíritas”, transcrevemos a mensagem “Festas dos bons Espíritos”:

> A chegada de um Irmão entre eles.
>
> (Envio da Sra. Cazemajoux, médium de Bordeaux)
>
> Também **temos as nossas festas**, e isso nos ocorre frequentemente, porque os bons Espíritos da Terra, nossos irmãos bem-amados, em se despojando de seu envoltório material, nos estendem os braços, e nós vamos, em grupo inumerável, **recebê-los à entrada da morada onde vão doravante habitar conosco**; e nessas festas não se agitam, como nas vossas, as paixões humanas que, sob os rostos graciosos, e as frontes coroadas de flores, escondem a inveja, o orgulho, o ciúme, a vaidade, o desejo de agradar e de preponderar sobre os seus rivais nesses prazeres factícios que não o são mais. Aqui reinam a alegria, a paz, a concórdia; cada um está contente com a classe que lhe foi assinalada e feliz com a felicidade de seus irmãos. Pois bem! Meus amigos, com esse

> acordo perfeito que reina entre nós, **nossas festas têm um encanto indescritível; milhões de músicos cantam, sobre liras harmoniosas**, as maravilhas de Deus e da criação, com os acentos mais encantadores do que as vossas mais suaves melodias; **longas procissões aéreas de Espíritos volitam como zéfiros, lançando sobre os recém-chegados nuvens de flores,** das quais não podeis compreender o perfume e as nuanças variadas; depois o banquete fraterno, onde são convidados aqueles que terminaram com felicidade a sua prova, e vêm receber a recompensa de seus trabalhos. Oh! Meu amigo, tu gostarias disso saber mais, mas **a vossa língua não tem possibilidade de descrever essas magnificências**; eu já vos disse bastante, a vós que sois meus bem-amados, para vos dar o desejo de isso aspirar, e então, cara Emile, livre da missão que cumpri junto de ti sobre a Terra, continuá-la-ei para te conduzir através do espaço, e te fazer desfrutar todas essas felicidades.
>
> FELÍCIA.
>
> Mulher do evocador Emile, e depois de um ano seu guia protetor. ([192])

"*Recebê-los à entrada da morada onde vão doravante habitar conosco*", é uma informação que, a nosso sentir, também corrobora a existência de

construções no mundo espiritual.

Percebemos que poucos espíritas sabem que a ideia de construções no mundo espiritual não é fruto da criação de André Luiz: várias obras anteriores já as mencionam, conforme se pode ver nesta lista que elaboramos:

Construções no mundo Espiritual
(Fontes anteriores a André Luiz)

Em 1935, aparece ***Cartas de Uma Morta*** (psicografada até fins de 1934), ditado por Maria João de Deus, é a primeira obra por Chico Xavier com referências a construções no mundo espiritual. Mas antes dessa estas diversas obras já davam notícia disso. (# = data provável)

Ord/data	Autor / título da obra
01) 1728	Elizabeth Singer Rowe, *Amizade Depois da Morte*
02) 1758	Emanuel Swedenborg, *História do Espiritismo*
03) 1847 #	Andrew Jackson Davis, *História do Espiritismo*
04) 1874	Antoinette Bourdin, *Entre Dois Mundos*
05) 1877	Robert Dale Owen, *Região em Litígio*
06) 1889	Léon Denis, *Depois da Morte*
07) 1889	E. B. Duffey (médium), *A Crise da Morte*
08) 1908	Edward C. Randall, *The Future of Man*

09) 1913	James H. Hyslop, *American Journal of the SPR.*
10) 1914	Elza Barker, *Cartas de Um Morto-vivo*
11) 1916	Sir Oliver Lodge, *Raymond*
11) 1921	Rev. G. Vale Owen, *A Vida Além do Véu*
13) 1923	Lilian Walbrook, *O Caso de Lester Coltman*
14) 1923/24	Hester Travers Smith, *Rumo às Estrelas*
15) 1924	Anna Wickland, *Trinta Anos Entre os Mortos*
16) 1924	Ernesto Bozzano, *Joy Snell e a Missão dos Anjos*
17) 1926	Sadhu Sundar Sing, *Visões do Mundo Espiritual*
18) 1926	Arthur Conan Doyle, *História do Espiritismo*
19) 1926	Yvonne do Amaral Pereira, *Memórias de Um Suicida*
20) 1930	Ernesto Bozzano, *A Crise da Morte*
21) 1931	Gladys Osborne Leonard, *Minha Vida em Dois Mundos*
22) 1931	James Arthur Findlay, *No Limiar do Infinito*
23) 1932	Cairbar Schutel, *A Vida no Outro Mundo*
24) 1933	Jozef Rulof, *Uma Olhada no Além*
25) 1935	Chico Xavier, *Cartas de Uma Morta*
26) 1940	Francisco V. Lorenz, *Chamas de Ódio e a Luz do Puro Amor*
27) 1943	José dos Santos Junior, *Mensagens de Além-túmulo*
(SILVA NETO SOBRINHO, P. *As Colônias Espirituais e a Codificação*, Segunda Edição – ampliada e revisada)	

Emanuel Swedenborg, o segundo dessa lista, é citado no vídeo como sendo o ponto inicial dessa ideia, como se todos os que vieram depois dele tivessem lido sua obra para replicar as informações sobre as construções no mundo espiritual. Ilações que caem por absoluta falta de consistência.

Quanto ao que Emanuel Swedenborg disse, vejamos em ***O Espírito e o Tempo*** (1964), estas considerações de Herculano Pires sobre ele:

> **O que faz Swedenborg um precursor doutrinário do Espiritismo é a sua posição em face do mundo espiritual**, que ele considera de maneira quase positiva. Após a morte, os homens vão para esse mundo, [...] em que passarão a viver, em planos superiores ou inferiores, nas diferentes 'esferas' da espiritualidade. [...] **Suas descrições do mundo espiritual assemelham-se bastante às que encontramos nas comunicações dadas a Kardec ou recebidas atualmente pelos nossos médiuns**. [...]. ([193])

Herculano Pires não fez objeção à posição de Emanuel Swedenborg sobre o mundo espiritual, ao contrário, diz se assemelhar ao que se pode

encontrar nas comunicações dadas a Allan Kardec e outras que os médiuns atuais receberam.

Podemos ainda, trazer o pesquisador espírita Hermínio C. Miranda, que, no livro ***Swedenborg, Uma Análise Crítica*** (1991), nos explica:

> Para resumir e concluir, **entendo que Emanuel Swedenborg deve ser, com justiça, considerado um precursor** na divulgação dos *fenômenos* que constituem objeto **do Espiritismo**. **Foi quem primeiro discorreu com autoridade sobre as condições de vida no mundo póstumo, levando muitas pessoas à consoladora convicção na sobrevivência do ser à morte corporal.** Também demonstrou com suficiente credibilidade, a viabilidade do intercâmbio com os seres encarnados, ainda que ele próprio não tenha tirado disso o desejável proveito. Suas observações acerca do *limbo* (equivalente ao perispírito, na terminologia kardequiana) são pertinentes e pioneiras.
>
> **Quanto aos aspectos *doutrinários* do Espiritismo, contudo, suas especulações são inaceitáveis e nada têm a ver com a lúcida Doutrina dos Espíritos**, com a qual se choca frontalmente em aspectos relevantes como a questão fundamental das vidas

sucessivas.

> **Sobre as questões teológicas** que, a rigor, não dizem respeito especificamente ao Espiritismo, mas às instituições dogmáticas tradicionais, **suas observações apresentam-se eivadas de fantasias, suposições, dogmas e teorias que não resistem a uma análise crítica, mesmo elementar**. ([194]) (itálico do original)

Essa análise crítica de Hermínio Miranda é bem oportuna, porquanto, evocado por Allan Kardec, o Espírito Swedenborg se manifesta e confessa ter se equivocado em alguns pontos, conforme se poderá ver na ***Revista Espírita 1859***, em "Comunicação de Swedenborg na sessão de 16 de setembro" ([195]).

> [...] Eu preguei o Espiritismo há um século, e tive inimigos de todos os gêneros; tive também adeptos fervorosos; isso sustentou a minha coragem. Minha moral Espírita, e **minha doutrina, não deixam de ter grandes erros, que hoje reconheço**. Assim, **as penas não são eternas**; eu o vejo: Deus é muito justo e muito bom para punir eternamente a criatura que não tem bastante força para resistir às suas paixões. É **o que digo igualmente do mundo dos Anjos, que se**

prega nos templos, não era senão uma ilusão de meus sentidos: eu acreditei vê-lo; estava de boa-fé e o disse; mas eu me enganei. Vós estais, vós, num melhor caminho, porque estais mais esclarecidos do que se estava em minha época. Continuai, mas sede prudentes para que os vossos inimigos não tenham armas muito fortes. Vedes o terreno que ganhais cada dia, coragem, pois! porque o futuro vos está assegurado. O que vos dá a força, é que falais em nome da razão. Tendes perguntas a me dirigir? Eu vos responderei.

Swedenborg.

Do diálogo, as duas questões que nos interessam são estas:

6. Esse Espírito, fazendo escrever coisas que reconheceis hoje como errôneas, fê-lo numa boa ou em má intenção? – R. Não foi com má intenção: ele mesmo se enganou, porque não estava bastante esclarecido; vejo também que as ilusões do meu Espírito o influenciavam apesar dele. **Entretanto, no meio de alguns erros de sistema, é fácil reconhecer grandes verdades**.

7. O princípio da vossa doutrina repousa sobre **as correspondências**. Credes sempre nessas relações que encontráveis entre cada coisa material e cada coisa do mundo moral? – R. Não; **é uma ficção**. ([196])

Vejamos esta explicação de Allan Kardec:

> **Um dos pontos fundamentais da doutrina de Swedenborg repousa sobre o que ele chama as correspondências**. Segundo ele, **o mundo espiritual e o mundo natural estão ligados entre si, como o interior e o exterior, e disso resulta que as coisas espirituais e as coisas naturais fazem uma só**, por influxo, e que há, entre elas, correspondência. Eis o princípio; mas o que se deve entender por essa correspondência e esse influxo, é o difícil de compreender. ([197])

O próprio Espírito Swedenborg reconheceu que a doutrina das correspondências era uma ficção, entretanto, também disse que "*no meio de alguns erros de sistema, é fácil reconhecer grandes verdades*".

Segundo o que compreendemos das explicações de Allan Kardec, ele não condenava de todo as revelações de Emanuel Swedenborg.

Em março de 1869, o Codificador faz nova referência a Emanuel Swedenborg, quando em ***Catálogo Racional: Obras Para se Fundar Uma***

Biblioteca Espírita comenta a obra de Elizabeth Singer Rowe **(1674-1737), poetisa e escritora inglesa**:

> **Amizade após a morte** (A), contendo as cartas dos mortos aos vivos, pela senhora ROWE. Traduzido do inglês da 5ª edição e publicada em Amsterdam em 1753.
>
> Obra atualmente muito rara, contendo comunicações de pessoas falecidas, totalmente conforme a doutrina espírita, e que diríamos escritas por nossos médiuns de hoje. **É notável que essa obra tenha precedido Swedenborg cerca de trinta anos, e que esteja, mais do que este último, de acordo com as ideias atuais** (*Revista Espírita* de novembro de 1868, página 327). ([198])

Entendemos que ao comparar a obra de Elizabeth Singer Rowe, publicada em 1728, com a de Emanuel Swedenborg de 1758, Allan Kardec não desaprova totalmente o que esse escreveu, apenas considerou a de Rowe mais "*de acordo com as ideias atuais*".

Sir Oliver Joseph Lodge (1851-1940) é outro pesquisador que cita Emanuel Swedenborg. Vejamos

este trecho do tópico “Objeções contra a substância das comunicações” do capítulo “XX – Explanações e respostas” da obra ***Raymond – Uma Prova da Sobrevivência da Alma***, de sua autoria:

> No concernente à substância das comunicações recebidas do “outro lado”, **a dificuldade maior é a explicação da semelhança entre as condições do “além” e das da terra**; e surge a pergunta: Como é isso possível? Minha resposta é simples: provavelmente, por causa da identidade do observador. Não dogmatizo, mas raciocino que no quantum a personalidade humana permanece a mesma, o seu poder de interpretação será o mesmo que costumava ser aqui. Em consequência, se interpretamos de certa maneira o nosso mundo material, dessa mesma maneira interpretaremos um mundo etéreo – sempre através de sentidos que apenas diferirão em detalhes.
>
> **O mundo externo**, como o percebemos, está na dependência dos nossos poderes de percepção e interpretação. Do mesmo modo um quadro, ou qualquer obra de arte. A coisa em si – seja qual for a significação disto – talvez jamais a conheçamos. Admito que a proposição constitui uma dificuldade, mas **a evidência do ponto vem se firmando desde Swedenborg: o “outro**

mundo" será sempre representado como extraordinariamente semelhante ao nosso; e embora isto leve ao ceticismo, admito que corresponde a alguma realidade. **Esse outro mundo parece consistir na contraparte etérea deste**. Ou melhor: só há um mundo, do qual vemos o aspecto material e eles veem o aspecto imaterial. A razão disto estará na similaridade, ou identidade, do observador. Um sistema nervoso interpreta, ou apresenta ao espírito cada estímulo proveniente do exterior do modo específico ao qual está acostumado, qualquer que seja a natureza real desse estímulo. Uma pancada nos olhos, ou a pressão sobre a retina, é interpretada como luz; a irritação do nervo auditivo é interpretada como som. Quer dizer que só dum modo mais ou menos costumário é que podemos interpretar as coisas.

Entremos em detalhes. A acusação de admitirmos o fumar e o beber, como em voga, entre os habitantes do outro mundo, parece-nos profundamente injustificada e falsa. Uma citação destacada do contexto frequentemente leva a erros. O que meu livro revela, implica de maneira clara que eles, no além, não ocupam o seu tempo com isso; nem que isso seja coisa natural no ambiente. Basta o bom senso para a interpretação do caso. Se existem lá comunidades, claro que não serão fixas, ou estacionárias, constantemente estarão

recebendo elementos novos. Meu filho é representado como dizendo que quando **elementos novos chegam e ainda se acham em estado de tonteira, dificilmente reconhecem onde se encontram; e que pedem toda a sorte de coisas – ainda muito influenciados pelos desejos da terra**. Ora, ou muito me engano ou isto é uma lição ortodoxa: os desejos das pessoas sensuais podem persistir e tornar-se parte da sua punição. Sobre o assunto alguém me mandou uma citação do Diário Espiritual, de **Swedenborg**, vol. 1, parágrafo 333:

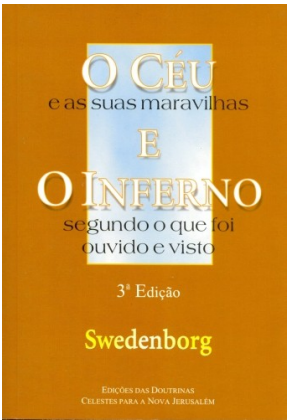
"As almas dos mortos levam do corpo a sua natureza, e por isso continuam a julgar-se no corpo. Manifestam desejos e apetites, como o de comer e outros; de modo que estas coisas pertencentes ao corpo ficam impressas na alma. Assim as almas retêm a natureza que levam do mundo; e só com a marcha do tempo a perdem."

A mesma ideia eu a expressei de outro modo no capítulo sobre a Ressurreição do Corpo, no fim deste livro. A crítica feita a esse ponto revela-se perversa, sem outra escusa afora a da estupidez. Crítica aparentada às acusações de adoração diabólica e necromancia.

Imagine-se uma reunião de sacerdotes nalgum retiro, onde se entreguem à meditação e às boas obras; e imagine-se um

> viajante que chega e, confundindo aquilo com um hotel, peça whisky com soda. Poderia isso significar que naquele retiro todos se entregam ao vício de beber? Não revelará justamente o contrário o modo dos que estão em retiro receberem a sugestão do whisky? **O livro diz que para "desviciar" esses recém-chegados a política não era a da proibição – o que só conseguiria irritar o desejo – mas agir de modo a satisfazer moderadamente o viciado até que perceba a situação e por si mesmo se corrija – o que se dá em muito pouco tempo**.
>
> Seja ou não aceita a exposição de Raymond, contenha ou não algum elemento parabólico, nada posso ver nela de caráter depreciativo – e o processo de "desviciar" me parece o mais sensato. ([199])

Nesse trecho vemos muito clara a posição de Sir Oliver Lodge a respeito das construções no mundo espiritual, além da questão da "alimentação" dos recém-desencarnados.



Temos em mãos a obra ***O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto***, publicada

no ano de 1758, de autoria de Emanuel Swdenborg, da qual julgamos por oportuno transcrever alguns trechos para que você, caro leitor, tenha uma ideia do que o autor dizia e, comparando o que é dito em outras variadas fontes, ter condições de avaliar se é possível aceitar o teor dela ou não:

> a) Capítulo “4. O céu é distinto em dois reinos”:
>
> 20. Visto que **no céu há variedades infinitas e uma sociedade não é inteiramente semelhante à outra**, nem mesmo um anjo semelhante a outro ([200]), por isso **o céu se distingue no geral, na espécie e no particular. No geral, em dois reinos; na espécie, em três céus**; e no particular, **em inúmeras sociedades**. Tratar-se-á de cada um desses no que agora se segue. Diz-se “reino”, porque o céu é chamado “o reino de Deus”. ([201])
>
> b) Capítulo “6. Os céus consistem em inúmeras sociedades”:
>
> 41. **Os anjos de cada um dos céus não estão juntos em um mesmo lugar, mas distintos em sociedades maiores e menores,** segundo as diferenças do bem do amor e da fé em que estão. Os que estão em um bem semelhante formam uma só

sociedade. Os bens no céu são de uma variedade infinita e **cada anjo é segundo o seu bem** ([202]).

42. **As sociedades angélicas nos céus também se distanciam entre si segundo os bens diferenciam em gênero e em espécie, pois as distâncias no mundo espiritual não são de outra origem senão a diferença dos estados interiores**; assim, nos céus, elas se distanciam pela diferença dos estados do amor. **Ficam muito distantes as que diferem muito e pouco distantes as que diferem pouco**. A semelhança faz que sejam uma só ([203]).

43. **Todos, em uma só sociedade, são semelhantemente distintos entre si**: os que são **mais perfeitos**, isto é, os que excedem em bem, assim, em amor, sabedoria e inteligência, estão no meio; os que **excedem menos** estão em torno, a determinada distância segundo o grau em que diminui a perfeição. [...].

44. **Os semelhantes são levados aos semelhantes como por si mesmos, pois estão com os semelhantes como se estivessem com os seus e como se estivessem em casa**, mas, com os outros, como se estivessem com estrangeiros e como se estivessem fora. Quando estão com os semelhantes, estão, também, em sua liberdade e, assim, em todo o prazer da

vida. ([204])

50. Foi dito acima que **nos céus há sociedades maiores e menores**; as maiores consistem em miríades, as menores em alguns milhares e, as mínimas, em algumas centenas de anjos. Também **há alguns que habitam solitariamente, como por casas e casas, famílias e famílias**. Esses, ainda que vivam dispersamente, estão ainda ordenados de modo semelhante ao dos que estão nas sociedades, a saber, os mais sábios deles estão no meio e os mais simples nos limites. Esses estão mais perto do Divino auspício do SENHOR e são os melhores dos anjos. ([205])

c) Capítulo “20. Das vestimentas com que os anjos aparecem vestidos”:

177. **Como os anjos são homens e vivem entre si como vivem os homens nas terras, por isso têm vestimentas, casas e muitas coisas semelhantes, com a diferença, porém, que para eles todas as coisas são mais perfeitas, porque se acham num estado mais perfeito**. Pois, assim como a sabedoria angélica excede a sabedoria humana num grau tal que se diz inexplicável, assim também ocorre com todas as coisas que eles percebem e lhes aparecem, porque **todas as coisas que são percebidas pelos anjos e aparecem a eles**

correspondem à sua sabedoria (veja-se acima, n. 173). ([206])

d) Capítulo "21. Das habitações e moradias dos anjos":

183. **Uma vez que no céu há sociedades e lá eles vivem como homens, por isso também há para eles habitações** e essas são também variadas segundo o estado da vida de cada um: **magníficas para os que estão em um estado mais digno e menos magníficas para os que estão em um estado inferior.** Falei, algumas vezes, com os anjos sobre as habitações no céu e **lhes disse que hoje dificilmente alguém creria que eles têm habitações e moradias, alguns porque não as veem**, outros porque não sabem que **os anjos são homens** e outros porque acreditam que o céu angélico é o céu que se vê à sua volta diante do olhos, o qual aparece vazio e, **como pensam que os anjos são formas etéreas, concluem que vivem no éter**. Além disso, **como nada sabem sobre o espiritual, não compreendem que no mundo espiritual haja coisas tais como as do mundo natural**. Os anjos disseram [...] que se pode saber, pela Palavra, que **os anjos são homens**, uma vez que, **quando foram vistos, foram vistos como homens**; semelhantemente com o SENHOR, que levou consigo todo o Seu Humano; e **como**

os anjos são homens, têm habitações e moradias. E ainda que sejam espíritos, não esvoaçam no ar nem são sopros, conforme a ignorância – a que chamavam de insanidade – de alguns. E que poderiam compreender [...] em cada um há uma ideia geral de que **os anjos têm forma humana** e **têm domicílios a que chamam habitações do céu, que são magníficas mais do que as habitações da terra**. Mas essa ideia geral, que vem do influxo do céu, é logo anulada quando posta sob a intuição e o pensamento quanto a se isso é assim, o que se dá principalmente entre os eruditos, que, pela própria inteligência, fecharam para si o céu e, assim, o caminho da luz. Acontece de modo semelhante com a fé sobre a vida do homem após a morte. [...].

184. Mas é melhor citar de passagem algumas provas da experiência. **Todas as vezes que falei com os anjos face a face, eu estava com eles em suas habitações. Suas habitações são inteiramente como as habitações que na terra se chamam casas, porém mais belas. Nelas há um grande número de câmaras, salas e quartos; há átrios e, ao redor, jardins, bosques e campos**. Ali onde vivem consociados as habitações são contíguas, uma junto à outra, **dispostas em forma de cidades, com praças, ruas e mercados, inteiramente à semelhança das cidades em nossa terra**. **Foi-me**

concedido também percorrê-las, examiná-las em toda parte e, às vezes, entrar nas casas. **Isso se deu em plena vigília**, quando a vista interior me tinha sido aberta ([207]). ([208])

190. **As casas em que os anjos habitam não são construídas como as casas no mundo**, mas lhes são dadas gratuitamente pelo SENHOR, a cada um segundo a recepção do bem e do vero. Elas também variam um pouco segundo as mudanças de estado de seus interiores (do que se tratou acima, ns. 154-160). Todas as coisas que os anjos possuem são consideradas como recebidas do SENHOR e tudo o de que têm necessidade lhes é dado. ([209])

e) Capítulo “25. Do culto Divino no céu”:

221. O culto Divino nos céus não difere do culto Divino nas terras quanto aos externos, mas difere quanto aos internos. Há igualmente para eles doutrinas, prédicas e templos. As doutrinas concordam quanto às coisas essenciais, mas nos céus superiores são de uma sabedoria mais interior que nos céus inferiores. As prédicas são segundo as doutrinas. **E assim como os anjos têm casas e palácios** (ns. 183-190), **também têm templos em que se fazem prédicas**. Que haja tais coisas nos céus, é porque os anjos são continuamente aperfeiçoados na

sabedoria e no amor, pois têm, como os homens, entendimento e vontade e o entendimento é tal que pode ser continuamente aperfeiçoado, do mesmo modo que a vontade; o entendimento, pelos veros que são da inteligência e a vontade, pelos bens que são do amor. ([210]) ([211])

DO MUNDO DOS ESPÍRITOS
E do estado do homem depois da morte

f) Capítulo “44. O que é o mundo dos espíritos”:

421. **O mundo dos espíritos não é o céu nem o inferno, mas um lugar ou estado intermediário, entre um e outro, pois para ali vai primeiramente todo homem após a morte**; em seguida, após certo tempo, ou é elevado ao céu ou é lançado no inferno, segundo a sua vida no mundo.

422. **O mundo dos espíritos é um lugar intermediário entre o céu e o inferno e também um estado médio do homem após a morte**. Que seja um lugar intermediário, é o que tornou-se-me evidente pelo fato de os infernos estarem abai to e os céus acima. E que seja um estado intermediário, pelo fato de que o homem, enquanto está ali, ainda não está no céu nem no inferno. O estado do céu no homem é a conjunção do bem e do vero

nele e o estado do inferno é a conjunção nele do mal e do falso. [...] Essa conjunção se faz no mundo dos espíritos, visto que, então, o homem está no estado intermediário. É a mesma coisa dizer conjunção do entendimento e da vontade ou dizer conjunção do vero e do bem. ([212])

426 **No mundo dos espíritos há um imenso número, porque ali é a primeira reunião de todos e ali todos são examinados e preparados. Não existe um termo fixo para a permanência deles ali;** alguns somente ali entram e são logo ou tomados ao céu ou lançados no inferno; outros permanecem ali somente algumas semanas; outros, muitos anos, mas não além de trinta. [...].([213])

g) Capítulo "45. Cada homem é um espírito quanto aos seus interiores":

434 O homem não pode pensar nem querer a não ser que haja um sujeito que seja a substância da qual e na qual ele pense e queira. O que se supõe existir sem um sujeito substancial, isso nada é. Isso se pode saber pelo seguinte: o homem não pode enxergar sem o órgão que é o sujeito de sua visão, nem ouvir sem o órgão que é o sujeito de sua audição. Sem eles, a visão e a audição nada são nem existem. Assim também o pensamento, que é a visão interna, e a percepção, que é a audição

interna, absolutamente não existiriam se não em nas substâncias e pelas substâncias que são formas orgânicas e sujeitas. **Por aí se pode ver que o espírito do homem está igualmente numa forma e que essa é a forma humana, que desfruta igualmente dos sensórios e sentidos quando se separa do corpo, tal como quando estava nele**. E tudo que é do homem quanto à vida do olho e tudo quanto à vida do ouvido, numa palavra, tudo quanto à vida dos sentidos, **não é de seu corpo, mas de seu espírito** neles e nas coisas mais singulares deles. Assim é que **os espíritos, igualmente ao homem, veem, ouvem e sentem**, mas após o desprendimento do corpo; não no mundo natural, mas no espiritual. **O que o espírito tinha sentido naturalmente quando estava no corpo era pelo material que lhe fora acrescentado**, mas, então, sentia ao mesmo tempo espiritualmente, pensando e querendo. ([214])

441 No que concerne ao segundo caso, **ser levado pelo espírito a um outro lugar**, foi-me mostrado por viva experiência o que isso é e de que modo se faz, mas isso somente duas ou três vezes. Quero referir só uma experiência. Andando pelas praças da cidade e pelos campos enquanto também falava com espíritos, eu não sabia outra coisa senão que estava em vigília; e vendo, como em outras ocasiões, eu andava, assim,

sem erro. E **enquanto estava em visão, via lugares, rios, palácios, casas, homens e muitas outras coisas**. Mas, depois de ter assim andando durante horas, vi-me subitamente na visão do corpo e descobri que estava em outro lugar, o que me fez ficar muito espantado. **Percebi que estivera no estado daqueles que dizem terem sido arrebatados pelo espírito a um outro lugar**, pois, quando se está aí, não se reflete sobre o caminho, ainda que tenha sido de muitas milhas, nem se reflete sobre o tempo, ainda que tenha sido de muitas horas ou dias, tampouco se sente fadiga alguma. Também se é conduzido, então, por caminhos que se ignora, até o lugar designado, sem erro. ([215])

h) Capítulo “46. Da ressurreição do homem dentre os mortos e da entrada na vida eterna”:

450 Quando os anjos celestes estão no ressuscitado, não o deixam, porque amam a cada um. Mas, quando o espírito é tal que não pode mais estar na companhia dos anjos celestes, então anseia por se separar deles. [...] Os anjos têm o maior cuidado para que nenhuma ideia venha do ressuscitado a não ser a que proceda do amor. Então lhe dizem que é um espírito. **Os anjos espirituais, depois de lhe darem o uso da luz, prestam ao espírito noviço todos os serviços ele possa desejar**

naquele estado e o outra vida, mas na medida em que ele pode compreender. Contudo, se é tal que não queira ser instruído, então o ressuscitado deseja sair da companhia dos anjos. Entretanto, os anjos não o deixam, mas ele é que se dissocia deles. Com efeito, **os anjos amam a cada um e nada mais desejam do que prestar serviços, instruir e levar para o céu; nisso consiste seu máximo deleite**. Quando o espírito assim se dissocia, **é recebido por bons espíritos; quando está na companhia deles, também são-lhe prestados todos os serviços.** Mas se sua vida no mundo fora tal que não podia estar na companhia dos bons, então deseja também se afastar deles; isso se faz por tanto tempo e tantas vezes até que se associe a tais que sejam inteiramente convenientes à sua vida no mundo, entre os quais vem à sua vida e, **então – o que é admirável – leva uma vida semelhante à que levava no mundo**. ([216])

i) Capítulo “47. O homem, depois da morte, está em uma perfeita forma humana”:

453 **Que a forma do espírito do homem seja a forma humana ou que o espírito seja homem também quanto à forma**, pode-se ver pelas coisas que foram mostradas em muitos capítulos, principalmente naqueles em que se mostrou

que **cada anjo é uma perfeita forma humana** (ns. 73-77), que cada homem é um espírito quanto aos seus interiores (n. 432-444) e que **os anjos no céu são provenientes do gênero humano** (n. 311-317). [2] Isso pode ser ainda mais claramente percebido pelo fato de que o homem é homem por seu espírito e não pelo corpo; a forma corpórea é acrescentada ao espírito segundo sua forma e não o contrário, porque o espírito se reveste do corpóreo segundo a sua forma. Por esse motivo, o espírito do homem atua em cada coisa, mesmo nas mais singulares do corpo, de tal modo que a parte que não é acionada pelo espírito, ou na qual há o espírito agente, não vive. Que isso seja assim, qualquer pode saber somente pelo fato de que o pensamento e a vontade atuam em todas e cada uma das coisas do corpo, assim, tão completamente a seu bel-prazer que tudo concorre para isso e o que não concorre não é uma parte do corpo e também é expelido como algo que não é vivo. **O pensamento e a vontade são o espírito do homem e não o corpo**. [3] Que o espírito não apareça ao homem numa forma humana depois de se ter desprendido do corpo, nem o espírito que está em outro homem, é porque, enquanto vive no mundo, **o órgão da visão do corpo ou o seu olho é material e o material só vê o que é material, mas o espiritual vê o espiritual**. Por isso, quando o olho material

é velado e privado de sua cooperação com o espiritual, então os espíritos aparecem em sua forma, que é a humana, e não somente os espíritos que estão no mundo espiritual, mas também os espíritos que estão em outro homem quando ainda está em seu corpo. ([217])

j) Capítulo “48. O homem, depois da morte, está em todos os sentidos, memória, pensamento e afeição em que esteve no mundo e nada deixa além do seu corpo terrestre”:

461 O homem, quando do mundo natural passa para o espiritual, o que sucede quando morre, **leva consigo todas as suas coisas, ou, as que são suas como homem, exceto o corpo terrestre**, como me foi provado por muitas experiências. Pois o homem, quando entra no mundo espiritual, ou na vida após a morte, está no corpo como era no mundo. Na aparência não há diferença alguma, porquanto não sente nem vê diferença. **Mas seu corpo é espiritual e, assim, esta separado das coisas terrestres ou purificado**. E quando o espiritual toca e vê o espiritual é absolutamente como quando o natural toca e vê o natural. Assim é que o homem, quando se torna espírito, não sabe outra coisa senão que está em seu corpo, no qual esteve no mundo, e, por conseguinte, não sabe que morreu. **O homem-espírito**

desfruta de todos sentidos, externos e internos, de que desfrutou no mundo: vê como antes, ouve e fala como antes, tem, também, olfato e paladar; e, quando tocado, sente pelo tato, como antes. Também apetece, deseja, cobiça, pensa, reflete, é afetado, ama e quer como antes. E **quem se deleita nos estudos lê e escreve como antes**. Numa palavra, **quando o homem passa de uma vida à outra, ou de um mundo ao outro, é como se passasse de um lugar a outro e leva consigo todas as coisas que possui em si como homem, de modo que não se pode dizer que depois da morte o homem tenha perdido algo de seu**, exceto somente o que é do corpo terrestre. Também **leva consigo a memória natural**, pois conserva todas as coisas, quaisquer que sejam, que no mundo ouviu, viu, leu, disse, aprendeu e pensou, desde a primeira infância até o último momento da vida. **Mas os objetos naturais que se acham presentes na memória, como não podem ser reproduzidos no mundo espiritual, repousam, como acontece no homem quando não pensa por eles; são, no entanto, reproduzidos quando apraz ao SENHOR**. Todavia, a respeito dessa memória e de seu estado após a morte, muitas coisas se dirão logo a seguir. Que seja tal o estado do homem após a morte, o homem sensual não pode absolutamente

crer, porque não o compreende. Pois o homem sensual não pode deixar de pensar naturalmente até sobre as coisas espirituais. Por esse motivo, as coisas que ele não sente, isto é, as que não vê com os olhos de seu corpo nem toca com suas mãos, diz que não existem, assim como se lê a respeito de Tomé (Jo. 20:25, 27, 29). Qual é o homem sensual, veja-se acima (n. 267 e na respectiva nota). ([218])

k) Capítulo “50. Os prazeres da vida de cada um são mudados depois da morte em correspondência”:

489 Mas os prazeres da vida daqueles que, no mundo, viveram no amor celeste se mudam em correspondências como as que estão nos céus, as quais existem pelo Sol do céu e pela luz daí, luz que apresenta à vista coisas que em si encerram Divinos. **Os objetos que daí aparecem afetam os interiores que são das mentes dos anjos** e, ao mesmo tempo, os exteriores que são de seus corpos. E como a Divina luz, que é o Divino vero procedente do SENHOR, influi nas suas mentes, que se acham abertas pelo amor celeste, por isso apresenta nos externos objetos tais que correspondem aos prazeres de seu amor. Que as coisas que aparecem à vista nos céus correspondam aos interiores dos anjos ou às coisas que são da fé e do amor e, assim, de sua inteligência e sabedoria, [...]

quero também referir alguma coisa a respeito dos prazeres celestes em que se mudam os prazeres naturais naqueles que, no mundo, viveram no amor celeste. Os que amaram os Divinos veros e a Palavra por uma afeição interior ou pela afeição do vero mesmo, **esses, na outra vida, habitam na luz, em lugares elevados que aparecem como montanhas** e, ali, estão continuamente na luz. **Não sabem o que são as trevas** como as que se conhecem no mundo e também vivem na estação da primavera. À sua vista se apresentam como que campos e searas, como também vinhas. **Em suas casas, cada coisa brilha como se de pedras preciosas**. A sua vista, através das janelas, é como de puros Cristais. Essas coisas são os prazeres de sua visão, mas essas mesmas coisas são prazeres interiores pelas correspondências com os Divinos celestes, pois os veros da Palavra correspondem às searas, vinhas, pedras preciosas, janelas e cristais. [...] **Os que amaram as ciências**, cultivaram meio delas, adquiriram para si inteligência e, ao mesmo tempo, o Divino, sua delícia nas ciências e o seu prazer racional reconheceram se mudam na outra vida em prazer espiritual, que é o dos conhecimentos do bem e do vero. **Habitam em hortos, onde aparecem canteiros e jardins distintos em áreas de uma forma bela e rodeados por ordens de árvores com pórticos e alamedas. As árvores e as**

flores variam diariamente; o aspecto de tudo, no geral, apresenta prazeres às suas mentes e as variedades, no particular, os renovam continuamente. [...] Os que atribuíram todas as coisas ao Divino, consideraram a natureza como relativamente morta, somente servindo às espirituais e se confirmaram nisso, esses estão na luz celeste; todas as coisas que aparecem diante dos seus olhos tiram dessa luz a sua translucidez e, nessa translucidez, veem inumeráveis variações da luz que sua vista interna imediatamente absorve, por assim dizer. Daí sentem prazeres interiores. **As coisas que aparecem em suas casas são como que adamantinas**, nas quais há semelhantes variações. Foi dito que **as paredes de suas casas são como que cristalinas e também translúcidas**; nelas aparecem, como fluindo, formas representativas das coisas celestes, também com variedade perpétua e removidas da sombra proveniente da fé e do amor natural, porque tal translucidez corresponde ao entendimento iluminado pelo SENHOR. São dessas coisas e de outras, infinitas, que falam aqueles que estiveram no céu dizendo que viram coisas que nenhum olho viu e, pela percepção dos Divinos comunicada através delas, que ouviram coisas que nenhum ouvido ouviu. [6]. [...]. ([219])

l) Capítulo “51. Do primeiro estado do homem após a morte”:

494 Como assim é o espírito do **homem recém chegado da vida no mundo, por isso é, então, reconhecido pelos amigos e por outros de quem foi conhecido no mundo**, porque isso o espírito percebe não somente pela sua face e pela sua linguagem, mas também pela esfera de sua vida quando se aproximam. Cada um, na outra vida, quando pensa em outro, a face deste também se apresenta no pensamento e, ao mesmo tempo, as muitas coisas que são de sua vida. E, quando isso acontece, o outro se apresenta como se convidado e chamado. Isso existe **no mundo espiritual pelo fato de ali serem comunicados os pensamentos** e também porque os espaços ali não são como no mundo natural (veja-se acima, n. 191-199). Assim é que todos, **tão logo vêm à outra vida, são reconhecidos pelos seus amigos, afins e outros somente conhecidos; também falam entre si e, por conseguinte, convivem segundo as amizades no mundo**. Ouvi, muitas vezes, que aqueles que vieram do mundo ficaram contentes por verem de novo seus amigos e os amigos, por sua vez, por terem vindo a eles. É comum que um cônjuge encontre o outro cônjuge e se regozijem mutuamente; **habitam, também, em união**, mas por maior ou menor tempo, segundo o prazer da coabitação no mundo. […].

495 Visto que **a vida dos espíritos**

recém-chegados não é diferente da sua vida no mundo natural e como não sabem coisa alguma sobre o estado de sua vida após a morte, nem coisa alguma sobre o céu e o inferno além das que aprenderam do sentido da letra da Palavra e pela pregação daí, por isso, [...] **são instruídos pelos amigos a respeito do estado da vida eterna** e, também, conduzidos a vários lugares e a várias companhias; **alguns são conduzidos a cidades e também a jardins e paraísos, magníficos na maior parte**, porquanto esses objetos deleitam os externos em que estão. São, às vezes, então repostos em seus pensamentos que tiveram na vida do corpo a respeito do estado de suas almas após a morte e a respeito do céu e do inferno, e isso até à indignação por terem ignorado completamente esses fatos e também porque a igreja o ignora. [...] E, quando são instruídos, não compreendem que pensar e querer faça alguma coisa, mas somente o falar e o agir. Assim é a maioria dos que vêm do mundo cristão à outra vida. ([220])

m) Capítulo “52. Do segundo estado do homem após a morte”:

510 Cada um vem para a sua sociedade, que é onde seu espírito estava no mundo, porque **cada homem, quanto a seu espírito, está conjunto a alguma sociedade no céu ou no inferno: os**

maus a uma sociedade infernal, os bons a uma sociedade celeste. Que cada um retorne à sua sociedade após a morte, veja- se no n. 438. O espírito é conduzido a ela sucessivamente e, finalmente, entra ali. [...] A sociedade mesma em que estiveram quanto ao seu espírito no mundo lhes é também mostrada quando estão nos estados de seus exteriores, para que saibam, assim, que tinham estado no inferno ainda na vida do corpo, não, porém, num estado semelhante ao dos que estão no inferno, mas no estado semelhante ao dos que estão no mundo dos espíritos, de cujo estado, em comparação com o dos que estão nos infernos, se falará na sequência.

511 **A separação entre os espíritos maus e bons** acontece nesse segundo estado, pois estão juntos no primeiro estado, visto que, quando o espírito está nos seus exteriores, está como fora no mundo, assim, o mau com o bom e o bom com o mau, diferentemente de quando se foi levado aos interiores e deixado à sua natureza ou vontade. **A separação dos bons de entre os maus se faz de vários modos**, normalmente pelo fato de [os maus] serem conduzidos em voltas até às sociedades com as quais tinham comunicação, no primeiro estado, por meio dos pensamentos e das boas afeições e, assim, até às sociedades que eles tinham induzido a crer, por aparências externas, que não eram maus.

[...] À sua vista, os bons espíritos então lhes voltam as costas e, assim como esses voltam as costas, também os maus espíritos, que nessas voltas são conduzidos, voltam deles as suas faces e as **dirigem para a região onde está a sua sociedade infernal**, à qual hão de ir. Sem falar de outros modos de separação, que são muitos. ([221])

n) Capítulo "53. Do terceiro estado do homem após a morte, que é o estado de instrução dos que vêm para o céu":

513 **As instruções são feitas pelos anjos de muitas sociedades**, principalmente por aqueles que estão nas regiões setentrionais e meridionais, pois essas sociedades angélicas estão na inteligência e na sabedoria pelos conhecimentos do bem e do vero. **Os locais de instrução** ficam ao norte e são variados, ordenados e distintos segundo os gêneros e as espécies dos bens celestes, **para que ali todos e cada um sejam instruídos segundo sua índole e sua faculdade de receber**. **Esses locais**, ali, se estendem ao redor, a uma grande distância. **Para lá são levados pelo SENHOR os bons espíritos que devem ser instruídos, após terem passado o seu segundo estado no mundo espíritos**, mas nem todos, pois os que foram instruídos no mundo aí também foram preparados pelo SENHOR para o céu e

são levados ao céu por outro caminho; alguns o são logo após a morte, outros após uma breve convivência com bons espíritos, **quando são removidas as coisas mais grosseiras de seus pensamentos e afeições que contraíram pelas honras e riquezas no mundo e são, assim, purificados**. Alguns são antes vastados, o que se faz em lugares que, sob a planta dos pés, chamam-se terra inferior, onde alguns sofrem severamente. Esses são aqueles que se tinham confirmado nos falsos e, todavia, viveram a vida do bem, pois os falsos confirmados se aderem gravemente e, antes de serem dissipados, os espíritos não podem ver os veros, assim, não os recebem. [...]. ([222]).

514 **Todos os que se acham nos lugares de instrução habitam distintamente entre si, porque cada um deles está ligado às sociedades do céu a que deverão ir**. Por isso, uma vez que as sociedades do céu foram ordenadas segundo a forma celeste (veja-se acima, n. 200-212), assim também **os lugares onde se dão as instruções**. Assim, quando esses lugares são vistos do céu, ali aparece algo como um céu na menor forma. **Os lugares** se estendem ali, em comprimento, do oriente ao ocidente, e em largura, do meio-dia [sul] ao norte; mas, em aparência, a largura é menor que o comprimento. As ordenações são, em geral, assim: à frente

estão os que morreram criança e foram educados no céu desde a primeira idade da adolescência; são aqueles que, após o estado de sua infância com as educadoras, são levados para ali pelo SENHOR e instruídos. **Depois desses há os lugares onde são instruídos os que morreram adultos e que, no mundo, estiveram na afeição do vero pelo bem da vida**. Depois desses, porém, estão os que foram filiados à religião maometana e viveram uma vida moral no mundo, reconhecendo um só Divino e o SENHOR como o Profeta mesmo. [...] Depois deles, mais para o norte, estão **os lugares de instrução de vários povos pagãos** que, no mundo, viveram a vida do bem conforme sua religião, adquiriram daí uma espécie de consciência e praticaram o que é justo e reto não tanto por causa das leis de seus governos, mas por causa das leis da religião, que eles julgaram que deviam observar santamente e não violar de modo algum pelos atos. [...].

515 **Mas nem todos são instruídos do mesmo modo nem pelas mesmas sociedades do céu.** Aqueles que foram educados no céu desde a infância são instruídos por anjos dos céus interiores, porque não se imbuíram dos falsos provenientes das falsidades da religião nem poluíram sua vida espiritual com as escórias das honras e riquezas no mundo. Os que

> morreram adultos são instruídos, em sua maioria, pelos anjos do céu extremo, porque estão adaptados a esses anjos mais do que aos anjos dos céus interiores. Com efeito, esses últimos estão numa sabedoria interior que ainda não é recebida. Os maometanos, porém, são instruídos pelos anjos que foram da mesma religião e se converteram ao cristianismo. Os pagãos também o são por seus anjos. ([223])

Fora a questão das construções, propositalmente, transcrevemos outros trechos que falam de muitas coisas que conhecemos no Espiritismo, desde que relativizemos o verniz teológico delas.

O interessante é que os opositores também colocam a existência das construções no além-túmulo à conta de crenças religiosas, mas se assim for, como poderiam nos explicar que os ateus e os materialistas também falem de cidades no mundo espiritual?

Na ***Revista Espírita 1863***, mês de maio, no tópico “Os Espíritos incrédulos e materialistas”, o Espírito Viennois, a certa altura esclarece:

> É, pois, certo, meu caro senhor Kardec, que **os incrédulos e os materialistas absolutos conservam a sua opinião além do túmulo** até a hora em que a razão ou a graça tiver despertado em seu coração o pensamento verdadeiro de que se encontra enterrado. [...]. ([224])

Essa informação, referendada por Erasto, corrobora o nosso pensamento de que quem era ateu quando vivo, na condição de Espírito errante continuará ateu, não mudará de posição "imediatamente", mas só com um tempo indefinido, que é variável, pois não há um "padrão" aplicável a todos.

E, mais ainda, como justificar que alguns Espíritos (e não estamos referindo a alguma obra de André Luiz), dizem ter sido levados para um hospital ou uma espécie de hospital?

Por outro lado, as crenças teológicas igualmente não dariam guarida à informação de que os recém-desencarnados falam de parentes que vieram os receber no portal do além-túmulo ou que seriam "internados" em um hospital ou pronto socorro para "tratamento".

Ademais se a fé religiosa que um determinado Espírito possuía quando vivo pode servir de base para alguns de seus relatos, da mesma maneira, ela poderia inibi-lo de narrar algo da realidade do mundo espiritual fora dos limites que os seus dogmas lhe impõe.

Algo bem curioso nos foi falado: “*Que, em reuniões mediúnicas, não se apresentam Espíritos falando que estão em alguma colônia”*. Sim, isso é fato, pois, segundo a nossa experiência nessa reunião, também não vimos.

Mas a grande questão é: por que não aparecem por lá? Simplesmente porque os Espíritos que são levados às reuniões mediúnicas para esclarecimento estão em alguma região trevosa, no popular umbral, e são levados a elas para serem esclarecidos. Os Espíritos socorristas, residentes nas colônias, os buscam para continuar, de bom grado, lhes prestando ajuda.

A vida espiritual é uma ocupação contínua

O capítulo “XXXIV – A Erraticidade”, inserido na “Parte Quarta – Além-túmulo”, da obra ***Depois da Morte***, autoria de Léon Denis, tem o seguinte teor:

> Enquanto as almas libertas das influências terrestres **constituem-se em grupos simpáticos**, nos quais todos os membros se amam, se compreendem, vivem numa igualdade perfeita e em profunda felicidade, **os espíritos que não puderam vencer suas paixões levam uma vida errante, nômade, que sem ser uma causa de sofrimentos, deixa-os incertos, inquietos**. Eis o que se chama erraticidade, e **essa é a condição da maioria dos espíritos que viveram na Terra**, espíritos nem bons, nem maus, mas fracos e inclinados às coisas materiais.
>
> Encontram-se na erraticidade multidões imensas, sempre à procura de um estado melhor, que lhes foge. Espíritos inumeráveis aí flutuam, indecisos entre o justo e o injusto, a verdade e o erro, **a sombra** e a luz. Outros estão mergulhados no

isolamento, **na obscuridade**, na tristeza ou vão **recolhendo, daqui e dali, um pouco de benevolência e simpatia**.

A ignorância, o egoísmo, **os defeitos de todo tipo reinam ainda na erraticidade e a matéria aí exerce sempre sua influência**. O bem e o mal acotovelam-se. É, de alguma forma, o vestíbulo dos Espaços luminosos, dos mundos melhores. Todos por ali passam, todos permanecem, mas para elevarem-se mais alto.

O ensino dos espíritos sobre a vida de além-túmulo mostra-nos que **não há lugar para a contemplação estéril nem para a beatitude ociosa**. Todas as regiões do Universo estão povoadas de espíritos laboriosos. Em toda a parte multidões de almas sobem, descem, **agitam-se no meio da luz ou nas regiões de trevas**. Num ponto, auditórios **reúnem-se em assembleia para receber as instruções de espíritos elevados**. Mais adiante, **formam-se grupos para festejar a chegada de um recém-vindo**. Além, **outros espíritos combinam os fluidos, emprestam-lhes mil formas, mil tonalidades mescladas e maravilhosas, preparam-nos para os usos sutis que os gênios superiores lhes destinam**.

Outras multidões, **multidões sombrias, perturbadas que influem, inconscientemente, sobre os elementos**

> **atmosféricos, apressam-se em torno dos globos e os seguem nas suas revoluções**. **Espíritos luminosos**, mais rápidos que o relâmpago **varam essas massas, levando socorro, consolações aos encarnados que as imploram. Cada um cumpre seu papel e concorre na grande obra, na medida do seu mérito e do seu adiantamento**. O Universo inteiro evolui. Como os mundos, os espíritos prosseguem sua jornada eterna, arrastados para um estado superior, **entregues a ocupações diversas. Progressos a realizar, ciência a adquirir, dor a mitigar, remorsos a acalmar, amor dos humanos, expiação, devotamento, sacrifício, todas essas forças, todos esses móveis os estimulam**, os aguilhoam, os precipitam nos seus caminhos. Nessa imensidão reinam, incessantemente, o movimento e a vida. Tudo se transforma, cresce, eleva-se. **A imobilidade, a inação, é o retrocesso, é a morte**. Sob o impulso da grande lei, seres e mundos, almas e sóis, tudo gravita e se move na órbita gigantesca traçada pela vontade divina. ([225])

Dos vários detalhes chamamos a atenção para "*entre a sombra e a luz*", "*na obscuridade*" e "*agitam-se no meio da luz ou na região das trevas*"

não seria tudo isso uma breve descrição do umbral? E se nessa situação ficam "*sempre à procura de uma benevolência de uma simpatia que podem encontrar*" não poderia justificar algum "local" – não "*combinam os fluídos, infundem-lhes mil formas [...] para os delicados fins"*? –, onde Espíritos devotados que "*se constituem em grupos simpáticos*" para o trabalho fraternal a favor dos necessitados de todas as espécies, incluindo os recém-chegados?

É oportuno ressaltamos o seguinte trecho: "*O ensino dos Espíritos sobre a vida de além-túmulo faz-nos saber que no espaço não há lugar algum destinado à contemplação estéril, à beatitude ociosa.*" que, julgamos ter uma relação direta com a resposta à questão 1012, quanto a lugares circunscritos de "*penas e gozos*", algo bem específico que se quer tomar de aplicação genérica.

Léon Denis deixa bem claro que "*A imobilidade e a inação é retrocesso, é a morte*", tal como vimos em *O Livro dos Espíritos*, resposta à questão 558, na qual os Espíritos superiores, sem meias palavras, afirmaram que: "***A vida espiritual é uma ocupação contínua****, mas que nada tem de penosa,*

como a vida na Terra. ([226])

Em razão disso perguntávamos: "*Se a vida espiritual é uma ocupação contínua*" não seria mais provável que os Espíritos possam ter construído ambientes apropriados utilizando-se da matéria etérea própria do plano espiritual, em vez de ficaram "voando" espaço afora?

Em nosso artigo ***Espíritos que orientam outros no planejamento reencarnatório*** ([227]), cuja epígrafe é "*É muito difícil convencer as pessoas a pensar sobre a realidade de um modo diferente, se elas não são capazes de percebê-la, ou se já possuem uma opinião formada.*" (Dr. SAM PARNIA), desenvolvemos os argumentos que se seguem.

Interessante é que, mesmo já estudando o Espiritismo por mais de três décadas, sempre acontece de passarmos por cima de certos detalhes importantes. Para que não se perca o que recentemente vimos, resolvemos registrar a nossa "nova" descoberta, porquanto a experiência nos recomenda que não devemos confiar só na memória.

À pergunta: *Existem Espíritos dedicados à*

tarefa da encarnação dos homens? Respondemos que não só dos homens, mas também da dos animais. Na ***Revista Espírita 1868***, mês de setembro, foi publicada uma mensagem, recebida na Sociedade Espírita de Bordeaux, em abril de 1862, assinada por “Um dos vossos guias espirituais”, da qual destacamos:

> A Terra não tem alma que propriamente lhe pertença, porque não é um ser organizado com aqueles que são dotados de vida; ela as tem por milhões que são **os Espíritos encarregados** de seu equilíbrio, de sua harmonia, de sua vegetação, de seu calor, de sua luz, das estações, **da encarnação dos animais que sobrevivem, assim como a dos homens**. Isto não é dizer que esses Espíritos são a causa desses fenômenos; eles os presidem como os funcionários de um governo presidem a cada um dos órgãos da administração. ([228])

É bem provável que alguém venha nos questionar: “*Entre as ocupações dos Espíritos tem a de orientar outros no planejamento reencarnatório?*” Para responder a esse questionamento recorreremos

ao artigo “Ocupações dos Espíritos”, publicado na ***Revista Espírita 1866***, mês de junho, registra a mensagem assinado por Gui..., dada na Sociedade de Paris, 16 de fevereiro de 1866, através do médium Sr Leymarie. Destacamos o seguinte trecho:

> **Os Espíritos**, segundo as faculdades adquiridas sobre a Terra, procuram o meio que lhes é próprio, a menos que, não podendo ser libertados, **estejam na noite, não percebendo e não ouvindo nada**, nessa terrível espera que é bem o verdadeiro inferno do Espírito.
>
> A faculdade que tem o Espírito liberto de se dirigir por toda a parte por um simples efeito de sua vontade, permite-lhe encontrar um meio onde suas faculdades possam se desenvolver pelos contrastes e a diferença das ideias. Quando da separação do Espírito e do corpo, se é conduzido, por almas simpáticas, junto daqueles que vos esperam, prevendo a vossa chegada.
>
> Naturalmente, fui acolhido por amigos mais incrédulos do que eu; mas como nesse mundo tão desprezível, todas as virtudes estão em evidência, todos os méritos brilham, todas as reflexões são bem recebidas, todos os contrastes se tornam a difusão das luzes. Chamado, pela curiosidade, a visitar **grupos numerosos**

que preparam outras encarnações estudando-lhe todos os lados que deve elucidar o Espírito chamado a retornar sobre a Terra, fiz uma grande ideia da reencarnação.

Quando um Espírito se prepara para uma nova existência, submete suas ideias às decisões do grupo ao qual pertence. Este discute; os Espíritos que o compõem vão aos grupos mais avançados ou bem sobre a Terra; procuram entre vós os elementos de aplicação. **O Espírito aconselhado, fortalecido, esclarecido sobre todos os pontos poderá, doravante, se quiser, seguir seu caminho sem tropeçar.** Ele terá, em sua peregrinação terrena, uma multidão de invisíveis que não o perderão de vista; tendo participado de seus trabalhos preparatórios, aplaudem seus resultados, seus esforços para vencer, sua firme vontade que, dominando a matéria, permitiu-lhe levar aos outros encarnados um contingente de aquisições e de amor, quer dizer, o bem, segundo as grandes instruções, segundo Deus, enfim, que os dita em todas as afirmações da ciência, da vegetação, de todos os problemas, enfim, que são a luz do Espírito quando ele sabe resolvê-los no sentido racional.

Pertencendo ao grupo de alguns sábios que se ocupam da economia política, aprendi a não desprezar nenhuma

> das faculdades das quais tanto ri outrora; compreendi que o homem, muito inclinado ao orgulho, se recusa a admitir, mesmo sem estudo, tudo o que é novo e fora de gênero de espírito. Disse-me também que muitos de meus antigos amigos faziam falsos caminhos, tomando a sombra pela realidade. No entanto, segui o conjunto dos trabalhos da Humanidade, onde nada é inútil. Compreendi mesmo a grande lei da igualdade e da equidade que Deus derramou em todo o elemento humano, e me disse que aquele que não crê em nada, e que apesar disto faz o bem e ama os seus semelhantes, sem esperança de remuneração, é um nobre Espírito, muito mais nobre do que muitos daqueles que, prevendo uma outra vida e crendo no adiantamento do Espírito, esperam uma recompensa. Aprendi, enfim, a ser tolerante, **vendo essas legiões de Espíritos entregues a tantos trabalhos diversos, formigueiro inteligente** que pressente Deus e procura coordenar todos os elementos do futuro. […]. ([229])

Na *Revista Espírita 1865*, mês de dezembro, no artigo "*Espíritos de dois sábios incrédulos aos seus antigos amigos da Terra*", Allan Kardec publica mensagens de dois sábios – Sr. M. L., cirurgião e Gui…, economista –, desencarnados "há pouco",

duas mensagens cada um deles. ([230]) Esclarecemos que Gui..., quando encarnado, segundo nos informa o Mestre de Lyon, apesar de imbuído de ideias materialistas, "*era um homem avançado intelectualmente e moralmente*". ([231])

Em relação à mensagem cujo trecho transcrevemos, o Codificador faz considerações e, a nosso ver, só não leva em conta o que foi dito em relação aquela geração que o Espírito Gui... supunha emigrar logo para regiões superiores, assim, tudo que consta da parte transcrita não fez nenhuma objeção.

No primeiro parágrafo, a referência a Espíritos que "*não podendo ser libertados, **estejam na noite**, não percebendo e não ouvindo nada*", a expressão "*estejam na noite*" se liga aos que se encontram nas trevas, que bem poderia ser algo entendido como umbral. Sobre esse polêmico tema recomendamos o ebook ***Umbral, há base doutrinária para sustentá-lo?***, publicado em nosso site: https://paulosnetos.net ([232])

No terceiro e quatro parágrafos, temos

informações de Espíritos que se ocupam em orientar os que lhe são inferiores moralmente no processo reencarnatório, buscando tudo aquilo que os favorecerá quando retornarem ao palco terreno. E ao que percebemos até mesmo há grupos de Espíritos participam dessa nobre missão, o que deixa bem claro, que todos nós estamos amparados por Deus.

Esse tipo de ocupação dos Espíritos também vemos em vários dos relatos de André Luiz, pela psicografia do médium Chico Xavier, apesar do teor das obras, que compõem a série ditada por ele, ser questionado por alguns confrades.

No último parágrafo, o Espírito Gui... confessa pertencer ao grupo de sábios que se ocupam da economia política, demonstrando, que em qualquer ramo de atividade humana, haverá Espíritos que agem no sentido de ajudar a Humanidade. Fica deslumbrado ao perceber "*legiões de Espíritos entregues a tantos trabalhos diversos, formigueiro inteligente que pressente Deus*", numa atividade constante, nada de "descanso eterno".

Em ***O Livro dos Espíritos***, nas respostas às

questões 344 e 345, os Espíritos envolvidos na Codificação do Espiritismo afirmaram que:

> "Desde o instante da concepção, **o Espírito designado para habitar certo corpo** a este se liga por um laço fluídico, que cada vez mais se vai apertando até o instante em que a criança vê a luz." [q. 344] e que "A união é definitiva no sentido de que **outro Espírito não poderia substituir o que está designado para aquele corpo**, [...]." [q. 345] ([233])

Abstraindo da controvérsia quanto ao momento da ligação do Espírito ao corpo ([234]), o que objetivamos destacar é que, por duas vezes, foi dito sobre o Espírito ser designado para habitar certo corpo, demonstrando, a nosso ver, que as reencarnações de todos os desencarnados são programadas por Espíritos evoluídos, que agem como prepostos de Deus ao fazer a indicação. Assim, o fato de termos Espíritos dedicados a essa nobre tarefa não é algo que deveria causar nenhuma estranheza aos estudiosos do Espiritismo.

Na obra ***Mensagens de Além-túmulo*** (1943) vamos encontrar trinta mensagens enviadas pelo

Espírito Eurípedes Barsanulfo, pelo médium José dos Santos Junior, delas destacamos a do capítulo “VIII – A vida do ‘além-túmulo’”, ditada em 16/07/1943, transcrevendo o seguinte trecho:

> MEUS BONDOSOS IRMÃOS. Quando chegar a vossa vez de passardes para este plano, e a vossa compreensão se aclarar o suficiente para poderdes examinar a vida daqui, a princípio, muitas coisas vos deslumbrarão enquanto que muitas outras vos darão a impressão exata que experimentáveis aí na Terra.
>
> **Aqui encontrareis de tudo que vós vistes ou sabeis existir na Terra, com a diferença que aqui tudo vos é franqueado desde que sintais desejo de conhecer**.
>
> **O vosso grau de evolução determinará a orientação de vossas ocupações ou de vossas pesquisas** para a solução de qualquer problema que vos propusestes resolver.
>
> **Muitos sábios daí**, do vosso mundo, desencarnaram sem ter conseguido a solução final que buscaram durante os últimos anos de sua existência na Terra.
>
> **Mal aqui despertam para a nova vida**, o mesmo problema logo os empolga e **ei-los novamente a estudar e pesquisar**

> **apaixonadamente todos os assuntos que se relacionam com seu objetivo**.
>
> […].
>
> **Nas camadas superiores do astral,** queridos irmãos, **há escolas de todas as categorias e destinadas a instruir as entidades espirituais escolhidas para voltar à Terra** e nela introduzir novos elementos de progresso.
>
> […].
>
> Em todos os campos de atividade **há no que chamais "além-túmulo" escolas, laboratórios, terrenos experimentais, grandes oficinas de construções mecânicas e tudo o mais que possais conceber**.
>
> Por isso, **este plano não é o que a muitos de vós se afigura**, através das resumidas e muitas vezes defeituosas comunicações que vos são transmitidas por irmãozinhos desencarnados, que ainda não puderam se desprender da atmosfera da Terra, vivendo mais ou menos nas trevas, apegados a quanto tinham aí, **dando a ideia de uma vida vazia e sobretudo ociosa**. ([235]) (itálico do original)

Portanto, a vida no além-túmulo é plena de atividade, em que cada Espírito, conforme seu grau de evolução, se dedicará àquelas pelas quais tinham

interesses quando vivos.

Nos relatos de pessoas que passaram por uma EQM (Experiência de quase morte), têm aparecido uma informação bem interessante, quanto ao retorno do paciente ao corpo, às vezes por necessidade, outras por opção. Da obra ***Evidências da Vida Após a Morte*** (1998), os autores Jeffrey Long e Paul Perry, transcrevemos estes dois depoimentos para exemplificar:

> **1º) Mark**
>
> – Mark! Você tem de voltar!
>
> – Voltar? Não! Não posso voltar!
>
> Mais uma vez, a voz disse:
>
> – Você tem de retornar, dei a você [uma] tarefa; você não a terminou.
>
> – Não, não, por favor, Deus, não! Me deixe ficar. ([236])
>
> **2º) Diane**
>
> [...] Quando fiz menção de impedi-lo, minha mão o atravessou. Olhei para a minha mão e pensei: Oh, meu Deus estou morta!
>
> – o Ser de Luz me disse que era minha escolha ficar ou ir, mas que havia mais para eu fazer na vida e não era a minha hora de

> partir. Ainda hesitando, me disseram que se eu escolhesse voltar me seria concedido certo conhecimento para levar comigo e partilhar com os demais. Após muita conversa, concordei em voltar e, de repente, me encontrei diante de uma construção alta, em formato de cone – tão alta que parecia se elevar infinitamente. Me dissera que este era o Hall do Conhecimento. […]. ([237])

Jeffrey Long e Paul Perry "*concluíram que as EQMs podem incluir alguns ou todos os 12 elementos*" ([238]), listando-os e explicando-os. Entre eles, destacamos o "Retorno ao corpo, voluntário ou involuntário", em que comentam: *"A pesquisa da NDERF ([239]) perguntou: 'Você participou, ou esteve ciente, de uma decisão relacionada ao seu retorno ou corpo?' A essa pergunta, 58,5% responderam 'Sim'."* ([240])

Não temos dúvida de que isso comprova a existência de Espíritos com a missão de cuidar dos encarnados, quer ajudando-os na programação reencarnatória, quer no cumprimento do que foi programado. Quando dizem da necessidade do paciente voltar para continuar sua missão terrena, demonstram conhecer a sua necessidade de

trabalhar para sua evolução moral.

O que vínhamos percebendo quando de citações de construções no mundo espiritual é que, se não todas, a grande maioria delas tinham relação direta com a ajuda que os Espíritos bons prestavam aos que não se perceberam em uma nova realidade.

Acabamos por aprofundar mais na pesquisa desse instigante tema, o que resultou no ebook ***No Mundo Espiritual, Nada de Ficar Ouvindo Anjos Tocando Harpa*** ([241]).



A roupa do zuavo fruto de criação fluídica

Sempre estamos diante da inusitada situação de vermos algo numa obra que já lêramos inúmeras vezes, mas só o percebemos na última leitura. Outras vezes, são amigos, dedicados trabalhadores do Espiritismo, que nos apontam esse "algo" que não estávamos vendo, como é o presente caso.

Na ***Revista Espírita 1859***, mês de julho, vamos encontrar em "Conversas familiares de além-túmulo" registrados dois diálogos – 10 e 17 de junho – com o Espírito Joseph Mirard, sob o título "O soldado argelino de Magenta" ([242]).

Joseph Mirard foi um soldado que morreu na batalha de Magenta, cuja evocação visou a busca do conhecimento sobre os Espíritos que morrem nas guerras. Eis a informação que encontramos na ***WIKIPÉDIA*** a respeito dessa batalha:

A Batalha de Magenta foi travada em 4

de junho de 1859 durante a Segunda Guerra de Independência Italiana contra a Império Austríaco, resultando numa vitória dos exércitos francês e sardo contra os austríacos, sob o comando do general Ferencz Gyulai. Ocorreu perto da cidade de Magenta, no norte da península Itálica. ([243])

Do segundo diálogo, destacamos as seguintes questões:

40. Dissestes-nos que não tínheis revisto ainda o general Espinasse; **como poderíeis reconhecê-lo, uma vez que já não carrega sua farda de general?** – R. Não, mas conheço-o de vista; ademais não temos uma multidão de amigos prontos a nos dar a palavra. Aqui não é como no grande círculo; não se tem medo de se consentir em auxiliar e vos respondo que não há senão os maus velhacos, os únicos que não se veem.

41. **Sob qual aparência estais aqui? - R. Zuavo**.

42. **Se pudéssemos ver-vos, como vos veríamos? – R. Com turbante e calção.**

43. Pois bem! Suponho que nos aparecesse com turbante e calção, **onde apanhastes essa roupa**, uma vez que deixastes a vossa no campo de batalha! – R.

Ah! Eis! Nada sei; **tenho um alfaiate que me arranjou esta**.

44. **De que são feitos o turbante e o calção que levais?** Rendei-vos conta disso? – R. Não; isso **diz respeito ao algibebe**. ([244])



Na Internet, descobrimos esta imagem da roupa que era usada por um zuavo ([245]).

A informação do Espírito manifestante é que a roupa, que usava, lhe foi arrumada por um alfaiate. Allan Kardec disse que, em relação à roupa, ele não teria condições de resolver porque não era bastante avançado.

Entretanto, vamos encontrar uma explicação dada por um Espírito superior a respeito da roupa, porém, ela fica como que “escondida” entremeio a informações contida no artigo “Mobiliário de além-túmulo” publicado no mês de agosto na mesma ***Revista Espírita 1859***. Mas antes de ir ao ponto, trazemos estes trechos das questões 5, 11 e 26,

respectivamente:

> [...] **O Espírito tem sobre os elementos materiais espalhados por todo o espaço, em nossa atmosfera, um poder que estais longe de suspeitar**. Ele pode, à sua vontade, concentrar esses elementos e dar-lhes a forma aparente própria desses objetos. ([246])

> [...] Tendes provas d**o poder de ação que o Espírito exerce sobre a matéria, que estais longe de supor,** como já vos disse. ([247])

> [...] **o Espírito age sobre a matéria; haure na matéria primitiva universal os elementos necessários para formar, à sua vontade, objetos com aparência de diversos corpos que existem na Terra,** ele pode igualmente operar sobre a matéria elementar, por sua vontade, uma transformação íntima que lhe dá propriedades determinadas. Essa faculdade é inerente à natureza do Espírito, que a exerce, frequentemente, como um ato instintivo quando isso é necessário, e sem se dar conta dele. **Os objetos formados pelo Espírito têm uma existência temporária, subordinada à sua vontade ou à necessidade; podem fazê-los e desfazê-los à sua vontade**. [...]. ([248])

Fica bem claro que o nosso saber sobre o que os Espíritos podem fazer é pífio; daí, não ter nenhum sentido querermos fechar questão quanto ao que eles podem realizar tendo como elemento o fluido cósmico universal.

A questão da “existência temporária”, inserida na informação de que “*os objetos formados pelo Espírito têm uma existência temporária, subordinada à sua vontade e à necessidade*” não deve ser genericamente entendida como algo parecido com um clarão produzido por um raio, uma vez que está subordinada à vontade e à necessidade do Espírito e aí quanto mais elevado for mais poderia ser ampliada a existência deles.

Vejamos agora as duas questões mais importantes:

> 20. A produção de objetos semimateriais é sempre o fato de um ato de vontade de um Espírito, ou bem exerce, algumas vezes, esse poder com o seu desconhecimento? – R. Ele o exerce FREQUENTEMENTE com o seu desconhecimento.
>
> 21. Esse poder seria, então, um dos atributos, uma das faculdades inerentes à

> própria natureza do Espíritos; seria, de alguma sorte, uma de suas propriedades, como a de ver e de ouvir? – R. Certamente; mas, frequentemente, ele mesmo a ignora. **É então que um outro a exerce para ele, com o seu desconhecimento, quando as circunstâncias o pedem. O alfaiate do zuavo era justamente o Espírito do qual acabo de falar**, e ao qual ele fez alusão em sua linguagem alegre. ([249])

Ora, uma criação fluídica, como querem sempre alegar contra as colônias espirituais, seria produzida pelo próprio Espírito, jamais por um outro, como no caso da roupa. Tal fato, incontestavelmente, prova a possibilidade dos Espíritos criarem mil e uma coisas de acordo com a sua vontade. Óbvio, que quanto mais elevados forem, maior ‘poder’ possuem.

Sim, poderá haver questionamento quanto a explicação dada por esse Espírito superior. Mas então que o contestador vá a todas obras da Codificação e demonstre que São Luís tenha “furado” em alguma coisa, seja um esclarecimento, uma explicação, etc., pois esse Espírito superior mencionado, cujo nome nós estamos relevando agora, é o próprio.

O que sempre questionamos é: se qualquer desencarnado consegue “fabricar” uma roupa, com a qual se apresenta, o que não fariam um grupo de abnegados Espíritos superiores visando ajudar ao próximo?

Em ***A Gênese***, no capítulo “XIV – Os fluidos”, tópico “Elementos fluídicos”, item 7, o Codificador reconhece que:

> [...] **Ainda não conhecemos senão as fronteiras do mundo invisível**; o futuro, sem dúvida, nos reserva o conhecimento de novas leis, que nos permitirão compreender o que para nós é ainda mistério. ([250])

Pelo andar da carruagem, jamais teremos oportunidade de conhecer novas leis, uma vez que os dogmáticos fincam pé em somente aceitar o que consta das obras publicadas por Allan Kardec.

Para sermos coerentes, as experiências de videntes deveriam ser levadas em conta

O "*para sermos coerentes*" tem relação direta com o que Allan Kardec disse sobre eles, conforme veremos.

Transcreveremos o seguinte trecho do artigo intitulado "**Senhor Adrien, médium vidente**", publicado na ***Revista Espírita 1858***, mês de dezembro, do qual faremos alguns cortes, mas deixaremos o necessário para a compreensão do ponto que queremos ressaltar:

> Toda pessoa que pode ver os Espíritos sem auxílio de terceiro é, por isso mesmo, médium vidente; mas, em geral, as aparições são fortuitas, acidentais. Não conhecemos, ainda, ninguém apto a vê-los de modo permanente, e à vontade. É dessa notável faculdade que está dotado **o senhor Adrien**, um dos membros da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Ele **é, ao mesmo tempo, médium**

vidente, escrevente, audiente e sensitivo. [...].

Uma nova faculdade acaba de se revelar nele, a da dupla vista; sem ser sonâmbulo, e embora esteja perfeitamente desperto, **vê à vontade, a uma distância ilimitada, mesmo além dos mares, o que se passa em uma localidade; vê as pessoas e o que elas fazem; descreve os lugares e os fatos com uma precisão cuja exatidão foi verificada**. Apressamo-nos em dizer que o senhor Adrien **não é um desses homens fracos e crédulos que se deixam ir pela imaginação**; ao contrário, é um homem de caráter muito frio, muito calmo, e que vê tudo isso com o mais absoluto sangue frio, não dizemos com indiferença, longe disso, porque ele toma suas faculdades a sério, e as considera como um dom da Providência, que lhe foi concedido para o bem, também não se serve deles senão para as coisas úteis, e jamais para satisfazer uma vã curiosidade. É um homem jovem, de uma família distinta, muito honrada, de um caráter ameno e benevolente, e cuja educação cuida de se revelar em sua linguagem e em todas as suas maneiras. Como marinheiro e como militar, percorreu uma parte da África, da índia, e de nossas colônias.

De todas suas faculdades como médium, a mais notável, e em nossa opinião a mais preciosa, **é a de médium vidente**. **Os**

Espíritos lhe aparecem sob a forma que descrevemos em nosso artigo precedente sobre as aparições; ele os vê com uma precisão da qual pode-se julgar pelos retratos, que damos adiante, da viúva de Malabar e da Belle Cordière de Lyon. Mas, dir-se-á, o que prova que ele vê bem e que não é o joguete de uma ilusão? O que o prova, é que quando uma pessoa, que ele não conhece, evoca por seu intermédio um parente, um amigo que ele jamais viu, e dele faz um retrato surpreendente de semelhança e que pudemos mesmo constatar; não há, pois, para nós nenhuma dúvida sobre essa faculdade que ele goza no estado de vigília, e não como sonâmbulo.

O que há de mais notável ainda, talvez, é que **não vê só os Espíritos evocados; ao mesmo tempo, vê todos aqueles que estão presentes, evocados ou não; ele os vê entrarem, saírem, irem, virem escutarem o que se diz, rirem ou levarem a sério**, segundo seu caráter; em uns há gravidade; em outros, um ar zombeteiro e sardônico; algumas vezes um deles avança até um dos assistentes, lhe coloca a mão sobre a espádua ou se coloca ao seu lado, alguns se mantêm afastados; em uma palavra, em toda reunião, há sempre uma assembleia oculta composta de Espíritos atraídos por sua simpatia pelas pessoas, e pelas coisas pelas quais se ocupem. Nas ruas vê uma multidão, porque

além dos Espíritos familiares que acompanham seus protegidos, há ali, como entre nós, a massa dos indiferentes e dos vadios. Em sua casa, disse-nos, não está jamais só, e não se entedia nunca; tem sempre uma sociedade com a qual ele conversa.

Sua faculdade se estende não somente aos Espíritos dos mortos, mas aos dos vivos; quando vê uma pessoa, pode fazer abstração do corpo; então o Espírito lhe aparece como se estivesse separado dele, e pode conversar com ele: Em uma criança, por exemplo, pode ver o Espírito que está encarnado nela, apreciar a sua natureza, e saber o que era antes de sua encarnação.

Essa faculdade, estendida a esse grau, nos inicia melhor, que todas as comunicações escritas, na natureza do mundo dos Espíritos; no-lo mostra tal qual é, e se não o vemos pelos nossos olhos, a descrição que dele nos dá fá-lo ver pelo pensamento; os Espíritos não são mais seres abstratos, são seres reais, que estão ali ao nosso lado, que nos acotovelam sem cessar, e como sabemos agora que seu contato pode ser material, compreendemos a causa de uma multidão de impressões que sentimos sem delas nos rendermos conta. Também **colocamos o senhor Adrien no número dos mais notáveis médiuns, e na primeira classe daqueles que**

forneceram os elementos mais preciosos para o conhecimento do mundo espírita. Sobretudo, o colocamos na primeira classe por suas qualidades pessoais, que são as de um homem de bem por excelência, e que o tornam eminentemente simpático aos Espíritos da mais elevada ordem, o que não ocorre sempre entre os médiuns de influências puramente físicas. Sem dúvida, entre estes últimos, aos que farão mais sensação, cativarão melhor a curiosidade; mas **para o observador, para aquele que quer sondar os mistérios desse mundo maravilhoso, o senhor Adrien é o mais poderoso auxiliar que já vimos**. Também colocamos sua faculdade, e sua complacência, em proveito de nossa instrução pessoal, seja na intimidade, seja nas sessões da Sociedade, seja, enfim, na visita de diversos lugares de reunião. Estivemos juntos no teatro, nos bailes, nos passeios, nos hospitais, nos cemitérios, nas igrejas; assistimos a enterros, a casamentos, a batismos, a sermões: por toda parte observamos a natureza dos Espíritos que ali vinham se agrupar, entabulamos conversação com alguns, os interrogamos e aprendemos muitas coisas das quais aproveitaremos aos nossos leitores, porque nosso objetivo é fazê-los penetrarem, como nós, nesse mundo tão novo para nós. O microscópio nos revelou um mundo dos infinitamente pequenos que não

> supúnhamos, embora estivesse sob nossos dedos; o telescópio nos revelou a infinidade de mundos celestes, que não supúnhamos mais; o Espiritismo nos descobre o mundo dos Espíritos que está por toda parte, ao nosso lado como nos espaços; mundo real que reage incessantemente sobre nós. ([251])

Apesar de ressaltar um trecho na cor fúcsia, é oportuno citá-la em separado: *"Essa faculdade* [de vidente]*, estendida a esse grau,* ***nos inicia melhor, que todas as comunicações escritas, na natureza do mundo dos Espíritos****; no-lo mostra tal qual é, e se não o vemos pelos nossos olhos, a descrição que dele nos dá fá-lo ver pelo pensamento"*.

A vidência é um detalhe importante especialmente se também levarmos em conta o que o Dr. Bouché de Vitray disse em seu discurso quando da passagem de Allan Kardec por Bordeaux, publicado na ***Revista Espírita 1861***, mês de novembro:

> Certamente, se nesta solenidade, não temesse abusar do emprego do tempo, **teria a citar numerosas comunicações**

> **de um interesse incontestável**; e, contudo, no meio desta atividade puramente intelectual acima de nossas relações incessantes com o mundo dos Espíritos, sobrepor dois fatos que me parecem, por exceção, protestar contra o mutismo absoluto. O primeiro está caracterizado por detalhes íntimos e tocantes que nos emocionaram até às lágrimas; o segundo, pela estranheza do fenômeno, pertencente à **mediunidade vidente, e constitui uma prova tão palpável que seria reduzir a negar a boa-fé dos médiuns se se quisesse negar a realidade do fato**. ([252])

Conforme já o dissemos, se em relação a determinado médium isso já tem validade imagine ao apresentarmos dezenas deles, cujas experiências mediúnicas dão conta de construções no mundo espiritual. Será que os que nada veem da outra dimensão, portanto, falam por puro “achismo” é que estarão com a verdade?

Em ***O Livro dos Médiuns***, Segunda Parte, capítulo “VI – Manifestações visuais”, item 103, temos a seguinte consideração de Allan Kardec que diz respeito da relevância dos médiuns videntes:

> É **esse o mundo oculto que nos envolve**, dentro do qual vivemos sem perceber, como vivemos em meio das miríades de seres do mundo microscópico, sem desconfiar de coisa alguma. O microscópio nos revelou **o Espiritismo, com o auxílio dos médiuns videntes, nos revelou o mundo dos Espíritos,** que, por sua vez, também constitui uma das forças ativas da Natureza. **Com a ajuda dos médiuns videntes, pudemos estudar o mundo invisível e conhecer os seus hábitos,** assim como um povo de cegos pode estudar o mundo visível, auxiliado por alguns homens que gozem da faculdade de ver. [...]. ([253])

O Codificador demonstra a importância dos médiuns videntes para nos informar sobre as coisas do mundo espiritual. O que os de sua época não revelaram, os posteriores podem nos trazer um pouco mais de luz, caso não queiramos permanecer na escuridão.

Eis um ponto importante que, infelizmente, não vemos ser levado em conta nas análises das informações sobre construções no mundo espiritual, incluindo, as colônias espirituais, proveniente de médiuns videntes ou clarividentes.

Em nosso livro "***As Colônias Espirituais e a Codificação***" citamos o nome de sete médiuns entre eles alguns videntes e clarividentes ([254]) que, que nesse ebook ampliamos para treze:

Videntes		
Ord.	**Nomes**	**Fontes**
01	Yvonne A. Pereira	*Recordações da Mediunidade,* p. 23 (tb 29, 55, 128, 129, 163 e 165)
02	Rev. George Vale Owen	*A Vida Além do Véu,* p. 164 (for levado a ver as regiões que descrevia mediunicamente)
03	Emanuel Swedenborg	*História do Espiritismo*, Arthur Conan Doyle, p. 36.
04	Andrew Jackson Davis	*História do Espiritismo*, Arthur Conan Doyle, p. 68.
05	Chico Xavier	*Lições de Sabedoria,* p. XVII e *Entrevistas – Francisco Cândido Xavier, Espírito de Emmanuel*, p. 23-24.
06	Heigorina Cunha	*Cidade no Além,* p. 25, (desdobrou-se até Nosso Lar)
07	Vânia Arantes Damo	*Moradas Espirituais,* p. 18 (visitas oníricas)
08	Sadhu Sandar Singh	*Visões do Mundo Espiritual*, p. 13. (visões)

09	James Van Praagh	*Espíritos Entre Nós*, p. 9.
10	Sylvia Browne	*O Outro Lado da Vida*, p. 10.
11	Joy Snell	*O Espiritismo e as Manifestações Psíquicas*, Ernesto Bozzano, p. 58.
12	E. B. Duffey	*A Crise da Morte,* Ernesto Bozzano, p. 51. (sonambulismo atento)
13	Gladys Osborne Leonard	*Minha vida em dois mundos*, p. 11.

Além do que Allan Kardec ponderou sobre os videntes, poderíamos acrescentar também a questão do Controle Universal, que julgamos ser possível aplicar em relação ao número dessas fontes para considerar como ter atendido esse requisito para referendar a existência de construções no plano espiritual.

Ademais, não podemos ficar batendo na surrada tecla que Espiritismo é "*só em Kardec*", porquanto, ele próprio deixou bem claro que os seus sucessores completariam a Codificação, acrescentando a ela detalhes que não puderam ser revelados na sua época.

É oportuno retomar a esta transcrição da ***Revista Espírita 1867***, mês de abril, por conta da seguinte fala de Allan Kardec:

> [...] Do fato de que **o estado de nossos conhecimentos** não nos permita deles dar ainda uma explicação concludente, isto não prejulgaria nada, porque **estamos longe de conhecer todas as leis que regem o mundo invisível**, todas as forças que este mundo encerra, todas as aplicações das leis que conhecemos. **O Espiritismo não disse ainda a sua última palavra, muito longe disto**, não mais sobre as coisas físicas do que sobre as coisas espirituais. Muitas das descobertas serão o fruto de observações ulteriores. O Espiritismo não fez, de alguma sorte, até o presente, senão colocar os primeiros degraus de uma ciência cuja importância é desconhecida. **Com a ajuda do que já descobriu, ele abre àqueles que virão depois de nós o caminho** das investigações numa ordem especial de ideias. Não procede senão por observações e deduções. Se um fato é constatado, se diz que ele deve ter uma causa, e que esta causa não pode ser senão natural, e então ele a procura. Na falta de uma demonstração categórica, pode dar uma hipótese, mas até a confirmação, não a dá senão como hipótese, e não como verdade absoluta. [...].([255])

Podemos acrescentar que sempre é preciso esperar o tempo certo para a semeadura, para que a semente possa germinar, crescer e dar frutos.

Em ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***, capítulo “XXIV – Não ponhais a candeia debaixo do alqueire”, item 7, lemos:

> [...] Em suas instruções, **os Espíritos** procederam com admirável prudência. **Só abordaram as diversas partes já conhecidas de Doutrina de modo gradual e sucessivo**, **deixando as outras partes para serem reveladas à medida que se for tornando oportuno fazê-las sair da obscuridade**. Se a houvessem apresentado completa desde o início, ela só se teria mostrado acessível a reduzido número de pessoas; teria mesmo assustado as que não se achassem preparadas para recebê-lo, prejudicando assim a sua propagação. **Se, pois, os Espíritos ainda não dizem tudo ostensivamente**, não é porque haja na Doutrina mistérios em que só alguns privilegiados, nem porque eles coloquem a candeia debaixo do alqueire, mas **porque cada coisa tem de vir no momento oportuno**. **Os Espíritos deixam que cada ideia tenha tempo para amadurecer e propagar-se, antes que apresentem outra**, a fim de que os

> acontecimentos tenham tempo de preparar a sua aceitação. ([256])

É útil relembrarmos que nem o próprio Mestre de Nazaré revelou tudo a seus discípulos, uma vez que lhes disse: *"Ainda tenho muitas coisas a dizer, mas agora vocês não seriam capazes de suportar."* (João 16,12)

Como explicar a existência de hospitais, casas e objetos diversos nas cidades espirituais?

O amigo Astolfo O. De Oliveira Filho, responsável pelo site ***O Consolador***; *Revista Semanal de Divulgação Espírita* ([257]), é autor do artigo com esse título. Gentilmente, nos autorizou a inseri-lo nesse ebook. Como é cópia fiel, optamos por mantê-lo na formatação normal, mas em itálico.

A notícia referente às construções espirituais está presente não só na obra de André Luiz, psicografada pelo médium Chico Xavier, mas igualmente em autores respeitados, como Arthur Conan Doyle, Ernesto Bozzano, Cairbar Schutel e Manoel Philomeno de Miranda.

Em todos eles é destacada, com clareza, a influência do pensamento sobre a matéria peculiar às chamadas cidades ou colônias espirituais e seu papel na edificação das habitações espirituais e dos objetos utilizados pelos Espíritos.

Vejamos algumas citações do livro ***A Crise da Morte****, um dos clássicos do Espiritismo, de autoria de Ernesto Bozzano:*

1. O Espírito de Jim Nolan disse que, ao entrar no mundo espiritual, parecia-lhe caminhar sobre um terreno sólido, quando encontrou sua avó, que o levou para longe dali, para sua morada. A morada da avó, onde ele repousou e dormiu naquela noite, tinha o aspecto de uma casa. "No mundo dos Espíritos – explicou –, há a força do pensamento, por meio do qual se podem criar todas as comodidades desejáveis..." (Obra citada, p. 32.)

2. Pensando na forma humana, o Espírito se veria de novo em forma humana; pensando em estar vestido, achar-se-ia coberto de roupas que, sendo tão etéreas como o seu próprio corpo, lhe pareceriam tão substanciais como as vestes terrenas. É assim que ele encontra, no mundo espiritual, um meio e uma morada correspondentes a seus hábitos terrestres, morada que lhe prepararam seus familiares, tornados antes dele à vida espiritual. (Obra citada, p. 36.)

3. Felicia Scatcherd (Espírito) revelou ter sido conduzida a uma maravilhosa morada que os próprios Espíritos haviam criado pela força do pensamento. (Obra citada, pp. 117 a 121.)

4. A mensagem do citado Espírito trouxe notícias sobre as habitações existentes no mundo espiritual, construídas por Espíritos que se especializaram em modelar, pelo pensamento, a matéria espiritual. (Obra citada, pp. 137 a 143.)

5. A respeito do poder do pensamento no meio espiritual, a entidade trouxe uma informação adicional: para criar os objetos de que necessita não basta pensar na "coisa" desejada; é preciso uma concentração firme do pensamento sobre esse objeto, pensando em todos os seus detalhes. É por isso que, exercitando-se nas criações do pensamento, os Espíritos chegam a pensar com uma nitidez cada vez maior e a concentrar a vontade com uma eficácia sempre mais intensa. Não sendo assim, formar-se-á tão somente um esboço mais ou menos confuso e informe do objeto desejado. (Obra citada, p. 157.)

Como entender tais descrições?

O assunto não escapou, evidentemente, à obra de Allan Kardec, conforme podemos ver nas citações seguintes:

1. Todas as substâncias, conhecidas e desconhecidas, por mais dessemelhantes que pareçam, quer do ponto de vista da constituição íntima, quer pelo prisma de suas ações recíprocas, são apenas modos diversos sob que a matéria se apresenta, variedades em que ela se transforma sob a direção das forças inumeráveis que a governam. Não há, em todo o Universo, senão uma única substância primitiva: o cosmo, ou matéria cósmica dos uranógrafos. (A Gênese, cap. VI, itens 3, 4 e 7.)

2. O fluido cósmico universal é a matéria elementar primitiva, cujas modificações e transformações constituem a inumerável variedade dos corpos da Natureza. Como princípio elementar do Universo, ele assume dois estados distintos: o de eterização ou imponderabilidade, que se pode considerar o primitivo estado normal, e o de materialização ou de ponderabilidade, que é, de

certa maneira, consecutivo àquele. Cada um desses dois estados dá lugar, naturalmente, a fenômenos especiais: ao segundo pertencem os do mundo visível e ao primeiro os do mundo invisível. Uns, os chamados fenômenos materiais, são da alçada da Ciência propriamente dita, os outros, qualificados de fenômenos psíquicos, porque se ligam de modo especial à existência dos Espíritos, cabem nas atribuições do Espiritismo. (A Gênese, cap. XIV, item 2.)

3. O estado no qual o fluido universal se apresenta em sua maior simplicidade é o que se encontra no ambiente dos Espíritos puros. Na Terra, ele está mais ou menos modificado para formar a matéria compacta que nos cerca. (O Livro dos Médiuns, item 74, pergunta no 5.)

4. Os Espíritos fazem a matéria etérea passar pelas transformações que queiram; portanto, eles podem formar os objetos – vestuários, joias, caixas de rapé etc. – que desejem, por ato de sua vontade e, do mesmo modo que os fazem, podem desfazê-los. (L.M., item 128, pergunta 6.)

5. A teoria espírita acerca do laboratório do mundo invisível pode-se resumir assim:

a) o Espírito atua sobre a matéria;

b) da matéria cósmica universal tira os elementos de que necessite para formar objetos que tenham a aparência dos diversos corpos existentes na Terra;

c) pela ação de sua vontade, pode operar na matéria elementar uma transformação íntima, que lhe confira determinadas propriedades;

d) essa faculdade é inerente à natureza do Espírito, que muitas vezes a exerce de modo instintivo, sem disso se aperceber;

e) os objetos que o Espírito forma têm existência temporária, subordinada à sua vontade ou a uma necessidade que ele experimenta;

f) ele pode fazê-los e desfazê-los livremente;

g) em certos casos, esses objetos podem apresentar, aos olhos das pessoas vivas, todas as aparências da realidade, isto é, tornar-se visíveis e até mesmo tangíveis;

h) trata-se, porém, de formação, não criação, porque do nada o Espírito nada pode tirar. (L.M., item 129.)

Cremos que, com base nos dados acima, é possível a todos nós sanarmos as dúvidas que porventura tenhamos acerca do tema, de modo que, quando desencarnamos, não venhamos a estranhar as habitações em que vivem nossos amigos e familiares ora radicados no plano espiritual. ([258])

Na transcomunicação instrumental surgiram alguns detalhes da vida no além-túmulo

A jornalista Elise Dubugras (1904-2006) é autoria do artigo “Os mortos falam”, publicado na revista ***Planeta nº 18***, fevereiro 1974, do qual transcrevemos o seguinte trecho:

> Eles também se divertem
>
> Como já foi dito, as sentenças não são descritivas. **O que encontramos é a menção do objeto, do vício, do meio de transporte etc**. Vamos exemplificar com uma conversa, pois esta nos permite conhecer um ônibus, seu motorista, algumas condições geográficas, as opiniões das vozes sobre certas pessoas, sua aptidão para o cargo que exercem etc.
>
> Diversas vozes conversam entre si. **Vão fazer uma excursão de ônibus (falam do *susabus*).** Este será dirigido por um motorista que três dos passageiros deveriam ter conhecido em outras circunstâncias, pois uma, nervosamente, chama a atenção dos amigos para o fato de

que é o Popa quem vai dirigir. Outra acrescenta que Popa dirige com muita velocidade. Popa é veloz. Logo alguém exclama: “Estamos na 9ª rampa”. Outra diz, surpresa: “Lá está o mar, o belo mar”. **Existe, pois, o mar, e o ônibus deve estar subindo uma montanha**. Rapidamente chegam ao seu cume e saem do ônibus, ouve-se alguém queixando-se do frio e do vento. Outra observa que o local só é bom para lobos, portanto deve ser um lugar bem alto, frio e açoitado por ventos.

Nesse cume há **um telescópio**. Uma voz chega ao instrumento e espia por ele. Exclama, admirada, que vê o Raudive. Outra quer espiar também, mas sua visão é defeituosa e o funcionário que cuida do telescópio tem que ajustar primeiro uma lente, depois a outra. Mas, apesar da novidade, há o eterno queixoso que reclama de tudo, enchendo a paciência de outra voz que, ironicamente, lhe diz que deveria ter trazido seu “caixão” consigo! ([259])

Como “vivem” os mortos?

Existem casas, hospitais, pensionatos, escolas etc., e elas falam de roupas, falta de roupa, banheiros, comida, bebida e cigarros, citando as marcas.

Conservam o sentimento de nacionalidade e agrupam-se segundo ela.

Em certos setores o domingo é guardado. Existem diversas profissões, como aqui na Terra. Plantam, colhem e cozinham, pois falam dos trigais e do pão que comem.

É interessante observar que as vozes viajam, sabem para onde vão e onde estão. Também têm conhecimento do que seus amigos "vivos" estão fazendo, para onde vão e onde estão.

Elas sabem como as pessoas morreram e quando. Repetidamente falam dos parentes falecidos dos assistentes. Citam a forma da morte, o nome, o lugar e outros detalhes. Dr. Frei Gebhard era um padre católico, membro da Mission Society of Bethlehem. Em 22 de setembro de 1967 escreveu ao dr. Raudive, dizendo que **tinha ouvido 60 mil sentenças** e acrescentou: "Não tenho o direito de duvidar da realidade do fenômeno"! Logo após escrever essa carta, o prof. Frei faleceu e, em 5 de novembro de 1967 o dr. Raudive pediu numa sessão de gravação, para falar com ele. Como resposta, o nome Frei foi ouvido na fita. O dr. Raudive perguntou: "O sr. pode nos dar uma prova concreta do outro lado?" A voz do professor responde: "Du Handle, Gebhard" ou seja, traduzido livremente "trate disto você mesmo, Gebhard". ([260])

Essas informações foram extraídas de um

acervo de 72 mil sentenças obtidas a partir de gravações de colóquios realizadas pela equipe do Dr. Konstantin Raudive (1909-1974), pesquisador russo dos Fenômenos da Voz Eletrônica (EVP), as chamadas “vozes do além”.

No capítulo “31. Resumo e perspectivas” de ***Ponte Entre o Aqui e o Além – Teoria e Prática da Transcomunicação*** (1989), a autora Hildegard Schäfer (1918-1995), que se dedicava a parapsicologia, notadamente na área de Transcomunicação, dentre várias coisas, disse o seguinte:

> De qualquer maneira, **a transcomunicação consolida a tese, presente em quase todas as religiões, de que a vida após a morte não é uma fantasia, um fruto do desejo, mas uma realidade**. Apenas este fato, de que com ela uma vaga crença acaba transformada num verdadeiro saber, justifica – e plenamente – sua existência. Através da transcomunicação, o homem liberta-se das suas antigas dúvidas, compreende conexões e objetivos e alcança, já na vida terrena, certos conhecimentos a respeito do Além. **Os diálogos com outras dimensões**

levantam o véu de muitas coisas, até então para nós incompreensíveis. Não será mais preciso nos agarrarmos a uma miserável palha de esperança, em vez disso podemos nos apegar a uma promissora âncora da certeza.

Com a penetração da pesquisa da transcomunicação em áreas tão diversificadas de conhecimentos especializados, recebemos os ensinamentos sobre a continuação da vida após a morte física de modo tão instrutivo, que **a sobrevida após a morte deixa de ser um assunto de crença, transformando-se num objeto do múltiplo saber**.

Além do *Factum "sobrevida",* muitas perguntas são respondidas pela transcomunicação, para as quais antes não havia explicações aceitáveis.

O avanço na direção de outras dimensões, tornado possível pelos progressos da pesquisa, possibilita a obtenção de contatos com seres espirituais que **nos transmitem ensinamentos imprescindíveis, bem como esclarecimentos sobre a vida após a morte**.

Em função de tantas comunicações idênticas, podemos crer que **o homem, desencarnado após a morte física, permanece, de acordo com o grau de sua evolução, por mais ou menos**

> **tempo, numa dimensão bastante parecida com a da vida na Terra**. Inicialmente, o ser humano leva sua individualidade para o outro lado, assim continua ocupando-se com os mesmos problemas ou atividades que o mantinham ocupado em vida. **O morto continua neste plano "quase-terreno" até superar tudo o que era imperfeito**, inverídico e não-espiritual na sua vida terrena, e até alcançar o conhecimento e a sabedoria; então nada mais impede seu progresso em direção a uma dimensão mais elevada e mais perfeita. Tudo o que levamos, de cargas não superadas, para o Além, deve primeiro ser liquidado, e assim devemos recuperar, no outro lado, tudo aquilo que deixamos de cumprir, em termos de evolução espiritual, durante nossa vida na Terra. ([261]) (itálico do original)

Ora, se "*após a morte física, [o homem] permanece, de acordo com o grau de sua evolução, por mais ou menos tempo, numa dimensão bastante parecida com a da vida na Terra*", então, temos algo que em muito se assemelha com as designadas esferas espirituais ou faixa vibracionais.

Por outro lado, se "*O morto continua neste plano 'quase-terreno' até superar tudo o que era*

imperfeito", a questão das construções nesse plano seria um fato bem provável, uma vez que informação desse tipo se vê em inúmeras obras, trabalhos e pesquisas mundo afora.

Ao analisarmos a obra ***Transcomunicação Instrumental*** (1992), de Hernani Guimarães Andrade, assinando como Karl W. Goldstein, deparamo-nos com diversas informações relevantes extraídas das gravações de vozes realizadas por **Friedrich Jürgenson** (1903-1987). Vejamos algumas delas:

> Inicialmente, Jürgenson pensou que seu aparelho gravador houvesse apanhado alguma forte emissora norueguesa. Entretanto estranhou que tivessem surgido justamente aqueles sons de pássaros. Era muita coincidência. O clarim e a voz masculina também lhe pareceram inexplicáveis.
>
> Um mês se passou desde aquela ocorrência, quando, em 12 de julho, Jürgenson tornou a captar ruídos e sons estranhos, no meio dos quais podia distinguir vozes falando em diversos idiomas, utilizando-os simultaneamente em uma mesma frase. Ele prosseguiu então, dia

após dia, em suas tentativas, até que as vozes passaram a solicitar-lhe:

Manter contato! Com aparelho manter contato. Favor ouvir, favor, favor ouvir!

As frases eram proferidas ora em alemão, ora em sueco. Progressivamente, Jürgenson foi ampliando e disciplinando seu cansativo trabalho de escuta, em parte orientado pelas próprias vozes que se comunicavam com ele por meio do gravador. **Posteriormente, as vozes se identificaram. Eram procedentes de pessoas já falecidas e interessadas em estabelecer comunicação com os vivos. Passaram a informá-lo acerca do mundo em que se encontravam**.

Primeiro fizeram-me uma descrição detalhada do Além, com um quadro bastante claro de um determinado plano de existência, ao qual meus amigos demonstravam especial dedicação. Esse local se quisermos adotar esta palavra – denominava-se subúrbio e abrangia uma série de "distritos" ou planos de existência (estados de consciência). (Jürgenson, F. 1972, p. 26) ([262])

Friedrich Jürgenson, o descobridor do fenômeno das vozes, até hoje faz gravações e procura manter-se em contato com as "inteligências" que se manifestam por esse meio. **Ele já conseguiu estabelecer a**

identidade das vozes. São oriundas de pessoas falecidas, desencarnadas:

> *As primeiras vozes que registrei através do microfone provinham de um grupo de inteligências que se denominavam "os mortos" e que pela primeira vez haviam tomado a decisão de estabelecer um contato electrônico com o nosso plano de vida*. (Jürgenson, F. 1976, p. 32).

> Segundo Jürgenson, o referido grupo ainda continua dialogando com ele por esse processo. São amigos íntimos dele, dos tempos de juventude, de Odessa, Palestina, Estônia e Berlim. Alguns poucos são seus parentes. Várias celebridades, que não chegaram a ser seus conhecidos, sobretudo políticos, escritores, músicos, artistas, cantores e autoridades religiosas católicas, também têm procurado comunicar-se com ele. Em muitas dessas comunicações, a identificação precisa pôde ser estabelecida devido à existência de registros sonoros em discos ou outros meios de gravação. **Alguns haviam conservado até seu sotaque particular**, diz Jürgenson (Opus cit.). ([263])

Aqui temos a identificação de quem produzia os sons que apareceram nas gravações de Friedrich Jürgenson, oportuno, para evitar os argumentos de que seriam coisa de Et's, habitantes de outros orbes.

Por outro lado, é interessante vermos pesquisador de primeira linha aceitar a existência de estações radiotransmissoras no além. Claro que há muitos que desconhecem estas considerações de Hernani G. Andrade.

> Elsie Dubugras (1972, 1974) conhecida cronista internacional, analisou a fundo a obra do Dr. Konstantin Raudive, dela extraindo interessantes conclusões, em dois artigos: As Vozes do Dr. Raudive (Breakthrough) e Os Mortos Falam.
>
> No primeiro artigo, publicado na *Revista Internacional de Espiritismo*, de junho de 1972, **há uma descrição viva e clara**, que transcrevemos em parte:
>
> *Para começar vemos que os espíritos têm* ***diversas estações transmissoras e receptoras****, mas as que com maior frequência se comunicam com o Dr. Raudive são a* ***"Studio Kelp" e a "Radio Peter"****. Muitos outros grupos existem, operando suas próprias transmissoras e usando técnicas próprias, que se identificam, como o provam centenas de comunicações recebidas. Não é preciso muita imaginação para entrever esse mundo de telecomunicações espirituais*. (Opus cit. p. 136).
>
> Pelas últimas informações chegadas

> recentemente ao Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas (IBPP), ficamos sabendo que os mortos esperam transmitir-nos mais do que vozes; **eles estão se aparelhando para enviar-nos, também, imagens de TV**! ([264])
>
> Examinando-se o trabalho de Raudive, é possível formar um quadro coerente acerca do mundo dos desencarnados. **Temos, nessa obra, um manancial inesgotável de onde extrair dados concernentes à vida além-túmulo.** Ali também **há referências às Estações Transmissoras usadas pelos "mortos" e destinadas à comunicação com os "vivos"**. Pelas mensagens recebidas, percebe-se que **os desencarnados se esforçam intensamente para entrar em comunicação com os encarnados**. Dessas mensagens pode-se destacar dois nomes de estações transmissoras do Além: Studio Kelpe e Rádio Peter. ([265])

Então, temos claras informações da existência de estações transmissoras no mundo espiritual, o que demonstra que os espíritos trabalham com "equipamentos materiais", obviamente, formados da matéria própria do plano em que se encontram.

Na "Apresentação" de ***Transcomunicação***

Instrumental (1992), a Dra. Marlene Rossi Severino Nobre (1937-2015), menciona:

> Em *Devassando o Invisível*, a médium Yvone A. Pereira, relata importante aviso do espírito do Dr. Bezerra de Menezes recebido pelo médium Silvestre Lobato, em 1915. Ele anunciou em reunião familiar através do referido médium, o advento do rádio e da televisão, **assegurando que esse último invento facultaria ao homem, mais tarde, captar panoramas e detalhes da própria vida no mundo invisível**. Segundo análise do venerando benfeitor, a Ciência, mais do que a própria Religião, levaria os espíritos positivos a admitir a vida no Além, encaminhando-os para Deus. ([266])

Na obra citada por Marlene Nobre realmente consta esse fato ([267]).

No capítulo “Finalmente, o Vidicom!” de ***Transcomunicação Instrumental*** (1992), Hernani Guimarães divulga sete fotos obtidas, em 1987, por meio desse processo, pelo casal de pesquisadores luxemburgueses Jules e Maggy Hasch-Fischbach, que se tornou uma das referências mais conhecidas da Transcomunicação Instrumental (TCI) na Europa

durante as décadas de 1980 a 1990 ([268]):

> O Espírito-guia, o Técnico, deu instruções ao casal Mr. e Mrs. H-F no sentido de obterem também imagens transmitidas a partir do mundo espiritual. **O método prescrito é simples: instala-se sobre um tripé uma câmera de TV (filmadora em videocassete), focalizando o vídeo de um a TV antiga em funcionamento, sintonizada em um canal livre. Filma-se, portanto, o chuvisco luminoso! Depois, o filme é passado lentamente, a fim de se detectar as imagens eventualmente captadas durante a filmagem**. O processo é semelhante ao EVP. Foi recomendado o uso de um sistema para a contagem do tempo e que se intercala entre o vídeo e a lente da câmera. Desse modo, as fotos ficam marcadas com os números da cronometragem. O tempo é contado em minutos, segundos e centésimos de segundo. ([269])

Das imagens do plano astral, destacamos estas quatro, com as respectivas explicações ([270]):

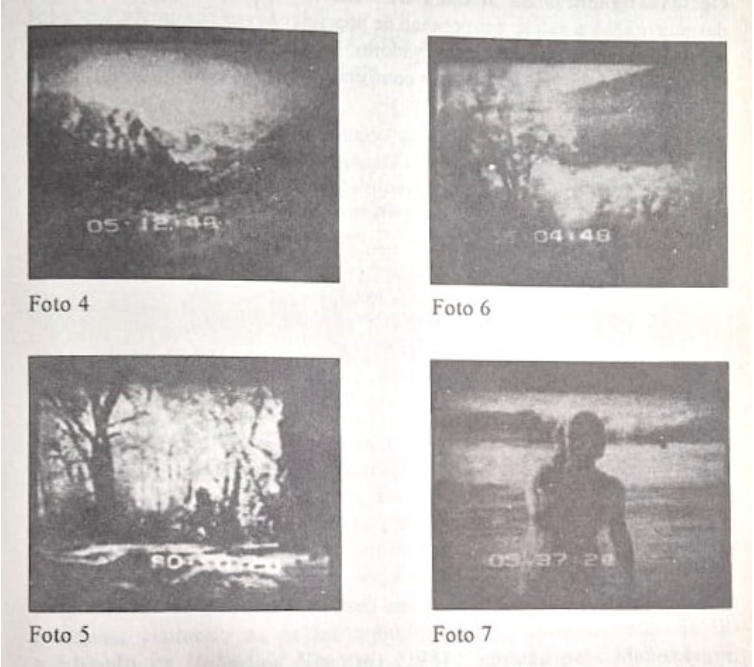


Foto 4

Foto 6

Foto 5

Foto 7

Fotos 4, 5 e 6 – Paisagens observáveis no Plano Astral e transmitidas de lá para cá através do Vidicom. As fotos confirmam as descrições acerca do mundo espiritual, fornecidas por André Luiz e captadas pela mediunidade de Francisco Cândido Xavier.

Foto 7 – Uma jovem mulher não identificada emerge das águas de um lago. O vestido ainda molhado parece colar-se ao seu corpo. Os outros quadros que antecederam e sucederam a este, permitem compor uma sequência em que a jovem aparece jogando um beijo para o fotógrafo. Ao fundo, distingue-se a crista de uma onda que vai se quebrando.

É bom deixar bem claro que Allan Kardec foi um pesquisador que se baseava nos fatos para

sustentar os princípios da Doutrina Espírita.

Foi exatamente diante dos fatos que, inclusive, mudou a informação dada pelos Espíritos superiores de que não havia possessão física de encarnado por um desencarnado, conforme já o dissemos.

Da obra ***A Transcomunicação Através dos Tempos*** (1997), de Karl W. Goldstein, pseudônimo adotado por Hernani Guimarães Andrade, destacamos os seguintes trechos:

> 1º) Capítulo "XXVI – Tentativas de Transcomunicação sem o médium humano:
>
> a) Tópico: "Outras tentativas":
>
> [...] Com o passar do tempo, foi-se tornando cada vez mais claro que os resultados obtidos com a TCI não estariam na dependência somente da sofisticação dos equipamentos projetados e construídos com os nossos parcos recursos técnicos. **As transcomunicações mais avançadas surgiram graças à intervenção da tecnologia dos nossos parceiros do Além**. **Nossos aparelhos, os mais perfeitos, ainda estão longe de competir com os do Plano Espiritual**. Desse modo, continuamos ainda na dependência das instruções das Entidades

do Além, no tocante ao preparo dos receptores daqui, para receber as emissões de lá. ([271])

b) Tópico “Futuras abordagens”:

3) *TCI com Colaboração Técnica do Além*. Nesta fase ocorre uma efetiva orientação técnica dos desencarnados, visando a captação, na Terra, das **comunicações enviadas por estações emissoras (pontes) situadas no Plano Espiritual**. As TCIs compreendem a comunicação verbal (rádio) e a visual (tevê). ([272])

2º) Capítulo “XXVIII – O fenômeno das vozes electrônicas – EVP”, tópico “Qual seria o processo da transcomunicação pelo gravador?”:

Uma analogia pode ser útil para entender as informações dadas por Juergenson: é o caso das torres de navegação dos aeroportos. Os operadores contatam o avião em vôo, por meio do radar. Embora não o detectem visualmente, uma vez localizado o avião os operadores entram em comunicação com o piloto. Entretanto, logo que os aviões atingem a zona mais próxima daqueles postos, eles se tornam visíveis a olho nu. O mesmo deve ocorrer no relacionamento entre os Espíritos e nós. **Enquanto eles se encontram em seus planos próprios, lá onde se situam as**

pontes (estações emissoras para a TCI), nós somos invisíveis para eles como disse Juergenson. Nesse caso, eles poderão perceber-nos graças ao emprego do radar construído pelos técnicos do Além. Porém se os Espíritos se avizinharem do nosso plano, então deverão avistar-nos normalmente, conforme podemos ler, por exemplo, nos livros de André Luiz psicografados por Chico Xavier. ([273])

3º) Capítulo "XXIX – O inaudível torna-se audível" – K. Raudive, tópico "Métodos de gravação", item "Gravação através do rádio":

Na primeira gravação que Raudive fez depois desta última informação, ele ouviu uma voz feminina indicando uma estação emissora totalmente desconhecida: Sak' Peter! (letão – Fala Peter!), isto é, está sendo transmitido da estação emissora Peter! Posteriormente, Raudive teve a certeza de que alguém chamada Spidola o estava assistindo nas gravações das rádio-vozes. **Ficou sabendo também que essas vozes entidades deviam possuir várias estações radioemissoras próprias.** Entretanto, tais estações não pareciam estar situadas dentro do nosso espaço universal, e sim em outro espaço fora daqui. **As diferentes designações dadas a essas emissoras do Além são as seguintes: estúdio, central, grupo, ponte etc.** ([274])

A pergunta que naturalmente surge é: será que, no Além, existem apenas estações retransmissoras destinadas às comunicações com a Terra ou poderíamos também admitir um complexo organizacional muito mais amplo, composto por cidades, hospitais, centros de pesquisa e outras estruturas semelhantes às que encontramos no mundo físico?

A utilização de aparelhos especiais pelos Espíritos nas reuniões de cura

Nossa intenção ao inserir esse capítulo foi demonstrar que o conhecimento científico dos encarnados na Terra não lhes permite criar aparelhos que os Espíritos trazem nas reuniões de cura com o objetivo de beneficiar os doentes. Talvez nem sequer tenhamos capacidade para compreender como eles os criam.

Se podem criar esses aparelhos por que não poderiam criar inúmeros outros e até mesmo um local semelhante a um hospital no plano espiritual, como os que aparecem em diversos relatos de recém-desencarnados?

No capítulo “3 – Criando Matéria”, da obra ***Médicos do Espaço: Luiz da Rocha Lima e o Lar de Frei Luiz*** (2000), o jornalista Roni Lima, que trabalhou em importantes veículos da grande imprensa, como o *Jornal do Brasil*, a revista *Veja* e o jornal *Folha de São Paulo*, detalha os trabalhos

desenvolvidos no Lar de Frei Luiz, no Rio de Janeiro:

a) Capítulo: Antigoécia

De repente, **surge materializado o espírito de Frederick**, indo até onde estava deitado Rocha Lima, [...] Em seguida, **o médico do espaço materializado produziu um forte facho de luz, de um aparelho curativo que trazia na mão**, que variou entre roxo, azul e vermelho, na perna e coxa do paciente. Conforme instrução do astral, o objeto foi depois amassado e jogado no mar. As dores sumiram. ([275])

b) Capítulo: Fenômenos astrais:

Na primeira reunião de materialização de 1994, por exemplo, o tronco de **Frederick** apareceu todo iluminado, atrás de uma maca cirúrgica, mas sem que sua cabeça pudesse ser distinguida. **Da mão em que portava um aparelho curativo**, porém, no instante do ato cirúrgico, se desprenderam potentes fachos de luz semelhantes ao brilho do raio laser. ([276])

Embora o frade de Petrópolis também fale incorporado em algum médium, volta e meia aparece materializado – quase sempre acompanhado de uma vibrante fenomenologia de luzes astrais. As luzes,

aliás, costumam causar forte impacto nos presentes. **No ambiente escuro, durante as reuniões de materialização, podem piscar focos de luzes**, que cortam o espaço do ambiente, por todos os lados e alturas. Algumas vezes, o foco é tão intenso, iluminando todo o salão, que fica difícil fitá-lo, por segundos que seja. [...].

Em geral, **aparelhos multicoloridos desconhecidos na Terra, para tratar pacientes**, inclusive pela cromoterapia, são materializados com essas entidades. [...]. ([277])

c) Medicina do futuro

Muitas vezes, nessas sessões especiais, **o ser se materializa e joga um facho de luz na parte enferma do paciente, a partir de aparelhos astrais sofisticadíssimos que emitem cores variadas**. **São aparelhos que podem polarizar o raio laser ou até mesmo emitir raios superiores ao laser para fazer o corte**, a restauração e a assepsia das áreas adjacentes contaminadas. ([278])

Numa reunião registrada por Rocha Lima, de 7 de junho de 1971, é descrita a materialização de uma entidade alta e corpulenta, que disse se chamar Raman e passaria a cuidar dos enfermos com "**um aparelho de uns 35 cm de comprimento e uns 25 cm de diâmetro, forma**

esferoidal, girando, oscilando, com duas luzes dentro, amarelo e alaranjado, tendo na extremidade inferior uma saliência de onde saíam jatos de luz dourada. **O aparelho vibra sobre o recinto**. Ondas de perfume invadem a sala. As vezes, **o aparelho apresenta**, na parte superior, **um círculo que gira velozmente**. **Tem ranhuras ou grades longas e grossas**, e nos intervalos destas, grades mais finas, paralelas. Em seu interior, há como um gás amarelo alaranjado, e tem embaixo um apêndice, como uma teta, por onde jorra luz verde carmesim. **É um aparelho para novas técnicas de cura, da alta espiritualidade**".

Esses aparelhos polarizadores são utilizados para tratamentos diversos. Seres extrafísicos explicam que a luz de brancura intensa é usada para aliviar dores, acalmar, neutralizar miasmas. [...] cargas negativas do perispírito da pessoa em tratamento. ([279])

Do mesmo autor, trazemos a obra ***A Vida Além da Vida*** (2005), da qual transcrevemos os seguintes trechos:

a) Capítulo: Noite de amor

Abriram-se as portas para uma nova

realidade. E que realidade! Como imaginar que iniciava ali uma rica caminhada **que me poria em contato com um universo de fenômenos maravilhosos e sublimes**, feito de luzes astrais, de objetos que se moviam “sozinhos” ou surgiam do “nada”, de vozes que vibravam no espaço e de seres que vinham do outro lado da vida – **muitas vezes portando aparelhos curativos jamais imaginados**. ([280])

Seis anos depois dessa conversa, o véu da minha cegueira filosófica acabaria derrubado de vez quando, **em 8 janeiro de 1994**, me seria dada a rara oportunidade de observar, pela primeira vez, **um espírito materializado**. Numa sessão de cura promovida no centro espírita Lar de Frei Luiz, no bairro de Jacarepaguá, na Zona Oeste do Rio, um médico do espaço faria jorrar diante de meus olhos, de **estranho aparelho curativo que portava**, uma luz que mais parecia a de raio laser – e que penetrava nos corpos dos enfermos. ([281])

b) Capítulo: William Crookes

Curiosamente, na primeira reunião de materialização de que participei na vida, **em 1994**, no Lar de Frei Luiz, o principal espírito da equipe de médicos do espaço, **Frederick von Stein**, cuja missão é curar doentes, se iluminou por segundos na sala escura. A poucos metros de distância, ao observá-lo

atrás de uma das macas de atendimento de enfermos, não vislumbrei sua cabeça, apenas seus braços e tronco.

Por duas vezes, o fenômeno se repetiu. Ao aplicar potente facho de luz curativo sobre os doentes, emitido de **aparelho do astral que materializara e trazia na mão**, semelhante ao formato de uma ampulheta, seu corpo ficou por segundos iluminado, naquela escuridão total. Mas nada de enxergar sua cabeça. ([282])

[...] No Lar de Frei Luiz, estive várias vezes junto ao espírito de **Frederick von Stein**. Apesar da escuridão reinante nas reuniões, ele em geral se autoiluminava ou era iluminado por **jatos de luz que jorravam de aparelhos curativos que materializava do astral**. Era como estar diante de uma pessoa normal. Podia-se até mesmo ouvir sua respiração, sua fala. ([283])

c) Capítulo: Em carne e osso

Sibelle ([284]) relata então "uma longa sessão de passes" que **Frederick lhe deu, deslizando o seu aparelho curativo – que ela chama de "bastão"** – sobre seu corpo, sem tocá-lo. "Eu não sentia nada, exceto medo. [...]." ([285])

Inclusive em uma reunião promovida em 11 de julho de 2009, **Palminha** fez questão de demonstrar para mim como ele,

materializado, respirava como um ser humano normal. Como **carregava um aparelho curativo que emitia uma luz avermelhada da ponta**, pude distinguir nitidamente a silhueta do seu corpo dentro de um manto transparente. [...]. ([286])

d) Capítulo: Preparo mediúnico

Joseph Gleber discorre aqui sobre sessões em que **não só espíritos, mas aparelhos e medicamentos do astral são materializados para o atendimento de doentes**. [...]. ([287])

[...] Em uma reunião do Grupo da Prece, em 17 de abril de 2010, na cidade do Rio de Janeiro, **o espírito José Grosso** tocou-me e, recuando para um pouco mais de um metro de onde eu estava sentado, colocou contra o peito **o aparelho luminoso curativo que portava, materializado do astral**, e se auto-iluminou. ([288])

Em seguida, saiu da cabine o médico do espaço **Frederick von Stein**. Apesar do escuro, identifiquei-o logo porque **trazia na mão um aparelho curativo** com pequeno foco de luz piscando na ponta. [...]. ([289])

e) Capítulo: Grandes invenções

A revelação para **Ranieri** se deu numa reunião de materialização para cura com o médium Peixotinho, no Grupo Espírita André

Luiz, na qual estavam mais de 25 participantes. De repente, surgiu “uma entidade resplandecente”, que se aproximou “de uma senhora e **colocou-lhe no peito um aparelho estranho**: parecia um bolo feito numa forma semelhante à concavidade de um prato fundo, portanto quase um disco, gelatinoso, de cor verde-clara, e transparente”. ([290])

f) Capítulo: Cromoterapia espiritual

Algumas cores são também empregadas para fixar elementos nutrientes no corpo enfermo. **Dante Labbate** descreve ([291]) reuniões de cura no Grupo da Fraternidade Irmã Scheilla, em Belo Horizonte, nos anos 1940 e 1950, em que espíritos como **Joseph Gleber e José Grosso utilizavam aparelhos curativos** que também emitiam luzes coloridas, **assim como as dos médicos do espaço no Lar de Frei Luiz**:

– Nem todas as projeções eram idênticas, cambiavam a cor de acordo com a natureza de cada doença. […].

Eu também testemunhei esses mesmos espíritos – Joseph Gleber e José Grosso – usando os mesmos **aparelhos curativos** em sessões das quais eu costumava participar no centro espírita Grupo da Prece. ([292])

Questionado então sobre a mecânica de

utilização dessa aparelhagem, **Gleber** [o físico do espaço Joseph] dá uma pálida ideia do que seria, mais uma vez mostrando a importância de se adequar seu uso às vibrações humanas:

– É preciso nunca se esquecer de que nós – as entidades espirituais que aqui trabalham – pertencemos a um plano imediato ao dos irmãos. Somos de terreno vibratório quase idêntico. **Os aparelhos que existem na Terra existem em nosso plano, logicamente, bastante melhorados pela facilidade de que gozam os espíritos**, facultada por melhores estudos e ajuda superior que recebem diretamente. **Assemelham-se bastante aos aparelhos terrenos**. Funcionam alimentados por energia vibratória irradiada e é somente neste ponto que reside a diferença. No campo espiritual, o seu funcionamento é simples e constante, permitindo uso equilibrado como equilibradas são as suas vibrações. **Quando são trazidos para reuniões terrenas, passam a funcionar alimentados pela força vibratória do ambiente** ao qual são equiparados, sofrendo um rebaixamento em suas vibrações. ([293])

Uma vez, na sessão promovida em 8 de março de 2008, **Palminha** se aproximou e começou a passar **um aparelho luminoso** na altura do meu tórax, concentrando

emissões intermitentes de luz em meu coração. A menos de um palmo dos meus olhos, pude distinguir, em meio à escuridão, **um aparelho com uma ponta arredondada menor do que uma bola de tênis**, de onde piscava uma tênue luz branca leitosa. ([294])

g) Capítulo: Energias radioativas

A atuação dos médicos do espaço revela o uso de energias que a humanidade ainda levará bom tempo para conhecer e poder lidar de forma segura. É o que fica claro em ensinamentos como o de **Joseph Gleber**, ao responder a uma pergunta sobre a fonte das radiações empregadas nos processos de cura espiritual ([295]):

– Existem várias fontes dessas radiações, que são trazidas de acordo com as nossas necessidades. **Possuímos aparelhos semelhantes aos de raios X ou das bombas de cobalto**. São dotados justamente da faculdade de atuarem vibratoriamente, em todos os comprimentos de ondas conhecidos pelos meus irmãos e outros que ainda desconhecem. **Através deles e com a ajuda de materiais trazidos, ficamos capacitados para atuar, regular, classificar, atenuar e fazer uso completo**, podemos dizer, de todas as radiações necessárias.

O uso de aparelhos curativos à base de

> radioatividade seria também testemunhado pelo delegado Rafael Ranieri em reuniões promovidas, em momentos distintos, com os médiuns Peixotinho e Fábio Machado, no final da década de 1940 ([296]). Peixotinho trabalhava então no Grupo Espírita André Luiz, no Rio de Janeiro (RJ), e Fábio, no Grupo da Fraternidade Irmã Scheilla, em Belo Horizonte (MG). ([297])

Foram citados R. A. Ranieri (1919-1989) e Dante Labbate (1928-2006) como autores que registraram o uso de aparelhos especiais pelos Espíritos.

Considerando oportuno examinar essa questão mais de perto, consultamos as obras ***Materializações Luminosas*** (1981), de Ranieri, cuja primeira parte relata as experiências com o médium Francisco Peixoto Lins (1905-1966) ([298]), mais conhecido como Peixotinho, e ***Materializações Luminosas: Leis Cósmicas em Ação*** (2001) de Labbate, nas quais pudemos confirmar essas informações.

Na primeira obra, o dispositivo é designado de "*aparelho emissor de radioatividade*" ([299]); na

segunda, como “*projetor de radiações*” e “*pipeta luminosa*” ([300])

Eis, para os que “*têm olhos de ver*”, uma realidade ignorada por muitos adeptos, especialmente por aqueles que não pesquisam obras não publicadas por Allan Kardec.

Conclusão

Apresentamos a seguinte tabela na qual consta a lista das fontes pesquisadas:

As fontes que citam cidades, construções ou colônias e aparelhos especiais do plano espiritual	
Personagens	**Localidade** (1)
I. Estudiosos/Pesquisadores	
1. Robert Dale Owen (2)	Indiana – EUA
2. Léon Denis	Tours – França
3. Edward C. Randall	New York – EUA
4. James Hervey Hyslop	New Jersey – EUA
5. Sir Oliver Lodge	Londres – Inglaterra
6. Arthur Conan Doyle	Crowborough – Inglaterra
7. Ernesto Bozzano	Gênova – Itália
8. James Arthur Findlay	Glasgow – Escócia
9. Cairbar Schutel	Matão, SP – Brasil
10. Pe. François Brune	Vernon, Eure – França.
11. José Herculano Pires	São Paulo, SP – Brasil
12. Richard Simonetti	Bauru, SP – Brasil

II. Pesquisadores e relatos pessoais de EQMs e EFCs	
1. Antoinette Bourdin	Genebra – Suíça
2. Raymond A. Moody	Las Vegas, Nevada – EUA
3. Dr. George G. Ritchie	Charlottesville, Virgínia – EUA
4. Bill e Judy Guggenheim	Long Island (New York), New Jersy – EUA
5. Dr. Jeffrey Long	Houma, Louisiana – EUA
6. Dr. Eben Alexander III	Charlotte, Carolina do Norte – EUA
7. Admir Serrano	Miami – EUA
8. Victor e Wandy Zammit	Sydney – Austrália
III. Experiência dos próprios médiuns	
1. Yvonne A. Pereira (3)	Rio de Janeiro, RJ – Brasil
2. Rev. G. Vale Owen	Birmingham – Inglaterra
3. Emanuel Swedenborg	Estocolmo – Suécia
4. Andrew Jackson Davis	Boston – EUA
5. Chico Xavier	Uberaba, MG – Brasil
6. Heigorina Cunha	Sacramento, MG – Brasil
7. Vânia Arantes Damo	Palmelo, GO – Brasil
8. Sadhu Sundar Singh	Sem residência fixa – Índia
9. James Van Praagh	Los Angeles – EUA
10. Sylvia Browne	Kansas City, Missouri – EUA
11. Joy Snell	Londres – Inglaterra

12. E. B. Duffey	Nova Jersey – EUA
13. Gladys Osborne Leonard	Lancaster – Inglaterra
IV. Comunicação telepática, intuição e psicografias	
1. Elizabeth Singer Rowe (vários)	Frome – Inglaterra
2. Elza Barker (“X”)	Londres – Inglaterra
3. Lilian Walbrook (Lester Coltman)	Londres – Inglaterra
4. Anna Wickland (Dezessete Espíritos)	Los Angeles – EUA
5. Mrs. Travers Smith (Joannes)	Londres – Inglaterra
6. Jozef Rulof (Alcar)	Holanda – Países Baixos
7. Chico Xavier (Maria João de Deus)	Pedro Leopoldo, MG – Brasil
8. Francisco Lorenz (Roberto Stern)	Dom Feliciano, RS – Brasil
9 José dos Santos Junior (Eurípedes Barsanulfo)	Londres – Inglaterra
10. Anthony Borgia (Mons. Robert Benson)	? – Reino Unido
11. Helen Greaves (Roger)	Feira de Santana, BA – Brasil
12. Ruth Montgomery (Arthur Ford)	Flórida, EUA (†)
13. Divaldo Franco (Joanna de Ângelis)	Belo Horizonte, MG – Brasil
14. João Nunes Maia (Miramez)	São Paulo, SP – Brasil

15. Abel Glaser (4) (Caibar Schutel)	Araraquara, SP – Brasil
16. Wanda Canutti (Eça de Queirós)	São Paulo, SP – Brasil
17. Nelson Moraes (Zílio)	Belo Horizonte, MG – Brasil
18. Gilson Freire (Adamastor)	Belo Horizonte, MG – Brasil
19. Wagner da Paixão (João Lúcio)	Campinas, SP – Brasil
20. Emanuel Cristiano (Nora)	São Leopoldo, RS – Brasil
21. Rafael de Figueiredo (Frei Felipe)	Blumenau, SC – Brasil
22. José Araújo (Luís Felipe)	Osasco, SP – Brasil
23. Orlando Noronha Carneiro (Abelha)	Londres – Inglaterra
V. Transcomunicação Instrumental	
1. Friedrich Jürgenson	Höör, Suécia
2. Dr. Konstantin Raudive	Bad Krozingen, Alemanha Ocidental
3. Jules e Maggy Hasch-Fischbach (casal)	Luxemburgo, Europa
VI. Reuniões de cura	
1. Grupo Espírita André Luiz (1946)	Rio de Janeiro, Brasil
2. Grupo Irmã Scheilla (1949)	Belo Horizonte, Brasil

3. Lar de Frei Luiz (1964)	Rio de Janeiro, Brasil
(1) Residência/trabalho: dentro do que pudemos levantar, pode ser que as cidades não sejam exatamente as mencionadas, os países, estes, sim, podem ser considerados. (2) Todos os nomes em células sombreadas têm obras publicadas antes de 1944, data da primeira edição de *Nosso Lar*. (3) Considerando que *Memórias de Um Suicida* foi psicografado em 1926. (4) Coordenou grupo de oito médiuns, que psicografaram mensagens de Cairbar Schutel.	

Esta lista, com as 62 fontes, reúne referências provenientes de algumas de nossas pesquisas anteriores, complementadas por informações de obras que abordam a transcomunicação instrumental e as reuniões mediúnicas voltadas à cura.

Julgamos que, diante dessas fontes confiáveis que citamos, o seu teor também atende aos dois outros requisitos do Controle Universal: vários médiuns e de diferentes localidades diferentes.

Até podem haver mais pontos, mas na maneira de ser de alguns confrades conseguimos identificar dois deles que, s.m.j., são a causa da interpretação equivocada do texto que se propõem a ler. Allan Kardec já alertara para o fato de que "*erros de interpretação podem conduzir a ignorância e o fanatismo.*" ([301]). Vejamo-los:

1º) Ideia preconcebida

> **O verdadeiro crítico deve afastar-se das ideias preconcebidas**, despojar-se de qualquer preconceito pois do contrário julgará de seu ponto de vista, que talvez, nem seja justo. ([302])

> [...] **O preconceito, num sentido qualquer, é a pior condição para um observador,** porque, então, tudo vê e tudo refere do seu ponto de vista, negligenciando o que pode haver de contrário. Certamente não é o meio de chegar à verdade. [...]. ([303])

2º) Certo grau de fanatismo

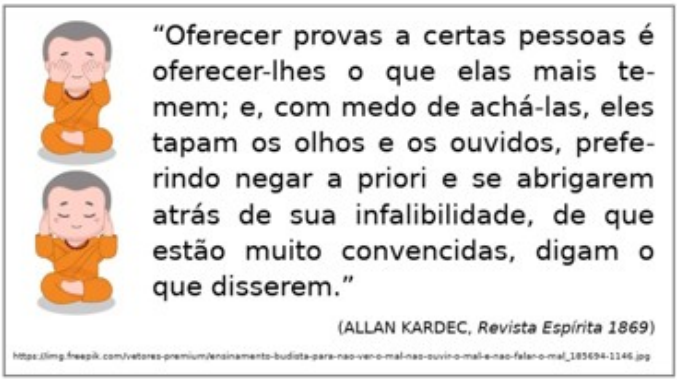
> **O fanatismo é cego; não raciocina**. ([304])

O preconceito nos impõe uma viseira de tal forma que torna bem limitada a nossa capacidade de entendimento do que estamos lendo.

É algo comum nos fanáticos a “vontade de esgoelar” os que não pensam como eles, atitude que facilmente se reconhece ao atacarem com palavras seus “oponentes” e, caso as circunstâncias o

permitam, chegariam mesmo à agressão física.

Logo nesse início, fazemos questão de apresentar este trecho do artigo “Estatística do Espiritismo”, publicado na ***Revista Espírita 1868***, mês de janeiro ([305]), assinado por Allan Kardec:



O motivo de relembrá-lo é que, infelizmente, também vemos muitos confrades agindo dessa forma, embora lhes apresentemos “milhares” de provas das mais variadas fontes dando conta de construções no mundo espiritual.

Julgamos ser oportuno citar este trecho da “Introdução”, assinada por Arthur Conan Doyle, da obra ***A Vida Além do Véu*** (1921), autoria do Rev. G.

Vale Owen (1869-1931):

> Os que confundem as palavras com as coisas dirão que **o Sr. Vale Owen extraiu tudo isso do seu subconsciente**.
>
> Poderão eles explicar **porque tantos outros passaram pela mesma experiência**, embora em menor grau de exaltação?
>
> **Eu próprio publiquei em dois pequenos volumes uma descrição geral do outro mundo, colhida em grande número de fontes. E era tão independente da do Sr. Vale Owen como a dele é independente da minha.**
>
> Nenhuma tinha relação possível com a outra. E, no entanto, ao ler esta concepção, muito maior e mais pormenorizada, não encontro um único ponto importante em que eu dela me afastasse.
>
> **Como poderia dar-se essa concordância nas ideias gerais, se não fosse inspirada na verdade?** ([306])

Que os insistentes negadores de construções no mundo espiritual, respondam a essa pergunta de Arthur Conan Doyle baseando-se na lógica bem como em fatos.

Em ***A Crise da Morte***, encontramos algo que Ernesto Bozzano disse que cabe muito bem aqui, na Conclusão. No Caso VII – fonte *The Consoling Angel* (The Case of Hattie Jordan), autoria do músico Florizel van Reuter, destacamos de sua explicação sobre as cartas-mensagens de Hattie Jordan à irmã Florence, o seguinte trecho:

> Conforme fiz observar, essas cartas-mensagens à irmã são com frequência intercaladas por incidentes e **descrições que dizem respeito à própria existência espiritual, os quais correspondem àquilo que muitos desencarnados comunicantes narram, ou seja: que nas primeiras Esferas da existência espiritual encontramo-nos em um ambiente terreno espiritualizado**, com algo de extraordinário. **Por força da potência criadora do pensamento, os desencarnados acabam se encontrando com muita frequência em um ambiente doméstico parecido com o que os acolhia na Terra, preparado pelas entidades mais próximas a eles. A paisagem é etérea, as roupas e a mobília também; mas, como o corpo que reveste o espírito desencarnado também é de natureza etérea, o resultado é uma perfeita relação entre**

“sujeito” e “objeto”: assim, o ambiente parece absolutamente palpável, como no nosso mundo.

Além disso, no plano espiritual recebe-se a reconfortante notícia de que **as obras e as atividades realizadas na Terra contam, de qualquer maneira, para o início das obras e atividades a serem desenvolvidas na nova Esfera.** Ali também se aprende que uma existência terrena ociosa, preguiçosa, inútil, é a causa das maiores dificuldades para o progresso espiritual.

A esta altura sou induzido a retomar o tema que mencionei no princípio, dirigindo-me em especial àqueles estudiosos da metapsíquica que, mesmo admitindo – como faz o meu amigo Cesare Vesme – que **as provas cumulativas desse gênero são logicamente conclusivas, em termos da interpretação espírita dos fatos, entretanto obstinam em não reconhecer como verídicas – nem mesmo simbolicamente – as narrações dos desencarnados a respeito do ambiente que os acolhe**.

No entanto, eis-nos desta vez diante do caso de uma desencarnada que ao mesmo tempo em que chega a identificar a si mesma fornecendo mais de **300 detalhes pessoais posteriormente comprovados**, *entre uma informação e outra*, **transmite**

noções precisas a respeito da vida espiritual e das condições do lugar em que se encontra; informações que concordam totalmente com outras análogas fornecidas por numerosos desencarnados comunicantes. Muito bom: de acordo com os estudiosos da metapsíquica de que falamos acima (como eu já disse, eles aceitam a existência de autênticos casos de identificação espírita, mas **não dão credito às mensagens em que são descritas as condições do ambiente espiritual**), tais revelações deveriam ser consideradas como elucubrações antropomórficas do inconsciente dos médiuns. Se nos baseássemos nessa hipótese, **teríamos de concluir que no caso em questão a entidade comunicante era um espírito de desencarnado autêntico, toda vez que transmitia detalhes verídicos a respeito da própria existência terrena, mas transformava-se no mesmo instante em uma efêmera personalidade sonambúlica assim que, entre um detalhe e outro, fornecia informações sobre a própria existência espiritual**. Nós nos questionamos sobre o fato, perguntando se **uma maneira de argumentar como esta deve ser julgada de acordo com a lógica**. Ao contrário, caso os estudiosos da metapsíquica de que estamos falando exigissem uma seleção rigorosíssima das numerosas obras sobre

revelações transcendentais – muitas das quais são desvarios onírico-inconscientes facilmente reconhecíveis como tais – eu me declararia plenamente de acordo com eles, acrescentando que o primeiríssimo **critério de seleção a ser adotado deveria ser o de se reconhecer apenas as mensagens transmitidas por entidades de desencarnados que tenham a sua identidade pessoal comprovada, critério que eu me comprometi a seguir no presente trabalho e que cumpri**, em grau superlativo, no caso apresentado acima. Em outras palavras: se, **com base nos 300 detalhes fornecidos, pode-se considerar comprovada a identificação pessoal da desencarnada Hattie Jordan, então deverão ser aceitos como absolutamente normais os detalhes simultaneamente transmitidos por ela sobre as formas de vida espiritual, uma vez que está claro que o primeiro fator da proposição subentende o segundo**. Desse modo, quem não quer admitir o segundo, por uma questão de lógica, deve também negar o primeiro. E aqueles que rejeitam ambos, embora estando sem razão, pelo menos podem justificar o seu ponto de vista apelando para a lógica. Já não seria possível afirmar o mesmo sobre aqueles que aceitam o primeiro e negam o segundo. E com isso encerro o assunto. ([307]) (itálico do original)

Que os negadores sistemáticos das colônias espirituais apresentem argumentos lógicos e racionais para derrubar tudo o que Ernesto Bozzano expõe, em sua notável pesquisa, especialmente, quanto a esse caso específico no qual, a nosso ver, ele apresenta explicação irrefutável a favor delas.

Repetimos: as colônias e o umbral não são exatamente o correspondente a céu, purgatório e inferno dos cristãos tradicionais, como pensam alguns confrades, diante dos argumentos contrários que apresentam aos dois temas.

Aliás, essa ideia é apenas ilação, uma vez que não há provado que todos os Espíritos, incluindo entre eles os ateus e os que não adotavam a doutrina cristã, relataram essas crenças.

Para exemplificar a situação de alguém que, em vida, "*demonstrou tão bem que só o nada nos espera*" ([308]) citaremos o Espírito Voltaire. No artigo "Confissão de Voltaire", publicado na ***Revista Espírita 1859***, mês de setembro, Allan Kardec justifica a sua publicação dizendo, entre outras coisas, que:

> Um dos nossos correspondentes de Boulogne, a propósito da entrevista de Voltaire e Frédéric, que publicamos no último número da *Revista*, nos dirige a seguinte **comunicação, que aqui inserimos com tanto maior bom grado porque ela apresenta um lado eminentemente instrutivo do ponto de vista espírita**. [...]. ([309])

Desse artigo, transcrevemos os seguintes parágrafos, por se relacionarem ao nosso tema, nos quais Voltaire disse:

> **Se em mim a parte espiritual estivesse tão desenvolvida quanto a parte material, raciocinaria com mais discernimento**; mas, confundindo-as, **perdi de vista essa imortalidade da alma** que eu procurava, e que não pedia mais do que encontrar; também, dominado que estava com a minha luta com o mundo, com isso **cheguei**, quase apesar de mim, **a negar a existência de um futuro**. A oposição que eu fazia às tolas opiniões e à cega credulidade dos homens, impeliam-me a negá-lo ao mesmo tempo, e a contrapor todo o bem que a religião cristã poderia fazer. Entretanto, por infiel que fosse, sentia que era superior aos meus adversários; sim, bem além da importância de sua

inteligência; a bela face da Natureza revelava-me o Universo, inspirava-me o sentimento de uma vaga veneração, misturado ao desejo de uma liberdade ilimitada, sentimento que jamais estes experimentaram, agachados que estavam nas trevas da escravidão.

Minhas obras têm, portanto, seu lado bom, porque sem elas o mal que viria para a Humanidade poderia ser pior, sem oposição nenhuma. [...] O que eu lamento é ter vivido tanto tempo na Terra sem saber o que poderia ser, e o que poderia fazer. **O que eu não faria, se fosse abençoado com as luzes do Espiritismo,** que despertam hoje no Espírito dos homens!

Incrédulo e incerto entrei no mundo dos Espíritos. Só minha presença bastava para banir todo vislumbre de luz que pudesse esclarecer minha alma obscurecida; fora a parte material de meu ser que se desenvolveu na Terra; quanto à parte espiritual, ela se perdera no meio de meus descaminhos procurando a luz; ela se achava presa como numa jaula de ferro. **Altivo e zombador, eu aí iniciava, não conhecendo, nem me importando em conhecer, esse futuro que tanto combatera quando no corpo**. **Mas fazemos aqui esta confissão: sempre encontrei, em minha alma, uma pequena voz que se fazia ouvir através das barreiras materiais, e que pedia a**

luz. Era uma luta incessante entre o desejo de saber e uma obstinação em não saber. Assim, pois, **minha entrada ficou longe de ser agradável**, não vinha descobrir a falsidade, a coisa nenhuma das opiniões que sustentara com toda a força de minhas faculdades? O homem se achava imortal, afinal de contas, eu não poderia deixar de ver e deveria existir um Deus, um Espírito imortal, que estava acima e que governava esse espaço ilimitado que me rodeava.

Como eu viajasse sem cessar, sem me conceder nenhum repouso, **a fim de me convencer que isso poderia muito bem, ainda, ser um mundo material, ali onde eu estava**, minha alma lutou contra a verdade que me esmagava! **Não pude me realizar como Espírito que acabara de deixar sua morada mortal!** Não tive aí ninguém com quem pudesse entabular relações, porque recusara a imortalidade a todos. Não existia repouso para mim: eu estava sempre errante e incerto; o Espírito em mim, tenebroso e amargo, talhado do maníaco, impossibilitado de seguir alguma coisa ou deter-se.

Foi, eu o digo, zombador e desconfiado que abordei o mundo espírita. **Primeiro fui conduzido para longe das habitações dos Espíritos**, e percorri o espaço imenso. Em seguida, **me foi permitido lançar os olhos sobre as construções maravilhosas das moradas espíritas e,**

com efeito, elas me pareceram surpreendentes; fui impelido, aqui e ali, por uma força irresistível; tive que ver, e ver até que minha alma transbordasse pelos esplendores, e derrotada diante do poder que controlava tais maravilhas. Enfim, quis me esconder e me agachar no oco das rochas, mas não pude.

Foi nesse momento que meu coração começou a sentir uma necessidade de expandir; uma associação qualquer tornou-se urgente, porque eu queimava para dizer o quanto fora induzido ao erro, não por outros, mas pelos meus próprios sonhos. Não me restava mais a ilusão quanto à minha importância pessoal, porque eu não sentia senão muito o quanto era pouca coisa nesse grande mundo dos Espíritos. **Estava, enfim, de tal modo caído de desgosto e de humilhação, que me foi permitido juntar-me a alguns dos habitantes**. Foi dali que pude contemplar a posição que me fizera na Terra, e o que disso resultou, para mim no mundo espírita. Eu vos deixo o acreditar se essa apreciação foi-me risonha.

Uma revolução completa, um transtorno total ocorreu no meu organismo espírita, e professor que fora, tornei-me o mais ardente aluno. Com a expansão intelectual que trazia comigo, quanto progresso fiz! Minha alma se sentia iluminada e abraçada pelo amor divino; suas aspirações rumo à imortalidade, de

> comprimidas que estavam, tomaram impulsos gigantescos. **Eu via o quanto meus erros foram grandes, e o quanto a reparação a fazer deveria ser grande para expiar tudo o que fizera ou dissera, que pudera seduzir e enganar a Humanidade**. Como são magníficas essas lições da sabedoria e da beleza celestes! Elas ultrapassam tudo o que imaginara na Terra.
>
> Em resumo, **vivi bastante para reconhecer, na minha existência terrestre, uma guerra encarniçada entre o mundo e a minha natureza espiritual**. Lamentei profundamente as opiniões que promulguei e que deveram desencaminhar muitos do mundo; mas, ao mesmo tempo, foi penetrado de gratidão pelo Criador, o infinitamente sábio, que eu me sinto haver sido um instrumento com ajuda do qual os Espíritos dos homens puderam se portar na direção do exame e do progresso. ([310])

Merece destacarmos o trecho "*Como eu viajasse sem cessar, sem me conceder nenhum repouso, a fim de me convencer que isso poderia muito bem, ainda, ser um mundo material, ali onde eu estava, minha alma lutou contra a verdade que me esmagava! Não pude me realizar como Espírito*

que acabara de deixar sua morada mortal!" porquanto bem demonstra o reflexo das crenças que alimentávamos ao adentrarmos de volta ao mundo espiritual do qual viemos.

Após a confissão de Voltaire, o Codificador inseriu uma nota, da qual, ressaltarmos o seguinte trecho, pela importância que o julgamos ter:

> **Nunca talvez um quadro mais grandioso e mais impressionante foi dado do mundo espírita**, e da influência das ideias terrestres sobre as ideias de além-túmulo. [...]. ([311])

Como se pode bem ver, não resta dúvida de que Allan Kardec não estranhou que Voltaire tenha dito sobre ter sido "*conduzido para longe das habitações dos Espíritos*" e que lhe "*foi permitido lançar os olhos sobre as construções maravilhosas das moradas espíritas*". Aliás, pelas considerações que fez, fica evidente que ele estava de pleno acordo com essas informações do Espírito Voltaire.

Na *Revista Espírita 1864,* mês de maio, no artigo "Concurso público de Espiritismo em Lyon e

em Bordeaux", Allan Kardec, a certa altura, judiciosamente, disse: "*se as premissas não forem certas, a conclusão não o poderá ser.*" ([312])

Então, listaremos as premissas equivocados dos dogmáticos:

1ª) Não observar o contexto do "*lugares circunscritos*" (q. 1012 de *O Livro dos Espíritos*);

2ª) Tomar as colônias e o umbral como se fossem, respectivamente, o "paraíso" e o "inferno" para todos os espíritas;

3ª) Achar que o nosso destino após a morte será um dos dois;

4ª) Entender que o CUEE é como imaginam;

5ª) Julgar que a "lógica" é critério individual e não um consenso, conforme proposto pelo Codificador;

6ª) Não admitem nada fora das obras da Codificação, fazendo delas o que os cristãos tradicionais fazem com a Bíblia.

Para encerrar, fazemos nossas estas palavras

de Allan Kardec, constantes da ***Revista Espírita 1865***:

> Como antes de tudo buscamos a verdade e não temos a pretensão de ser infalível, quando acontece nos enganarmos não hesitamos em o reconhecer. Não conhecemos nada mais ridículo do que se aferrar a uma opinião errônea. ([313])

Aproveitamos a oportunidade para recomendar aos interessados o artigo ***No mundo espiritual há coisas similares às que temos na Terra?*** ([314]), bem como, o já mencionado, ebook ***A Existência no Plano Espiritual de Construções e Objetos Semelhantes aos Terrestres*** ([315]), ambos de nossa autoria e disponíveis no site: https://paulosnetos.net.

Referências bibliográficas

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

ANDRADE, H. G. ***A Transcomunicação Através dos Tempos***. São Paulo: Editora Jornalistica Fé, 1997.

BOZZANO, E. ***A Crise da Morte***. São Paulo: Maltese, 1991.

BOZZANO, E. ***O Espiritismo e as Manifestações Psíquicas***. São Paulo: Instituto Lachâtre, 2019.

BROWNE, S. ***O Outro Lado da Vida***. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

CUNHA, H. ***Cidade no Além***. Araras (SP): IDE, 1989.

DAMO, V. A. ***Moradas Espirituais: Visitas a Vinte Colônias***. Distrito Federal: Auta de Souza, 2014.

DENIS, L. ***Depois da Morte***. Rio de Janeiro: CELD, 2000.

DENIS, L. ***O Problema do Ser, do Destino e da Dor***. Rio de Janeiro: FEB, 1989.

DOYLE, A. C. ***A Nova Revelação***. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

DOYLE, A. C. ***História do Espiritismo***. São Paulo: Pensamento, 1990.

DUBUGRAS, E. ***Os Mortos Falam***, in *PLANETA* Nº 18 – Fevereiro 1974 – São Paulo: Editora Três, p. 8-20.

FINDLAY, J. A. ***No Limiar do Etéreo, ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada***. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

FONSECA, A. F., SAMPAIO, J. R. e MILANI, M. (org) ***O Espiritismo, as Ciências e a Filosofia***. São Paulo: CCDPE-ECM, 2014.

FRANCO, D. P. ***Reflexões Espíritas***. Salvador: LEAL, 1992.

GENTILE, S. e ATANTES, H. M. C. (Org.) ***Entrevistas – Francisco Cândido Xavier/Emmanuel***. Araras (SP): IDE, 1994.

GOLDSTEIN, K. W. ***A Transcomunicação Através dos Tempos***. São Paulo: Editora Jornalística, 1997.

GOLDSTEIN, K. W. ***Transcomunicação Instrumental***. São Paulo: Editora Jornalistica Fé, 1992.

KARDEC, A. ***A Gênese***. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. ***Catálogo Racional: Obras Para se Fundar Uma Biblioteca Espírita***. São Paulo: Madras, 2004.

KARDEC, A. ***O Céu e o Inferno***. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. ***O Livro dos Espíritos – Primeira Edição de 18 de Abril de 1857***. São Paulo: IPCE, 2004.

KARDEC, A. ***O Livro dos Espíritos***. (PDF) São Paulo: Mundo Maior, 2012.

KARDEC, A. ***O Livro dos Espíritos – Edição Histórica***. Brasília: FEB, 2019.

KARDEC, A. ***O Livro dos Espíritos***. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. ***O Que é o Espiritismo***. Rio de Janeiro: FEB, 2001.

KARDEC, A. ***Obras Póstumas***. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1858***. Araras (SP): IDE, 2001.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1858***. Sobradinho (DF): EDICEL, 2009.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1859***. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1859***. Sobradinho (DF): EDICEL, 2010.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1860***. Araras (SP): IDE, 2000.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1861***. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1862***. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1862***. Sobradinho (DF): Edicel, 2014.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1863***. (PDF) Brasília: FEB, 2008.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1863***. Araras (SP): IDE, 2000.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1864***. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1864***. Rio de Janeiro: FEB, 2008.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1865***. Araras (SP): IDE, 2000.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1866***. (PDF) Brasília: FEB, 2008.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1866***. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1867***. Araras (SP): IDE, 1999.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1868***. Araras (SP): IDE, 2001.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1869***. Araras (SP): IDE, 1993.

LABBATE, D. ***Materializações Luminosas: Leis Cósmicas em Ação***. Belo Horizonte: Fonte Viva, 2002.

LAVARINI, C. ***Geografia(s) do mundo espiritual***. In FONSECA, SAMPAIO e MILANI, *O Espiritismo, as Ciências e a Filosofia*, p. 171-203.

LEONARD, G. O. ***Minha Vida em Dois Mundos***. São Paulo: Autores Espíritas Clássicos, 2016.

LIMA, R. ***A Vida Além da Vida***. Rio de Janeiro: Mauad, 2013.

LIMA, R. ***Médicos do Espaço Luiz da Rocha Lima e o Lar de Frei Luiz***. (3ª ed. PDF). Rio de Janeiro: Mauad, 2013.

LONG, J. e PERRY, P. ***Evidências da Vida Após a Morte***. São Paulo: Larousse do Brasil, 2010.

MAIA, J. N. ***Filosofia Espírita – Vol. XX***. (PDF) Belo Horizonte: Espírita Cristã Fonte Viva, 1990.

MIRANDA, H. C. ***Swedenborg, Uma Análise Crítica***. Rio de Janeiro: CELD, 2014.

NEWTON, M. ***Lembranças de Outras Vidas***. São Paulo: Vida & Consciência, 2011.

NOBRE, M. S. ***Lições de Sabedoria – Chico Xavier nos 23 anos da Folha Espírita***. São Paulo: Editora Jornalistica Fé, 1997.

OWEN, G. V. ***A Vida Além do Véu***. Rio de Janeiro: FEB, 1983.

PEREIRA, Y. A. ***Devassando o Invisível***. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

PEREIRA, Y. A. ***Recordações da Mediunidade.*** Rio de Janeiro: FEB, 1989.

PIRES, J. H. ***O Espírito e o Tempo***. São Paulo: Paideia, 2003.

PIRES, J. H. ***O Infinito e o Finito***. São Bernardo do Campo (SP): Correio Fraterno, 1983.

PIRES, J. H. ***O Mistério do Bem e do Mal***. São Bernardo do Campo (SP): Correio Fraterno, 1992.

PONSARDIN, M. ***Chico Xavier, o Homem e o Médium***. Brasília: Conselho Espírita Internacional, 2011.

PRAAGH, J. V. ***Espíritos Entre Nós***. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

RANIERI, R. A. ***Materializações Luminosas***. São Paulo: FEESP, 1989.

SANTOS JUNIOR, J. ***Mensagens de Além-túmulo***. Sacramento (MG): Ed. Esperança e Caridade e Colégio Allan Kardec, 2019.

SCHÄFER, H. ***Ponte Entre o Aqui e o Além – Teoria e Prática da Transcomunicação***. São Paulo: Pensamento, 1998.

SCHUTEL, C. ***A Vida no Outro Mundo***. Matão (SP): O Clarim, 2011.

SILVA NETO SOBRINHO, P. ***As Colônias Espirituais e a Codificação***. Divinópolis (MG): Ethos Editora, 2015.

SINGH, S. S. ***Visões do Mundo Espiritual***. (PDF), 2ª edição. A Voz do Vento (site), 2020.

SWEDENBORG, E. ***O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto***. Brasil, Edições das doutrinas celestes para a nova Jerusalém, 2005.

XAVIER, F. C. ***Nosso Lar***. Rio de Janeiro: FEB, 1995.

XAVIER, F. C. ***Os Mensageiros***. Rio de Janeiro: FEB, 1986.

Periódico:

PLANETA Nº 18 – Fevereiro 1974 – São Paulo: Editora Três, p. 8-20.

Internet

ALLAN KARDEC TV, *Existem as Colônias Espirituais?*, postado em 16.03.2023, disponível em: https://fb.watch/jo0rshmV_Z/. Acesso em: 18 mar. 2023.

ANDRADE, H. G. *Transcomunicação Instrumental (TCI)*, in SCEE – Sociedade Catarinense de Estudos Espíritas disponível em: https://scee.org.br/tci-transcomunicacao-instrumental/2/. Acesso em: 22 mar. 2026.

BOZZANO, E. *La Crisi Della Morte*, disponível em: https://www.autoresespiritasclassicos.com/Ernesto%20Bozzano%20Obras%20Completas%20%20Baixar/22/Ernesto%20Bozzano%20-%20La%20Crisi%20Della%20Morte%20(Ital).pdf. Acesso em: 16 mai. 2024.

CAPA, *Paraíso no céu (Gerada por IA)*, disponível em: https://img.freepik.com/fotos-premium/paraiso-no-ceu-religiao-biblia-deus-jesus-cristo-vida-apos-a-morte-e-anjos_771426-12968.jpg?w=740. Acesso em: 14 abr. 2024.

CONTADOR DE SEMANAS ONLINE, *Período 1º abril de 1858 a 31 outubro de 1858*, disponível em: https://calculareconverter.com.br/contador-de-semanas/. Acesso em: 13 jan. 2024.

MALTA, R. S. *Colônias Espirituais: Análise Doutrinária*, disponível em: https://www.espiritualidades.com.br/Artigos/M_autores/MALTA_Ricardo_tit_Colonias_Espirituais.pdf. Acesso em: 19 jun. 2023.

MIBEBÉ Y YO, *Fecundação*, disponível em: https://mibebeyyo.mx/images/embarazo/fecundacion-ovulo-ok.webp. Acesso em: 10 fev. 2024.

OLIVEIRA FILHO, A. O. *Como explicar a existência de hospitais, casas e objetos diversos nas cidades espirituais?*, disponível em: https://espiritismo-seculoxxi.blogspot.com/2024/08/como-explicar-existencia-de-hospitais.html. Acesso em: 08 ago. 2024.

PINOCK, S. e CAMBERLAIN, K. *Júpiter – temperatura, composição e fatos interessantes*, disponível em: https://study.com/academy/lesson/facts-about-jupiter-atmosphere-temperature-mass.html#:~:text=A%20%C3%B3rbita%20de%20J%C3%BApiter%20est%C3%A1,C%20(%2D160%20%C2%B0F). Acesso em: 17 jun. 2025.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *A Alma Dorme no Mineral*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/a-alma-dorme-no-mineral-ebook. Acesso em: 05 nov. 2024.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *A Existência no Plano Espiritual de Construções e Objetos Semelhantes aos Terrestres*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/a-existencia-no-plano-espiritual-de-construcoes-e-objetos-semelhantes-aos-terrestres-ebook. Acesso em: 31 dez. 2024.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Allan Kardec e a Questão do Momento de Ligação do Espírito ao Corpo*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/allan-kardec-e-a-questao-do-momento-de-ligacao-do-espirito-ao-corpo. Acesso em: 24 jul. 2024.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Allan Kardec, Sua Mediunidade e Fenômenos que Protagonizou*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/allan-kardec-sua-mediunidade-e-fenomenos-que-protagonizou-ebook. Acesso em: 05 nov. 2024.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Apocalipse – Autoria, Advento e a Identificação da Besta*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/apocalipse-autoria-advento-e-a-identificacao-da-besta-ebook. Acesso em: 24 jul. 2024.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Criações Fluídicas: Um Breve Ensaio*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/criacoes-fluidicas-um-breve-ensaio. Acesso em: 24 jul. 2024.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Espíritos que Orientam Outros no Planejamento Reencarnatório*, disponível em https://paulosnetos.net/article/espiritos-que-orientam-outros-no-planejamento-reencarnatorio. Acesso em: 23 jul. 2024.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Frase Atribuída a Allan Kardec,* disponível em: https://paulosnetos.net/article/frase-atribuida-a-allan-kardec. Acesso em: 05 nov. 2024.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Herculano Pires e as Obras de André Luiz*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/herculano-pires-e-as-obras-de-andre-luiz. Acesso em: 24 jul. 2024.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Mudanças de Posição Após Publicação da 1ª edição de O Livro dos Espíritos*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/mudancas-de-posicao-apos-publicacao-da-1a-edicao-de-o-livro-dos-espiritos. Acesso em: 20 mar. 2023.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *No Mundo Espiritual há Coisas Similares às Que Temos na Terra?*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/no-mundo-espiritual-ha-coisas-similares-as-que-temos-na-terra. Acesso em: 23 jul. 2024.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *No Mundo Espiritual, Nada de Ficar Ouvindo Anjos Tocando Harpa*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/no-mundo-espiritual-nada-de-ficar-ouvindo-anjos-tocando-harpa. Acesso em: 30 dez. 2024.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *O Espiritismo ainda não tem ponto final*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/o-espiritismo-ainda-nao-tem-ponto-final-ebook. Acesso em: 26 mai. 2025.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Possessão: Espíritos Possuindo Fisicamente os Encarnados*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/possessao-espiritos-possuindo-fisicamente-os-encarnados-ebook. Acesso em: 24 jul. 2024.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Umbral: Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/umbral-ha-base-doutrinaria-para-sustenta-lo-ebook. Acesso em: 24 jul. 2024.

TAVARES, L. *"Um Fanático Espírita é Aberração", diz Herculano Pires*, disponível em: https://se-novaera.org.br/um-fantico-esprita-uma-aberrao-diz-herculano-pires/. Acesso em: 30 jul. 2023.

TV NOVA LUZ, *A Vida de Chico Xavier #02 – Arnaldo Rocha*, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aH3gH2V8cC0. Acesso em: 03 out. 2024.

WIKIPÉDIA, *Batalha de Magenta*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Batalha_de_Magenta. Acesso em: 31 jul. 2023.

WIKIPÉDIA, *Ernesto Bozzano*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ernesto_Bozzano. Acesso em: 19 set. 2023.

ZUAVO, *Roupa Característica*, disponível em: https://i.pinimg.com/474x/ba/cc/5f/bacc5f91a84ff3f111b4a5f35a51b56f.jpg. Acesso em: 30 jul. 2023.

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Participa do **GAE** – Grupo de Apologética Espírita (https://apologiaespirita.com.br/), desde o ano de 2004, quando de sua fundação.

Escreveu vários artigos e ebooks que estão publicados em seu site **Paulo Neto** (https://paulosnetos.net) e alguns outros sites Espíritas na Web, entre eles, **O Consolador** (www.oconsolador.com.br).

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa;* 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?;* 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas;* 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica;* 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação;* 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. I;* 7) *Espiritismo e Aborto; 8) Chico Xavier: Uma Alma Feminina* e 9) *Perispírito: Provas Científicas de Ser o Molde do Corpo Físico*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. II, 2) Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. III;* 3) *Racismo em Kardec?;* 4) *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*; 5) *A*

Reencarnação Tá na Bíblia; 6) *Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem);* 7) *Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso;* 8) *Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam os Seus Autores?;* 9) *Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta;* 10) *Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?;* 11) *A Mulher na Bíblia;* 12) *Todos Nós Somos Médiuns?;* 13) *Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas;* 14) *O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito;* 15) *Allan Kardec e a Lógica da Reencarnação*; 16) *O Fim dos Tempos Está Próximo?;* 17) *Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves;* 18*) Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?;* 19) *A Aura e os Chakras no Espiritismo;* 20) *Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?;* 21) *Espiritismo: Religião Sem Dúvida;* 22) *Allan Kardec e Suas Reencarnações*; 23) *Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?*; 24) *EQM: Prova da Sobrevivência da Alma;* 25) *A Perturbação Durante a Vida Intrauterina;* 26) *Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução;* 27) *Reencarnação e as Pesquisas Científicas;* 28) *Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia)*; 29) *Haveria Fetos Sem Espírito?*; 30) *Trindade: O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos*; 31) *Herculano Pires Diante da Revista Espírita;* 32) *Allan Kardec: Sua Mediunidade e os Fenômenos Que Protagonizou;* 33) *A Pesquisa de Ernesto Bozzano Confirma e Complementa a Codificação Espírita* e 34) *Se Não Consta na Codificação, Não Existe*.

Belo Horizonte, MG.
e-mail: paulosnetos@gmail.com

1 ALLAN KARDEC TV, *Existem as Colônias Espirituais?*, disponível em: https://fb.watch/jo0rshmV_Z/

2 SILVA NETO SOBRINHO, P. *As Colônias Espirituais e a Codificação*, publicado pela Ethos Editora: www.ethoseditora.com.br.

3 SILVA NETO SOBRINHO, *Criações Fluídicas: Um Breve Ensaio*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/criacoes-fluidicas-um-breve-ensaio

4 SILVA NETO SOBRINHO, *A Existência no Plano Espiritual de Construções e Objetos Semelhantes aos Terrestres*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/a-existencia-no-plano-espiritual-de-construcoes-e-objetos-semelhantes-aos-terrestres-ebook

5 FRANCO, *Reflexões Espíritas*, p. 51-53.

6 PIRES, *O Infinito e o Finito*, p. 98-100.

7 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 174.

8 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 61-62.

9 KARDEC, *O Livro dos Espíritos* – Edição Histórica, p. 309.

10 DENIS, *Depois da Morte* – CELD, p. 331.

11 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 64.

12 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 102.

13 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 36, p. 64.

14 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, cap. I, item 57, p. 64.

15 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 159.

16 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 345.

17 KARDEC, *A Gênese*, p. 234-235.

18 Nota da Transcrição (N.T.): Veja-se a *Revista Espírita*, julho de 1859 e *O Livro dos Médiuns*, Segunda parte, cap. VIII.

19 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 345.

20 KARDEC, *Revista Espírita 1858* – Edicel, p. 392.

21 CONTADOR DE SEMANAS ONLINE, *Período 1º abril de 1858 a 31 outubro de 1858*, disponível em: https://calculareconverter.com.br/contador-de-semanas/.

22 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 28. (Nessa revista levantamos 31 sessões às sextas-feiras, comprovando que elas ocorriam uma vez por semana).

23 KARDEC, *Revista Espírita 186*3, FEB, p. 217-221.

24 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 68-69.

25 KARDEC, O *Evangelho Segundo o Espiritismo*, Introdução, parágrafos 12º e 13º de Controle universal do ensino dos Espíritos, p. 17.

26 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 49.

27 KARDEC, *Revista Espírita 1860,* p. 258.

28 PIRES, *O Mistério do Bem e do Mal*, p. 100.

29 KARDEC, *A Gênese*, p. 20.

30 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 252.

31 Elas surgiram naturalmente em nossas pesquisas, sem que tivéssemos feito um levantamento específico de todas as mudanças ocorridas.

32 SILVA NETO SOBRINHO, *Mudanças de Posição Após Publicação da 1ª Edição de O Livro dos Espíritos*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/mudancas-de-posicao-apos-publicacao-da-1a-edicao-de-o-livro-dos-espiritos

33 KARDEC, *O Livro dos Espíritos – Primeira Edição de 18 de Abril de 1857*, p. 55.

34 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 344, p. 225; MIBEBÉ Y YO, *Fecundação*, disponível em: https://mibebeyyo.mx/images/embarazo/fecundacion-ovulo-ok.webp

35 KARDEC, *O Livro dos Espíritos – Primeira Edição de 18 de Abril de 1857*, p. 67.

36 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 93-95, p. 104.

37 KARDEC, *O Livro dos Espíritos – Primeira Edição de 18 de Abril de 1857,* p. 65.

38 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 607, p. 336-337.

39 SILVA NETO SOBRINHO, *O Espiritismo ainda não tem ponto final*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/o-espiritismo-ainda-nao-tem-ponto-final-ebook

40 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 156-155.

41 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 227.

42 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 223.

43 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 104.

44 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 12.

45 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 50.

46 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 227.

47 KARDEC, *O Livro dos Espíritos* – Mundo Maior, p. 18.

48 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 377.

49 TAVARES, *“Um fanático espírita é aberração”, diz Herculano Pires*, disponível em: https://se-novaera.org.br/um-fantico-esprita-uma-aberrao-diz-herculano-pires/

50 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 104.

51 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 384.

52 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 102.

53 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 307.

54 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 230.

55 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 100-101.

56 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 134.

57 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 2-3.

58 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 190-191.

59 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 166-167.

60 KARDEC, *Revista Espírita 1858* – Edicel, p. 282.

61 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 192.

62 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 338.

63 Ao final deste artigo há uma nota, com o seguinte teor: "Este artigo, assim como o do número precedente, sobre a apreensão da morte, foram extraídos da nova obra [*O Céu e o Inferno*] que o Sr. Allan Kardec colocará proximamente no prelo. [...]." (KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 74)

64 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 72

65 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 329.

66 KARDEC, O Livro dos Espíritos, p. 172.

67 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 329.

68 DOYLE, *História do Espiritismo*, p. 38.

69 DOYLE, *A Nova Revelação*, p. 84-85.

70 DOYLE, *A Nova Revelação*, p. 89-90.

71 DOYLE, *A Nova Revelação*, p. 93-94.

72 DOYLE, *A Nova Revelação*, p. 95.

73 DOYLE, *A Nova Revelação*, p. 97-98.

74 DOYLE, *A Nova Revelação*, p. 98-99.

75 GENTILE e ATANTES (Org.) *Entrevistas – Francisco Cândido Xavier/Emmanuel*, p. 23-24.

76 TV NOVA LUZ, *A Vida de Chico Xavier #02 – Arnaldo Rocha*, link: https://www.youtube.com/watch?v=aH3gH2V8cC0

77 LABBATE, *Materializações Luminosas: Leis Cósmicas em Ação*, p. 96-97.

78 N.T.: Léon Denis. *Depois da Morte*. FEB. Ano 2005. Pág.

215.

79 MALTA, *Colônias Espirituais: Análise Doutrinária*, disponível em: https://www.espiritualidades.com.br/Artigos/M_autores/MALTA_Ricardo_tit_Colonias_Espirituais.pdf

80 XAVIER, *Nosso Lar*, p. 51, 55, 58, 110, 123 e 205.

81 PONSARDIN, *Chico Xavier, o Homem e o Médium*, p. 93.

82 WIKIPÉDIA, *Ernesto Bozzano*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ernesto_Bozzano

83 BOZZANO, *La Crisi Della Morte*, disponível em: https://www.autoresespiritasclassicos.com/Ernesto%20Bozzano%20Obras%20Completas%20%20Baixar/22/Ernesto%20Bozzano%20-%20La%20Crisi%20Della%20Morte%20(Ital).pdf

84 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 91.

85 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 180.

86 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 253.

87 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 91 e KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 325.

88 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 276.

89 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 473 e 474, p. 233-234; KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, item 241, p. 262.

90 SILVA NETO SOBRINHO, *Possessão: Espíritos Possuindo Fisicamente os Encarnados*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/possessao-espiritos-possuindo-fisicamente-os-encarnados-ebook

91 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 108.

92 PINOCK e CAMBERLAIN, *Júpiter – temperatura, composição e fatos interessantes*, disponível em: https://study.com/academy/lesson/facts-about-jupiter-atmosphere-temperature-mass.html#:~:text=A%20%C3%B3rbita%20de%20J%C3%BApiter%20est%C3%A1,C%20(%2D160%20%C2%B0F)

93 DENIS, *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*, p. 123.

94 SILVA NETO SOBRINHO, *A Alma Dorme no Mineral*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/a-alma-dorme-no-mineral-ebook

95 SILVA NETO SOBRINHO, *Frase Atribuída a Allan Kardec*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/frase-atribuida-a-allan-kardec

96 SILVA NETO SOBRINHO, *Allan Kardec, Sua Mediunidade e Fenômenos que Protagonizou*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/allan-kardec-sua-mediunidade-e-fenomenos-que-protagonizou-ebook

97 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 24.

98 PIRES, *O Mistério do Bem e do Mal*, p. 72-74.

99 SILVA NETO SOBRINHO, *Herculano Pires e as Obras de André Luiz*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/herculano-pires-e-as-obras-de-andre-luiz

100 SILVA NETO SOBRINHO, *Umbral: Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/umbral-ha-base-doutrinaria-para-sustenta-lo-ebook

101 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 5.

102 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 11.

103 N.T.: Convém notar, entretanto, que as obras da Codificação tiveram, além do Controle Universal do Ensino dos Espíritos, a supervisão de Espíritos Puros, como o Espírito da Verdade, o que deu à Doutrina a característica da Terceira Revelação ou o Consolador prometido por Jesus (KARDEC, 1974).

104 LAVARINI, *Geografia(s) do mundo espiritual*. In FONSECA, SAMPAIO e MILANI, *O Espiritismo, as Ciências e a Filosofia*, p. 188.

105 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 20-21.

106 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 21.

107 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 22-23.
108 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 39.
109 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 40-41.
110 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 41.
111 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 45-46.
112 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 55-56.
113 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 61.
114 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 71-72.
115 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 73.
116 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 76-77.
117 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 80-81.
118 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 88-89,
119 BOZZANO, *A Crise de Morte*, p. 102.
120 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 104-106.
121 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 108.
122 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 117.
123 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 131-132.
124 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 134.
125 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 144.
126 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 174.
127 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 175-176.
128 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 204.
129 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 204-205.
130 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 241.
131 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 239-240.
132 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 245.
133 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 246-247.

134 FINDLAY, *No Limiar do Etéreo, ou, Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*, p. 58.

135 FINDLAY, *No Limiar do Etéreo, ou, Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada,* p. 127.

136 FINDLAY, *No Limiar do Etéreo, ou, Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*, p. 128-130.

137 *FINDLAY, No Limiar do Etéreo, ou, Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*, p. 131.

138 FINDLAY, *No Limiar do Etéreo, ou, Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*, p. 138-139.

139 FINDLAY, *No Limiar do Etéreo, ou, Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*, p. 140-141.

140 ANDRADE, *A Transcomunicação Através dos Tempos*, p. 6-7.

141 *Bíblia de Jerusalém*, p. 2165-2166.

142 SILVA NETO SOBRINHO, *Apocalipse – Autoria, Advento e a Identificação da Besta*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/apocalipse-autoria-advento-e-a-identificacao-da-besta-ebook

143 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 33-34.

144 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 168.

145 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 169.

146 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 261.

147 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 172-173.

148 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 160.

149 KARDEC, *Revista Espírita 1864* – FEB, p. 483.

150 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 81.

151 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 160.

152 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 208.

153 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 138.

154 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 217.

155 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 285.
156 KARDEC, *A Gênese*, p. 95.
157 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 245.
158 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 82.
159 KARDEC, *Revista Espírita 1866* – FEB, p. 155.
160 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 244.
161 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 201.
162 SCHUTEL, *A Vida no Outro Mundo*, p. 113-114.
163 NEWTON, *Lembranças de Outras Vidas*, p. 53.
164 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 239.
165 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 16.
166 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 16-17.
167 KARDEC, *Revista Espírita 1859* – EDICEL, p. 177.
168 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 161-162.
169 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 98-101.
170 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 101-105.
171 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 442-443.
172 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 71.
173 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 215.
174 XAVIER, *Nosso Lar*, p. 37.
175 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 443.
176 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 154.
177 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 306
178 DENIS, *Depois da Morte*, p. 315-317.
179 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 216.
180 KARDEC, *Revista Espírita 1862* – Edicel, p. 270.
181 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 51-52.
182 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 445.

183 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 85-86.

184 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 172-173.

185 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 208.

186 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 152.

187 XAVIER, *Nosso Lar*, p. 51, 55, 58, 110, 123 e 205.

188 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 126.

189 XAVIER, *Nosso Lar*, p. 36 e 43.

190 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 183.

191 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 319-320.

192 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 158-159.

193 PIRES, *O Espírito e o Tempo*, p. 105.

194 MIRANDA, *Swedenborg, Uma Análise Crítica*, p. 76-77.

195 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 298-299.

196 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 298-299.

197 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 294-295.

198 KARDEC, *Catálogo Racional: Obras para se fundar uma biblioteca espírita*, p. 40.

199 LODGE, *Raymond: Uma Prova da Existência da Alma*, p. 188-190.

200 N.T.: Que haja uma infinita variedade e nunca alguma coisa é a mesma que outra (n. 7326, 9002). Que nos céus, também, haja uma variedade infinita (n. 684, 690, 3744, 5598, 7236). Que as variedades nos céus sejam variedades do bem (n. 3744, 4005, 7236, 7833, 7836, 9002). Que, por isso, todas as sociedades nos céus e cada um dos anjos nas sociedades se distinguem uns dos outros (n. 690, 3241, 3519, 3804, 3986, 4067, 4149, 4263, 7236, 7833, 7836). Mas que, ainda assim, todos fazem um pelo amor ao SENHOR (n. 457, 3986).

201 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 21.

202 N.T.: Que haja uma variedade infinita e nunca uma coisa é a mesma que outra (n. 7236, 9002). Que haja uma variedade infinita também nos céus (n. 684, 690, 3744, 5598, 7736). Que as variedades nos céus, que são infinitas, sejam variedades de bem (n. 3744, 4005, 7236, 7833, 9002). Que essas variedades existam por meio dos veros, que são múltiplos, dos quais existe o bem de cada um (n. 3470, 3804, 4149, 6917, 7236). Que, assim, todas as sociedades nos céus e cada anjo na sociedade, sejam distintos uns dos outros (n. 690, 3241, 3519, 3804, 3986, 4067, 4149, 4263, 7236, 7833, 7836). Mas que, entretanto, todos ajam como um só, pelo amor ao SENHOR (n. 457, 3986).

203 N.T.: Que todas as sociedades do céu tenham situação invariável segundo as diferenças dos estados da vida, assim, segundo as diferenças do amor e da fé (n. 1274, 3638, 3639). Coisas admiráveis, na outra vida, a respeito de distância, situação, lugar, espaço e tempo (n. 1273-1277).

204 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 28-29.

205 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 51.

206 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 89.

207 N.T.: Que todos no céu íntimo estejam na inocência e, por isso, apareçam nus (n. 154, 165, 297, 2736, 3887, 8375, 9960). Que a inocência seja representada no céu pela nudez (n. 165, 8375, 9960). Que os inocentes e castos não tenham pudor da nudez, porque não têm escândalo (n. 165, 213, 8375).

208 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 91-92.

209 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 94.

210 N.T.: Que todo homem e toda sociedade, assim, a pátria e a igreja e, num sentido universal, o reino do

SENHOR, sejam o próximo; e que fazer bem peles pelo amor do bem segundo a qualidade de seu estado seja amar o próximo, assim, que o bem deles, que também é o bem comum, que deve ser considerado, seja o próximo (n. 6818-6824, 8123). Que também o bem civil, que é o justo, seja o próximo (n. 2915, 4730, 8120-8123). Dai, que a caridade para com o próximo se estenda a todas e cada uma das coisas da vida do homem e que amar o próximo seja amar o bem e fazer o bem pelo amor do bem e do vero, como também o justo pelo amor do justo, em toda função e toda obra (n. 2417, 8121-8124).

211 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 108.

212 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 223-224.

213 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 225-226.

214 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 228-229.

215 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 231.

216 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 234-235.

217 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 236.

218 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 241-242.

219 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 264-266.

220 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 268-269.

221 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 277.

222 N.T.: Que se façam vastações na outra a vida, isto é,

que os que vão do mundo para lá sejam vastados (n. 698, 7122, 7474, 9763). Que os probos sejam vastados quanto aos falsos e os maus quanto aos veros (n. 7474, 7541, 7542). Que nos probos também se façam vastações, para que sejam despojados das coisas terrestres e mundanas que contraíram quando viveram no mundo (n. 7186, 9763) e para que os males e falsos sejam removidos e, assim, haja onde influir os bens e veros do céu provenientes do SENHOR e haja a faculdade de recebê-los (n. 7122, 9330). Que não possam ser elevados ao céu antes de tais coisas serem removidas, porque elas impedem e não concordam com as celestes (n. 6928, 7122, 7186, 7541, 7542, 9763). Que assim sejam também preparados os que devem ser elevados ao céu (n. 4728, 7090). Que seja perigoso vir ao céu antes de se estar preparado (n. 537, 538). Do estado de iluminação e de alegria daqueles que saem da vastação e são elevados ao céu e de sua recepção ali (n. 2699, 2701, 2704). Que a região onde se fazem essas vastações se chame terra inferior (n. 4728, 7090). Que essa região esteja sob as plantas dos pés, cercada pelos infernos; sua qualidade é descrita (n. 4940-4951, 7090), Pela experiência (n. 699). Quais são os infernos que infestam e vastam mais do que os outros (n. 7317, 7502, 7545). Que aqueles que tinham infestado e vastado os bons, em seguida os temem, fogem deles e os têm em aversão (n. 7768). Que as essas infestações e vastações se fazem de diversos modos, segundo a aderência dos males e falsos e que persistam segundo a qualidade e quantidade deles (n. 1106-1113). Que alguns queiram de boa vontade ser vastados (n. 1107). Que alguns sejam vastados por temores (n. 4942). Alguns pelas infestações de seus males, que praticaram no mundo e pelos seus falsos, que pensaram no mundo, donde têm ansiedades e dores de consciência (n. 1106). Alguns, pelo cativeiro espiritual, que é a ignorância e a interceptação do vero conjunta ao desejo de saber os veros (n. 1109, 2694). Alguns, durante o sono; outros durante o estado médio entre a vigília e o sono (sobre

isso, n.1108). Os que puseram mérito nas obras, esses aparecem a si mesmos como se a racharem lenha (n. 1110). Outros de outros modos, com muita variedade (n. 699).

223 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 279-281.

224 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 161.

225 DENIS, *Depois da Morte*, p. 321-323.

226 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 261.

227 SILVA NETO SOBRINHO, *Espíritos que orientam outros no planejamento reencarnatório*, disponível em https://paulosnetos.net/article/espiritos-que-orientam-outros-no-planejamento-reencarnatorio

228 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 263.

229 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 184-185.

230 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 378-385.

231 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 186.

232 SILVA NETO SOBRINHO, *Umbral, há base doutrinária para sustentá-lo?*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/umbral-ha-base-doutrinaria-para-sustenta-lo-ebook

233 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 188.

234 Esse tema nós o tratamos no artigo *"Allan Kardec e a questão do momento de ligação do Espírito ao corpo"*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/allan-kardec-e-a-questao-do-momento-de-ligacao-do-espirito-ao-corpo

235 SANTOS JÚNIOR, *Mensagens de além-túmulo*, p. 46-47.

236 LONG e PERRY, *Evidências da Vida Após a Morte*, p. 67.

237 LONG e PERRY, *Evidências da Vida Após a Morte*, p. 83-84.

238 LONG e PERRY, *Evidências da Vida Após a Morte*, p. 14.

239 NDERF: Near Death Experience Research Foundation (Fundação de Pesquisas sobre a Experiência de Quase Morte)

240 LONG e PERRY, *Evidências da Vida Após a Morte*, p. 25.

241 SILVA NETO SOBRINHO, *No Mundo Espiritual, Nada de Ficar Ouvindo Anjos Tocando Harpa*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/no-mundo-espiritual-nada-de-ficar-ouvindo-anjos-tocando-harpa.

242 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 184-189.

243 WIKIPÉDIA, *Batalha de Magenta*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Batalha_de_Magenta

244 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 187-188.

245 ZUAVO, *Roupa Característica*, disponível em: https://i.pinimg.com/474x/ba/cc/5f/bacc5f91a84ff3f111b4a5f35a51b56f.jpg

246 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 201.

247 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 202.

248 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 204-205.

249 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 203.

250 KARDEC, *A Gênese*, p. 236.

251 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 324-326.

252 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 336-337.

253 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 116.

254 SILVA NETO SOBRINHO, *As Colônias Espirituais e a Codificação Espírita*, p. 225.

255 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 122.

256 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 293-294.

257 O CONSOLADOR, link: www.oconsolador.com.br

258 OLIVEIRA FILHO, *Como explicar a existência de hospitais, casas e objetos diversos nas cidades espirituais?*, disponível em: https://espiritismo-seculoxxi.blogspot.com/2024/08/como-explicar-existencia-de-hospitais.html

259 DUBUGRAS, *Os mortos falam*, in *Planeta nº 18*, p. 16-17.

260 DUBUGRAS, *Os mortos falam*, in *Planeta nº 18*, p. 17.

261 SCHÄFER, *Ponte Entre o Aqui e o Além – Teoria e Prática da Transcomunicação*, p. 277.

262 GOLDSTEIN, *Transcomunicação Instrumental*, p. 18.

263 GOLDSTEIN, *Transcomunicação Instrumental*, p. 20.

264 GOLDSTEIN, *Transcomunicação Instrumental*, p. 21.

265 GOLDSTEIN, *Transcomunicação Instrumental*, p. 26.

266 GOLDSTEIN, *Transcomunicação Instrumental*, p. 11.

267 PEREIRA, *Devassando o Invisível*, p. 177.

268 ANDRADE, Transcomunicação Instrumental (TCI), in SCEE diponível em: https://scee.org.br/tci-transcomunicacao-instrumental/2/

269 GOLDSTEIN, *Transcomunicação Instrumental*, p. 57.

270 GOLDSTEIN, *Transcomunicação Instrumental*, p. 59.

271 GOLDSTEIN, *A Transcomunicação Através dos Tempos*, p. 220-221.

272 GOLDSTEIN, *A Transcomunicação Através dos Tempos*, p. 222.

273 GOLDSTEIN, *A Transcomunicação Através dos Tempos*, p. 238.

274 GOLDSTEIN, *A Transcomunicação Através dos Tempos*, p. 245-246.

275 LIMA, *Médicos do Espaço: Luiz da Rocha Lima e o Lar de Frei Luiz*, p. 62.

276 LIMA, *Médicos do Espaço: Luiz da Rocha Lima e o Lar de Frei Luiz*, p. 90.

277 LIMA, *Médicos do Espaço: Luiz da Rocha Lima e o Lar de Frei Luiz*, p. 92.

278 LIMA, *Médicos do Espaço: Luiz da Rocha Lima e o Lar de Frei Luiz*, p. 99.

279 LIMA, *Médicos do Espaço: Luiz da Rocha Lima e o Lar de Frei Luiz*, p. 99-100.

280 LIMA, *A Vida Além da Vida*, p. 15.

281 LIMA, *A Vida Além da Vida*, p. 16.

282 LIMA, *A Vida Além da Vida*, p. 57.

283 LIMA, *A Vida Além da Vida*, p. 61-62.

284 Jornalista paulista Sibelle Pedral, editora-sênior da importante revista CLAUDIA [Grupo Abril], dedicada ao público feminino. (LIMA, *A Vida Além da Vida*, p. 68)

285 LIMA, *A Vida Além da Vida*, p. 69.

286 LIMA, *A Vida Além da Vida*, p. 73.

287 LIMA, *A Vida Além da Vida*, p. 163.

288 LIMA, *A Vida Além da Vida*, p. 167.

289 LIMA, *A Vida Além da Vida*, p. 170.

290 LIMA, *A Vida Além da Vida*, p. 316.

291 N.T.: LABBATE, Dante. *Materializações Luminosas – Leis Cósmicas em Ação*. Belo Horizonte (MG): Editora Espírita Fonte Viva, 1ª. edição, 2002, p. 187.

292 LIMA, *A Vida Além da Vida*, p. 323.

293 LIMA, *A Vida Além da Vida*, p. 328.

294 LIMA, *A Vida Além da Vida*, p. 330.

295 N.T.: GLEBER, Joseph. *Através da Ectoplasmia*. Rio de Janeiro (RJ): Grupo de Estudos Dr. João de Freitas, 1977, p. 11.

296 N.T.: RANIERI, Rafael A. *Materializações Luminosas*

(Depoimento de um Delegado de Polícia). São Paulo (SP): LAKE – Livraria Allan Kardec Editora, 8ª. edição, 2003, pp. 77, 118, 81 – 84, 106 – 108; e 136.

297 LIMA, *A Vida Além da Vida*, p. 336.

298 Na obra: Francisco Lins Peixoto, forma incorreta.

299 RANIERI, *Materializações Luminosas*, p. 21, p. 34-36 e p. 47.

300 RANIERI, *Materializações Luminosas*, p. 29, p. 30, p. 32, p. 44-46, p. 53, p. 75, p. 117, p. 121, p. 137, p. 171, p. 177, p. 181-182, p. 190, p. 195, p. 205, p. 233-237 e p. 236.

301 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 232-233.

302 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 275.

303 KARDEC, *Revista Espírita 1863* – FEB, p. 145-146.

304 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 263.

305 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 8.

306 OWEN, *A Vida Além do Véu*, p 45.

307 BOZZANO, A Crise de Morte, p. 47-49.

308 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 8.

309 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 234.

310 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 237-238.

311 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 238.

312 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 154.

313 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 289.

314 SILVA NETO SOBRINHO, *No mundo espiritual há coisas similares às que temos na Terra?*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/no-mundo-espiritual-ha-coisas-similares-as-que-temos-na-terra

315 SILVA NETO SOBRINHO, *A Existência no Plano Espiritual de Construções e Objetos Semelhantes aos Terrestres*, disponível em; https://paulosnetos.net/article/a-existencia-no-plano-espiritual-de-construcoes-e-objetos-semelhantes-aos-terrestres-ebook